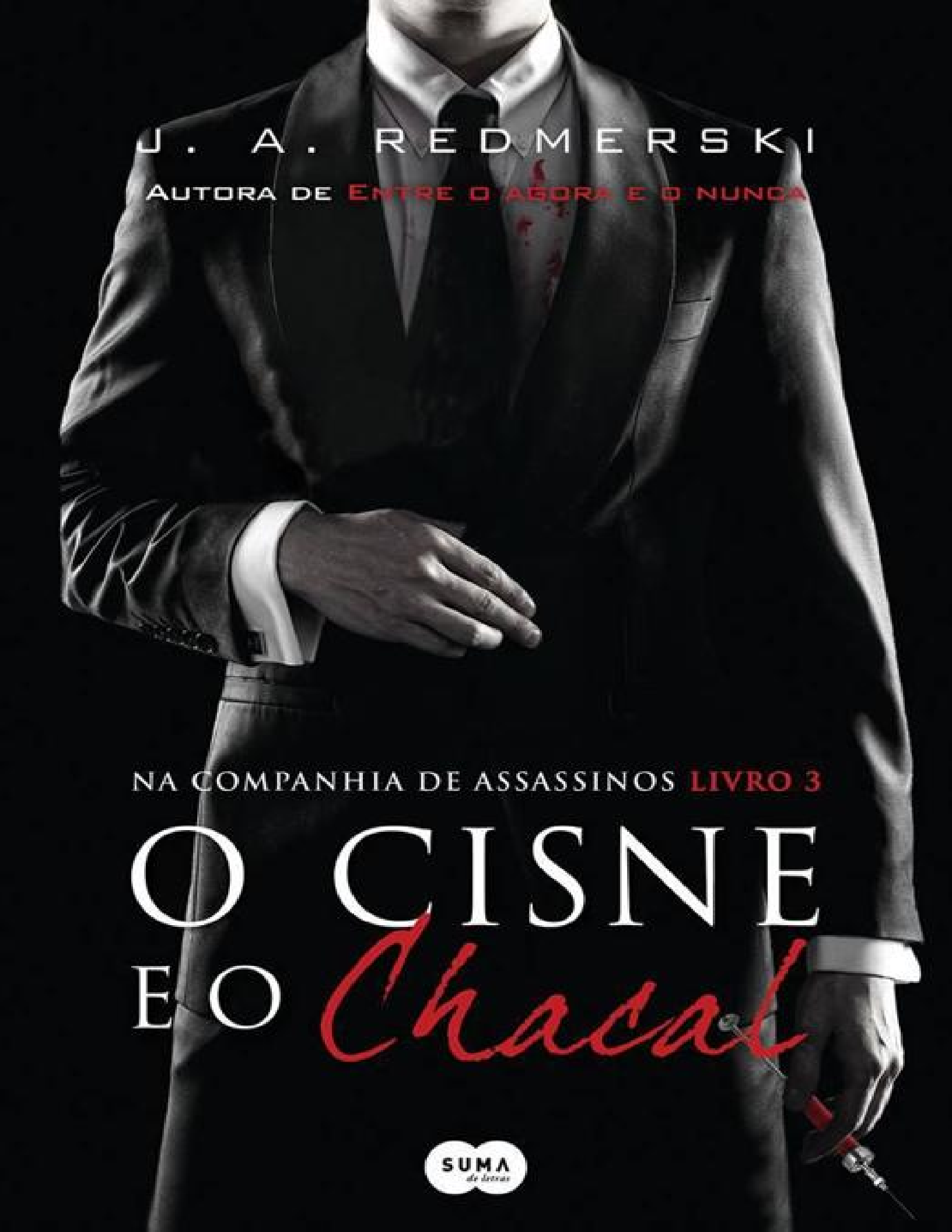


A man in a dark suit and white shirt with a dark tie. There is blood splattered on the white shirt. He is holding a syringe in his left hand.

J. A. REDMERSKI

AUTORA DE **ENTRE O AGORA E O NUNCA**

NA COMPANHIA DE ASSASSINOS **LIVRO 3**

O CISNE E O *Chacal*

SUMA
de letras



NA COMPANHIA DE ASSASSINOS LIVRO 3

O CISNE E O *Chacal*

Tradução
Michele Vancelli

Caro leitor,

O que você vai ler em seguida *não* é um romance. *Não* é uma história de amor convencional. *Não* é literatura erótica. *Não* é um título do gênero New Adult. Assim como com todos os livros desta série, por favor, não tente lê-lo com qualquer uma das expectativas acima. A série Na Companhia de Assassinos só pode ser definida como Crime, Suspense, Thriller, Mistério, Thriller Psicológico e, às vezes, Suspense Romântico — sim, a série tem elementos de amor, romance e erotismo, mas não o suficiente para se encaixar nessas categorias.

Quando querem escrever sobre outros assuntos, alguns autores optam por assinar com pseudônimo. Por muitos motivos, essa é uma escolha muito inteligente. Estou correndo um risco ao manter meu nome para escrever diversos gêneros. É um risco porque alguns dos meus leitores podem supor que tudo o que escrevo será o mesmo que estão acostumados a receber de mim. Mas não é verdade. Eu escrevo muitos gêneros diferentes. Já publiquei Young Adult/Romance Paranormal, New Adult/Romance Contemporâneo, Fantasia Contemporânea e Crime/Suspense, tudo sob minha assinatura, J. A. Redmerski — e vou continuar a escrever vários gêneros usando esse nome. Tudo o que peço é que, antes de abrir qualquer um de meus livros, por favor, verifique se é o gênero que está com vontade de ler. Isso vai lhe poupar a decepção de não ser o que você esperava e me poupar de receber resenhas “decepcionadas”.

Se alguma vez você ficar em dúvida sobre qual é o gênero de algum de meus livros, a maneira mais rápida e simples de descobrir é entrando em meu site, **www.jessicareedmerski.com** [em inglês], clicando na guia **Livros** e consultando a página do título em questão. A página dirá qual é o gênero — o primeiro listado é o principal — bem abaixo do banner, ao lado da data de publicação.

Muito obrigada pelo apoio constante ao meu trabalho! E boa leitura!

Um abraço,

J. A. Redmerski

Playlist

Connie Francis – “Where the Boys Are” Connie Francis – “Fallin’”

Duffy – “Mercy”

Kendra Morris – “Wicked Game” VAST – “Winter in My Heart”

VAST – “Don’t Take Your Love Away” Arcana – “Wings of Gabriel”

Christina Aguilera – “Bound to You”

PRÓLOGO

Seis anos atrás...

Há sangue na mobília e espalhado pela parede, uma linda cor escarlate que só o sangue tem, contrastando com o ladrilho branco, brilhante mesmo na escuridão da sala. Aquilo não foi feito por uma arma de fogo.

O corpo seminu da mulher, caído de costas no chão e mergulhado em uma poça funda e escura da gosma escarlate, foi atacado por um punhal. Bem afiado. Provavelmente com uma lâmina curva e uma gravação no metal que diz: *Saboreie os doces espinhos dos meus lábios*. Mas esse ferimento... Estou muito familiarizado com o trabalho. O corte na base do pescoço, logo acima dos ossos dos ombros. Seraphina, minha esposa, esteve aqui. Momentos atrás. Ainda sinto seu perfume no ar.

Eu a sigo há meses, desde o dia em que passei a acreditar que ela estava me traindo durante todo o tempo que dizia me amar. Mas antes disso ela já traía meu chefe, Vonnegut, e nossa Ordem: trabalhava para outro empregador e passava informações para nosso concorrente.

Eu não podia deixar que ela morresse pelo que havia feito. Queria ajudá-la, mudá-la, fazê-la escolher um lado, o *meu* lado. Por isso, comecei a trabalhar com ela contra Vonnegut. Trair a Ordem era a maior deslealdade de todas, uma sentença de morte certa. Mas o amor vinha em primeiro lugar.

O amor *sempre* vem em primeiro lugar.

Mas aprendi do jeito mais difícil que o amor é cruel, perigoso e mais perverso do que um homem como eu pode ser. Porque, no fim das contas, Seraphina me enganou. Depois de tudo o que passamos. Ela jogou tudo fora.

Esta noite, vou encontrá-la. E vou matá-la.

Ergo o corpo, lembrando-me da marquinha marrom no ventre da mulher, perto do quadril. Eu me lembro do formato de suas coxas esbeltas, a sensação de tê-las nas mãos enquanto a fodia e Seraphina assistia. Sempre foi nosso fetiche, algo que adorávamos. Sexo sombrio e proibido.

Esse corpo é o segundo que encontro em dois dias. Ambos de mulheres que Seraphina e eu já compartilhamos. Mulheres destinadas a sofrer esse fim brutal no instante em que o ciúme de Seraphina enfim fosse ativado e somado à necessidade de se vingar de mim, por desvendar seus segredos e não acreditar mais em suas mentiras. Essas mulheres mortas são mensagens. *Venha me encontrar*, dizem. *Não estou me escondendo, meu amor, só curtindo o jogo*, é o que ela está me dizendo.

Seraphina sempre curtiu o jogo. Eu também. Só que agora sei que preciso acabar com ele. E preciso ganhar.

Solto o corpo, que cai no carpete encharcado. Quando fico de pé outra vez, surgem faróis do outro lado da rua, um brilho ofuscante preenchendo a grande janela da sala, iluminando as cortinas brancas que a cobrem. Um motor acelera. *Vem me pegar*, Seraphina está me dizendo. Com a arma na mão, eu ando depressa — não corro —, saindo pela porta da frente para o ar frio. Ergo a arma à minha frente, apontando para o carro ao me aproximar dele, sem hesitar. Um cachorro feroz late no quintal da casa da esquina, se jogando com violência contra a cerca de arame. Dentes à mostra. Sanguinário. Como todos os animais, ele reconhece o mal quando o vê.

— O que você está fazendo, Seraphina? — pergunto ao me aproximar do carro, a voz baixa e ameaçadora, a arma ainda apontada para ela, o dedo no gatilho. — Isso é vil demais, até para você.

Seraphina sorri do banco do motorista, os dedos longos e finos segurando o volante. Os cabelos pretos, brilhosos e curtos, na altura das bochechas, estão sempre perfeitos, nem um fio fora do lugar, até em momentos como este.

O eco de sirenes ao longe adentra meus ouvidos, e viro a cabeça em direção ao som. Então, ouço batidas. *Tum, tum, tum, BANG!* Vêm do portamalas. Meus olhos passam depressa dele para Seraphina e novamente para a rua de onde vêm as sirenes, ao sul. Não consigo decidir o que é mais urgente.

— O que você vai fazer? — provoca Seraphina, com um sorriso tão perverso que até transpira um ar de confiança. Ela sabe: neste momento,

está no controle. Mesmo tendo uma arma apontada para seu lindo rosto, ela *me controla* .

Respiro fundo e olho de novo para trás, imaginando que os carros de polícia vão aparecer a qualquer momento. As sirenes estão se aproximando, mas ainda não vejo os clarões irregulares das luzes na escuridão da madrugada. Ainda tenho algum tempo, mas apenas segundos.

Olho outra vez para Seraphina no carro. Minha respiração é visível no ar do inverno.

— Eu vou dar o que você quer — diz ela, mudando o discurso para algo mais sério e menos provocador. — Mas você precisa me ouvir até o fim, caralho. Entendeu, Fredrik?

Sinto os dentes rangendo, as narinas inflando, os ossos da mão doendo por apertar o cabo da arma com uma força esmagadora.

Nós encaramos os olhos frios e escuros um do outro uma última vez, então ela pisa no acelerador e vai embora. Com relutância, baixo a arma e solto o ar em um suspiro longo e profundo de derrota e fúria. Seraphina sabe que não posso matá-la até obter informações. É uma necessidade obsessivo-compulsiva: a informação deve vir primeiro, ou nunca mais vou conseguir dormir. Ninguém além de Seraphina sabe que torturo e interrogo criminosos desde que a conheci, nem mesmo meu ex-chefe, Vonnegut. Foi ela quem me apresentou a esse mundo. Foi ela quem... me deu uma válvula de escape para minha maior imperfeição como ser humano. Seraphina me ajudou e, por isso, mas não apenas por isso, sabe que não posso matá-la. Pelo menos ainda não.

Com apenas segundos sobrando, enfio a arma na parte de trás da calça e me afasto depressa pela calçada, desaparecendo entre as sombras das árvores que ladeiam a rua. Sigo para meu carro, estacionado a quatro quarteirões dali. Deixo para trás a casa com a mulher morta, bem como a polícia, que está vindo da direção oposta.

Seraphina quer falar. Depois de todo esse tempo fugindo de mim, escondendo tudo o que fazia pelas minhas costas, ela finalmente quer falar. Serão mais mentiras? Será seu jeito de me afastar, para que eu a deixe viver em paz? Para se ver livre de mim? Só que esse não é o estilo dela. Seraphina é tão sádica quanto eu, por isso a amo tanto. Implorar por sua vida, até mesmo da maneira mais sardônica, é muito fora do normal para ela.

Há algo mais.

Chego à nossa casa, em Boston, em menos de trinta minutos, e o carro dela está estacionado na frente. Como essa mulher é corajosa, como é desafiadora e destemida! Seraphina sabe o que vou fazer com ela. Sabe o quanto vou gostar, e sabe que nem mesmo *ela* está imune, agora que me traiu de maneira tão imperdoável.

Estaciono ao lado do carro dela e, antes que eu desligue a ignição, meus olhos percorrem o porta-malas, lembrando os sons que ouvi. Mas isso não importa no momento.

Bato a porta do carro com força, subo a escada correndo e entro na casa.

— Seraphina! — grito, ao fechar a porta e começar minha busca.

No fundo da minha mente, sei muito bem onde encontrá-la: no porão, onde ficam minha cadeira e minhas ferramentas de interrogatório.

A porta está entreaberta. Eu a empurro. A porta se abre sem barulho. Não perco tempo e desço os degraus de concreto. Uma única lâmpada brilha a distância, lançando feixes fracos de luz nos degraus. O som familiar de uma mulher gemendo vai aos poucos penetrando meus ouvidos. Mas esse é outro tipo de gemido. Não é o de prazer sexual; é de medo e dor.

Encontro Seraphina, em toda a sua glória sombria e sinistra. Uma mulher de camiseta larga e calcinha está amarrada na minha cadeira de interrogatório — uma velha cadeira de dentista — com uma mordaca na boca. O sangue ainda está úmido em seu cabelo longo e desganhado, tingindo de vermelho o louro logo acima da testa, o que indica que ela foi golpeada na cabeça. Lágrimas escorrem de seus olhos arregalados e assustados, fazendo o rímel borrar e escorrer pelas bochechas vermelhas. Era ela no porta-malas.

Um pouco afastada, Seraphina sorri para mim. É um sorriso muito amoroso, mas também macabro. O punhal pende da mão na altura da coxa, que está coberta por um macacão preto e justo. As botas pretas com salto quinze parecem fazê-la se agigantar sobre a mulher assustada. Mas eu não me lembro dessa mulher. Não é nenhuma das que Seraphina e eu já possuímos.

— Por que está fazendo isso, Seraphina? — Eu me aproximo devagar.
— Por que trouxe esta garota aqui? Quem é ela?

Não somos assassinos frios e sanguinários, pelo menos não de garotas inocentes. Nunca fizemos algo assim com uma mulher que não quisesse — a menos que fosse um alvo. Seraphina foi longe demais, e eu não gosto disso.

Ela estala a língua e encosta a lâmina no pescoço da mulher.

— Não chegue muito perto, amor — avisa, balançando o dedo indicador da outra mão. — É ela quem tem informações. É com ela que você quer falar.

Percebo que o motivo disso não é sexo. É muito mais.

Confuso, mas completamente envolvido, eu me agacho e, com muito cuidado, coloco a arma no chão, perto dos meus sapatos de couro surrados. Então, me levanto devagar, com as mãos na altura dos ombros, para mostrar que não vou tentar nada. Os olhos da loura ficam mais arregalados, indo de mim para Seraphina, embora a cabeça, presa na cadeira por uma correia de couro, não permita que ela veja muito da minha esposa, posicionada atrás dela.

Os olhos de Seraphina, por um breve instante, se desviam em direção à cadeira de madeira encostada na parede à minha esquerda. É uma indicação para que eu me sente, então pego a cadeira e a arrasto até a luz. Eu me sento, cruzando as pernas e apoiando as mãos sobre elas.

— Por que preciso falar com ela? — pergunto, calmamente.

— Porque ela é o motivo de estarmos aqui — responde Seraphina, afastando lentamente a lâmina do pescoço da mulher. — Ela é o motivo de eu ser o que sou. E, da mesma forma que eu ajudei a matar aquele porco desgraçado que te estuprou quando você era criança, agora você vai me ajudar com *ela*. — Seraphina aponta o punhal para a mulher. — Porque você tem uma dívida comigo, Fredrik, assim como *ela*.

Fico em silêncio por um longo momento, tentando absorver essas palavras, buscando entender alguma coisa, compreender como essa mulher teria alguma relação com o motivo de Seraphina me trair. De trair a Ordem. Quero preencher os detalhes que ela já me deu e ter alguma ideia do rumo que isso vai tomar antes de me pronunciar. Porque gosto de estar no controle desde o início. Sempre. Só que, desta vez, estou começando a achar que não vai ser assim.

Não estar no controle me deixa muito ansioso.

— Por que esta mulher tem uma dívida com você? O que ela fez?

Os olhos de Seraphina, carregados de maquiagem escura, exibem o brilho de um sorriso. Ela estende a mão e toca os cabelos da mulher, acariciando as pontas entre os dedos com gestos suaves e maternos.

— Tão loura. Tão linda. — Então sua mão se levanta em um movimento rápido e atinge a bochecha da mulher. O som seco de bofetada

rasga o ar. — Odeio louras. Sempre odiei. Mas estou procurando esta em especial há *anos*, Fredrik. Por causa do que ela fez comigo.

— O que ela fez?

Ela dá outro tapa na mulher, e sangue começa a escorrer de seu nariz. As mãos da loura tremem nas amarras de couro que as prendem aos braços da cadeira. Os músculos das pernas se enrijecem e relaxam sem parar quando ela se agita. Seus olhos imploram para que eu a ajude. Não consigo dizer que não estou aqui para salvá-la, que sou um canalha desalmado que só precisa de respostas. Mas é a verdade. Não *quero* que a mulher morra, e, se puder impedir que Seraphina a mate, é o que vou fazer, mas infelizmente ela não é a minha prioridade. E, mesmo se ela morrer, vou dormir sossegado.

Sim, eu sou um monstro. — Por que não pergunta para ela? — retruca Seraphina, indo para a frente da mulher e puxando a mordaça.

— POR FAVOR! POR FAVOR, ME SOLTA! — Os gritos da mulher perfuram meus ouvidos, enchendo meus sentidos de dor e sofrimento.

Eu só sinto essa dor quando a vítima é inocente, digo a mim mesmo, como já disse muitas vezes antes. É como sei quando alguém está mentindo. É como sei, quando estou torturando uma vítima na minha cadeira, se ela merece ser libertada ou não. É um instinto que só meu coração conhece, mas às vezes a mente se recusa a lhe dar ouvidos.

Eu só sinto essa dor quando a vítima é inocente...

Ela se agita com violência na cadeira, tentando, em vão, se libertar.

— P-por favor... eu estou *implorando* ... *por favor*, me solta! — Os soluços irrompem de seu peito, fazendo todo o corpo tremer.

Quando Seraphina está prestes a golpear o rosto da mulher com o cabo do punhal, eu me levanto e a seguro. Ela resiste, dando socos no ar e tentando me acertar, e eu seguro suas mãos, prendendo-as contra seu peito. Ouço o punhal tilintando no chão de concreto. Então, pontos pretos surgem diante de meus olhos, acompanhados por uma dor cegante, após Seraphina me acertar em cheio com a parte de trás da cabeça. Eu a solto instintivamente, balançando a cabeça para voltar a enxergar. Finalmente, segundos depois, me recupero, mas Seraphina já está com o punhal na mão de novo, atacando a mulher.

— SERAPHINA! PARE ! Mas é tarde demais.

O tempo para. *Tudo* para. Minhas respostas, se é que de fato viriam dessa desconhecida, escorrem da garganta dela junto com o sangue que

desce por seu peito.

Cambaleio e desabo outra vez na cadeira, derrotado. De onde estou, vejo a mulher, seus olhos se enevoando, as pálpebras tremulando de um jeito suave, mas chocante. Impotente, eu a observo engasgar, o corpo lutando para conservar o último suspiro, e o peito ensanguentado arfando em desespero.

Então seus dedos relaxam sobre os braços da cadeira. Os olhos mortos, cheios de nada, fitam o teto. O sangue escorre da cadeira até uma poça escura abaixo do corpo. O fluxo não para. Eu me pergunto quanto sangue tinha naquela mulher.

Suspiro de dor e remorso e fecho os olhos devagar.

Só sinto essa dor quando a vítima é inocente.

Seraphina, em pé e de costas para mim, finalmente se vira. A boca macia e succulenta está entreaberta. Um quê de confusão e talvez até de remorso se agita em seus olhos castanhos. Ela olha para as mãos, a direita segurando o punhal ensanguentado, então solta a arma como se fosse uma coisa suja, perversa. Seraphina ergue as mãos e as encara, como se estivesse se perguntando como foi capaz de fazer isso. Como foi *capaz* de fazer isso? Não entendo. Seraphina é uma assassina. Uma carrasca. Suas mãos ceifaram muitas vidas. Mas a maioria dessas mortes foi merecida. As três mulheres que ela matou desde ontem foram as primeiras assassinadas a sangue-frio — ao menos que eu saiba.

Foi por minha causa? Será que eu tenho alguma culpa nessa loucura?

Não. Ela *já* estava louca. Era uma escrota sádica quando nos conhecemos, quando me apaixonei por ela. Mas *isso*? O que estou testemunhando...

Estou confuso pra cacete... — Não foi ela — anuncia Seraphina, com a voz trêmula.

Ela olha para as mãos de novo, uma delas coberta de sangue, depois me encara outra vez.

— Sinto muito, Fredrik. — Lágrimas começam a escorrer de seu rosto. — Sinto muito.

Ela cai de joelhos no chão de concreto e afunda o rosto nas mãos, soluçando.

Corro até Seraphina e a envolvo em meus braços, pressionando-a contra o peito. Eu a embalo, apertando os lábios no cabelo preto, e ela chora. Eu a

deixo chorar, mas não posso permitir que continue por muito tempo. Preciso de respostas, agora mais do que nunca. Preciso saber tudo.

— Me conte, amor — sussurro —, me conte quem você achou que ela fosse. Posso ajudar, se você me contar. Me deixe entender.

Seraphina balança a cabeça contra meu peito.

— E-eu não posso. Não posso contar, porque você vai me odiar.

— Eu nunca conseguiria odiar você — respondo, com sinceridade. Eu a *amo*. Não amo algumas partes dela, como a pessoa que ela era momentos atrás, ao matar essa mulher. Mas amo com todas as forças a pessoa que está em meus braços. — Você disse que essa mulher tinha uma dívida com você, Seraphina. O que era?

A princípio, Seraphina não diz nada. Aguardo pacientemente, esperando que, se não forçar a barra, talvez ela se sinta mais confiante para me contar. Eu a abraço com delicadeza.

— Eu tinha dez anos quando a conheci — começa ela, mas então faz silêncio novamente.

Ansioso. Desesperado. Perplexo. São algumas das mil maneiras como estou me sentindo. Mesmo assim, tento permanecer calmo.

— Eu nunca quis trair você — diz Seraphina.

Sinto que ela está mudando de assunto, evitando falar da mulher.

— Mas eu sabia que você precisava se afastar de mim — continua ela. — E eu não conseguia me obrigar a partir. Eu tentei. Mas não consegui. Por isso menti para você a respeito de tudo. Comecei a dormir no Abrigo Dezesseis.

Essa é a parte que não quero ouvir, mas sei que preciso.

Eu a aperto mais forte, tentando dar um jeito de me preparar tanto para a dor que vou sentir quanto para a dor que vou causar nela, antes que esta noite termine. — E-eu dormi com ele, com Marcus, o cara que cuidava daquele abrigo. Cerro os dentes e respiro fundo. Permaneço calmo.

Permaneço em silêncio. *Quero arrancar o couro dela.* — Fiz isso porque queria que você descobrisse.

— Por que você queria que eu descobrisse? — Minha voz é controlada, cuidadosa.

— Porque eu queria... Ela para.

Estou ficando mais impaciente. Sinto as amarras de couro da cadeira escorregando entre meus dedos e me imagino prendendo Seraphina.

— O que você queria? — pergunto, o queixo apoiado no topo de sua cabeça.

— Eu queria magoar você. — Por quê?

Eu te amo.

Eu te odeio.

— Porque amor é dor — responde ela, e engulo a verdade de sua confissão. — Porque o amor é a maior mentira de todos os tempos. E porque, por mais que eu te ame, eu também te *odeio* por você me fazer te amar!

De repente, sinto uma ferroadada. O calor sobe pela minha coxa, se espalhando pelas veias. A sala começa a ficar borrada, no início só de leve, mas o bastante para revelar na mesma hora que estou em apuros. Tento livrar minha mente da droga, mas é forte demais e envolve minha consciência como a teia de uma aranha ao redor da presa.

Não percebi quando Seraphina saiu de meus braços, nem quando caí no chão de concreto.

Gasolina. O ar frio está impregnado dela, tanto que começa a queimar minhas narinas.

— Amor... cadê você? — pergunto, mas não consigo saber se as palavras saíram mesmo de meus lábios. — Seraph...

Minhas pálpebras estão ficando mais pesadas. Chamas. O ar não está mais frio. Está quente pra caralho. Quero afrouxar a gravata para respirar, arrancar o paletó, mas não consigo mexer os braços.

— Eu te amo, Fredrik. — Ouço a voz dela sussurrando em meu ouvido, suave como vinho, fatal como veneno. Quero beijá-la, sentir seus lábios suculentos nos meus. Quero pressionar o quadril contra o dela até Seraphina gritar. — Eu te amo... e, porque te amo — me sinto sendo arrastado pelo chão —, você precisa me libertar.

A fumaça machuca minha garganta e meus pulmões, entrando pelos poros e sufocando os vasos sanguíneos. Sinto que estou sendo cozido de dentro para fora. O calor está ficando insuportável, as chamas engolindo as vigas de madeira que sustentam o teto do porão. Não consigo enxergar através das pálpebras semicerradas, mas ouço as chamas lambendo as paredes, como mil demônios que surgiram do inferno para me atormentar.

— Seraphina... — grito, com a voz rouca de dor, todo tipo de dor. — ... Seraphi...

~~~~~

Acordo na manhã seguinte em um gramado frio, o sol batendo no rosto. A fina camada de neve branca ao redor do meu corpo está manchada pelo preto da fuligem em minhas roupas. Olho para o céu, tão limpo e azul, e vejo, de canto de olho, um filete de fumaça cinza subindo no ar.

Com dificuldade, tento me levantar, mas só consigo virar de lado. A grama seca espeta minha bochecha. A neve derrete com o hálito quente que sai da minha boca e das minhas narinas, formando uma cavidade perto do meu rosto. Estou congelando, mas mesmo assim sinto calor, o que não faz sentido.

A fina camada de fumaça que se ergue por cima das copas das árvores nas proximidades está saindo do que resta da minha casa.

Ela não me deixou lá dentro para queimar.

*Por que me arrastou para fora?* Ao perceber isso, sinto uma dor aguda na nuca e ergo a mão para massagear a área com as pontas dos dedos. Ela teve que arrastar meu corpo pelos degraus de concreto.

Estou todo dolorido. Mas vivo. E não estaria, se Seraphina não quisesse.

Eu vou encontrá-la.

Nunca vou parar de procurá-la. É um jogo perigoso o que jogamos, o que sempre jogamos. Só que, desta vez, ela aumentou a aposta.

E eu vou entrar com tudo.

# CAPÍTULO UM

*Fredrik*

*Dias de hoje...*

Cinco homens — dois de cada lado e outro sentado à cabeceira da mesa de jantar à minha frente — me observam, cabisbaixos.

Minha arma foi confiscada na porta. — É um jantar pacífico, monsieur — explicou o segurança. — Armas não são permitidas.

— Tudo bem — respondi, tirando a arma da parte de trás da calça, deixando-a em cima da mesa.

Sabia que não deveria trazer mais de uma, pois com certeza seria revistado antes que permitissem minha entrada. E estava certo.

Mas não preciso de armas. Desarmado, levando uma garrafa de vinho e rodeado por quatro dos agentes mais experientes de François Moreau, passei por uma dúzia de seguranças e entrei no estômago da fera.

Eu já sabia que o vinho que eu trouxe seria tirado de mim por um dos garçons e colocado no meio da mesa.

François agradeceu o presente. Era um vinho francês caro, afinal, e seria grosseria dele não me agradecer, mesmo sabendo que estou aqui para matá-lo.

— É verdade? — pergunta François, em um tom despreocupado, olhando para mim da extremidade oposta da mesa. — Vonnegut está oferecendo uma recompensa por três de seus ex-agentes? Inclusive você?

Faço que sim.

— Acho que ao menos dessa vez os boatos são verdadeiros.

Um sorriso discreto e confiante surge nos cantos da boca rígida e envelhecida de François. Seu cabelo é curto e grisalho, com um corte liso



na nuca e repartido para um lado na frente, colado à cabeça minúscula por uma dose farta de gel.

— E acho que é sorte sua eu não ter interesse algum em receber recompensas de um homem como Vonnegut. — Seu sorriso se torna mais arrogante, como se eu tivesse que lhe agradecer por estar vivo.

Faço que sim mais uma vez e levo a taça de vinho aos lábios. Não é o da garrafa que eu trouxe.

O homem de cabelo escuro sentado à minha direita, com uma cicatriz acima da sobrancelha esquerda, pega o guardanapo branco de pano à sua frente. Ele o desenrola do cuidadoso arranjo e o abre no colo. Os outros três homens sentados nas laterais da mesa o imitam quando percebem os garçons entrando por uma porta lateral, equilibrando pratos cheios. François permanece na mesma posição, sem desviar o olhar do meu, mesmo quando o garçom coloca o prato à sua frente.

François junta as mãos, os cotovelos apoiados na mesa.

— Então, monsieur Gustavsson — começa ele —, pelo que entendi, o senhor foi enviado aqui para obter informações sobre o meu chefe, correto?

— Sim — respondo, sem, no entanto, dizer mais nada.

Prefiro que ele se esforce pelos detalhes que sei que deseja, antes de mandar me matar.

— E o que faz o senhor pensar que tenho permissão de compartilhar tais informações? — Ele parece se divertir com a ideia.

Minha expressão continua normal. Fria. Calma. Imperturbável. Ele fica mais nervoso a cada segundo com minha falta de tensão. Eu sou um só. Desarmado. Sentado a uma mesa entre cinco homens que, com certeza, estão armados até os dentes, apesar das alegações de segurança. Sou só um homem dentro de uma mansão em terras particulares nos arredores de Nice, França, com ao menos nove homens armados patrulhando o exterior.

Mas ele deve saber que não sou *só um homem*, no fim das contas.

Junto as mãos, imitando-o. — Antes que esta noite *adorável* acabe — gesticulo brevemente, indicando a sala de jantar —, posso assegurar que terei a informação que vim buscar. — Ergo delicadamente o indicador. — Mas não é só isso: você vai me contar de livre e espontânea vontade.

Ele parece surpreso. E satisfeito. François balança a cabeça e leva a taça de vinho aos lábios, depois a deposita delicadamente na mesa. Ele age sem pressa, assim como eu, me fazendo esperar por uma reação mais completa. O louro sentado à minha direita me olha por cima da borda da taça. Os

quatro estão vestidos como François e eu: terno preto de alfaiataria e gravata. Mas eu, definitivamente, fico melhor nessa roupa. E, como se fossem um só, todos pegam o garfo e começam a comer ao mesmo tempo. François finalmente se junta a eles, embora eu tenha certeza de que isso não tem nada a ver com fome. Ele só quer prolongar a pausa por mais tempo do que o necessário.

François mastiga e engole. — É mesmo? — pergunta, finalmente, com um sorriso e um ar de autoridade. Seu garfo brilhante de prata tilinta no prato de vidro quando ele o solta.

— Na verdade, sim — respondo, confiante, como se estivesse apenas dizendo que está chovendo lá fora e convidando-o a ir até a janela e verificar por si mesmo. — Eu sei que a sua Ordem é comandada por monsieur Sébastien Fournier. Ele assumiu ano passado, depois que monsieur Julien Gerard foi morto em Marselha. — François limpa a boca com o guardanapo e continua escutando. — Também sei que sua Ordem só trabalha no mercado negro e que muitos dos empregados de Fournier são americanos enviados para assassinar americanas inocentes.

François inclina a cabeça grisalha, pensativo.

— Ora, por favor, monsieur, não queira me fazer acreditar que logo o senhor se importa com o que acontece com algumas mulheres inocentes — provoca ele.

Permaneço imperturbável por fora, mas, por dentro, suas palavras queimam. E ele sabe disso, ou não teria falado.

Levando novamente a taça aos lábios, encaro o olhar de François, desafiando-o a me testar mais, sem precisar mover um só músculo do rosto.

Ele dá um sorriso fraco e toma mais um gole.

Coloco a taça na mesa. — Bem, preciso perguntar... — começa François, olhando para a comida. — Se o senhor sabe de tudo isso, o que mais poderia querer de mim?

— Quero a chave da caixa de segurança de Nova York — respondo.

As rugas ao redor da boca de François ficam mais fundas com o sorriso. Ele olha para o garçom de prontidão à sua esquerda, que se aproxima.

— Por favor, faça-nos a gentileza de abrir o vinho que monsieur Gustavsson teve a generosidade de trazer. — Ele aponta para a garrafa com dois dedos.

O garçom obedece e deixa a garrafa aberta no centro da mesa.

Os outros quatro homens deixam os talheres sobre os pratos, sabendo que algo mais do que um jantar está acontecendo e que precisam ficar alerta. Todos limpam a boca com os guardanapos depois de um gole de vinho.

François estala os dedos, e uma mulher miúda, com cabelo cor de mel preso em um coque, entra por uma porta lateral e se aproxima dele. A mulher é maravilhosa. Vulnerável. Frágil. Usa uma saia preta curta e justa que adere ao corpo voluptuoso. Estudo a curva suave de seu pescoço nu e a fartura dos seios por baixo do tecido branco e fino da blusa. Ela não está de sutiã, e seus mamilos parecem duas contas de sexo, me convidando a devorá-los.

Adoraria tê-la sob meu corpo. Ela retribui meu olhar sombrio por um instante, mas desvia os olhos antes que François perceba. Naquele breve momento, pude sentir o pequeno espasmo entre suas coxas.

— Troque as taças, por favor, mademoiselle — ordena François, e a mulher se apressa em obedecer.

— Gosta do que vê? — pergunta o dono da casa, notando meu olhar para a moça, quando ela sai da sala. — Talvez eu pudesse lhe oferecer os serviços dela antes que nossa reunião termine. Eu *sou* generoso, afinal. Só porque não pretendo deixar que o senhor saia daqui vivo, não significa que não possa lhe conceder os luxos da vida antes da morte. Pense nisso como um presente de despedida.

— Não será necessário — respondo. — Mas agradeço a oferta.

— Bem, o senhor deveria ao menos comer alguma coisa — retruca ele, apontando para a comida diante de mim, que ainda não toquei.

Balanço a cabeça e suspiro. — Não vim aqui para jantar, monsieur, como o senhor bem sabe. Vim pegar a chave. Só isso.

— Bem, o senhor não a terá — responde ele, abrindo outro sorriso. Então aponta para o louro sentado ao meu lado e ordena: — Traga a caixa preta que está em cima da minha escrivaninha.

O homem dirige a mim um olhar frio, coloca o guardanapo em cima da mesa e fica de pé. Quando está saindo da sala, a mulher de cabelo cor de mel e com fogo entre as pernas volta com seis finas taças de vinho estrategicamente posicionadas entre os dedos. Ela põe uma na frente de cada um, se aproximando de mim por último. Apoia taça, sem pressa. Não lhe dou o luxo do meu olhar.

François aponta para ela. — Venha cá — ordena, e a mulher se aproxima dele.

Ele me encara com o olhar enviesado e um ar de esperteza. Aponta para a garrafa que eu trouxe.

— Ele vai beber primeiro — declara François, apontando para mim.

A mulher pega a garrafa e se aproxima.

— Acha que não antecipei suas intenções? — indaga François, com um gesto dramático. — Sei mais sobre o senhor do que esse seu... contratempo... em São Francisco. Quando matou aquela mulher. Aquela mulher *inocente*. — Estou fervilhando por dentro, mas consigo me manter calmo. Me provocar dessa maneira só revela o verdadeiro grau de preocupação de François. — Sei *tudo* sobre o senhor. — Ele dá um sorriso malicioso, e tenho a sensação de que ainda não usou o armamento pesado, que sabe algo pior a meu respeito, algo que eu não esperaria que ele soubesse.

Pela primeira vez desde que atravessei as portas da mansão, não estou certo da próxima jogada. Mas continuo imperturbável. É preciso muito mais do que as provocações de um homem à beira da morte para me irritar.

A mulher serve o vinho e dá um passo para o lado.

Vendo que não vou perguntar o que exatamente ele sabe, François me conta mesmo assim.

— Ouvi falar do seu passado. — Ele toma mais um gole do vinho que já estava bebendo desde antes do início do jantar. — Sobre como conseguiu esse apelido. — Ele une as pontas dos dedos de uma das mãos e olha para cima, pensativo. — Como era mesmo? Ah, sim, lembrei. Eles o chamavam de chacalzinho. Garoto carnicheiro. Raivoso e imprestável.

*Vai ser ótimo ver esse cara morrer.* Finjo indiferença e apenas ergo as sobrancelhas com ar inquisidor. — Para mim, parece que você está tentando ganhar tempo. — Olho depressa para o Rolex em meu pulso. — Mas, infelizmente, não lhe resta muito.

François sorri para mim, mostrando os dentes. Ele se debruça na mesa e apoia os braços no tampo. O louro volta para a sala de jantar com uma caixa preta reluzente que cabe na palma da mão. Ele a coloca na mesa, diante de François.

Sem tirar os olhos de mim, François abre a caixa e pega uma chave dourada, pendurada em uma grossa corrente de ouro.

Ele a segura sob a luz, para que eu a veja.

— Você não me dá medo, monsieur — anuncia, abrindo o paletó e enfiando a chave com cuidado no bolso interno. — Queria dar a você a oportunidade de, talvez, negociar suas condições. Mas o senhor é realmente mais confiante do que qualquer homem deveria ser. — Seus olhos claros e fundos deixam os meus e pousam na nova taça de vinho à minha frente. — Por que não faz as honras e toma um pouco do vinho que trouxe? — Ele abre um sorriso vingativo e agita a mão no ar na minha direção, me intimando a beber. — É isso o que você esperava, não é?

O homem de cabelo escuro à minha esquerda de repente parece desconfortável, se remexendo na cadeira com um ar agitado. Ele enfia o dedo indicador na gola da camisa e o desliza para os lados, tentando afastar o tecido da pele suada. Seu rosto está ficando pálido e doentio.

François olha para ele com pouca preocupação.

— Algum problema?

O homem se levanta da mesa. — Me perdoe, monsieur, mas não estou me sentindo bem. Talvez eu devesse me ausentar pelo resto da noite.

François balança a cabeça e o dispensa com um gesto.

O homem afasta a cadeira e se levanta da mesa, pegando o guardanapo. Enxuga o suor da testa ao ir embora, tropeçando antes de virar uma esquina e desaparecer de vista.

— Fico feliz por não ter comido — comento, erguendo a sobrancelha.

Tocando a borda do prato com o dedo, eu o afasto.

Os outros homens, incluindo François, olham para os pratos ao mesmo tempo e jogam os guardanapos por cima das sobras. Dois garçons entram em ação na mesma hora, removendo a comida da mesa.

François parece irritado, como se em sua mente já estivesse resolvendo a demissão do chef assim que o jantar acabar.

— Por que não bebe? — sugere, voltando ao assunto. — Ou já se esqueceu? — Ele aponta para a minha taça.

— O quê? Acha que eu envenenei o vinho?

François sorri e une as mãos de novo. Ele me olha com ar de quem sabe o que está acontecendo.

— Eu gostaria que bebesse o vinho — repete, pronto para encerrar a questão.

Todos os olhos estão em mim. Dos três homens ainda à mesa. De François. Do garçom de pé próximo à parede, atrás dele. Da mulher com cabelo cor de mel, a postos à direita de François.

Finalmente, faço que sim e seguro a haste da taça com os dedos indicador e médio. Hesitante, levo a taça aos lábios e bebo lentamente. Enquanto faço isso, noto outro dos três homens começando a demonstrar sinais de desconforto.

François só olha para mim. — Beba tudo — instrui. — Como quiser. — Um sorriso estica os cantos dos meus lábios antes que eu os encoste na taça.

Um *tum* seco vem do outro lado da parede, onde o homem de cabelo escuro desapareceu, momentos atrás. Um grito de mulher perfura o ar, seguido de gritos em francês: — Chamem uma ambulância! — *Monsieur Bertrand caiu!* Claramente repensando a situação, os olhos de François passam depressa de mim para os outros homens, e percebe que também estão passando mal. Um desaba da cadeira, derrubando-a.

François me encara, os olhos cheios de rugas arregalados de preocupação e fúria.

— O que você... — Ele se levanta e aponta para mim. — Você fez isso! *Como ?* Você vai me contar!

Ele põe a mão no peito e cai de volta na cadeira.

Outro homem cambaleia para longe da mesa e desaba no chão, vomitando e convulsionando.

Ouvem-se tiros do lado de fora da mansão.

O garçom, de pé contra a parede, sai correndo, amedrontado. O som de vidro se partindo e de bandejas de metal sendo jogadas no assoalho de mármore ecoa pelos corredores.

— *Desgraçado!* — grita François, ainda apontando para mim enquanto tenta se agarrar à borda da mesa com a outra mão, desesperado. Seu rosto está mudando de cor, chegando a um belo tom violeta acinzentado. Preciso me lembrar disso quando for comprar uma gravata nova.

Eu me levanto da cadeira e ajeito despreocupadamente o terno Armani preto, puxando os dois lados da gola. Pego a taça com o vinho que trouxe de presente e tomo o resto na frente dele, deixando a taça vazia sobre a mesa. François olha para mim com horror, lutando para continuar vivo. Então pego a outra taça de vinho, aquela da qual não bebi, só fingi, e me aproximo dele. Ele olha para todos os lados. Tenta pegar a arma no bolso do paletó, mas começa a vomitar. Eu paro e espero, sem querer sujar os sapatos. François engasga e joga a cabeça para trás, recostando-se no espaldar da cadeira. Tenta encher os pulmões de ar, mas não consegue, e

acaba caindo para a frente, em cima da mesa, a bochecha esmagada na madeira nobre.

Ele já está morto antes que eu possa contar como fiz aquilo, como consegui envenenar uma garrafa de vinho que nem toquei.

Mais tiros do lado de fora. E estão ficando próximos.

Deixo a taça ao lado de sua cabeça careca e o seguro pelos ombros, afastando seu peso morto da mesa. Os olhos estão arregalados. Sem vida. A boca lambuzada de vômito continua semiaberta, em um espetáculo horripilante. A língua está inchada.

Enfio a mão no bolso interno de seu paletó e pego a chave da caixa de segurança, depois a guardo em meu bolso. De certa forma, François me deu a chave de livre e espontânea vontade. Eu só precisava saber onde estava, e, com sua arrogância, ele me ajudou, revelando-a para mim.

— Você se saiu bem — digo à mulher com cabelo cor de mel, ainda parada no lugar, perto da cadeira de François.

Ela sorri... não, ela cora, e olha para o chão. Tão tímida. Tão frágil. Tão falsa. Tão disposta a fazer qualquer coisa que um homem peça ao prometer sexo e cocaína suficiente para deixá-la fora da realidade por uma semana.

De repente, ela não parece mais tão tímida, mas um tanto necessitada e bastante repulsiva. Uma pena, realmente: eu estava ansioso para comê-la mais tarde. Ela cruza os braços sobre os seios e engole em seco, nervosa. Os olhinhos verdes passam pelas entradas da sala de jantar. Os empregados continuam indo e vindo freneticamente pela mansão.

— Onde está? — pergunta ela, ávida para pôr as mãos na cocaína.

Ela esfrega os braços, ansiosa. Então, quando ouvimos o último tiro, Dorian Flynn, que Izabel Seyfried chama de “diabo louro de olhos castanhos”, entra na sala com a 9mm ao lado do corpo.

A mulher tem um sobressalto ao vê-lo, e se aproxima de mim.

— Você pegou? — pergunta Dorian. Eu faço que sim discretamente. Noto uma mancha de sangue nos cabelos curtos, louros e espetados de Dorian. Inclino a cabeça para um lado, de maneira interrogatória.

— Você não consegue realizar uma missão sem fazer essa sujeirada?

— Não, caralho — retruca ele. — *Eu gosto da porra da sujeira.* — *Então sorri* e acrescenta, agitado: — Você não consegue realizar uma missão sem ficar enrolando? Queria ir embora antes de a polícia chegar.

— Ei, espera! — intervém a mulher, parando na minha frente. — *E eu?* — Ela cruza os braços e fuzila Dorian com o olhar, mas então olha para

mim, esperando uma resposta. — Você não vai embora sem me dar o que prometeu.

Ficando mais ansioso a cada segundo, Dorian não demora a assumir o controle da situação. Ele aponta a arma e um tiro atravessa a sala. A mulher cai no assoalho de mármore com uma bala na têmpora.

— Drogada do caralho — resmunga, virando as costas. — Vambora.  
Eu tiro o pó do terno e passo por cima do corpo da mulher.



## CAPÍTULO DOIS

*Fredrik*

Chego a Baltimore no dia seguinte e fico esperando por meu chefe e amigo, Victor Faust.

São três da tarde, e foi difícil me controlar para não ir ao porão. Em geral eu a visito bem antes do entardecer, mas hoje é um dia diferente, e às vezes as coisas precisam ser feitas fora de ordem.

Ela fica muito agitada quando não me vê por um longo período. Acho horrível deixá-la assim, mas ela entende que meu trabalho demanda muito tempo e atenção. Mas eu a recompenso da melhor forma que posso. E ela sempre me perdoa.

Além disso, *ela* também é um trabalho — particular e muito pessoal —, e, sejam quais forem minhas responsabilidades com Victor Faust, *arrumo* tempo para ficar com ela. Houve progressos, e eu detestaria perdê-los ficando longe por muitos dias. Depois de um almoço tardio, fico sentado na cozinha com o laptop aberto sobre o balcão, e Victor chega. — Que bom ver você. Abro um sorriso ao vê-lo à porta e o convido para entrar com um gesto. Victor se senta na sala, em uma das duas poltronas de couro preto com pernas de madeira entalhada — importadas da Itália — ao lado de uma mesa de madeira do mesmo conjunto. Eu me sento na outra poltrona.

Enfio a mão no bolso da camisa branca e resgato a chave que peguei na França; eu a coloco sobre a mesa redonda entre nós.

Victor a deixa ali por enquanto, olhando-a apenas de relance.

— Suponho que Moreau não tenha cooperado muito — diz.

Ele está com os braços apoiados na poltrona, a manga do paletó preto mal cobrindo o grosso relógio de prata que usa no pulso direito.

Eu sorrio e balanço a cabeça. — Monsieur François Moreau agiu exatamente como você disse que agiria. Um canalha teimoso e confiante

demais. — Faço um gesto com dois dedos quando vejo minha empregada, Greta, entrando na sala. — Por favor, eu e meu convidado queremos...

Eu olho para Victor.

— Uma cerveja seria ótimo — diz ele.

— Duas Guinness — peço. Ela assente e vai para a cozinha. Victor finalmente pega a chave da caixa de segurança na mesa entre nós, deslizando-a cuidadosamente sobre a superfície lustrosa de madeira. Ele a examina com atenção, passando a corrente de ouro sobre os nós dos dedos.

— Então, essa caixa em Nova York — começo, apoiando o tornozelo direito sobre o joelho esquerdo — contém *toda* informação de que você precisa? Ou em breve terei que fazer outra viagem para a França?

Victor enfia a chave no bolso secreto do paletó e assente, imitando meu movimento com a perna.

— Ela contém o suficiente. Sébastien Fournier pode ser difícil de localizar, mas não preciso *dele* para assumir o controle de suas operações no mercado negro. Ele confiou as identidades e informações pessoais de seus agentes a François Moreau. Chamava Moreau de Porteiro. Moreau fez um excelente trabalho mantendo sigilosa a informação, armazenando-a em um aparelho independente do outro lado do oceano. Mas foi tolo em achar que ela ficaria escondida para sempre.

Greta entra na sala com uma garrafa de cerveja em cada mão, ambas abertas. Oferece a primeira a Victor.

— Quer que eu prepare o jantar para os dois? — pergunta Greta, depois de me dar uma cerveja.

Ela fica diante de nós, com a saia azul-marinho até o tornozelo e a blusa cor-de-rosa de mangas curtas com botões. Seu cabelo longo e grisalho está preso em um coque na nuca. Ela tem altura e peso medianos, mas as pernas realmente revelam sua idade, com pequenas veias varicosas subindo pelas panturrilhas e pelos tornozelos grossos.

Olho para Victor de novo, também curioso para saber se ele vai ficar para o jantar.

— Não, eu vou embora logo — responde ele para Greta. — Mas obrigado.

Ela assente, e eu a dispenso. Mas, antes que ela se vire para ir embora, ela me lança um olhar de preocupação, com o qual estou familiarizado demais.

Ela sai da sala, sabendo que entendi bem a mensagem.

Cassia andou perguntando por mim. Eu me viro para Victor. — Bem, preciso dizer que você tinha razão. Não achei que assumir o controle dessas operações do mercado negro seria tão fácil assim.

Victor toma um gole da cerveja e deixa a garrafa sobre a mesa.

Eu seguro a minha com firmeza, apoiando-a no braço da poltrona.

— “Fácil” é um termo leve demais — retruca Victor, com um sorrisinho. — Acredito ter usado a palavra *factível*.

Retribuo o sorriso, porque não é sempre que vejo aquela estátua sorrir de verdade. Por muito tempo, depois de conhecê-lo, eu nem sabia que ele tinha dentes.

— Tá, tudo bem, “fácil” é exagero — concordo, tomando outro gole. — Mas eu diria que assumir o controle de três operações em menos de três meses está bom pra caramba.

Victor assente.

— Foi um esforço coletivo — diz, sempre dando crédito a quem merece. — Eu não teria conseguido sem vocês quatro.

Victor está sendo modesto. Eu sei que ele *teria* conseguido sem nós. E sem grandes dificuldades. Sem mim, sem Dorian Flynn, sem o irmão, Niklas Fleischer, e até sem aquela pimentinha ruiva da mulher dele, Izabel Seyfried, a quem me apeguei bastante no último ano. Victor pode nos tratar com respeito, mas também sei que ele não hesitaria em matar qualquer um de nós, se necessário. Victor Faust é a epítome do “punho de ferro”. Eu não tenho medo dele. Não tenho medo de ninguém. Mas eu o *respeito e lhe devo minha vida*.

De qualquer forma, se um dia descobrisse sobre Cassia, ele provavelmente tiraria a vida que salvou quando me abordou antes que Vonnegut o fizesse, alguns meses atrás. Vonnegut é nosso ex-chefe, líder da Ordem da qual eu, Victor e Niklas fazíamos parte, antes de nos tornarmos renegados.

Agora há uma grande recompensa por nossas cabeças, e nos mantivemos na moita desde então.

— Como estamos agora? — pergunto. — Quais são os números?

— Seis operações do mercado negro estão sob nosso controle. Quatro nos Estados Unidos, uma no México e uma na Suécia. Um total de 133 membros ativos, tirando os que já tínhamos antes de obter esses novos.

— Cento e trinta e *três* ? — pergunto, com um olhar interrogador, inclinando a cabeça de leve para o lado.

— Niklas eliminou um agente ontem. Ele não passou nos testes finais. Entregou todas as informações falsas para Izabel.

— Ah, entendo — comento, jogando a cabeça para trás. — E como Izabel está se saindo no trabalho de campo?

— Ela está indo bem — responde Victor, mas não me conta mais nada, o que me deixa curioso.

— Não é meu direito perguntar, mas tem alguma coisa com que a gente deva se preocupar?

Victor olha para mim. E balança a cabeça.

— Nada com que *você* precise se preocupar. Meu irmão, por outro lado... Todos os dias eu me pergunto se vou receber a notícia de que ela finalmente cortou a garganta dele.

Tento reprimir o sorriso, mas ele escapa mesmo assim. Levo de novo a garrafa aos lábios, só para tentar escondê-lo o máximo possível.

— Bom, isso não me surpreende. Não me diga que achou que surpreenderia.

Finalmente, deixo a garrafa sobre a mesa, perto da de Victor.

— Não, não achei — responde ele, com a sombra de um sorriso na voz. — Duvido que um dia os dois cheguem a se dar bem. Niklas também não ajuda, não sabe a hora de calar a boca. Mas Izabel... — ele balança a cabeça, como se estivesse concluindo mentalmente que aquela situação não tem esperança — ... ela é tão ruim quanto ele.

— Contanto que as... diferenças dos dois não atrapalhem nossas operações, acho que é melhor deixar que eles superem isso sozinhos. — Dou de ombros. — Além disso, você sabe tão bem quanto eu que Niklas merece levar umas porradas de vez em quando. Ele é quase... — levanto o dedo indicador à minha frente para enfatizar — ... *quase* tão insuportável quanto Dorian.

Victor muda de posição, apoiando o tornozelo esquerdo no joelho direito. Ele deixa os braços caírem, descansando os cotovelos na madeira cheia de entalhes detalhados da poltrona, e entrelaça os dedos.

— Falando em Dorian, como foi que ele se saiu na França?

Eu suspiro, balanço a cabeça e olho para o teto por um momento, soltando o ar de uma vez antes de baixar a cabeça e o encarar de novo.

— Assim como Niklas, Dorian é um trem descarrilhado — respondo. — Admito que ele faz o serviço e nunca erra, mas às vezes até eu fico chocado. E, como você bem sabe, não é algo fácil de acontecer.

Victor ergue a sobrancelha, curioso. — Ele deixa *você* chocado? É, isso eu acho difícil de conceber. Faço que sim.

— Bem, sim. Ele puxa o gatilho à toa.

— É o trabalho dele — intervém Victor. — Matar o inimigo e qualquer um que fique no caminho.

— Tá, mas... — mordo a bochecha, pensativo — ... ele é brutal demais. Mata sem pensar.

Victor chega a rir. Ele joga a cabeça para trás e *ri*. Isso me deixa perplexo por um momento, mas logo me recupero. Ele pega a cerveja da mesa, aponta para mim com ela na mão e diz, antes de levá-la aos lábios: —

Você, logo você, quer acusar Dorian de ser brutal porque mata sem pensar.

— A risada dele começa a desaparecer, mas ainda está presente na voz. —

Não acha que talvez ache isso chocante porque, *diferente* de você, Dorian não brinca com a comida antes de comer? Ele é o seu oposto. Como acha que ele se sentiu da primeira vez que viu você na sala de interrogatório?

Ele toma mais um gole e deixa a cerveja outra vez sobre a mesa.

— Tudo bem, tudo bem, entendi o argumento — respondo, com um meio sorriso.

— Então, ele está se saindo bem? — insiste Victor, deixando o humor de lado e voltando aos negócios. — Não deixou nenhuma pulga atrás da sua orelha, desde que vocês se tornaram parceiros?

Balanço a cabeça.

— Não, não deixou. E até agora passou em todos os testes. — Eu balanço a cabeça outra vez, mas agora com um suspiro longo e profundo. — Detesto dizer isso, mas acho que você também tinha razão quanto a ele.

Detesto dizer isso porque, quando conheci Dorian Flynn, fiquei com vontade de amarrá-lo em uma cadeira e encher suas veias de veneno. Ele falava demais. Era insolente, arrogante e incrivelmente impetuoso. Continua sendo isso tudo. Mas é — para azar dos meus planos de matá-lo, agora, pelo visto, adiados indefinidamente — um exímio agente.

Só que isso levanta uma questão importante.

— Por quanto tempo, exatamente, Dorian precisa ser meu... parceiro? — pergunto, tendo praticamente que arrancar a palavra desagradável da língua. — Prefiro trabalhar sozinho. A menos, é claro, que você esteja envolvido. Com *você* eu consigo trabalhar, se necessário. Mas Dorian... Bem, ele às vezes me faz querer espetar seringas nas minhas próprias veias.

Victor dá outro sorriso sutil. — Mais algumas semanas, no máximo — responde. — Só até ele ajudar com a missão em Washington. Depois disso, vou deixá-lo por conta própria. — Então acrescenta: — Juntei vocês dois pelo mesmo motivo que juntei Niklas e Izabel. Vocês precisam aprender a trabalhar juntos sem se matarem.

Abro um sorriso.

— E você se dá bem com todo mundo? — pergunto, sarcástico, embora seja uma pergunta inofensiva, e Victor sabe disso.

Ele apenas assente.

— Acho que sim.

Ficamos em silêncio pela primeira vez desde que ele chegou. Ouço Greta andando pela cozinha: o som de panelas batendo no fogão, a água saindo da torneira quando ela começa a lavar os legumes. Ela sempre deixa a torneira aberta quando lava os legumes.

— Fredrik — começa Victor, quebrando o silêncio.

Ele me encara, e fixo meu olhar no dele, sombriamente tingido de preocupação e perguntas.

— Ouvi dizer que você está procurando Seraphina de novo. É verdade?

Mantenho a fisionomia impassível, sem deixar que ele saiba que a pergunta agitou algo macabro dentro de mim.

— Sim, estou — respondo, sem rodeios. — Mas não vou permitir que isso interfira nas operações.

Victor assente, mas tenho a sensação de que ele não acredita completamente em mim.

Alguns meses atrás, depois que ele ajudou a salvar minha vida de uma emboscada orquestrada por Vonnegut, chefe de nossa antiga Ordem, para me eliminar, eu abri o jogo e confessei a Victor que não matei minha ex-esposa, Seraphina, como ele pensava. Eu não *consegui matá-la. Ela pode ter me traído* e tentado me matar, mas ainda havia uma parte dela da qual eu não queria abrir mão. Confessei que, no fim das contas, mesmo quando Seraphina esteve ao meu alcance, embora eu pudesse, não consegui me obrigar a tirar sua vida. Seraphina foi o primeiro e único interrogatório no qual não tive êxito. E também foi o primeiro e único interrogatório que não consegui terminar.

Ela fugiu — porque eu deixei. E, por eu ter deixado, três mulheres inocentes morreram em suas mãos. Depois que ela pôs fogo na minha casa, não a vi até mais ou menos um ano atrás, em Nova York. Eu estava

assistindo ao noticiário na TV e a vi passando atrás do repórter, no meio de uma pequena multidão.

Estou procurando por ela desde então.

Victor põe o pé no chão e se debruça para a frente, as mãos entre os joelhos.

— Fredrik — diz ele, me encarando, a cabeça inclinada para o lado —, você sabe que só precisa pedir, e vou te dar todos os recursos necessários para encontrá-la.

— Não. — Rejeito a ideia depressa. Balanço a cabeça e também me inclino para a frente. — Isso é responsabilidade minha, Victor. Agradeço a oferta, mas preciso fazer isso por minha conta. Sei que você entende.

Ele assente mais algumas vezes, agora olhando para a frente. Então se levanta, endireitando o paletó.

Eu me levanto com ele e o acompanho até a porta.

— Mantenha-me informado sobre Dorian — pede Victor. — Vou mandar os detalhes sobre Washington assim que estiverem prontos.

— Combinado.

Victor se despede de mim e segue rumo a sua atual residência, na Filadélfia.

Tão logo o carro dele se afasta, vou para a cozinha, onde Greta me atualizará sobre a situação de Cassia.

## CAPÍTULO TRÊS

*Fredrik*

Assim que entro na cozinha, Greta me encara, impaciente, aguardando permissão para falar.

— O que foi? — pergunto, da porta. Enxugando as mãos em um pano de prato, Greta diz: — Cassia está inquieta, sr. Gustavsson. — Ela deixa o pano de prato em cima do balcão de granito preto. — Já faz três dias. Me desculpe por falar, mas teria sido melhor se o senhor tivesse ido vê-la assim que chegou, em vez de esperar até a noite.

Faço que sim devagar. — Sim, eu sei, mas tenho meus motivos.

Motivos que não me sinto na obrigação de explicar a Greta.

Ela é minha empregada e a cuidadora de Cassia na minha ausência, não minha mãe.

Vou até o balcão, movendo devagar os pés descalços sobre o chão frio de ladrilhos, pretos e reluzentes como o balcão, e ponho as mãos à frente do corpo, os dedos levemente entrelaçados. Noto que o pescoço de Greta se mexe quando ela engole em seco, nervosa, os olhos azuis envelhecidos desviando dos meus, voltando-se para baixo para examinar alguma coisa, qualquer coisa que não eu.

Inclinando a cabeça de leve para o lado, eu digo: — Você ainda tem medo de mim. Depois de tantos meses na minha casa. Por quê? Eu nunca machuquei você.

Greta ergue os olhos para mim, hesitante, mas não consegue me encarar.

— Sinto muito, mas o senhor é meu primeiro patrão que... — ela aperta as mãos — ... faz essas coisas. Não estou acostumada. E acho que nunca vou me acostumar.

Greta e Dorian se tornaram dois dos nossos novos “empregados” quando Victor assumiu uma das operações do mercado negro aqui nos EUA



, quase um ano atrás. Como no caso da operação que ainda está sob o comando de Sébastien Fournier, na França — embora não por muito tempo —, matamos os líderes da antiga Ordem de Greta e obtivemos todas as informações sobre as identidades de seus agentes. A posse dessas informações delicadas e perigosas nos dá controle sobre todos os envolvidos. De certa forma, não é diferente de quando uma grande empresa compra outra e os novos proprietários se instalam, fazendo mudanças drásticas e submetendo todos os funcionários da folha de pagamentos a extensas verificações de antecedentes e novos testes. Na verdade, a maioria não se importa muito com quem seja o líder, contanto que continue sendo paga, e isso torna difícil separar os agentes leais daqueles que nos entregariam para quem pagasse melhor em um piscar de olhos. Mas Victor Faust sabe o que está fazendo. E eu me tornei uma de suas principais armas para eliminar os instáveis e não confiáveis. Cada operação das que dominamos tinha pelo menos uns noventa membros. Todos os homens e mulheres, sejam assassinos, espiões ou operadores de abrigos, passam por mim, um de cada vez, e pela minha cadeira de interrogatório. Isso se a coisa chega a esse ponto, é claro. Porque, na verdade, a maioria nunca passa por Victor e Niklas para ter o azar de me enfrentar. Só me enviam pessoas quando, mesmo depois de elas passarem por todos os testes, ainda existem suspeitas.

Algumas de minhas... *vítimas* , como Izabel Seyfried as chama, poderiam dizer que o modo como Vonnegut lida com funcionários suspeitos da Ordem — matando-os depressa ao primeiro sinal — é um método mais humano. E talvez elas tenham razão. Mas não existe essa história de interrogatório humanitário neste ramo. Além disso, mesmo se existisse, eu com certeza preferiria o jeito antigo.

Greta nunca passou pela minha cadeira. Eu confio nela. Às vezes dá para saber se uma pessoa é confiável só de ficar por perto algumas vezes. Greta é inabalável. Um pouco arisca perto de mim — e não posso culpá-la por isso —, mas ela já teve todas as oportunidades possíveis de chamar a polícia e contar sobre a mulher que mantenho trancada no porão. Já teve todas as oportunidades de contar para Victor, ou até para Dorian. Mas não fez isso. Talvez seja o medo que sente de mim que a mantém leal, o que nunca é uma boa combinação, mas só o tempo dirá.

Eu separo as mãos e abaixo os braços.

— Se você quiser ser remanejada — digo, endireitando a cabeça —, posso providenciar isso, mas precisaria que você mantivesse segredo sobre Cassia. Quando achar propício, conto ao Victor sobre ela. Manter Cassia aqui não é uma traição, é apenas uma escolha. E vou enfrentar as consequências dessa escolha quando chegar a hora.

Greta assente suavemente e baixa os olhos por um breve instante.

— Não — responde, voltando a me encarar, as mãos ainda unidas diante do corpo. — Prefiro ficar. Comecei a gostar da Cassia. Quero garantir que ela seja bem cuidada quando o senhor não estiver por aqui.

— Obrigado — digo, com sinceridade.

Eu não só não queria substituir Greta, como realmente não queria ter que matá-la. E teria que fazer isso, caso ela quisesse partir. Ela é a única pessoa que sabe de Cassia além de mim, e não posso deixá-la escapar.

Greta suspira e separa as mãos, apoiando-as no balcão.

Está ficando nervosa de novo. — Preciso dizer para o senhor — começa ela — que acredito de verdade, do fundo do coração, que ela não sabe mesmo onde está essa tal de Seraphina. Eu sou uma boa juíza de caráter, sr. Gustavsson, e, quando olho para aquela garota, vejo alguém que está dizendo a verdade.

Eu uno as mãos às costas e ando de um lado para o outro algumas vezes.

— Talvez — respondo, olhando para janela da cozinha, que vai do chão até o teto e se abre para o pátio de trás. — Mas acredito que, com o tempo, ela vai ter mais para me contar.

— Mas eu não entendo — retruca Greta, com um traço de desespero maternal na voz. — Como ela vai poder contar para o senhor, *agora ou mais tarde*, onde está uma pessoa que diz que nem conhece? E não que eu queira que o senhor a interrogue e faça as coisas horrorosas que faz com os outros, mas se acha que ela está escondendo a verdade, o que impede o senhor de fazer isso?

Eu encaro Greta, disciplinando-a apenas com o olhar.

Ela pisca, nervosa, e olha para o balcão, passando os dedos de uma das mãos sobre as costas da outra. Greta sabe que não deve questionar minhas táticas. Suas preocupações podem até ser válidas, mas meus motivos para não torturar Cassia são muito pessoais.

O silêncio preenche o ambiente. — Pode sair hoje à noite, se quiser — digo. — Vou ficar na cidade por mais alguns dias.

— Obrigada, senhor, mas e o jantar? — Ela olha para os legumes frescos na peneira dentro da pia e as panelas no fogão; uma está fervendo há alguns minutos.

— Deixe aí — respondo. — Você pode arrumar tudo amanhã.

Ela baixa a cabeça e vai apagar o fogo, então tira a peneira da pia e a guarda no refrigerador de aço inoxidável.

Depois de pegar a bolsa amarela da cadeira perto da janela da cozinha e colocá-la sobre o ombro, Greta se aproxima e me entrega uma chave prateada.

— Quer que eu volte amanhã no mesmo horário, senhor?

— Sim, está ótimo — respondo, com a chave na palma da mão, presa em meus dedos.

Greta sai da cozinha, e, segundos depois, ouço a porta da rua se fechando.

Eu me viro e olho para o corredor, com uma porta na extremidade que leva ao porão. Visualizo o rosto de Cassia, macio como o de uma boneca, os grandes olhos castanhos de corça e os lábios perfeitos e suculentos. Como toda vez que penso nela, o coraçãozinho negro e traiçoeiro na minha caixa torácica começa a bater em um ritmo lento e ameaçador, me traindo com tanta crueldade que eu gostaria de arrancá-lo do peito e me livrar dele para sempre.

Momentos depois, estou diante daquela porta, enfiando na fechadura a chave que Greta me deu. E, sem pensar mais, desço a escada escura e me dirijo a ela. Cassia. A mulher que, se eu deixar que viva, com certeza será minha morte.

# CAPÍTULO QUATRO

*Cassia*

Adoro este pedaço, o modo como minhas costas quase se encaixam no canto do cômodo, com minha coluna paralela ao ponto onde uma parede encontra a outra. Às vezes tento me encostar até que a espinha toque a pedra gelada, mas meus braços e ombros sempre ficam no caminho.

Tem *sempre alguma coisa no caminho* — o grilhão no tornozelo direito, preso a uma corrente que passa por toda a extensão do cômodo, para que eu possa andar. As paredes cor de marfim, desprovidas até da menor das janelas. A escada de concreto do outro lado do quarto, uns dois metros fora do meu alcance. A porta no alto da escada, que sei que está sempre trancada por fora, de forma que, mesmo se eu conseguisse me soltar destas algemas, jamais veria o outro lado. No entanto, mais do que tudo, o que fica no caminho são as perguntas sem resposta que sempre me escapam.

As respostas são as chaves para a minha liberdade.

Liberdade de poder sentir o sol no rosto sempre que quiser. De poder me sentar sob as estrelas e admirar seu silêncio infinito. E, quando ouço a chuva batendo no telhado, adoraria a liberdade de sair e dançar ao ar livre, chafurdando nas poças, como fazia quando era menina.

Mas a verdade é que gosto de onde estou, confinada em um quarto sem sol, sem estrelas, sem chuva, só com meus pensamentos como companhia em certos dias.

Acho que é o preço que pago por estar apaixonada pelo Diabo.

Ainda não estou pronta para a liberdade. Fredrik precisa de algo que não posso dar. Mas mesmo assim eu tento. Só quando eu conseguir ele vai me devolver a liberdade. E só quando eu conseguir irei aceitá-la.

Fredrik me dá medo. Mas ele não é cruel. Aquele homem é um enigma, e nunca conheci ninguém como ele. Por outro lado... não consigo lembrar.

Ouço a porta no alto da escada se abrindo com um estalo e abraço minhas pernas cobertas por um tecido fino, encolhendo-as contra o peito. Estou usando a camisola de algodão branco que Fredrik comprou para mim, que cobre minhas pernas e não me deixa exposta. Ele jamais me deixaria exposta. É gentil comigo. A maior parte do tempo.

Fredrik deve estar descalço, porque não ouço as solas de seus sapatos caros batendo no concreto quando ele desce os degraus. No entanto, ouço o tecido da calça social farfalhando enquanto ele caminha e vejo sua sombra ficando maior na parede. Meu coração começa a bater mais forte, em um misto de desejo e medo. Porque, quando se trata dele, os dois sempre andam de mãos dadas.

— Cassia. — Sua voz é grave e sensual, como água correndo sobre pedras: destruidora, porém delicada. — Eu já pedi para você não sentar no chão.

Ele sai das sombras e entra na luz diante de mim, se agigantando à minha frente, projetando a própria sombra no pequeno espaço que nos separa. Eu sempre me sinto controlada por sua sombra, como se ela fosse uma entidade independente, outra parte dele que me vigia quando ele me dá as costas.

— Desculpe — respondo, olhando para ele. — É que eu gosto daqui.

Ele me oferece a mão, e a aceito, hesitante, colocando os dedos pequeninos dentro dos dele, enormes. Sua mão se fecha sobre a minha, e ele me puxa com cuidado até que eu fique de pé, fazendo a corrente presa ao grilhão chocalhar no silêncio. Quando me levanto, minha camisola fina desce até quase os tornozelos. Fredrik me fita de cima a baixo com os olhos azul-escuros, como sempre faz, procurando imperfeições nas roupas ou na pele. Não sei por que faz isso. Não é como se eu fosse um objeto de fascinação que causasse alguma necessidade obsessivo-compulsiva de mantê-lo perfeito. Ele já me contou uma vez, quando perguntei, que estava se certificando de que ninguém havia tentado me machucar em sua ausência. Greta jamais me machucaria. Ela é como uma mãe para mim. Acho que Fredrik deveria confiar mais nela.

Fredrik anda comigo até a cama, do outro lado do quarto, me vira pelos ombros e me faz sentar. Só depois que sinto o colchão macio é que ele se senta na cadeira sem braços ao meu lado, onde fica quando vem aqui.

— Senti sua falta — digo baixinho, pondo as mãos no colo. — Eu estava com medo de que alguma coisa tivesse acontecido com você.

— Nada jamais vai acontecer comigo — responde ele, sem emoção. — A menos que eu deixe.

Eu dou um sorriso suave e baixo o olhar por um momento.

— Greta tratou você bem? — pergunta ele, deixando claro mais uma vez que não confia plenamente nela.

Faço que sim, depois levanto o queixo e o encaro. Um calafrio percorre meu corpo quando encontro a profundidade do seu olhar. Nunca vou entender como um homem pode derreter as entranhas de uma mulher apenas com os olhos.

— Ela sempre me trata com carinho — respondo, em tom sério. — Gosto muito dela.

Fredrik assente.

Ele endireita as costas e cruza as pernas, entrelaçando os dedos fortes no colo. Está usando uma camisa social com pequenos botões pretos e as mangas arregaçadas até o cotovelo. Está descalço, como desconfie, e usa uma calça social preta. Ele tem pés fortes e másculos. Pés grandes, assim como as mãos. Não sei por que sempre sou impelida a olhá-los, partes que parecem tão pouco importantes no corpo de um homem, mas isso sempre acontece. É como se cada centímetro dele tivesse sido feito com perfeição e merecesse ser admirado. Até os defeitos são perfeitos para mim: a cicatriz profunda mas fina, que corre sete centímetros abaixo da orelha e atravessa a nuca; a outra, maior, no abdômen, que afunda no lado esquerdo dos músculos oblíquos. A pequena pinta na parte de trás do pescoço, bem no alto da coluna. São todos perfeitos. Ou talvez eu esteja apaixonada pela primeira vez na vida e não esteja raciocinando direito. Toda mulher experimenta as armadilhas da natureza pelo menos uma vez. Seja com o vizinho ou com o ator com o qual sonha, mas que sabe que nunca vai ter.

No meu caso, isso acabou acontecendo com meu carcereiro.

Endireito um pouco as costas, para não parecer largada. Meus dedos se agitam sem parar no colo. Fredrik olha para mim — aliás, ele não tirou os olhos de mim —, e sei o que virá a seguir. A parte que mais temo quando ele vem me visitar. Solto um suspiro e desvio os olhos dos dele, fitando a parede bem atrás de sua cabeça e deixando que ela fique fora de foco.

— Você se lembrou de alguma coisa? — pergunta ele, baixinho.

Engulo o nervosismo e cruzo os dedos com força, para não demonstrar tanto o medo.

Balançando a cabeça de leve, respondo: — Não. Nada novo, pelo menos. Sinto seu olhar sobre mim, buscando minha atenção. Eu cedo e o encaro. — Eu já falei, Cassia, que, mesmo se você achar que está sendo repetitiva, quero que me conte o que lembra, o que viu na minha ausência.

Eu engulo em seco de novo e olho para minhas mãos.

— Só o incêndio. Estava sonhando acordada ontem. E as chamas chegando ao teto invadiram minha memória, como da última vez.

— Ela estava lá? — pergunta ele, o que faz meu coração doer.

Meu coração sempre dói quando ele pergunta sobre aquela mulher.

Faço que sim, lenta e relutantemente. — Sim.

Ele fica em silêncio e incrivelmente imóvel, ainda esperando que eu prossiga, que eu conte tudo o que vi até os mínimos detalhes. Mas, desta vez, eu não quero. Quero que ele se deite comigo e me abrace, como fez há pouco tempo. Nunca me senti tão segura. Quero me sentir assim de novo. Agora. Não por causa do medo enigmático que tenho de Fredrik, mas por causa do medo que sinto quando vejo o rosto daquela mulher na memória. Uma mulher com cabelo preto brilhante e olhos escuros sinistros. Uma mulher que sempre digo a Fredrik que não conheço, que não me lembro dela, mas a verdade é que não *quero* lembrar. E, quanto mais ele me pressiona, tentando me ajudar a recuperar as recordações de antes do incêndio, mais perto chego de saber o que ela fez comigo. Por mais que eu a tema sem sequer conhecê-la, sei que ela deve ter feito alguma coisa horrível, indizível.

Eu preferiria deixar o passado completamente para trás, pois conhecê-lo de novo significa que ele vai me assombrar pelo resto da vida.

Mas, pior do que isso, temo mais do que tudo que, quando eu lembrar e der a Fredrik as respostas que ele procura, ele vai encontrar a mulher. Então me esquecerá completamente.

— Me diga, Cassia... me conte o que você lembra.

Eu olho para um ponto atrás dele, atrás dos cabelos escuros arrepiados e dos olhos azul-escuros, da atraente barba por fazer que muitas vezes sinto espetando meu rosto, mesmo quando ele não me toca, e deixo que a lembrança entre em foco.

*Os gritos no prédio me acordam. Eu me levanto da cama com um sobressalto, o rosto encharcado de suor, os pulmões começando a arder por causa da fumaça que preenche o quarto minúsculo. Levo um momento para perceber o que está acontecendo, e não é a fumaça o que me faz entender*

*tudo. São os gritos. Me dou conta de que, se eu fosse a única moradora do prédio, não teria acordado. Olho para cama e me imagino deitada ali, encolhida sob os lençóis com listras brancas, as chamas envolvendo o colchão, lambendo as paredes e a cabeceira e se misturando ao meu cabelo louro e comprido espalhado sobre o travesseiro, rápidas como uma naja deslizando sobre a areia.*

*Não me lembro de ter me levantado. “Como cheguei aqui?”, pergunto a mim mesma.*

*Os gritos no corredor estão ficando mais altos. Ouço estrondos e batidas do outro lado da porta, mas não é a minha porta que está sendo esmurrada. E não consigo identificar os estrondos, mas acho que é o teto desabando. Vejo por baixo da porta a luz piscando no corredor, e então ela se apaga.*

*Os gritos param, e sinto o coração na garganta.*

*Então, como se o tempo desse um salto, não estou mais diante da cama. Estou saindo pela janela e descendo pela escada de incêndio.*

*Escorrego, e tudo fica preto. Silencioso.*

*Mas ainda ouço minha respiração saindo irregular das narinas, como se os seios nasais estivessem entupidos. Ouço e sinto na cabeça as batidas do meu coração, a toda, latejando nas veias das têmporas.*

*Mas tudo o mais ao redor está quieto, as sirenes e buzinas sumindo depressa ao fundo.*

*Então ouço uma voz. Uma voz de mulher. A princípio parece distante, como se ela estivesse falando comigo de trás de um muro ou do outro lado de um campo gigante. Mas sua voz está ficando mais próxima.*

*— Eu falei que ia encontrar você — declara a voz, com um toque de crueldade, zombaria e satisfação.*

*Tento abrir os olhos, mas as pálpebras estão pesadas demais. As pontas dos meus dedos raspam em uma superfície dura e áspera. Mexo uma das mãos, pressionando a palma contra superfície, tentando decifrar o que é e por que estou deitada com o rosto em cima daquilo. Meu corpo se solidifica e me encolho ao começar a tossir, a bochecha raspando no material duro, que começa a parecer concreto ou asfalto. Sinto o gosto de fumaça vindo dos pulmões, sinto-a arder no esôfago, no fundo da garganta e nas narinas.*

*Tusso de novo, com violência, e tento recuperar o fôlego, quando meu corpo fica imóvel. Fungo uma vez, sentindo o líquido por trás dos olhos, e ele queima como se um espeto quente estivesse sendo enfiado nas minhas*



*narinas. Grito de dor, depois fico parada, tentando respirar apenas pela boca. Meus lábios estão secos, rachados e sangrando, e também têm gosto de fumaça.*

*Lágrimas brotam dos meus olhos, e meu corpo estremece contra a superfície fria e dura, como uma bola trêmula de músculos e ossos. Acho que vou morrer aqui. Seja lá onde “aqui” for.*

*Estou congelando.*

*— Você devia ter imaginado, Cassia — comenta a voz, e parece que está bem atrás de mim.*

*Determinada a dar um rosto à voz, tento desesperadamente abrir os olhos, mas, como tudo o mais dentro de mim, estão ardendo.*

*— Quem é você? — pergunto, fraca, e minha voz falha. Preciso de água. Preciso de alguma coisa para molhar a boca. Qualquer coisa...*

*Ela ri baixinho, e a crueldade da risada me apavora até o fundo da alma. Sinto calor na lateral do rosto, o lado que não está encostado na superfície dura. Então ouço a voz de novo e sei que ela está bem ali, em cima de mim, com a boca perto da minha, fazendo um caminho da orelha até o canto dos meus lábios.*

*Sinto os lábios dela nos meus, muito quentes, macios e suaves. Meu corpo está frio, muito frio, e os lábios tão quentes que não consigo nem achar forças para protestar. Sinto sua língua penetrar minha boca e se enroscar delicadamente na minha. Minhas pálpebras, antes pesadas, agora se fecham de vez, me deixando absolutamente sem controle para abri-las.*

*— Você sempre vai ser minha, Cassia — murmura a mulher, contra minha boca. — Você tem uma dívida comigo.*

*Sua mão gelada roça minha barriga, e ela enfia a mão na parte da frente da calça grossa do meu pijama de algodão. Sinto seus dedos em gancho entrando em mim de repente, dolorosamente. Meus olhos se abrem e vejo o rosto dela me fitando com malícia e um ar de ameaça, os olhos escuros rodopiando no azul do céu noturno, a silhueta esguia iluminada pela luz do poste que está alguns metros atrás. Os cabelos são pretos e brilhantes, cortados rente ao rosto oval, cada lado acompanhando a curva do maxilar. Ela é linda. Ela é maligna.*

*Estou com medo.*

*E então, em um redemoinho, os sons ensurdecedores da cidade frenética alcançam meus ouvidos outra vez. Começo a engasgar, tossindo com tanta força que acho que meus pulmões vão sair junto com a saliva preta que*

*vomito nas mãos. Viro de costas e olho para cima, para um céu negro e sem estrelas, cheio de nuvens, cortado pelo vento do inverno. Meu corpo treme tanto que parece que os ossos vão se partir feito vidro se eu não conseguir me controlar. Minha cabeça tomba para o lado e vejo uma pilha de caixas. A perna de um sofá. Um saco preto de lixo com um buraco no fundo e algum tipo de tecido saindo de lá. Um espelho quebrado com uma moldura de madeira envelhecida. Um engradado vermelho de garrafas de leite cheio de coisas sortidas: velhas caixas de comida, um frasco de aditivo para radiadores, uma lata amassada de refrigerante.*

*A mulher sumiu. Pensei ter ouvido as botas altas e pretas esmagando a neve atrás de mim, antes que começasse meu último acesso de tosse.*

*Meu corpo dói. Acho que minha perna está quebrada. É um mistério como não senti isso antes. Cerro os dentes e fecho os olhos com força quando a dor atravessa meu corpo. Ouço mais vozes se aproximando. Policiais. Bombeiros. Não... É uma equipe de paramédicos.*

*Meus olhos se abrem e se fecham de dor e exaustão, mas tento lutar contra o sono. Quero ver o que está acontecendo ao redor. Quero ver se a mulher ainda está por perto. Enquanto os paramédicos me atendem, não presto atenção neles, nem mesmo quando me fazem perguntas, tentando descobrir quão alerta estou. Mas olho para além deles, para a rua cheia de luzes piscantes vermelhas e azuis refletidas nos prédios próximos. Uma multidão se forma do outro lado, todos enrolados em grossos casacos de inverno, apontando para cima com as mãos enluvadas, para o prédio ainda envolto em chamas atrás de mim.*

*Mas na multidão há uma figura alta e sombria que parece fora de lugar. Ele está com as mãos nos bolsos do longo casaco preto. Está calmo, insensível ao caos das ruas.*

*Ele é você.*

*Você olha para mim, do outro lado da rua, por entre pessoas e veículos que passam e bloqueiam nossa visão por alguns momentos. Seus olhos penetram os meus como... como uma coisa que eu nunca senti. Tudo o que sei é que meu estômago está quente e estou com medo, mas mesmo assim quero continuar olhando para você.*

*E-eu não sei por quê, mas... mas meu coração está se partindo. Lágrimas queimam o fundo dos meus olhos, e meu peito parece estar implodindo, como uma estrela que dá seu último suspiro antes de se transformar em um buraco negro.*

*E então eu acordo na sua casa e mal consigo lembrar meu nome, muito menos qualquer outra coisa a meu respeito.*

## CAPÍTULO CINCO

*Cassia*

Fredrik estende a mão e enxuga minhas lágrimas. Encosto delicadamente em seu pulso forte e fecho os olhos para saborear seu toque.

— A mulher disse que você tinha uma dívida com ela.

A voz de Fredrik me traz de volta ao presente, e meus olhos se abrem de novo, com cautela.

Ele afasta a mão e volta a pousá-la no colo.

Observo sua mão por um longo momento, depois encaro outra vez os olhos dele.

— O quê? — Estou confusa. Fredrik inclina um pouco a cabeça para o lado.

— Você não havia dito isso antes — explica ele. — Que a mulher falou, antes de ir embora, que você tinha uma dívida com ela. É uma lembrança nova.

Eu pisco, um pouco surpresa, e faço que sim quando me dou conta disso.

— Sim — concordo. — Ela disse isso. Mas não sei o que significa.

Abaixo a cabeça com remorso e culpa. Quero dar a ele tudo que quiser de mim. Desejo isso desde pouco depois que ele me trouxe até aqui, há muitos meses. Mesmo que isso signifique que eu vá perdê-lo para aquela mulher. Eu o amo o suficiente para abrir mão, se é o que ele quer.

Não sei por que o amo. Não sei como é possível amar um homem capaz de manter uma mulher acorrentada no porão. Por outro lado, há muitas coisas que não entendo, porque *não me lembro* de nada. Muita coisa não faz sentido. Na verdade, *nada* faz sentido. Eu me sinto presa na vida de outra pessoa. Não tenho lugar no mundo e, enquanto ele se move ao meu redor,

fico parada, tentando lembrar a vida que eu tinha antes, que parece não querer ser encontrada.

— Cassia — começa Fredrik com delicadeza, e ergo os olhos cheios de lágrimas. Ele suspira com remorso. — Se você não fizer progressos sozinha, sabe o que vou ter que fazer.

Minhas mãos começam a tremer no colo, e meu lábio inferior também.

Balanço a cabeça.

— Não, Fredrik, por favor... Ele se curva na minha direção em um movimento rápido, o olhar punitivo. Afundo as mãos no colchão e vou para trás, encostando na parede.

— M-me desculpe — peço, com medo na voz.

— Não me chame pelo nome — ordena ele. — Não posso permitir que você faça isso.

Ele baixa os olhos, e percebo, pela expressão de dor que ele tenta esconder, que a própria regra também é um fardo para ele.

Fredrik se levanta da cadeira e se senta na beira da cama, mais perto de mim.

— Vem cá — chama baixinho, estendendo a mão.

Eu a pego só com um pouco de hesitação. Por mais que o tema, quero estar com ele.

Ele me puxa para mais perto, e deito em suas pernas, a bochecha apoiada de leve em sua coxa firme. Sua mão grande alisa meu cabelo louro. O toque é suave, gentil e vibrante, mas também sei do que aquelas mãos são capazes. Vi as coisas que ele faz com as pessoas. Coisas terríveis, dignas de um pesadelo. As mesmas coisas com as quais me ameaça agora.

— Não vou suportar assistir de novo — digo. — Por favor... não me faça assistir.

Os dedos continuam a alisar meu cabelo, provocando calafrios que dançam ao longo da espinha.

— Mas você vai ter que assistir — responde ele, em uma voz calma e relaxante —, porque não vejo outra maneira. Parece que suas lembranças só são desencadeadas por experiências traumáticas. Você não saberia o que sabe agora sobre o incêndio se eu não tivesse feito você assistir.

Eu tiro a cabeça do colo dele para encará-lo. Seus dedos deixam meu cabelo, e ele passa as costas da mão na lateral do meu pescoço.

— Me fale sobre ela — peço, com voz rouca, tentando não afugentá-lo, como aconteceu da última vez que insisti nesse assunto proibido. — O que

Seraphina fez para você? Por que você quer tanto encontrá-la?

Ele se levanta da cama de um salto, me derrubando no colchão.

— Eu já falei...

Eu me levanto atrás dele, interrompendo-o no meio da frase, determinada a fazê-lo entender, fazê-lo falar comigo de uma vez por todas. A corrente no tornozelo range alto quando eu me atiro pelo pequeno espaço para ficar na frente dele.

— ME CONTA ! — grito, com mais lágrimas escorrendo dos olhos. — POR FAVOR ! EU MEREÇO SABER ! — exclamo. — Você me manteve aqui embaixo por um ano. Me tirou da... da vida que eu tinha antes do incêndio, fosse qual fosse. Posso não me lembrar dela, mas era *minha* . — Aponto para meu peito, com a voz e a expressão distorcidas pela dor e pelo desespero. — Acha que eu conheço essa mulher o suficiente para levar você até ela, que de alguma forma posso te ajudar a encontrá-la. E eu estou disposta a fazer isso... — Minha voz começa a se abrandar. Eu só quero fazê-lo entender, não desafiá-lo.

Ele balança a cabeça, mas não como se estivesse me dizendo que não. Parece mais que está convencendo a *si mesmo* a não me contar. Algo que fez muitas e muitas vezes durante todos esses meses em que fui prisioneira. Uma prisioneira voluntária.

Baixo a voz para um sussurro e seguro os pulsos dele com meus dedos finos.

— Por favor, Fredrik — peço, e ele não me repreende por chamá-lo pelo nome. Olho no fundo de seus olhos duros e conflituosos, que se recusam a retribuir meu olhar. — Talvez, sabendo mais a respeito dela... eu consiga lembrar. Poderia começar a entender quem ela era para mim, como a conheci e... — tento forçá-lo a me olhar, mas ele é inabalável — ... e qual é minha dívida com ela.

Foi isso o que tantas vezes tentei fazê-lo entender, mas ele sempre me interrompe. Prefere me obrigar a assisti-lo torturando pessoas até a morte para desencadear minhas lembranças a fazer algo simples como me contar mais sobre essa mulher, que eu aparentemente conhecia antes de perder a memória naquele incêndio, ano passado.

— *Por favor* . — É minha última e desesperada tentativa. Meu peito arfa, puxando o ar em movimentos longos e profundos. Meu coração arde de desespero.

Ele me encara, e não consigo decifrar seu olhar. Tantos conflitos. Tantos remorsos, raiva e emoções que nem sei se um dia quero descobrir quais são. Uma fera vive dentro desse homem, e eu já a vi, mas nunca mais quero encontrá-

la. Não cara a cara, como outros encontraram. Sinto, na parte mais funda minha alma, que ele controla essa fera pelo meu próprio bem. Porque não quer me machucar. Mas também sinto que é só questão de tempo até que ela assuma o controle do homem que conheço e amo. E, cada vez que ele olha para mim, chega um pouco mais perto de sucumbir à fera e deixar que ela o domine.

É como se eu soubesse, porque é isso que meu coração me diz, que um dia *vou morrer pelas mãos dele*.

Vou até ele e abrando o olhar ao estender a mão e tocar seu rosto. Sorrio com ternura e fico na ponta dos pés, encostando meus lábios nos dele.

Fredrik olha no fundo dos meus olhos quando me afasto. Mesmo assim, há tanta coisa acontecendo dentro dele que não consigo decifrar nada.

*Fredrik* Dou um passo para trás e me afasto de Cassia, decidido a acabar com isso antes que comece. Não posso permitir que ela faça isso comigo. De novo não. Não vou deixar.

Seraphina é importante para mim, e nada vai me impedir de encontrar minha ex-esposa, a única mulher com quem podia ser o verdadeiro Fredrik Gustavsson sem precisar me esconder. A única mulher que era tão parecida comigo que acabarmos juntos parecia obra do destino.

Seraphina é a epítome da escuridão. E preciso dela de volta.

Ela e eu temos assuntos a resolver. — Fredrik — chama Cassia, e levanto a cabeça para encará-la. Seus olhos são tão inocentes e puros, tão... vulneráveis. Quero possuí-la. Agora. Apertar a carne rija e rosada contra a parede e destroçar seu pequeno corpo com violência, virando-a do avesso. Quero marcá-la com meu punhal e lambar o sangue de suas feridas, como eu fazia com Seraphina.

Reprimo a necessidade, erguendo o queixo. Porque não posso. Não posso fazer isso com Cassia. Não *vou* fazer isso com Cassia.

Eu me obrigo a me afastar. — Fredrik... por favor... não vá embora. Ainda não. Por favor! — exclama ela, atrás de mim.

Ouçõ a corrente presa a seu tornozelo batendo no chão enquanto ela tenta me alcançar. Mas ela para bruscamente quando saio de seu alcance e me aproximo da escada.

Eu a ouço chorando. Odeio ouvi-la chorando. Cacete... odeio ouvi-la chorando!

Lentamente, viro-me para ela, que me encara com os mesmos olhos castanhos de corça que aprendi a admirar... e dos quais me tornei vítima.

Vou precisar matar esta noite. Só para poder lavar esse sentimento ameaçador do meu coração sombrio.

— Volto daqui a quatro horas — digo, impassível, até mesmo com certa frieza. — E você vai assistir.

Eu a deixo de pé ali, se afogando em lágrimas, enquanto subo os degraus e saio do porão.



## CAPÍTULO SEIS

*Fredrik*

Se Dorian Flynn não fizesse parte da nova Ordem e não tivesse sido designado meu parceiro, seria ele quem eu mataria hoje à noite. Odeio esse cara. Talvez eu o mate de qualquer jeito.

— De que porra essa vagabunda está falando? — pergunta Dorian, olhando para uma revista com algum casal famoso posando com um bebê na capa. Ele dá um peteleco no meio da página com o dedo médio, fazendo um breve som de estalo, depois larga a revista na mesa entre nós. — Você lê essas merdas?

— Não — respondo, desinteressado, e levo a caneca de café aos lábios.

Continuo olhando pela janela alta da cafeteria, procurando sinais do meu próximo interrogado. Baixinho, careca, flertando com a morte há tempo demais.

— Pois deveria — comenta ele, olhando outra vez para a revista. — É isso que a sociedade se tornou. Uma superpopulação de celebridades desbocadas e sem talento, pagas para lambar as bolas dos Estados Unidos com dramas de merda. — Ele balança a cabeça e se recosta na cadeira. — Sabe, eu podia fazer uma matança, se saísse pegando esses filhos da puta. Cacete, acho que até Faust aprovaria.

Na verdade, não me importa muito a tagarelice de Dorian, mas sei que, se eu não responder alguma coisa logo, ele vai perceber e talvez nunca mais cale a boca.

— Essas pessoas, por mais idiotas que sejam — começo, encarando-o do outro lado da mesa —, não são alvos. Pelo menos não por enquanto.

Dorian dá de ombros e fecha a revista.

— Bom, só para constar, quero a primeira delas que se tornar um alvo. Balanço a cabeça e volto a olhar pela janela.

— Vou avisar Victor. — Depois acrescento, com um sorrisinho: — Para mim, parece que elas estão lambendo bem o seu saco. O fato de você ligar para essas coisas prova isso.

Dorian sorri. Ele cruza os braços sobre o peito, coberto por uma jaqueta de couro marrom-escuro. Seu cabelo é curto e louro-escuro, bem cortado, espetado na frente e no alto. Não é tão alto quanto eu, que meço 1,90 m — ele deve ter 1,83 m —, e os olhos azuis brilhantes quase sempre ficam escondidos por trás de óculos de sol. Já está matando gente há oito anos (ele me contou isso quando nos conhecemos, tão despreocupadamente como se estivesse me contando que é corretor de imóveis), e admito que é uma boa marca para alguém que só tem vinte e seis anos. Mas, de forma bem parecida com Niklas Fleischer, irmão de Victor Faust, Dorian é indisciplinado e, às vezes, imprudente. Porém, também admito que isso parece funcionar para ele.

Ele balança a cabeça, sorrindo para mim.

— Eu queria comer uma dessas vagabundas. É verdade. Você me pegou. — Ele ergue as mãos com as palmas para a frente e em seguida as apoia na mesa. — Mas só para ver a cara dela quando eu a chutasse da cama depois de terminar. Para tirá-la um pouco do pedestal.

Arqueio a sobrancelha esquerda. — Ah, entendi.

Ele assente.

— É, eu poderia passar o dia todo fodendo uma mulher, mas, no fim das contas, estou atrás de uma garota legal, comportada, respeitável... para apresentar para os pais, sabe?

— Seus pais não estão mortos? — Eu tomo mais um gole de café.

Dorian dá de ombros e alonga os braços.

— Estão, mas você entendeu. — Claro que entendi — respondo, mas gostaria que ele calasse a boca. — Só que não consigo imaginar você se aquietando com uma mulher.

Dorian franze a testa e ergue o queixo.

— Eu não falei nada de me aquietar. — Bom, “legal, comportada e respeitável” em geral significa que você vai ficar com ela para sempre — explico.

Ele joga a cabeça para trás e ri um pouco.

— Talvez no seu mundo — retruca. — Se bem que você é meio sádico, e duvido muito que uma garota legal, comportada e respeitável chegaria perto o suficiente para descobrir isso.

Não, mas, por acaso, tem uma no meu porão. Tudo bem que eu a mantenho acorrentada para que ela não fuja ou tente me matar, mas Cassia é a garota mais gentil e respeitável que já conheci. E já conheci muitas mulheres. Já subjuguuei muitas mulheres.

Um homem de baixa estatura, careca e atarracado, usando um casaco grosso até a cintura, sai de um sedã preto que acaba de parar no estacionamento. Os faróis do carro estão acesos, nos iluminando através da janela, e o motor continua ligado. A fumaça sai do escapamento, encorpada pelo ar gelado de dezembro. A neve é espessa nos arredores, onde uma escavadeira a amontoou de manhã, liberando espaço.

— É James Woodard — digo baixinho, observando-o através da janela.

Dorian vira a cabeça para olhar quando o alvo sai do carro ligado e vai para outro carro, estacionado a três vagas dali.

Olho meu Rolex.

— Mesmo horário. Que nem na semana passada.

— Ele é consistente — comenta Dorian.

— É, e, felizmente para nós, esse é seu primeiro erro — respondo.

Fico de pé e tiro o casaco preto das costas da cadeira de madeira. Eu o visto e fecho o zíper até o pescoço. Dorian faz o mesmo. Esperamos até que o carro que trouxe o homem careca vá embora. James Woodard nos olha quando nos aproximamos do meu carro, do outro lado do terreno, mas nossos olhares não se cruzam. Woodard acha que somos apenas clientes saindo do café. Ele não é esperto, e é admirável que tenha sido contratado por qualquer organização como a minha, mesmo para as tarefas mais simples.

Essa estupidez é um dos motivos pelos quais precisamos nos livrar dele. Isso e o fato de que está vendendo informações da nova Ordem para outra organização do mercado negro. Não é muita coisa, e nenhuma delas é real. Victor desconfia de Woodard desde que assumiu o controle da sua Ordem, mês passado. Desde então, tem passado informações falsas a ele. Só para ver se o homem as venderia. E ele as vendeu, duas vezes. Acontece que o homem do sedã preto que acaba de deixá-lo aqui era o comprador *e também* um dos nossos homens.

Mas *meu* papel é interrogá-lo para descobrir se ele andou vendendo essas informações para mais alguém e para descobrir se mais gente está envolvida. É uma noite perfeita para torturar um homem. E tenho duas horas para voltar para casa com Woodard.

Eu disse a Cassia que levaria quatro horas, e sempre cumpro minhas promessas.

Dorian e eu entramos no carro e ligo o motor. Woodard sai do estacionamento primeiro, e, já sabendo para que lado ele vai, espero trinta segundos antes de dar a ré e segui-lo.

— Que puta idiota — comenta Dorian, dando risada. — Quanto tempo Victor falou que Woodard ficou trabalhando para o Norton?

— Dois anos — respondo, saindo do estacionamento e indo para o leste.

— Porra — Dorian ri de novo —, para mim é uma surpresa ele ter durado dois *dias* .

— É, nisso eu preciso concordar. — Continuo com os olhos fixos na estrada escura, me mantendo abaixo do limite de velocidade e tentando não perder o carro de Woodard de vista.

— Você não concorda muito comigo, certo? — pergunta Dorian, me olhando de esguelha. Não que ele se importe, mas pelo menos não é arrogante a ponto de não *tentar se dar bem com os outros*.

— Não, eu concordo com você em muitas coisas — admito. — Só estou levando um tempo para me acostumar com o seu método de atirar primeiro e perguntar depois.

Desta vez a risada dele ecoa pelo carro.

— *Sério* ? — pergunta, achando graça e duvidando. — Caralho, cara, você mete medo. Eu só atiro. Você está a um passo de ser um serial killer. Não vou nem falar em me acostumar.

Ele diz que dou medo, mas duvido que sinta medo de mim. Ou de qualquer coisa. É esnobe e irresponsável demais para sentir medo.

— Acho que não vai querer participar disso, então? — pergunto, inclinando a cabeça para a direita e sorrindo.

Dorian sorri e assente. — Isso mesmo, o cara é todo seu.

Não vamos brigar por isso. Ainda bem, porque o interrogatório desta noite está longe de ser comum. E minha plateia será limitada a uma pessoa.

Seguimos Woodard até a casa onde ele mora desde que Victor matou seu chefe e assumiu o controle das operações. Woodard também tem outra casa em Roland Park, onde quer que pensemos que ele passa a maior parte do tempo. Outra prova de que o cara é um marginalzinho de merda é que tem esposa e duas filhas, que deixa na casa de Roland Park, desprotegidas e sem saber no que ele está metido e o risco que correm, enquanto ele se esconde na casa alugada.

Penso em matá-lo esta noite como minha boa ação do mês, porque sua esposa e filhas provavelmente vão viver mais se ele estiver morto.

Depois que para na frente da casa e desliga o motor, Woodard se tranca lá dentro. Dorian e eu paramos na rua, escondidos pelas sombras de um grupo de árvores. Uma luz brilha na janela do térreo. Vou até a porta da casa enquanto Dorian dá a volta pelos fundos. Ouço suas botas esmagando a neve quando ele desaparece. Depois de alguns minutos, dando tempo para que Dorian se posicione na porta dos fundos e verifique a casa pelas janelas, bato três vezes na porta vermelha.

A cortina que cobre uma janela alta e estreita de vidro ao lado do batente da porta se mexe quando Woodard tenta me espiar discretamente. A luz da varanda se acende, e eu sorrio para o olho mágico, sabendo que ele está me vendo do outro lado.

Ainda com um sorriso no rosto, levanto dois dedos e aceno.

— Quem é você, cacete? — pergunta ele, nervoso, a voz abafada pela madeira grossa entre nós.

Ele sabe quem sou, ou melhor, sabe por que estou aqui. Sem chances de abrir a porta por livre e espontânea vontade.

— Abre essa porta, James — digo, cantarolando. — Precisamos ter uma conversinha.

— V-vá embora! — A voz sai trêmula. — Não conheço você e... v-vou chamar a polícia se não sair da minha propriedade! — Ele diz isso com um arroubo repentino de confiança, como se de fato acreditasse que a polícia poderia ajudá-lo.

Mas logo sua confiança desaparece, quando não saio da frente da porta e meu sorriso não perde a potência. Fico ali, as mãos unidas diante do corpo.

De repente, ouço bipes ritmados, como se Woodard estivesse digitando números no teclado de um alarme ao lado da porta.

PORTA DOS FUNDOS ABERTA , ouço uma voz robótica dizer, quando ele tenta acionar o alarme.

Então ouço um barulho de luta lá dentro, uma batida forte na porta e algo parecido com vidro se partindo no chão. — Não! Por favor! E-eu... Por favor! — grita Woodard, com a voz forçosa, como se algo, talvez o braço de Dorian, estivesse apertando sua garganta. — Senta aí e cala a boca, seu merda.

— Ouço Dorian dizer, e o imagino balançando a arma diante do rosto de Woodard.

Tudo fica quieto, e a luz da varanda se apaga, me fazendo mergulhar outra vez na escuridão. Um segundo depois, ouço o trinco estalando, e a porta se abre.

Woodard foi jogado em uma poltrona gigante na sala.

— E-eu não sei quem vocês são, nem...

— Claro que você sabe quem somos — interrompo, contornando um vaso quebrado e me aproximando dele.

Tiro o apoio de pés de debaixo de suas pernas e me sento bem na frente dele, apoiando os cotovelos nas coxas e deixando as mãos relaxadas entre as pernas.

Woodard está tremendo, o queixo duplo balançando à luz difusa do abajur da mesa ao seu lado. Ele usa um paletó xadrez azul e bege, com os três primeiros botões abertos, e uma camisa branca de flanela por baixo. Fede a colônia barata e marcador permanente.

Levantando a mão roliça, Woodard empurra os óculos com a ponta do dedo para o alto do nariz.

— Olha, é sério, não sei mesmo por que vocês estão aqui — diz, de forma um tanto patética, os olhos escuros e saltados indo e vindo entre mim e Dorian. — Eu não trabalho mais para o Norton. Outra pessoa assumiu o controle. Só faço o que mandam.

Abro um sorriso e olho para trás dele, sem focar em nada em particular. Já parece impossível tirar da cabeça a imagem dele na minha cadeira.

— Então você *sabe* por que estamos aqui — digo, em tom zombeteiro, inclinando a cabeça para o lado. — Acredite, amigo, é melhor ser sincero logo de cara.

Espero que ele não seja sincero logo de cara. Quero que negue tudo, para que eu possa forçá-lo a falar.

Woodard olha para Dorian de relance.

— Me digam quem vocês são — diz, mais implorando do que exigindo, então volta a olhar para mim. Parece haver compreensão em seu olhar. — E-eu me lembro de você. De vocês dois. V-vocês estavam no café. Me seguiram dali, não foi?

— Isso importa? — pergunto, inclinando a cabeça para o outro lado. Eu me levanto e ajeito o casaco. — Vasculhe a casa — digo para Dorian. — Vou mandar que joguem tudo fora depois que você terminar.

— Peraí... o que você vai fazer? — pergunta Woodard, nervoso, ainda na poltrona.

Eu puxo uma seringa do bolso do casaco e retiro o bico protetor da agulha.

— Não... p-peraí, porra! Você nem me perguntou nada! Nem me deu a chance de falar!

*Eu não quero que você fale.* Dorian franze o cenho, me olhando com ar questionador.

— Vamos ouvir o que ele tem a dizer primeiro — sugere, agitando a arma para Woodard, que continua olhando para o cano com apreensão, temendo que a arma dispare. — Tem muita coisa que a gente precisa investigar, Gustavsson. Se o cara está a fim de falar, sou a favor de ouvir.

— Sim... — concorda Woodard, esperando que eu também concorde, os olhos correndo entre nós dois.

De repente, ele parece ter levado um tapa na cara. Seus olhos saltados ficam mais arregalados, e a respiração, mais ofegante.

Ele aponta um dedo trêmulo e balofo para mim.

— Gustavsson? V-você é Fredrik Gustavsson... o-o cara que chamam de o Especialista? — Sua cabeça volumosa começa a balançar de um lado para o outro sem parar. — Não... E-eu conto tudo o que você quiser saber. Não tenho nada a esconder. Se eu soubesse para quem você trabalhava... Porra, se eu soubesse quem você *era* ... teria deixado você entrar. Sem perguntas. Teria feito até uma sopinha!

— Não precisa contar nada — respondo, embora manipulando. — Já sabemos o que você andou vendendo e para quem. Isso não tem volta. — Só preciso fazê-lo calar a porra da boca. Preciso interrogá-lo e matá-lo. Preciso que Cassia assista. — Levante-se.

Woodard olha para Dorian em busca de ajuda, já que era ele quem queria lhe dar mais tempo. Para sorte de Woodard, Dorian não gosta de papelada, e essa casa enorme cheia de arquivos que ele terá que peneirar quando eu for embora é a única coisa que mantém Woodard vivo no momento. Em qualquer outro caso, Dorian já teria espalhado os miolos dele naquela cortina horrorosa da janela.

— Cinco minutos — sugere Dorian. — Vamos lá, cara. Você sabe que eu sou totalmente a favor de acabar com eles rápido, mas o cara está pronto para falar.

Woodard assente vigorosamente, as mãos agarrando os braços da poltrona, o queixo duplo tremendo como gelatina.

Dou um suspiro profundo e abaixo os braços, e a seringa cheia de um coquetel que teria feito Woodard dormir tempo suficiente para levá-lo para minha casa pende discretamente de meus dedos.

— Três minutos — digo. — T-tá... três minutos — gagueja Woodard. — Eu não sou um traidor. — Então é um mentiroso — retruca Dorian, atrás de mim. — Não. — Woodard balança a cabeça. — Eu *vendi* informações para Marion Callahan, o cara que me deixou no estacionamento. Mas...

— Para mim, isso parece traição — acrescenta Dorian, levantando a arma, apontando-a para Woodard.

Ponho a mão sobre o aço frio, baixando a arma. A última coisa de que preciso é que Dorian mate minha vítima e me deixe sem ninguém para pôr na cadeira. Ou que a arma dispare assim, tão perto do meu ouvido, e me deixe surdo.

— O tempo está passando — digo para Woodard.

Ele levanta as mãos por um momento e as deixa cair sobre as pernas da calça cáqui.

— Eu queria provar para o novo chefe que vale a pena me conservar — explica. — Porque eu sabia que seria eliminado desde o primeiro dia em que Norton foi morto e vocês assumiram. Olhem para mim. Não sou considerado necessariamente valioso à primeira vista. E não consegui um encontro frente a frente com o novo chefe. — Ele suspira. Já estou sentindo uma onda de decepção começando a me envolver. — Marion Callahan me abordou na porta de casa, onde dormem minha esposa e minhas filhas, e me disse que, se eu arranjasse informações sobre o novo chefe e suas operações, eles me garantiriam uma posição de alto nível na organização deles. N-não como assassino, é claro — ele dá um sorriso assustado —, eu sou inútil em missões. Nunca matei ninguém na vida. B-bem, só uma vez, mas foi acidente.

— Dois minutos — lembro. Ele assente e continua: — Eu me encontrei com Callahan duas vezes e entreguei dois pen drives. Informações falsas. Nada naqueles drives é real. Nomes falsos. Locais falsos. Porra, até inventei detalhes de uma missão que nunca existiu.

— Por que você faria isso? — pergunto.

Por mais que eu precise disciplinar Cassia, também preciso resolver isso. É o meu trabalho, afinal, e jamais me conformaria em dar a Victor



Faust menos do que cem por cento de esforço.

— Porque investiguei Callahan — explica Woodard. — Entendo de computadores e informação. Tenho acesso secreto ao FBI , à CIA , à Interpol... Porra, consigo obter informações sobre qualquer um em *qualquer* base de dados. Mas Callahan não estava em nenhuma base de dados. Nenhuma. Tirei as digitais dele do cartão de visitas que recebi. Pesquisei em tudo quanto é lugar por duas semanas. Nada.

— Bom, isso não é tão estranho assim — comento. — Considerando a profissão dele.

Woodard se levanta da poltrona, tão absorto em pensamentos que provavelmente nem percebe. Eu deixo. Dorian também deixa, mas mantém a arma a postos. Woodard começa a andar de um lado para o outro, parando a cada poucos segundos para nos olhar, gesticulando intensamente enquanto explica.

— Ora — começa, como se já devêssemos saber —, sempre tem *algum* tipo de registro, mesmo que esteja escondido em uma ficha de inscrição de escoteiros. *Ninguém é um fantasma. Não* como esse cara.

— Então ele está usando um nome falso, e as digitais dele nunca foram cadastradas — sugere Dorian, começando a ficar tão impaciente quanto eu estava momentos atrás. — E daí, caralho? Isso não prova nada, só que ele é competente, já que ninguém tem registro dele.

Woodard dá um sorriso gelado. — Não se ele for um Chefe. Isso chama nossa atenção. Dorian e eu nos entreolhamos. — Você tem alguma prova disso? — pergunto.

— Não — responde Woodard. — Mas, pensem bem: aqueles que estão no topo da cadeia alimentar são os mais protegidos. Eles não têm ligação com ninguém além de seus braços direitos e seus seguranças. Não confiam em ninguém e matam ao primeiro sinal de traição ou suspeita. É por isso que os chefes são os mais difíceis de serem encontrados. — Woodard aponta para mim, ainda com seu sorriso sombrio. — Você alguma vez viu Vonnegut? — pergunta, e fico surpreso por ele saber qualquer coisa sobre meu antigo chefe, ou até mesmo que ele era meu chefe.

— Não — respondo. — Não cara a cara.

Um sorriso se espalha pelos lábios muito rachados de Woodard.

— Sabe pelo menos o primeiro nome dele?

Eu não respondo, mas imagino que minha expressão confusa já tenha sido resposta suficiente.

— Foi o que pensei — diz Woodard. Ele está se sentindo muito mais confiante com a situação. Eu, por outro lado, superei a sensação de ansiedade voltar para Cassia a tempo, estou mais preocupado com as coisas que Woodard está nos contando.

Dorian enfia o cano da arma no peito de Woodard e o força a se sentar de novo na poltrona.

— Que porra de armação é essa? — pergunta, intimidador. — Marion Callahan denunciou você para os superiores dele, seu rolha de poço. Nosso chefe sabe o que você fez. Se Callahan fosse líder de outra organização, por que estaria se metendo com você? Se ele é um fantasma, por que não vai direto à fonte, eliminando o chefe?

— Porque Callahan não *consegue* chegar ao nosso chefe — respondo, puxando Dorian pelo ombro para afastá-lo de Woodard. — Ele está tentando se infiltrar do jeito antigo, *subindo* pela hierarquia, ganhando confiança, fingindo eliminar traidores.

— Tá, mas desde quando chefes vão a campo e sujam as mãos desse jeito? — Dorian apresenta um bom argumento. — Por que ele mesmo iria se arriscar, agindo assim? Por que não mandaria um de seus homens fazer isso?

— Porque o melhor lugar para se esconder é à vista de todos — respondo. — Se eu quisesse eliminar outro líder, provavelmente faria o mesmo.

Woodard assente para mim, como se estivesse me informando que falei exatamente o que ele estava pensando.

Até Victor Faust tem isso, essa vontade de eliminar os líderes pessoalmente. É uma espécie de distintivo na camisa, um troféu, e é totalmente compreensível. Quando Victor me mandou para a França para tomar de François Moreau a chave da caixa de segurança em Nova York, não me mandou matar o chefe deles, Sébastien Fournier. Insistiu em ele próprio eliminar Fournier.

— Antes que levemos em consideração qualquer coisa que você diga, tem algo que precisa ser comprovado. — Eu me sento no apoio para pés, novamente diante de Woodard, fazendo questão de deixar a seringa entre os meus dedos bem à vista, no meio dos meus joelhos. — As informações naqueles drives que você vendeu para Marion Callahan.

O queixo de Woodard treme de novo quando ele balança a cabeça depressa.

— Isso pode ser verificado — diz, erguendo as mãos em um gesto de rendição. — Eu juro.

Olho de relance para Dorian, ainda parado à minha esquerda.

— Pelo jeito, você vai ficar de babá hoje à noite — comento, e ele parece contrariado. — Vou entrar em contato com o nosso chefe quando sair e contar para ele tudo o que foi dito aqui.

— Caralho, cara! Você não pode estar falando sério — discorda Dorian, agitando a arma diante de si. — Não posso ficar nessa merda de buraco. Tem cheiro de remédio para tosse e... — ele faz uma careta exagerada — ... de queijo.

Eu me levanto e procuro o bico protetor no bolso, devolvendo-o à agulha da seringa.

— Se a versão dele não for confirmada — digo, começando a passar por Dorian e pondo a mão em seu ombro —, pode atirar.

Apesar de saber que Dorian não me contará o final dessa história, deixo-o ali com James Woodard, e vou fazer o que preciso fazer. Primeiro ligo para Victor e conto tudo sobre nossa reunião. Ele me instrui a esperar ordens sobre o próximo passo, o que, felizmente, me deixa livre para fazer qualquer outra coisa pelo restante da noite.

Agora posso me concentrar em Cassia.

Meus dentes estão cerrados; a garganta, seca; a cabeça, cheia de situações imaginárias, todas começando com um interrogatório brutal e terminando com Cassia se lembrando mais de seu passado, mais sobre Seraphina. Mas já esperei demais. Não tenho ninguém para levar para casa e interrogar.

Me sentindo derrotado e furioso, bato as mãos no volante. Minha nuca está suada. Rangi tanto os dentes na viagem de volta que meu maxilar está doendo.

Quando acho que tudo acabou e que vou ter que esperar mais uma ou duas semanas até conseguir outro interrogatório, aceito mentalmente que tudo o que me resta é voltar aos velhos hábitos.

Assim, dou meia-volta de repente e vou para o leste, em busca de um homem que está na minha lista de reserva para momentos assim, quando não tenho outra escolha.

# CAPÍTULO SETE

*Cassia*

Os gritos do homem enchem meus ouvidos de terror. São como mãos de um condenado, se estendendo em uma súplica para que eu o puxe para fora de um inferno ardente demais. Só me resta tapar os ouvidos e torcer para que os gritos sejam abafados.

Não quero olhar, mas meu inconsciente me força a abrir os olhos a cada poucos segundos, como se parte de mim não conseguisse resistir. Estou sentada no chão, encolhida em posição fetal, com as costas apoiadas na parede. Meu canto favorito. Aquele que fica mais longe da enorme tela de TV

protegida por uma placa espessa de acrílico.

A TV passa imagens ao vivo do outro lado do porão, o lado que foi fechado com uma parede de tijolos, com uma única porta de madeira, tão fina que nem preciso aumentar o volume da TV para ouvir os sons que vêm da outra sala.

— Por favor... por favor... eu não... não aguento mais — implora o homem na cadeira macabra, que muitas vezes aparece em meus pesadelos. — Já contei tudo! Não tenho como contar o que não sei!

Sangue espirra dos lábios inchados e cortados do homem. Fredrik o espancou antes de começar a arrancar seus dentes.

Por que Fredrik o *espancou* ? Ele nunca recorre a isso.

Estou apavorada.

Será que o deixei com raiva? Engulo o pouco de saliva que resta na boca e fecho os olhos quando as lágrimas começam a vazar das pálpebras e escorrer por minhas bochechas ressecadas. Meus braços apertam firme meus joelhos encolhidos contra o peito. Estou tremendo.

Cada centímetro de meu corpo treme tanto que parece que vou me desintegrar. Balanço o corpo para a frente e para trás, chorando.

Então começo a cantar. Não conheço a canção, mas me é muito familiar. Conheço a letra, mas não sei ao certo *como*.

Com as mãos pressionadas sobre os ouvidos, canto mais alto à medida que os gritos do homem se amplificam.

Canto mais alto...

*Fredrick* Paro de repente, o alicate ensanguentado imóvel na mão, pouco acima da cabeça de Dante Furlong, traficante de heroína do West Side. Até o sangue dele fede. Não é como o sangue normal, que tem um cheiro metálico e áspero. Será que dá para farejar o mal em alguém, como os cachorros farejam carne podre?

Eu me pergunto se *meu* sangue tem um cheiro nojento como o dele.

Ele arregala os olhos e me encara, parcialmente petrificado, parcialmente indagador. Sabe que foi a linda voz que me fez parar, que o salvou de mais sofrimento. “Mas por quanto tempo?”, ele se questiona. É o que *eu* me questionaria, se estivesse na cadeira.

— O-o que é isso? — pergunta ele, arrastando as palavras, incapaz de usar bem a língua, agora que os dentes da frente estão faltando. — De onde isso vem?

Seus dedos longos e sujos agarram as extremidades dos braços da cadeira, ainda tentando se soltar das tiras de couro apertando os pulsos. E, a essa altura, duvido que ele se dê conta de que está fazendo isso. Tornou-se um instinto, uma maneira de amortecer a dor, e seu corpo não quer abandoná-lo ainda.

Olho para a frente, onde a câmera de vídeo está escondida na parede, sabendo que Cassia me vê na TV de tela plana em seu quarto, do outro lado da parede.

De repente, ela para de cantar “Where the Boys Are”, de Connie Francis. Quando eu estava começando a me perder em sua voz, ela para e me obriga a pensar de novo no momento presente.

É melhor assim.

Eu volto ao trabalho.

— Porra! Não! *Por favor* ! Seu filho da pu... — O resto das palavras de Dante sai em sons confusos e engasgados.

Eu giro o alicate para um lado e para o outro, e o som do osso sendo esmigalhado ressoa em meus ouvidos. Mais um dente sai, e o jogo na

bandeja de prata ao meu lado, junto com os outros seis.

Dante engasga com o sangue que escorre pela garganta. Seu corpo se agita com violência, como um peixe jogado na margem, a centímetros da água. Seus olhos azul-claros e esbugalhados se abrem e se fecham de dor e exaustão. Mas ele ainda não sentiu dor. Vou arrancar suas unhas.

— E-eu vou parar de traficar — declara. — Juro, caralho! Não vou mais vender.

As palavras truncadas começam a sair em meio a soluços. Os cabelos pretos encaracolados, cobertos de sujeira e sebo, brilham sob o holofote preso a um suporte de soro intravenoso atrás da cadeira.

Eu me curvo sobre Dante e o encaro. — Você é um mentiroso — digo, com a voz calma e sombria. — É um mentiroso da porra. Uma mancha de merda em uma cueca. Gente como você não para nunca. Você implora e suplica diante da dor, mas, assim que eu deixar você sair daqui, vai vender heroína para menininhos em casas abandonadas.

— Me-menininhos? Cara, e-eu não vendo para menininhos.

Eu seguro com força seu queixo coberto de sangue e cuspe, com a mão enluvada em látex, imobilizando-o, cravando as pontas dos dedos em suas bochechas barbudas.

— Para quantos menininhos você deu uma dose em troca de um boquete? Hein?

Aperto mais o rosto dele. — D-de que caralho v-você está falando, cara?!

— QUANTOS ?!

Afundo tanto os dedos nas bochechas dele que sinto o contorno de seu maxilar inferior. Ele se contorce em minha mão, a cabeça presa à cadeira por uma tira de couro, como as dos pulsos, tornozelos e tronco, que ele luta para mover de um lado para o outro. Mas eu o mantenho imóvel.

— QUANTOS ?! — Encaro seu rosto aterrorizado.

Ele tenta falar, e afrouxo o aperto em seu queixo o suficiente para que ele consiga.

— E-e-eu não sei! Alguns. Não *sei* ! Mas não eram crianças! Adolescentes, talvez! Mas não me-menininhos! Juro pela minha vida que nunca mais vou vender! E-eu não vou mais vender!

Sem piscar, enfio o alicate na boca dele e começo a puxar o próximo dente. Seu corpo fica rígido na cadeira, os dedos imundos se encolhendo, as coxas metidas no jeans desbotado endurecendo como blocos de cimento.

Ele fecha os olhos com tanta força que mil rugas profundas se formam ao redor deles.

Cassia começa a cantar Connie Francis de novo.

Eu tento desesperadamente ignorá-la, aplicando mais força nos dentes de Dante. Um por um, eu os arranco sem piedade, como se ficando mais agressivo eu conseguisse bloquear melhor a voz dela. Nunca sou tão desleixado, tão raivoso. Eu me orgulho de manter total compostura diante de minhas vítimas, sem deixar que percebam que alguma coisa está me incomodando. Mas Dante deve perceber. Deve perceber, talvez só de olhar em meus olhos enquanto me curvo sobre ele, que Cassia está me afetando.

Engulo as lágrimas.

Eu me afasto dele, largando o alicate no chão de concreto, perto dos meus sapatos. Minha respiração é pesada, ofegante. As lágrimas ardem no fundo dos meus olhos.

*Por que ela está fazendo isso comigo? Como pude permitir que ela fizesse isso comigo?*

Levanto o braço e enxugo as lágrimas do rosto com a manga da camisa. Pequenas manchas de sangue sujam o tecido branco quando afasto o braço.

Eu nunca sou tão desleixado! A canção para quando a dor de Dante para. Agora percebo que é um padrão. Ela estava cantando para não ouvir os gritos.

Eu a faço sofrer.

E me odeio por isso.

Mas o pior é que me odeio por não estar cagando e andando para isso.

Arranco as luvas de látex, tomando cuidado para não sujar meus dedos de sangue, e as jogo no chão, perto do alicate. Então saio correndo pela porta para o outro lado do porão, onde a encontro sentada no chão, no canto, chorando com as mãos no rosto.

## CAPÍTULO OITO

*Fredrik*

Passo por ela e sigo para o banheiro, perto da cama. É um cômodo limpo e aconchegante, assim como todo o lado de Cassia no porão. Tem paredes cor de marfim, um balcão e piso luxuoso de mármore.

Greta mantém tudo limpo para ela. Todo dia a empregada desce aqui, lava a privada, a pia e o box. Ela reabastece Cassia de artigos de toalete e verifica se tem toalhas limpas. Tudo no espaço de Cassia é imaculado.

Isto é, até eu apoiar as mãos na borda do balcão e deixar manchas de sangue no mármore branco. Não sei como sujei as mãos de sangue, depois de tomar tanto cuidado.

Não consigo pensar direito! Giro a torneira de bronze, e a água esguicha em minhas mãos. Usando mais sabonete líquido do que o necessário, esfrego-as com força, vigorosamente, como um cirurgião esfrega as mãos antes de uma cirurgia. Quero que fiquem limpas, mas estou fazendo isso mais como distração. Não quero encará-la. Não quero ver Cassia chorando.

Mas cantar... ela nunca fez isso antes. Deve ter se lembrado de alguma coisa, mas, por mais que eu precise saber o que é, não quero encará-la.

Com a água ainda jorrando, eu apoio as mãos novamente na borda do balcão, suspiro profundamente e baixo a cabeça.

*Controle-se, Fredrik* , penso. *Controle-se. O mais importante é Seraphina. Lembre-se disso.*

Nunca quis que as coisas chegassem a esse ponto.

Quando levei Cassia ao abrigo, na noite do incêndio — ela se recusava a ir para o hospital —, nunca, nem nos meus delírios mais loucos, imaginava que o que aconteceu *poderia acontecer*.

E aqui estou, quase um ano depois. E não apenas não encontrei Seraphina, como também desenvolvi sentimentos de remorso e compaixão



pela mulher da qual preciso para me ajudar a fazer Seraphina se revelar.

Não consigo fazer isso. Nunca me senti tão dividido na vida.

Arruinei a vida dessa mulher, Cassia, essa mulher doce, inocente e quase infantil, que não seria capaz de matar uma aranha que estivesse subindo por sua perna. Tudo em nome da busca pela minha amada Seraphina. Estou usando essa pobre garota para desentocar minha ex-esposa, como quem tira veneno de uma picada de cobra. E me odeio por isso.

Mas é a única maneira. *Cassia é a única maneira*. Abrindo os olhos, vejo que os nós dos meus dedos estão brancos por causa da força com que me apoio no balcão.

Ergo os olhos até o pequeno espelho oval diante de mim.

Gotículas de sangue estão espalhadas pelo meu rosto com a barba por fazer. Enojado, encho as mãos de água e me lavo, duas, três, quatro vezes antes de me dar por satisfeito. Puxo a toalha da barra presa à parede e me enxugo. Noto que há sangue em minha camisa, e a tiro depressa.

Como pude ser tão descuidado? Quando finalmente fecho as torneiras, ouço Cassia chorando outra vez. O som me atinge como uma lâmina.

Cacete, eu nunca levei jeito para isso. Não para *isso*. Sofrer por alguém, *qualquer um*, e deixar o sentimento me controlar. Com Seraphina, eu nunca precisava *sentir*. Não assim. Porra, como é desagradável. Éramos parecidos, eu e ela, como duas almas deformadas, feitas do mesmo tecido sádico. Nós nos *alimentávamos* da dor. Sentíamos prazer com ela. Não importava se era nossa própria dor ou a de alguém disposto a nos deixar curtir a sua.

— O que eu faço? — pergunto em voz alta, me olhando no espelho. — Luto com isso, como lutei ano passado? Ou me entrego?

Balanço a cabeça em negativa. *Não*. Cerro o punho e dou um soco no espelho. Cacos se partem e caem na pia, quebrando-se em pedaços ainda menores, mas deixando minha pele intacta. E, quando olho para o espelho outra vez, tudo o que vejo são pedaços de mim faltando. Não do espelho, mas de mim.

Nunca fui inteiro, desde o dia em que nasci de uma mãe que me largou ao lado da privada de um banheiro público.

Saio e olho primeiro para a tela de TV montada por trás do acrílico. Dante ainda está se contorcendo na cadeira. Parece mais alerta, agora que não estou lá com ele. Corre os olhos pela sala escura e úmida — a única

parte da velha casa que nunca reformei — procurando uma saída, ou algo que possa usar para se soltar. Ele não faz ideia de que estou o vigiando. Mas não irá a lugar algum. Nem Houdini conseguiria se soltar daquelas amarras.

— Por favor, Fredrik, por favor, desligue isso — pede Cassia, gemendo.

Não hesito, apesar de algo no fundo da mente — a parte sombria e perversa — me dizer para deixar tudo como está. Que ela precisa ver, ouvir, sentir o cheiro pungente de sangue através das rachaduras na madeira da porta entre os cômodos.

Vou até a TV, pego o controle remoto de uma estante na parede ao lado e aperto o botão de desligar. Cassia passa os dedos frágeis pelo cabelo, o rosto afundado entre os joelhos.

— Desculpa — digo, chegando perto dela. — Eu...

— Me chira dagui! Aém me aúda! — grita Dante, em palavras arrastadas e fragmentadas.

Olho outra vez para Cassia: seus dedos começam a apertar o cabelo, como se ela estivesse tentando arrancá-lo, causando dor em si mesma para bloquear os gritos de Dante.

— Caralho!

Cruzo o quarto até a porta e a escancaro, deixando-a bater na parede.

O branco dos olhos de Dante brilha sob o holofote. Sangue, mais preto do que vermelho, cobre o rosto dele, descendo pelo queixo e empapando a camiseta. Seu rosto está inchado; os lábios estão vermelhos, roxos e enormes.

— Fica quieto — ordeno. — Eu imboro! ão me marruca mai! Uma das três seringas que estão prontas e à minha espera, na bandeja alta de prata atrás da cadeira, chega a meus dedos em segundos. Segurando-a sob a luz, eu aperto devagar o êmbolo prateado, fazendo sair um pouco de heroína pela agulha.

— O-o que oê ‘ai faer? Ele gira a cabeça, se esforçando para me ver atrás de si, o medo do desconhecido saturando cada sílaba.

— Eu. Falei. Para. Ficar. *Quieto*. — Forço as palavras entre os dentes.

Depois de verificar que o fino torniquete azul está bem posicionado e apertado no antebraço dele, enfio a agulha na veia e esvazio o conteúdo da seringa.

Esfregando as mãos outra vez na pia do banheiro de Cassia, me pego profundamente perdido em pensamentos ao olhar para o espelho quebrado. Dante não está mais gritando, mas Cassia continua chorando, embora não

tão alto como antes. Mas seu choro, forte ou fraco, me causa dor da mesma forma.

— Me deixa ver seu rosto — peço delicadamente para Cassia, me agachando ao seu lado.

Seguro delicadamente o queixo dela, levantando com cuidado seu rosto, enfiado entre seus joelhos.

— Não vou machucar você — digo. — Você sabe disso. Já deveria saber, a essa altura.

Ela balança a cabeça loura quando seus suaves olhos castanhos se fixam nos meus, azuis.

— Você já me machucou — responde ela, o choro distorcendo a voz. — Você me pôs naquela cadeira quando me trouxe para cá. Quem me garante que não vai fazer isso de novo?

— *Eu* garanto que não vou fazer isso de novo.

Eu me sento no chão diante dela, com os joelhos dobrados e os pulsos apoiados neles.

— Eu nunca vou machucar você — digo, embora já tenha dito isso muitas vezes, desde aquela noite. — As coisas eram diferentes naquela época. Eu achava que você... — Hesito. Preciso tomar cuidado com o modo como falo com ela e as coisas que digo. — Cassia, eu achava que você soubesse mais do que estava me dizendo. Mas agora sei a verdade.

Meu coração derrete de vez quando ela diminui a curta distância entre nós e vem se sentar em meu colo. Meu corpo a acolhe instintivamente, se encaixando no dela quando meus braços nus se fecham ao redor da pequena silhueta. Seus dedos longos e delicados envolvem meu bíceps, e ela encosta a cabeça na reentrância quente entre meus músculos do ombro e do peito. Fecho os olhos suavemente, e um pequeno suspiro sai de meus lábios abertos quando sinto o corpo dela contra o meu. Seguro sua cabeça e aprecio a maciez de seu cabelo entre meus dedos, roçando meu peito como um lençol de seda. Sinto o coração batendo forte, o primeiro sinal de uma traição inevitável, aquela em que me torno um homem que desprezo. Um homem que é fraco e indefeso, à mercê de emoções que aprendi a rejeitar há muito tempo.

Queria que Seraphina tivesse me deixado queimar naquela porra de incêndio, há seis anos.

— Você estava cantando — murmuro contra os cabelos dela. — Connie Francis. Por que estava cantando, Cassia?

Ela balança a cabeça. — Não sei. Desculpa. Eu a aperto suavemente. — Tudo bem — digo baixinho.

Depois de uma pausa, pergunto com cautela: — Você se lembra de alguma coisa?

Cassia levanta a cabeça e me encara. — Fredrik — começa ela, tão baixinho quanto eu. — Posso me abrir com você? Posso dizer tudo o que estou sentindo?

Confuso, e até perturbado pela pergunta, de início não sei se quero permitir.

— Sim — respondo, contrariando meu bom senso.

Cassia se vira completamente no meio das minhas pernas e ficamos frente a frente, sua camisola branca cobrindo os joelhos dobrados, as mãos apoiadas nos pés delicados. Não sei como minhas mãos foram parar na lateral de seu pescoço, os dedos cuidadosamente abertos para tocar o contorno de seu maxilar, mas elas estão lá, como duas traidoras, agindo por conta própria, independentes, desafiando o resto de mim. Não discuto com elas.

Seus olhos se abrandam, e meu coração sombrio também.

Sinto que quero beijá-la. Mas não beijo. Não posso. Isso só vai me levar a querer fazer outras coisas com ela, e já enveredei por esse caminho com Cassia.

É um caminho muito perigoso. — O que foi? — instigo, passando os dedos por seu queixo. Ela segura meus pulsos com muita cautela, me olhando nos olhos. — As coisas que você faz com aqueles homens — diz ela, com palavras ternas e compreensivas. — Quero saber o motivo, pois meu coração me diz que sua escuridão nasceu da escuridão. Não é só um trabalho, como você já me falou. É mais do que isso, Fredrik.

Minhas mãos saem do pescoço dela e voltam a cair sobre meus joelhos dobrados, os pulsos relaxados. Balanço a cabeça. Nos onze meses e dezenove dias em que a mantive aqui, ela nunca fez essa pergunta, nunca bisbilhotou minha vida antes de Seraphina. Suas curiosidades sempre foram — compreensivelmente — apenas sobre Seraphina, o verdadeiro motivo de Cassia estar aqui. Acho que nunca pensei que, depois de passar tanto tempo com alguém, no fim das contas a pessoa comesse a ver todas as coisas que você acredita estar escondendo muito bem.

Cassia se aproxima mais, embora eu achasse que ela não poderia chegar mais perto, e me força a encará-la. Sua mão direita vai para meu rosto, na

ânsia de me consolar, mas eu a detenho, segurando-a pelo pulso e baixando-a de volta.

— A única que deveria falar sobre o passado é você — digo a ela.

Seus olhos de corça são velados por uma mortalha de decepção.

Mas ela não vai desistir tão fácil. — Você me pediu tanta coisa, Fredrik — diz, transbordando ternura —, mas, quando eu peço algo, você me repele. Eu só quero saber *isso*. Não me importa mais Seraphina, nem a história que você tem com ela. Não me importa nem o que *eu* tenho a ver com isso. — Sua mão macia acaba tocando meu rosto, e não sei ao certo como ela passou por minha barreira. — Só o que me importa, a essa altura, é você, Fredrik. — Ela examina meus olhos e hipnotiza meu olhar, com o rosto cheio de dor e desejo. — Que demônios são esses que você luta tanto para matar?

Afasto a mão dela de novo, dessa vez com mais força.

— Você se lembrou de alguma coisa? — insisto, ignorando sua pergunta.

— Pare — pede ela, com mais intensidade do que eu esperava. — Você vai me conceder isso. Antes de me deixar sozinha aqui embaixo por mais uma noite, você *vai me contar*.

O desespero nos olhos dela me penetra. Desvio o olhar, mas acabo por encará-la de novo.

— *Por favor ...* — pede ela. Um nó desce pela minha garganta e se aloja em algum lugar do meu peito. Meus dedos se enveredam por meu cabelo preto e despenteado, e solto um suspiro desolado de derrota.

Nunca falo do meu passado. Nunca. Tento não pensar nele, mas em certos dias isso é tão inútil quanto tentar não respirar. Só quando conheci Seraphina, há oito anos, é que aprendi a controlar isso, e me tornei um homem muito diferente daquele que caçava merdinhas como Dante Furlong, torturava-os e matava-os, noite sim, noite não, sem nunca sentir a satisfação pela qual ansiava a cada morte. Eu era como um viciado em drogas, sempre procurando uma dose, mas nunca satisfeito o suficiente para parar. Nunca nem um pouco satisfeito; eu só queria mais e mais.

Seraphina me ajudou a controlar esse anseio perpétuo. Ela me mostrou como liberar a escuridão que há dentro de mim com métodos mais discretos e limpos, para não deixar um rastro de cadáveres e provas. Mas o maior impacto de Seraphina em minha vida foi me fazer sentir que eu *tinha* uma vida. Porque, antes dela, eu era só um grão de poeira flutuando no

esquecimento. Não conhecia o significado de felicidade, nem entendia a emoção do prazer ou a fome de entusiasmo. Eu era só uma carcaça vazia que conhecia apenas as trevas e a morte, que só sentia emoções como raiva, ódio, fúria e vingança.

Mas Seraphina foi meu anjo sombrio, que entrou em minha vida e me mostrou que viver era muito mais do que eu imaginava. Desde que ela me deixou naquele gramado, na noite em que pôs fogo em minha casa, voltei lenta e inexoravelmente a sucumbir à minha antiga vida, e preciso encontrá-la antes que eu afunde demais.

Se é que isso já não aconteceu. Seraphina é a única pessoa com quem falei sobre meu passado. Se eu fizer isso com Cassia, temo abrir portas que preciso manter fechadas, pelo bem de nós dois.

Mas... não posso dizer não a ela. Sinto que estou em dívida com ela, depois de tudo o que lhe fiz. E, como não é nada sobre Seraphina — de quem não posso falar com Cassia, por mais que ela se esforce por me sondar —, decido contar o que ela quer saber.

Encaro-a, examinando seus olhos por um momento, arrebatado pelos estranhos sentimentos que ela tem por mim, e me pergunto brevemente por que ela ainda os tem. Então meu olhar pousa na parede atrás dela, no canto onde ela sempre está sentada quando desço aqui.

Finalmente, um fragmento de lembrança se derrama relutantemente de meus lábios.

*Vinte e três anos atrás...*

*A poeira rodopiou à minha frente quando a pesada porta do dormitório se abriu com um rangido. Uma luz baça e cinzenta, vinda do corredor, penetrou o quarto e iluminou o chão de pedra. A claridade feria meus olhos. Minhas mãos imundas se ergueram para esfregá-los em movimentos mecânicos, conseguindo apenas empurrar sujeira para dentro das pálpebras. Fechei os olhos com força, fazendo uma careta, quando as lágrimas quentes — causadas apenas pela irritação — se derramaram.*

*Botas batiam nas pedras. As botas de Olaf. Eu conhecia o som delas, assim como das de todos os homens que comandavam aquele lugar. Era essencial conhecer esses sons, e todo o resto que podia surgir ao meu redor, ali. O cheiro do suor do vigia que fazia guarda diante da cela, desde o amanhecer até o meio-dia. O clique do isqueiro do vigia do turno do meio-dia até a hora do jantar. O farfalhar do longo casaco impermeável do terceiro vigia, que sempre parecia o barulho de um saco de lixo. Era vital*

*que eu conhecesse essas coisas, porque eu ia fugir daquele lugar, não importava o que acontecesse, e precisava memorizar cada aspecto do ambiente.*

*Ergui os olhos da beira do catre elevado, feito de arame e molas velhas, e vi Olaf parado diante de mim. Meus olhos ainda ardiam com a sujeira. Os outros meninos no dormitório também estavam sentados em seus catres, assim como eu. Em silêncio. Assustados. Cada um deles temendo que Olaf tivesse vindo puni-los, e não oferecer vantagens, como aconteceu comigo naquele dia.*

*— Vem comigo — mandou ele, movendo a cabeça para trás em um gesto sutil. — Vou lhe mostrar seu novo alojamento.*

*Era um dia muito aguardado: foi quando, depois de seis meses de confinamento, Olaf finalmente acreditou que eu tinha aprendido a lição e nunca mais tentaria escapar. Eu tinha sido pego do outro lado do alto muro de tijolos que rodeava a enorme propriedade. Meu único amigo, Eduard, que só falava francês, estava comigo. Ele levou um tiro na cabeça, bem ao meu lado, sua sentença pela tentativa de fuga. Eles me deixaram vivo, e a morte de Eduard foi meu último aviso.*

*Olaf sempre teve um fraco por mim. Ele demonstrava isso me protegendo dos homens violentos e seus espancamentos brutais. E continuava a demonstrar ao me fazer dormir em seus aposentos algumas noites, às vezes em um catre no chão, perto de sua cama, outras vezes na cama com ele. Eu não queria, mas teria sido tolice protestar.*

*Eu me levantei do catre e mantive os olhos fixos no chão, as mãos pequenas de criança unidas à frente do corpo. Eu cheirava a urina e estava constrangido. Molhava a cama havia seis meses, desde que fora aprisionado naquele dormitório. Faziam coisas terríveis com os meninos, por ali. Coisas indizíveis.*

*Segui Olaf pela porta alta de ferro, e meus olhos finalmente começaram a se acostumar com a luz do corredor. O ar úmido fedia a mofo e lixo. Eu ouvia o patinhar e o guinchar de ratos bem alimentados correndo à minha frente e atrás de mim. Os ratos comiam melhor do que as crianças lá.*

*Olaf estava usando colônia, e isso me apavorava. Também estava de terno, embora a calça fosse dois centímetros mais curta do que deveria. O conjunto também não era agraciado por nada distinto, como uma gravata. Mas o terno era um forte contraste com as calças azul-marinho e seus habituais suéteres de lã. Olaf só usava terno e colônia em ocasiões*

*especiais. E suas ocasiões especiais quase sempre envolviam me ensinar a maior das lições, que eu sempre tinha muito medo de aprender.*

*Eu não ousava falar, a menos que ele falasse comigo, e ele me levou pelo corredor longo e empoeirado para fora do prédio. Andei ao lado dele, obedientemente, rumo ao prédio antigo, porém mais bem cuidado, onde eu morava com Olaf antes de tentar fugir. O sol brilhava forte no céu enquanto meus pés descalços pisavam na grama áspera. O calor em minha pele era um presente divino. O ar limpo preenchia meus pulmões. Sentia o cheiro doce das flores brancas com pétalas em forma de sino que cresciam nas laterais do prédio.*

*Mas tudo desapareceu bem depressa, inclusive a luz do sol, quando passamos por outra porta, e fui imerso na forte luz laranja do saguão e no cheiro acre de incenso e charutos.*

*Willa, com sua estatura mediana e seu porte comum, nos recebeu usando um longo vestido cinza que ia até um pouco acima do tornozelo e sapatos pretos simples com meias soquete finas e brancas. Seus braços estavam cobertos pelas mangas de uma camisa de abotoar que ela usava por baixo do vestido, com o colarinho bem fechado e um pequeno broche em formato de trevo de quatro folhas preso do lado esquerdo. Eu gostava de Willa. Era a única pessoa, além dos outros meninos aprisionados ali, que eu não queria ver morrer de forma dolorosa e horrível.*

*Willa era jovem, mas pelo menos cinco anos mais velha do que eu. Uma garota gentil e linda de uns quinze ou dezesseis anos. Ela fora capturada por Eskill quando era bem mais jovem, assim como eu. Mas jamais seria vendida, e era bem tratada pelos outros homens, na maior parte do tempo. Eu nunca soube por quê.*

*Mas Willa, também como eu, agia de um jeito bem diferente quando estava diante dos homens.*

*E, como sempre que a via, eu entrei na encenação.*

*— Porr ke me trraz pirrrralho? — indagou Willa, ríspida, com um sotaque pesado, os lábios naturalmente rosados se franzindo em censura ao me encarar com seus olhos verdes e duros, mas lindos. — Porr ke sempre me trrazem os casos perrridos?*

*— Porque você é a única aqui, minha cara Willa, que consegue fazer os casos perdidos pelo menos parecerem aproveitáveis.*

*Eu não ousava olhá-lo no rosto, mas, mesmo sem ver, sabia que ele estava sorrindo.*



*Meu corpo foi empurrado para a frente, e quase perdi o equilíbrio quando Willa puxou meu cotovelo. Então vi estrelas quando ela me deu um tapa bem forte no rosto com a outra mão, e finalmente minhas pernas bambas cederam. Rolei os joelhos nus no chão de madeira, porém evitei cair mais, apoiando a mão livre no chão para sustentar meu peso frágil.*

*— Levanta! — Willa me puxou. — Willa — ouvi Olaf dizendo, em tom de aviso —, já falei: no rosto, não. Agora vá. Quero ele limpo.*

*— Sim, senhor — respondeu Willa, fazendo uma reverência, depois deu meia-volta, ainda me segurando pelo cotovelo.*

*Ela me levou pela escada em caracol até o segundo andar. Passando por outras criadas com roupas cinza iguais à dela, Willa segurava a parte de trás do meu cabelo escuro e imundo, afundando os dedos nele com agressividade, me empurrando à sua frente com gestos cruéis.*

*— Eu falei prra andarr dirreito, garoto! — rugia ela, atrás de mim.*

*Quando a porta do seu quarto se abriu, ela me empurrou com força, e caí de quatro lá dentro.*

*O trinco da porta estalou atrás de mim, então Willa se sentou no chão ao meu lado, me puxando para o colo e me ninando contra o peito.*

*— Me desculpa, Fredrik! — Ela chorava com o rosto apertado em meu cabelo. — Vozê me perrdoa?*

*Lágrimas encharcavam meu rosto, formando sulcos na camada de sujeira que eu sentia na pele. Mas eu não estava chorando por causa do modo como ela me tratara. Só estava feliz por vê-la de novo.*

*— Eu sempre vou perdoar você, Willa.*

*Senti seus lábios no topo da cabeça, e uma onda de calor percorreu meu corpo.*

*— Precisamos aprrontarr você rápido — comentou ela, me ajudando a levantar de novo. — Não kerro ke Olaf tenha algum motivo prra pôrr você de volta no isolamennto.*

*— Estou com medo, Willa. — Eu sei, Fredrik. Eu sei. Ela me beijou de leve na bochecha e logo me pôs no banho. Era sempre muito delicada comigo, como com todos os meninos deixados aos seus cuidados. E nunca me violentou. Lavava cada parte do meu corpo com um toque amoroso. Eu nunca queria sair do quarto dela, mas era sempre mandado embora logo depois, para evitar suspeitas e garantir que Willa mantivesse seu lugar de chefe da criadagem.*

*Depois de me dar banho e me vestir com uma camiseta branca limpa e uma calça de lona, Willa se despediu com um abraço, ainda gentil e amorosa, antes de me levar de volta para o corredor, incorporando novamente a garota com mão de ferro.*

*Minutos depois, Willa tinha ido embora, e eu estava outra vez na companhia de Olaf, que parecia ansioso para me ver, com o terno apertado demais e a colônia que dava dor de cabeça.*

*— Antes de levar você para seu novo alojamento — começou Olaf, andando ao meu lado com as mãos unidas às costas —, tem uma coisa que precisa ver.*

*Não gostei de ouvir aquilo. Minhas pernas já começavam a tremer, meu estômago se revirava e se embrulhava. Inspirei profundamente e permaneci em silêncio, olhando para a frente.*

*— Você se lembra de quando foi punido, há muito tempo, por se esquecer de escovar os dentes? — perguntou ele.*

*Assenti.*

*— Sim, senhor.*

*Como eu poderia esquecer? Ele escovou meus dentes com tanta violência que enfiou a escova no fundo da minha garganta várias vezes, esfregou minhas gengivas com tanta força que elas sangraram por três dias seguidos.*

*Viramos à esquerda no fim do corredor e chegamos a uma porta.*

*Ouvi gritos lá dentro, e minhas pernas começaram a tremer.*

*Olaf pôs a mão enrugada sobre a maçaneta em formato de alavanca e anunciou: — É isso que vai acontecer com você se os seus dentes apodrecerem, tiverem cáries ou crescerem tortos, quando os dentes de leite caírem. Até agora, você teve a sorte de ter sido abençoado com uma boa dentição. Vamos torcer para que continue assim. Logo você se tornará um rapaz, no auge da vida, e o modo como seu corpo começa a tomar forma agora ficará para sempre. Se alguma parte dele não for satisfatória, você passará por algumas correções cosméticas importantes, ou, dependendo do quanto eu ou outro Mestre gostarmos de você, poderá ser descartado.*

*Senti um aperto no peito, e meus joelhos começaram a ceder, mas me endireitei depressa.*

*Ele abriu a porta, e os gritos saíram da sala em um redemoinho, como se estivessem esperando para serem libertados. Eu queria tapar os ouvidos, mas sabia que não deveria nem tentar. Sabia que devia permanecer de pé*

*com as costas eretas, os olhos baixos e os braços ao lado do corpo ou às costas, como os de Olaf. Optei por unir as mãos atrás do corpo, o que me permitia ao menos apertar os dedos com força para suportar a situação e me distrair dos gritos. Eles ecoavam pela sala de teto abobadado. Eu sentia cheiro de sangue, amargo e forte; parecia que meu rosto tinha sido enfiado em uma poça dele. Sempre tive o azar de ter um olfato poderoso, o que muitas vezes encarei como uma maldição. Ainda mais em momentos como aquele.*

*Olaf me guiou até outra sala adjacente à principal, onde um garoto mais velho que eu, provavelmente da mesma idade de Willa, estava preso a uma cadeira de aparência estranha, que mantinha as pernas dele estendidas à frente, no mesmo nível do resto do corpo. A cabeça loura estava presa a um apoio com uma tira grossa de couro, assim como o tórax, os tornozelos e os pulsos, estendidos sobre os braços da cadeira.*

*O garoto se debatia na cadeira, embora mal conseguisse se mexer. Sangue escorria de seu queixo, escarlate e grudento. Os cabelos estavam empapados de suor. Os olhos estavam arregalados e assustados.*

*Eu queria vomitar. Queria sair correndo daquela sala o mais rápido que conseguisse, me esconder no quarto de Willa e torcer para nunca ser encontrado, a não ser por ela, para que ela me apertasse contra os seios e me consolasse.*

*Mas não havia nada que eu pudesse fazer.*

*Um homem de cabelo grisalho e cacheado, usando um jaleco branco e segurando um alicate ensanguentado, estava debruçado sobre o garoto. Nem usava luvas. Tive uma sensação macabra ao ver aquele homem, até pior da que eu tinha com Olaf. Aquele homem gostava de sangue. Do cheiro. Da cor escarlate hipnótica. Da consistência. Do gosto. Mas, acima de tudo, eu sentia que ele adorava derramá-lo de todas as formas possíveis. Aquele homem me dava mais medo do que Olaf jamais conseguiu.*

*— Este é o chacalzinho? — perguntou o homem.*

*— Sim, este é Fredrik. — Que bom, que bom — disse ele, e me encarou com um sorriso de congelar a espinha.*

*Eu não queria olhá-lo, não deveria, mas não pude evitar. Por sorte, ele não me repreendeu pelo erro. Não, aquele homem estava além das surras e castigos. Sua mente dançava no Reino da Morte e não tinha tempo de se preocupar com tais insignificâncias.*

*Ele se voltou para o adolescente assustado preso à cadeira e enfiou o alicate em sua boca. O garoto grunhia e tentava gritar, ao mesmo tempo que tentava morder o alicate. Mas o homem segurou seu maxilar inferior com a outra mão e o forçou a abrir a boca.*

*Minhas mãos tremiam atrás do corpo. A bÍlis se agitava com violência em meu estômago. Comecei a desviar o olhar, até que lembrei que, se Olaf notasse, me castigaria.*

*O alicate ia para a frente e para trás, para um lado e para outro, e o aterradorizante som de osso sendo esmigalhado quase me fez desmaiar. Meus joelhos ficaram bambos de novo, mas desta vez não consegui controlá-los, e senti a mão de Olaf em meu cotovelo, me segurando antes que eu desabasse.*

*Recuperei a postura depressa e me endireitei, a respiração curta e ofegante, as mãos tremendo, agora ao lado do corpo.*

*O homem arrancou o dente da boca ensanguentada do garoto e o jogou no chão.*

*Então começou a puxar outro. No quinto dente, eu já não conseguia mais ficar de pé. Não consigo olhar para Cassia. Meu peito pesa com a lembrança, um peso tão opressivo e inclemente que ainda me surpreendo, a cada dia, que não tenha me matado. Ainda tenho pesadelos. Ainda acordo suado e febril, tão atormentado pelos rostos — dos vilões e de suas vítimas — que acredito estar vivendo tudo aquilo de novo. E isso torna minha necessidade ainda maior. Torna meu vício muito mais perigoso. Obsessivo.*

*Eu nunca vou parar. Nunca posso parar.*

*O passado me transformou em um monstro. Um monstro de coração obscuro e alma morta.*

## CAPÍTULO NOVE

*Cassia*

Não consigo falar. Não por não saber o que dizer, mas por não saber por onde começar.

Meu coração está se partindo em um milhão de pedaços.

Fredrik afasta minhas mãos com delicadeza quando tento segurar seu rosto.

— Nada de piedade — declara ele. — Estamos entendidos?

— Como você pode dizer uma coisa dessas? — Eu o encaro; seus olhos estão cheios de nada, e os meus, cheios de sofrimento. — Fredrik...

— Não — retruca ele, determinado, e se levanta, me deixando no chão. — Você precisa entender, Cassia, que não me faz mal falar sobre isso. Eu não choro até dormir pensando em minha infância. Isso me provoca *outra* coisa. Me coloca em um lugar muito mais sombrio. — Seus lindos olhos azuis examinam os meus, revelando uma escuridão arrepiante. — Eu não mereço nem *quero piedade*.

Eu me levanto, agitando a corrente do tornozelo quando me aproximo dele.

— Aquele homem chegou a colocar você naquela cadeira? — pergunto baixinho, atrás dele, que agora está de costas para mim. — Ele arrancou seus dentes?

Os ombros de Fredrik sobem e descem com um suspiro profundo e silencioso.

Ele se vira para me encarar. Sua altura e seus lindos traços fazem, como sempre, meu coração palpitar e meu abdômen retesar quando ele me olha desse jeito, como se tivesse fome de alguma coisa. É a escuridão dentro dele, a parte que toma conta e o compele a me controlar, a acabar comigo de

formas que, embora eu não lembre, sei que nenhum outro homem jamais conseguiu.

— Não — responde ele. — Nunca chegou a esse ponto comigo. Mas muitos dos outros meninos não tiveram tanta sorte. — Ele desvia o olhar, os braços nus e definidos, de músculos rijos, cruzados sobre o peito sem pelos. — *Outras* coisas foram feitas comigo. Eu teria preferido que arrancassem meus dentes.

— Que tipo de coisas? — Sinto um aperto desconfortável no peito só de pensar. Chego um pouco mais perto, tomando cuidado para não invadir o espaço dele rápido demais, pois não tenho certeza de seu estado de espírito.

— Por que você quer saber, Cassia? — Ele se vira de vez para poder me olhar. Parece desconfiado. — Aonde está querendo chegar?

Balançando a cabeça várias vezes, eu digo: — É *isso* que você acha? Que estou tentando *manipular* você? — *Embora eu* entenda por que ele teria suspeitas, ainda me incomoda saber que Fredrik acredita nisso, mesmo que remotamente.

Chego bem perto dele, eliminando o espaço entre nós, olhando-o com ressentimento.

— Você *realmente* acredita nisso, Fredrik? Que eu usaria alguma coisa horrível do seu passado contra você, em benefício próprio?

— Se eu estivesse na sua situação — responde ele, inclinando a cabeça —, seria o que *eu* faria.

Magoada por sua confissão, desvio os olhos dos dele.

— Você se lembrou de alguma coisa? — pergunta Fredrik, voltando cedo demais para o assunto inevitável.

E não tenho mais energia para lutar contra isso.

— Não. — Balanço a cabeça. — Não me lembrei de nada.

A corrente se arrasta ruidosamente pelo chão quando me afasto dele e volto para meu canto.

— Cassia — chama Fredrik, baixinho —, por favor, não se sente no chão. Estou pedindo.

Eu me sento assim mesmo. Encolhida no canto, as costas contra a parede, encolho os joelhos cobertos pela longa camisola e os abraço. Fico olhando para o nada, consumida pela derrota.

— Por que eu não sou o bastante? — pergunto, desanimada.

Sinto os olhos de Fredrik em mim sem precisar olhá-lo.

Ele não diz nada.

— Por que você ama tanto aquela mulher? Posso não saber nada a respeito dela, porque você se recusa a me contar, mas sinto, no fundo do meu coração, que ela deve ser má. Ela fez alguma coisa terrível com você, alguma coisa imperdoável, e mesmo assim você a ama. Dá para ver.

— Você não entende a situação, Cassia.

Ele se aproxima e fica de pé perto de mim. Continuo sem encará-lo. Meu olhar fica fixo à frente, e algo branco, provavelmente a penteadeira, entra lentamente em foco.

— E nunca vou entender a situação toda, se você não me contar. — Prendo as lágrimas. Não quero mais que ele me veja chorar. — Mas por que eu não sou o bastante? Me diga por que você ama uma mulher que parece que não quer ser encontrada, enquanto... enquanto *eu* estou aqui, e você me rejeita.

— Eu não amo ninguém — declara ele, e sei que está mentindo. — E você também não.

Irritada com a acusação, finalmente o encaro. Mas não consigo falar. Estou magoada demais. Como alguém pode ser tão traumatizado a ponto de não conseguir enxergar o amor, amor de *verdade*, quando está bem diante de seu nariz?

— Vou perguntar mais uma vez — diz Fredrik. — Tem alguma coisa que você queira me contar?

— Não — minto. — Não me lembro de nada. — Eu o encaro por um momento longo e tenso, as lágrimas finalmente escapando, então meu olhar desce para o chão. Fredrik me deixa ali sentada e segue para os degraus de concreto.

— Você vai matar aquele homem? — pergunto, sem olhar para ele.

Fredrik para por um momento, mas então sobe a escada sem dizer mais nada.

# CAPÍTULO DEZ

*Fredrik*

Hoje é o primeiro dia em muito tempo que deixo Cassia sozinha aos cuidados de Greta e fico aliviado por estar longe dela. Ela é perigosa para mim, não vou deixar que me afete. Posso ser um demônio, mas ainda sou humano, e sinto remorso e compaixão por Cassia, entre outras coisas: uma receita para dor e arrependimento.

Seraphina é minha prioridade. Ela é tudo que deveria importar, porque, no fim das contas...

Não, não posso pensar nisso agora. Não aqui.

— Fredrik — chama Izabel Seyfried, sentada à minha esquerda. Sua voz me trazendo de volta ao presente. — Ainda está vivo aí dentro? — Ela agita a mão diante do meu rosto, sorrindo para mim com seus olhos verdes e brilhantes emoldurados pelo longo cabelo ruivo que bate nos ombros.

Izabel se tornou uma agente valiosa — e uma assassina de primeira — para organização em expansão. Ela é como uma irmã para mim. É teimosa, agitada, sanguinária e vingativa, mas mesmo assim uma irmã. Nem posso falar dela, na verdade. Nós dois somos mais parecidos do que eu gostaria de admitir.

Solto um suspiro profundo e apoio os braços na mesa comprida. À minha frente estão fotos de dois alvos no estado de Washington. As mesmas fotos estão diante de Izabel; de Niklas, do outro lado, sentado bem à frente dela; de Dorian, à minha frente; e, ao lado dele, dentre todas as pessoas no mundo que fedem a marcador permanente e queijo, ninguém menos que James Woodard.

Acontece que Woodard estava dizendo a verdade sobre Marion Callahan, o homem para quem vendia informações falsas, o que quase resultou em sua morte.



Victor está sentado à cabeceira, como sempre, entre Izabel e Niklas. Estou hierarquicamente acima de Izabel e, em geral, me sentaria à esquerda de Victor, mas, como é ela quem dorme com ele e como poderia me esfaquear se eu questionasse isso, não ligo muito para o rebaixamento nos lugares à mesa.

A sala é pouco iluminada, com paredes escuras e encardidas e uma única lâmpada nua parafusada no teto alto. Não há janelas, e o lugar fede a mofo e a infiltração. É apenas uma entre dezenas de bases espalhadas por todos Estados Unidos que usamos para falar de negócios e fazer reuniões como esta.

Abro um sorriso para Izabel, torcendo para que isso a impeça de sondar minha mente mais a fundo.

— Este é um sorriso falso, um dos mais falsos que já vi — comenta ela, me denunciando. — Sério, o que está acontecendo com você?

— É que não dormi muito nos últimos dias.

Evito encará-la. Se alguém nesta mesa pode detectar uma mentira, além de mim, é Izabel. Afinal de contas, ela é mestre em manipulação e engano.

— Se precisar se ausentar desta missão — sugere Victor —, fique à vontade. Nós só entraremos em contato se for preciso interrogar alguém.

— Não — respondo na mesma hora, pois quero ficar o mais longe possível de Cassia. — Eu estou bem. Vou dormir um pouco durante o voo. — Olho mais uma vez para as fotografias de um homem e uma mulher, tiradas na frente de restaurantes e lojas de conveniência, além de uma do homem saindo de uma creche, o que é perturbador sob muitos aspectos. — Além disso, tenho a sensação de que a mulher não vai entregar o cara, se não o pegarmos primeiro.

— Por que você acha isso? — indaga Izabel, por pura curiosidade.

Olho para a mulher loura na foto, diante de um restaurante, com um copo de refrigerante em uma das mãos e uma bolsinha na outra.

— Não sei ao certo — comento, examinando o alvo —, mas é a impressão que ela passa. Vocês provavelmente vão precisar de mim. Não vai ser fácil dobrá-la.

As pernas da cadeira de Woodard fazem um barulho irritante ao arrastar no chão quando ele se ajeita. Todos os olhos se voltam para o homenzinho. Ele abre um sorriso idiota para mim e, com a ponta do dedo roliço, empurra os óculos para o alto do nariz.

— Imagino que esteja interrogando pessoas há tempo suficiente para perceber esse tipo de coisa — comenta ele, com uma admiração que me deixa pouco à vontade. — Eu realmente admiro o seu trabalho. I-isto é, não que eu seja um psicopata sádico que fica de pau duro com esse tipo de coisa, s-só estou falando que você consegue subjugar *qualquer um*. — O sorriso dele fica maior, revelando dentes meio amarelados. — É impressionante.

Dorian, sentado ao lado dele, tenta esconder um sorriso. Niklas, do outro lado, ergue uma sobrancelha e sorri para mim.

— Parece que *alguém* fica de pau duro por sua causa, Gustavsson — caçoa Niklas.

— Cacete! — exclama Dorian, olhando para Woodard. — Precisa dar tanta bandeira?

— E-ei, só estou dando crédito para quem merece — Woodard tenta se defender. — Ouço falar do Especialista há anos. — Ele aponta para mim, como se algo tivesse se materializado em sua mente. — Eu sempre quis perguntar: por que chamam você de Chacal?

Cerro os dentes por trás dos lábios fechados.

Então me viro para Victor. — Por que ele está aqui, exatamente?

— pergunto.

— É melhor você calar essa porra dessa boca — diz Dorian, virando-se para Woodard.

— Sabe, na verdade essa é uma boa pergunta. O que ele está fazendo aqui? — indaga Izabel, dirigindo-se a Victor. — Ainda acho que não é uma boa ideia deixar que ele veja seu rosto. A gente *nem conhece o sujeito*.

— E eu não gosto dele — acrescenta Niklas.

Woodard parece ofendido. Notei que, durante toda a reunião, a mão de Niklas se aproxima com frequência do maço de Marlboro vermelho em cima da mesa. Fico um pouco surpreso por ele já não ter mandado um *Foda-se!* e acendido um, mas Niklas respeita muito seu irmão e líder, Victor Faust. Ao menos até a nicotina finalmente ganhar a batalha.

Victor fica sentado quieto, aparentemente imperturbado pela tagarelice ao redor. Mas, quando os outros percebem que devem deixá-lo falar, a mesa fica em silêncio e os olhares se voltam para ele.

— Woodard está aqui porque eu *quero que ele veja meu rosto* — *anuncia* Victor. Ele une as mãos diante do corpo. — Marion Callahan não sabe que estamos de olho nele. Usarei Woodard para passar informações

que quero que Callahan tenha. Mas não é nada com que qualquer um de vocês precise se preocupar. Seattle é a nossa prioridade. Vou cuidar dessa situação com Callahan durante a ausência de vocês.

Izabel vira a cabeça de repente. — Não gosto disso, Victor — comenta, em tom de exigência. — Mandar todos nós embora enquanto você...

— Eu já faço isso há mais tempo do que qualquer um nesta sala — interrompe Victor, mantendo a postura impecável. — Sem querer desrespeitar você, Izabel, mas sei me cuidar sozinho.

Izabel torce o nariz. Finjo não notar. Obviamente, Victor não está contente por ela expor suas “preocupações de namorada”. Victor só pensa em trabalho quando está trabalhando. Izabel, embora saiba disso, ainda não entendeu muito bem. Talvez nunca entenda.

Relacionamentos são ridículos pra caralho.

— Ei, eu sou de confiança — exclama Woodard, ofendido. — Não tire conclusões tão...

Um barulho de algo raspando corta o ar, e Woodard quase cai da cadeira quando Izabel se debruça sobre a mesa, a calça preta justa, e enfia a ponta de um punhal na madeira diante dele. Os olhos escuros e esbugalhados do homenzinho ficam ainda maiores, e seu queixo duplo se encolhe.

— Ninguém te perguntou nada — ruge Izabel.

Ela tira o punhal da mesa e volta devagar para seu lugar.

Woodard, duro como uma estátua, só dirige os olhos para Victor.

O líder dá de ombros. — Não olhe *para mim* — diz ele, despreocupado. — Se ela quiser matar você, não vou impedir. Então talvez devesse segurar a língua.

Woodard desliza pelo encosto da cadeira e tira os braços curtos da mesa, pondo as mãos no colo.

Dorian e Niklas não conseguem parar de sorrir. Eu só balanço a cabeça.

— Como eu ia dizendo — continua Victor —, vou cuidar de Callahan sozinho. Se ele é líder de uma ordem, *eu* é que devo eliminá-lo. Será a chance de Woodard me provar que é valioso para nós. E, se ele não conseguir, eu mesmo vou matá-lo.

Woodard engole em seco, nervoso. Aproveito a oportunidade para aprofundar a discussão sobre *nossa* missão, deslizando para o meio da mesa a fotografia do homem saindo da creche.

Bato nela com o dedo. — Dizem que o cara molestou uma menina de cinco anos. O que ele está fazendo perto de uma creche, ainda mais saindo

de uma?

— Ele não foi condenado — explica Victor. Suas mãos deixam a mesa quando ele se recosta na cadeira confortavelmente. — Não conseguiram provar sua culpa.

— Me deixe adivinhar — pede Dorian, curvando-se para a frente e juntando as mãos sobre a mesa —, os pais da menina de cinco anos são os nossos clientes. É isso aí, caralho! Gostei do estilo deles. Eu faria qualquer coisa se um filho da puta enebado tocasse em uma filha minha. — Ele faz uma pausa e acrescenta: — Bem, na verdade eu mesmo mataria o merdinha.

Niklas tira um cigarro do maço e o enfia entre os lábios, mas não o acende. Ele relaxa na cadeira, cruzando os dedos atrás da cabeça.

— E a mulher? — pergunta. — É a namorada dele — explica Victor, então olha para mim. — E o motivo de ele estar saindo de uma creche é porque tinha acabado de deixar a filha de um ano e meio lá.

Uma série de suspiros profundos e discretos percorre a mesa.

— Não gostei disso — comenta Izabel.

Ela se recosta na cadeira e cruza as pernas, depois os braços.

— O pai e a mãe são alvos? — pergunto.

— Não — explica Victor. — Só o homem. O nome dele é Paul Fortright. O da namorada é Kelly Bennings.

— Está bem, mas por que precisa de nós quatro para cuidar disso? — indaga Dorian. — Tenho certeza de que qualquer um de nós daria conta de *um* cara.

— Tenho certeza disso — responde Victor —, mas também não somos a única organização que o cliente contratou para o serviço. Aquela que conseguir primeiro recebe o pagamento.

O rosto de Niklas se abre em um sorriso.

— Uma competição. O tipo de trabalho que eu gosto.

— Hã... — Dorian esfrega o queixo com a ponta do indicador, pensativo. — Então, com tanta coisa em jogo, isso significa que a gente vai ter que matar quem ficar no caminho? Incluindo agentes rivais?

— *Principalmente* agentes rivais — confirma Victor. — O pagamento é de vinte mil. Não é muito, mas não foi pelo dinheiro que aceitei o trabalho.

— Você aceitou por causa da organização rival — conclui Izabel. — É a oportunidade perfeita para tirar os caras das sombras.

— Exatamente.

— O que aconteceu com a ideia de *recrutar* membros das outras organizações? — pergunta Dorian. — A gente não precisa de mais números?

— Nós *já temos* números o bastante — retruco, e Victor assente, confirmando que estou no caminho certo. — E, se recrutar for a única habilidade que demonstrarmos, outras organizações rivais vão começar a nos respeitar menos. Aí só os líderes e seus braços direitos vão nos temer.

— Sim — concorda Victor. — É hora de começarmos a eliminar grupos inteiros e mandar um recado. Ano passado, depois de assumir o controle das ordens do mercado negro que temos, encontramos muita gente desleal. Gente que entrega seus líderes e toda a organização por uns poucos milhares de dólares. Quero que os futuros recrutas *desejem* trabalhar com a gente, não pelo que vão faturar, e não só por lealdade, mas porque sabem que somos os mais perigosos e os mais intolerantes.

Todas as cabeças ao redor da mesa, inclusive a de Woodard, assentem em concordância.

Victor se levanta e endireita o paletó. — Há uma preferência no método de execução — anuncia —, embora o nosso seja diferente dos métodos dos rivais. É como os clientes vão saber quem chegou primeiro. — Ele coloca a cadeira no lugar e fica atrás dela. — Um único tiro na nuca — acrescenta. — Bem, então eu estou fora — comenta Izabel, decepcionada.

— Adoraria matar um molestatador de crianças.

— Sinto muito, Izzy — provoca Niklas, sabendo que ela detesta o apelido —, mas você não é a melhor atiradora da Távola Redonda.

— Cala a porra da boca, Niklas — revida ela. — Sempre posso praticar em você.

Niklas dá um sorrisinho e enfia o cigarro apagado entre os lábios mais uma vez.

Victor fecha os olhos por um momento, parecendo ter sido acometido por uma leve dor de cabeça.

Então olha para mim.

— A oferta está de pé. Você pode ser avisado, caso seja necessário. Talvez eles não tenham problemas em encontrar Paul Fortright sem a namorada. Ela é só um plano B, que provavelmente não será utilizado.

Eu balanço a cabeça.

— Eu vou, só por segurança — respondo, e também fico de pé. — Além disso, vou me sentir melhor se já estiver lá caso precisem de mim.

Ainda mais considerando que temos concorrentes.

Victor assente, aceitando minha decisão e provavelmente concordando. Acho um tanto estranho ele deixar que eu decida sobre isso quando há tanta coisa em jogo. Isso não condiz com Victor Faust. Embora ele não seja um líder egoísta e tirânico e sempre leve nosso bem-estar em consideração, não é de seu feitio me permitir tanta liberdade em uma missão como esta.

— Todas as informações de que vocês precisam — explica Victor, olhando para um de cada vez — estão no envelope. Mantenham-me informado de todos os acontecimentos. Vejo vocês em, no máximo, três dias.

Todos os outros se levantam, menos Woodard, que não sabe ao certo o que fazer. Seus olhos passam por nós, tentando entender o que cada um espera dele, e finalmente o homenzinho nos imita.

— James Woodard — chama Victor, virando a cabeça de leve —, venha comigo.

Woodard engole em seco, nervoso, e tropeça na cadeira ao se afastar da mesa. Esse cara vai ter que criar colhões logo, se quiser sobreviver entre nós, mesmo que só esteja destinado a ficar sentado atrás de um monitor e ser nossos olhos e ouvidos na rede de informações.

Quando dá meio-dia, estou em um avião rumo a Seattle, e, embora geralmente não consiga pensar em nada além da expectativa de um possível interrogatório, Cassia é a única coisa em minha mente.

## CAPÍTULO ONZE

*Cassia*

Greta vem buscar os pratos vazios do jantar e os coloca no primeiro degrau da escada de concreto. Ela é uma cozinheira maravilhosa. Uma pessoa maravilhosa, que só me tratou com bondade desde que Fredrik nos apresentou. Acho que ela se preocupa comigo até mais do que eu mesma.

— Quer sobremesa? — pergunta ela. — Tem uma tigela de salada de frutas lá em cima, na geladeira. Fiz como você gosta, com mel e coco.

Eu me viro de lado na cama, com as mãos entre os joelhos, o travesseiro macio de espuma esmagado contra a bochecha. A corrente do meu tornozelo desce pelo lado da cama.

Eu sorrio para Greta.

— Não, obrigada.

Ela se aproxima de mim com aquele olhar maternal que sempre tem quando está tentando fazer com que eu me abra com ela. A cama se move de leve quando ela se senta ao meu lado. Greta puxa do pé da cama minha colcha preferida, de tapeçaria azul e branca, e a joga sobre minhas pernas nuas. Então me dá uns tapinhas no quadril.

— Eu não contei para o Fredrik — digo, quase em um sussurro.

— Não contou o quê? — Sua voz é suave e gentil.

Mantendo o olhar à frente, deixo que a lembrança passe diante de meus olhos, antes de finalmente contar para Greta.

— Que eu lembro que adorava Connie Francis — digo, e de repente meu rosto se abre em um sorriso terno, que cresce à medida que imagino os pedaços da minha antiga vida. Eu rio sem emitir som. — E minha amiga que morava do outro lado do corredor... acho que o nome dela era Lanie... ela achava engraçado eu ficar ouvindo essas músicas antigas. — Posiciono a cabeça para conseguir ver Greta, ao meu lado. Um sorriso radiante

formou rugas profundas ao redor de sua boca e fez pés-de-galinha despontarem nos cantos dos olhos.

Ela dá mais um tapinha em meu quadril.

— Eu adoro Connie Francis — comenta, sorrindo de orelha a orelha. — É uma das minhas favoritas. Lembra o que fez você começar a ouvi-la?

Olho para a frente, sem focar em nada, mais uma vez.

— Não, não me lembro de tanta coisa assim. Mas não consigo deixar de pensar que é mais do que isso. Talvez eu não ouvisse apenas a música, mas... — fico envergonhada com a ideia — talvez eu cantasse em algum lugar. Não sei. É ridículo, tenho certeza.

— Ei, talvez não — retruca Greta. — Não vejo nenhum motivo para isso não ser verdade. Com certeza você sabe cantar.

— Por que acha isso? — pergunto, dando um sorriso incrédulo.

Greta dá de ombros.

— Ah, não sei. Só intuição, acho. Você podia cantar uma das músicas dela para mim, algum dia.

— Ah, não, eu não conseguiria — respondo, e sinto as bochechas ficando vermelhas.

Ouço o aquecimento central entrando em funcionamento durante o silêncio repentino entre nós, o ar quente saindo das duas aberturas no teto.

— Por que você não conta para ele? — pergunta ela, em voz baixa.

O sorriso desaparece de meu rosto, e olho para a frente, pensando apenas em Fredrik.

— Porque eu queria que ele me contasse mais sobre a vida dele. E ele contou. Mas não foi o suficiente. — Faço uma pausa e suspiro profundamente. — Queria que ele me contasse sobre Seraphina. *Qualquer coisa* sobre ela. Acho que ele me deve isso.

— Você pediu de novo? Balançando a cabeça, respondo: — Não. Aliás, até falei para ele que não *quero* mais saber dela. Acho que eu esperava que ele mudasse de ideia se eu... Foi idiotice minha. Só não entendo a... a *obsessão por aquela mulher. E nem* gosto disso.

— Cassia? — A voz de Greta é delicada e maternal. — Não é minha intenção questionar seu coração, mas por que você gosta tanto dele? Um homem que arrancou você da sua vida, que a mantém acorrentada em um porão. Acho difícil entender a sua cabeça. — Ela põe a mão em meu quadril de novo, mas desta vez não a tira. — Eu sei como funciona a síndrome de



Estocolmo. E, por muito tempo, achei que você fosse um caso clássico, mas...

Sinto o olhar dela em mim e a encaro de volta. Greta se cala, então me sento e olho bem para ela, com uma sensação de impaciência no fundo do estômago.

Mais um momento de silêncio. — Mas Fredrik me contratou apenas uma semana depois de ter trazido você para cá — continua ela, enfim —, e você já não tinha medo dele, Cassia. Mesmo nos casos de síndrome de Estocolmo, em geral ainda há muito medo logo depois de um sequestro. Você não demonstrava medo nenhum. Pelo menos, não de Fredrik.

— Como assim? — Olho para ela, curiosa e determinada. — Eu tinha medo *de você* ?

Ela assente.

— No início, sim. Cassia, você estava muito traumatizada quando nos conhecemos. Falava durante o sono. Mencionava o nome de Seraphina. — Ela desvia o olhar, e tenho a sensação de que está decidindo se deve ou não prosseguir, como se já tivesse falado demais.

— O que é, Greta? O que você está escondendo?

Os ombros magros sobem e descem sob a blusa de abotoar fina e cor-de-rosa. As mãos envelhecidas se agitam no colo, inquietas.

— Não conte para o Fredrik que eu disse essas coisas. Porque eu nunca contei nada disso para ele.

Faço que sim, os olhos arregalados de expectativa, o coração pulsando nas pontas dos dedos enquanto aguardo ansiosamente as palavras dela.

— Acho que você era muito íntima de Seraphina — explica ela, e aquilo retorce meu estômago. — Não sei quão íntima, mas você a conhece, e muito bem. E morre de medo dela. Acho que é por isso que não tem medo de Fredrik, nem de ficar aprisionada aqui. — Enquanto suas palavras, que no meu âmago sinto serem verdadeiras, se encaixam em minha mente, como as peças faltantes de um quebra-cabeças, ela pergunta: — Cassia, você não quer sair daqui, não é mesmo?

Sem pensar, balanço a cabeça, minha mente ainda tentando aceitar tudo que ela está dizendo.

— Não — admito. — Tenho *medo* de sair. Me sinto segura aqui. Não sei por quê, mas me sinto.

Greta assente e afaga as costas do meu pé descalço em cima da cama.

— Mas por que ele não ia querer que eu soubesse dessas coisas?

— Não tenho certeza — responde ela, com a voz distante —, mas acho que, de certa forma... ele na verdade não quer que você lembre. Fredrik tem alguma coisa que precisa acertar com Seraphina. Sei disso. Já vi aquele olhar em um homem. Nada vai impedir que ele encontre aquela mulher e resolva seja lá o que precise ser resolvido. Mas... Fredrik também tem outro olhar que já vi antes.

Ela para.

— Que olhar, Greta? — Eu me aproximo dela, ansiosa para que a mulher me conte. Toco a mão dela. — Me conte. Que olhar?

Seus olhos azuis e enrugados parecem em conflito, como se ela mesma não tivesse muita certeza.

— O olhar de um homem que sabe que vai ter que abrir mão de alguma coisa da qual não quer renunciar, em troca de outra.

— Não entendi.

E não entendo mesmo. Por um momento fugaz, acho que talvez ela queira dizer que Fredrik está se apaixonando por mim e que ele sabe que me perderá quando encontrar Seraphina, porque ela é o amor da vida dele. Mas logo percebo que estou enganada, pois algo sombrio e triste surge nos olhos dela e se aloja lá, me fazendo acreditar que a verdade é muito mais terrível.

— Não tenho certeza, mas acho que talvez seja por isso que ele não quer que você lembre — continua ela. — Como se no início você fosse só um meio para um fim e agora as coisas estivessem diferentes. Muito diferentes.

Ela dá um sorriso forçado e se levanta.

— Sinceramente, Cassia, não sei. Só sei que não gosto de ver você presa aqui embaixo. Mas nunca vi Fredrik te machucar. Para mim, é bem evidente que ele a está protegendo. Ele sabe do que Seraphina é capaz e, se não a mantiver aqui, você pode acabar morrendo. Mas, ao mesmo tempo, ele precisa de você para encontrá-la. Está protegendo você, mas também a usando.

Minhas mãos estavam tremendo um pouco, e só agora percebo. Cruzo as pernas em cima da cama, evitando machucar meu tornozelo preso à corrente, e junto as mãos no colo para me equilibrar.

— Ela tentou me matar na noite em que Fredrik me encontrou no abrigo — digo, com a voz distante. — Meu coração diz que foi ela quem pôs fogo no prédio. Mas escapei descendo pela escada de incêndio. Eu me lembro

vagamente de cair de uma pequena altura e bater a cabeça. Me lembro de vê-la. Ela até falou comigo. Mas não pôde me matar ali, porque eu estava na rua. — Passo as mãos pelo topo da cabeça, me sentindo mentalmente exausta com isso tudo.

Paro.

— Odeio pensar nessas coisas. Greta muda a atmosfera do quarto com seu sorriso largo de sempre e um brilho de entusiasmo no olhar.

— Tenho uma ideia — diz, erguendo um dedo ossudo. Ela me deixa sentada na cama e atravessa o quarto até a escada. — Já volto — anuncia, antes de subir.

Alguns minutos depois, o aparelho de TV gigante na parede em frente ganha vida. Sinto o sorriso sumir do rosto em um instante, e um punho imaginário se fecha ao redor de meu estômago. Prendo a respiração, minhas mãos começam a tremer, e tudo que quero é me encolher em meu canto favorito. Isso acontece sempre que aquela TV é ligada, por causa das coisas que Fredrik às vezes me obriga a assistir. Mas, relutante, meu corpo começa a se acalmar, e, em vez de procurar o canto, eu me levanto e me aproximo da TV, a corrente do tornozelo se agitando ruidosamente atrás de mim.

A tela congela no que parece ser uma página da internet. Alguns segundos depois, a luz do corredor do andar de cima ilumina os degraus quando Greta abre a porta e desce. Ela está trazendo algum tipo de aparelho eletrônico plano na palma da mão, com uma tela brilhante que ilumina as cores e as rugas de seu rosto em meio à escuridão da escada, agora que a porta está fechada.

— Fredrik usa este negócio às vezes — explica, olhando para a tela, um pouco insegura quanto à própria capacidade de usá-la adequadamente. — Ele me disse para não mexer nisso nunca, então fica só entre nós, certo?

Levo a mão à boca, unindo o polegar e o indicador, fazendo um movimento de fechar um zíper sobre os lábios.

— Nem uma palavra — digo, com um sorriso.

Greta mexe o dedo sobre o aparelho, e a tela da TV muda. Ela digita “Connie Francis” na barra de busca do YouTube, e uma série de vídeos aparece. Na mesma hora, entendo a intenção de Greta e, em vez de ficar nervosa, sinto o peito formigar com uma empolgação que se espalha por todos os membros, como uma onda de calor.

Eu quase grito de prazer quando ela clica em “Fallin’”, e não faço ideia do porquê.

O sorriso de Greta se alarga quando ela olha para mim.

— Não aceito não como resposta — declara, e sei exatamente o que ela quer que eu faça. — Vamos nos divertir um pouco, para variar — acrescenta, deixando o aparelho no primeiro degrau da escada, logo depois de apertar “play”.

E, como se eu tivesse cantado essa música inúmeras vezes, assim que começa a tocar nos alto-falantes do teto, meu corpo e minha mente mergulham nela sem hesitação.

*Fredrik* A música alta começa a ecoar do bolso de minha calça, e todos os olhos, inclusive os de Kelly Bennings, que capturamos há menos de uma hora, se viram para mim.

Dorian me olha com curiosidade, a sobrancelha erguida.

— Sério? — zomba ele. — *Esse* é o toque do seu celular? — Todos dão risadas.

Um nó se aloja em minha garganta. Não é o toque do celular, mas não posso contar isso a nenhum dos presentes. E só consigo pensar em que merda está acontecendo em minha casa em Baltimore, e como foi que comecei um interrogatório sem botar o celular no modo silencioso.

Izabel, tentando se manter séria mas fracassando completamente, se aproxima de mim e olha de relance para meu bolso.

Ela abre um sorriso e aperta os lábios.

— Sabia que você era um homem de classe, Fredrik, mas não que tinha *tanta* classe assim.

Fico feliz por Niklas não estar no galpão para se juntar ao falatório.

Dorian cai na gargalhada, enquanto a música, além da voz marcante de Cassia acompanhando-a, sai do meu bolso como a luz de um farol, alertando todos sobre o meu segredo macabro e sobre onde exatamente encontrá-lo.

— É melhor você atender, cara! — exclama Dorian. — Pode ser seu namorado.

Quero *mesmo* torturar esse cara. Só para me divertir.

— Caralho, o que está acontecendo? — indaga Kelly, na cadeira de madeira à qual a amarramos pelos pulsos e tornozelos, momentos atrás. — Quem *são* vocês, porra?! — berra ela. — *Respondam* !

Todos a ignoram, como temos feito desde que a sequestramos, no estacionamento de uma mercearia, enfiando-a no porta-malas do carro alugado.

Sinto a mão de Izabel em meu braço e a encaro. Ela não está mais sorrindo, talvez porque, mesmo depois das piadinhas, não dei qualquer indicação de que achava isso digno de risadas. Ela inclina a cabeça de leve e me olha com ar preocupado.

— Por que você não faz uma pausa? — sugere, indicando a porta de saída. — Atenda essa chamada e resolva o que precisa resolver. Isto pode esperar mais um pouco.

Na verdade, não pode, mas vai ter que esperar.

— Isso! — grita Kelly. — Demore o tempo que quiser, meu bem! Pode levar a noite toda!

Ela claramente quer adiar o que vai acontecer pelo maior tempo possível.

Dorian sai de trás da cadeira e se aproxima de mim e Izabel.

— Você está bem? — pergunta, finalmente percebendo que não estou no clima para suas gracinhas.

Eu não respondo, sobretudo porque as palavras dele e de Izabel parecem abafadas no fundo da minha mente, e a única coisa que consigo ouvir com clareza é a voz de Cassia.

Izabel me encara de novo, e, em um movimento hesitante, sua mão deixa meu braço.

— Volto daqui a alguns minutos — digo, enfiando a mão trêmula no bolso e pegando o celular.

Izabel assente. Eu me viro e atravesso o galpão gelado até uma porta lateral, fechando-a bem depois de sair.

Não consigo tirar o telefone do bolso rápido o suficiente e me atrapalho, quase o deixando cair. Está gelado ali fora, e as mangas da minha camisa social ainda estão arregaçadas até os cotovelos, pois estava me preparando para interrogar Kelly sobre o paradeiro de seu namorado, Paul Fortright.

Olhando para a tela, começo a ver as imagens ao vivo da câmera que Greta deve ter acionado acidentalmente em meu iPad.

De repente, não sinto mais frio, nem noto que estou ao relento com a temperatura abaixo de zero. Esqueço que estou a mais de mil quilômetros de casa e que tenho um interrogatório importante e urgente para fazer do outro lado daquelas altas paredes de metal. Não me importo com mais nada além do que estou vendo.

*Ela deve ter lembrado... deve ter lembrado alguma coisa.*

Com o coração na garganta, olho para pequena tela na palma da mão, me concentrando tanto que nem me lembro de piscar. Acho que parei de respirar.

Cassia dança no meio do quarto, cantando palavra por palavra, no tom certo. Se eu não a conhecesse, acharia que *é Connie Francis*.

Engulo em seco e fico olhando a tela até meus olhos doerem.

## CAPÍTULO DOZE

*Cassia*

Eu danço ao redor de Greta, mexendo os quadris ao ritmo da música, batendo palmas enquanto canto a letra como se eu mesma a tivesse escrito. Tudo é tão natural, tão... *familiar*. Mas estou me divertindo demais para me preocupar com isso.

Greta também não dança tão mal no ritmo dos anos 1950 e me acompanha com facilidade. Começamos a bater palmas com a música nos momentos certos, e é como se estivéssemos em um pequeno palco... *em um bar chique e escondido em uma cidade grande, um lugar que só serve os vinhos mais finos... estou usando um vestido preto colado que envolve meu corpo até os tornozelos... sapatos pretos de saltos bem altos... perfume... charutos... o som de gelo tilintando no fundo de copos de uísque, espelhos altos cobrindo as paredes à esquerda e à direita, velas ardendo em candelabros esféricos cor de âmbar no centro de cada mesa da plateia, o piano preto e reluzente no palco à esquerda... a mulher de cabelo preto, brilhante e curtinho no palco ao meu lado, à minha direita...*

A lembrança some de minha mente quando a voz de Greta ecoa por cima da música.

— Sua voz é linda, Cassia! — exclama ela quando a canção segue para os acordes finais.

Estou extasiada. Absolutamente extasiada. A tal ponto que não consigo parar de sorrir, e meu rosto parece ter enrijecido na mesma posição, com um sorriso enorme.

Quando a música termina aponto para o aparelho no degrau, ainda inebriada pelo momento, e digo: — Duffy. “Mercy”. Procura essa! Greta faz exatamente isso, e, depois que canto mais essa como se já tivesse cantado mil vezes, encontra todas as outras canções que peço que procure,

até que finalmente voltamos para “Fallin”, de Connie Francis, porque é minha favorita. Canto e danço até ficar com a garganta seca e sem fôlego, incapaz de emitir qualquer outra nota.

Desabo na enorme cama com os braços esticados para os lados, como se estivesse voando, e olho para o teto ainda com um sorriso no rosto, tentando recuperar o fôlego. Meu coração bate tão forte que o sinto latejando em cada veia, até nas pontas dos dedos das mãos e dos pés.

Quase nada no mundo poderia tirar esse momento de mim.

Mas essa lembrança... não consigo tirá-la da cabeça. E, quanto mais penso nela, mais começo a entender, e mais escura se torna a luz em meus olhos. Sem pensar, esfrego os cantos dos olhos quando as lágrimas começam a arder na superfície.

— Cassia — chama Greta, baixinho, ao meu lado. — Algum problema?

Viro a cabeça para o lado e forço um sorriso, enxugando as lágrimas que conseguiram escapar.

— Não, Greta, estou bem. Está tudo bem.

Fungo e sorrio para ela com um pouco mais de convicção.

Eu me pergunto se ela acredita nisso ou se consegue ver a dor que toma conta de mim.

*Fredrik* — Tá de sacanagem — comenta Niklas, se aproximando. — Interrompeu um interrogatório para usar o celular? — Ele balança a cabeça; a fumaça do cigarro, misturada com o ar frio, sai em grandes baforadas de seus lábios. A brasa quente do cigarro arde entre seus dedos. — Só podia ser ligação do Victor, né?

Passando o dedo na tela, desligo a transmissão ao vivo e ponho o telefone no modo silencioso antes de enfiá-lo outra vez no bolso da calça.

Balanço a cabeça.

— Não, não era Victor. Foi algo inesperado.

Que desculpa mais esfarrapada. Sei que Niklas tem razão. E concordo com ele.

O homem fica me olhando por um momento constrangedor, depois olha para trás.

— Não é melhor voltar para a vadia desbocada lá na cadeira?

— É — concordo, assentindo e seguindo-o.

— Dorian — chama Niklas, quando nos aproximamos —, é sua vez! Está um frio da porra lá fora. — A voz dele ecoa pelo galpão vazio.



Mais cedo, Niklas, Dorian e Izabel concordaram em revezar montando guarda do lado de fora do prédio, dependendo da duração do interrogatório.

Dorian dá de ombros, fechando até o pescoço o zíper da jaqueta preta. Ele passa por mim e diz: — Espero que você tenha acertado tudo. — E completa a frase com um tapinha no ombro, mas sua preocupação é temperada pelo típico tom zombador. Então olha para Niklas. — Prefiro mesmo ficar montando guarda lá fora. — Ele se volta para Kelly, amarrada na cadeira, uma expressão de ódio e desafio distorcendo os traços já pouco atraentes. — Estou meio cansado dessa vadia me comendo com os olhos. Porra, acho que preciso de um banho. — Ele estremece. As sombras do prédio o engolem quando ele passa por uma parte de pé-direito mais baixo e segue para fora.

Sem perder mais tempo, vou até Kelly Bennings, disposto a acabar com isso o mais rápido possível. Antes, queria ficar longe de Cassia, mas as coisas mudaram. Uma mudança significativa.

Só espero conseguir desempenhar minhas funções durante o interrogatório, porque já me sinto fora do eixo e muito desconcentrado.

— Não sei que caralho vocês estão fazendo — protesta Kelly, quando me aproximo —, mas não era para isso acontecer! — Ela contrai os braços e pernas nas cordas que a amarram à cadeira e sacode o corpo com violência. As pernas da cadeira saltam no chão de cimento. Seu cabelo desgrenhado, cor de água suja, cai ao redor do maxilar proeminente e cobre os ombros.

Puxo outra cadeira e a coloco na frente dela.

— Você está aqui para me dar informações — explico, muito calmo, enquanto me sento e cruzo as pernas. — Se cooperar, desde que diga a verdade, ninguém vai machucar você.

Por um breve momento, a mulher parece confusa, os olhos esbugalhados passando pelo grupo, mas, quando seu olhar para em mim de novo, entre tantas reações possíveis, ela sorri.

Acho isso muito interessante. Kelly não tem medo de nós.

— E que porra você quer saber? — pergunta ela, com um sorriso cada vez maior esticando os lábios finos e sem batom.

— O atual paradeiro do seu namorado, Paul Fortright.

Seu rosto murcha.

— Por quê? O que vocês querem com — Isso não vem ao caso — respondo. — E não é você quem faz perguntas.

— M-mas e-eu não... não quero que vocês o machuquem — gagueja a mulher, os olhos passando por Niklas, Izabel e eu. — Só preciso saber do que se trata.

Não tenho tempo para isso. Salto da cadeira, puxo o punhal da bainha da coxa de Izabel e, rápido como um raio, finco a lâmina nas costas da mão de Kelly. Seus gritos de congelar o sangue encham o galpão, se espalhando das paredes até o teto, como um espírito agonizante.

— Fredrik! — grita Niklas. — Que porra é essa?!

Sinto os olhos arregalados de Izabel me fitando, mas ela ainda não sabe o que dizer.

Volto a me sentar na cadeira, tão despreocupadamente quanto antes, mas dessa vez me inclino para a frente com as pernas abertas, unindo as mãos entre elas.

— Onde está Paul Fortright? — Inclino a cabeça para o lado.

Lágrimas escorrem pelas bochechas vermelhas de Kelly, mas não são lágrimas de dor, e sim de raiva.

Se ela pudesse me matar, faria isso com um sorriso no rosto.

— Ele está na casa do amigo dele, caralho! — A mulher cospe as palavras com ira. — Vendo MMA na porra do pay-per-view!

Eu me viro para Izabel por um momento: ela está me encarando com choque e confusão estampados nos olhos verdes brilhantes.

Niklas não diz mais nada, embora dê para perceber, pela energia que irradia dele, que vai falar. É só questão de tempo.

— E onde está a sua filha? — pergunto a Kelly.

— Minha *filha* ? — Um brilho de medo real cruza seu rosto. — P-p-por que você quer saber da minha filha?

— Ninguém vai machucar a menina — garanto. — Mas se você responder mais uma pergunta com outra pergunta, vou enfiar o outro punhal de Izabel — olho para a mão intacta de Kelly — na sua *outra mão*.

— Ela está *com ele*! Mas, por favor, não a machuque! Por favor! Não era para isso acontecer! — Ela começa a chorar. — POR QUE ISSO ESTÁ ACONTECENDO ?!

Eu me levanto de novo, e Izabel segura intuitivamente o punhal na bainha da outra coxa, fechando a mão sobre o cabo.

— O que você está fazendo, Gustavsson? — pergunta Niklas. — Ficou louco, caralho?

— É, fala sério, Fredrik — concorda Izabel, ainda segurando o punhal, como se temesse que eu o pegasse.

— Venham comigo — digo, muito calmo, e não lhes dou oportunidade de perguntar o porquê, indo para a saída lateral.

— FILHO DA PUTA DO CARALHO ! — grita Kelly, atrás de mim.

Saímos para o ar frio e nos juntamos a Dorian, que está de pé, recostado na parede de aço do prédio. Ele se afasta da construção e se endireita ao nos ver, instantaneamente alerta.

— O que está acontecendo? — pergunta Dorian.

— É o que *eu* quero saber — retruca Niklas.

Izabel fica bem na minha frente, me encarando com uma necessidade desesperada de respostas.

— Isso não é do seu feitio, Fredrik — comenta. — Você nem deu chance de ela contar alguma coisa.

— O que ele fez? — interrompe Dorian, então me olha de frente, quase tão desesperado por respostas quanto Izabel. — O que você fez, cara? Puta merda, você já matou a vagabunda?

— Não — intervém Niklas, cruzando os braços para se aquecer —, mas estou começando a me perguntar se é boa ideia deixar que ele volte lá, porque é bem capaz de isso acontecer. — Ele me olha com frieza. — Ela não é o alvo.

— Mas ela está por dentro — respondo, e o silêncio nos envolve durante um momento intenso. Todos me olham, esperando respostas, e eu continuo: — Notei alguma coisa estranha assim que a amarramos na cadeira. Ela não tem medo de nós.

— Ela parece mesmo ter uma postura meio desafiadora — comenta Izabel.

— E também não se esforçou muito para parecer preocupada com o namorado quando perguntei do paradeiro dele. Porque estava fingindo.

— E o entregou fácil demais — completa Izabel.

Faço que sim.

— Ele enfiou um punhal na mão dela — retruca Niklas. — Eu diria que é um jeito fácil de fazer alguém falar.

— E funcionou, não foi? — saliento. Niklas pensa por um momento e dá de ombros.

— É, não dá para contestar isso. Mas, porra, Izabel tem razão: você está diferente hoje.

Diferente é pouco. É a *primeira vez* nos meus trinta e cinco anos de vida que estou preocupado demais com outras coisas para conseguir fazer um interrogatório, e não tenho nem vontade começar a tortura. Isso é *muito* incomum.

— Tudo bem — continua Niklas —, o que você tem em mente? A gente precisa fazer alguma coisa além de ficar aqui fora e tentar entender os mistérios da vida. Vamos voltar lá para dentro e descobrir onde mora esse amigo de Paul Fortright, para podermos encontrá-lo antes da outra organização e *concluir* essa missão.

— Você ouviu o que eu disse? — Começo a gesticular. — Ela *está por dentro*. Não parava de repetir “Não era para isso acontecer”, porque sabia que a gente estava armando uma emboscada para o namorado.

— Porra, ele tem razão — diz Izabel, arregalando os olhos e abrindo a boca. Ela se vira para Niklas. — O cliente é o pai da menina de quem Paul Fortright supostamente abusou. Eu vi o arquivo. Ele é pai solteiro. A esposa morreu ano passado em um acidente de carro.

— E daí? — retruca Niklas, ficando mais impaciente. — Nada disso importa.

— Importa se Paul Fortright for inocente e se esse cliente de alguma forma estiver trabalhando com Kelly Bennings para eliminá-lo. Pensem nisso. Fortright nunca foi condenado por molestar crianças, e agora sua cabeça tem um preço. Em qualquer outro momento, eu acharia isso normal, mandar matar o cara culpado que se safou por um erro judicial. Mas, neste caso, tenho certeza de que é mais do que isso.

— Ele tem razão — reforça Izabel, procurando a anuência de Niklas, hierarquicamente acima de todos nós. — Aquela mulher tem jeito de ser muito pior do que qualquer um aqui.

Niklas balança a cabeça e suspira, aborrecido.

— A gente veio aqui para fazer um trabalho. Não para brincar de detetive ou de super-herói.

Ele abre caminho entre Izabel e eu e se encaminha para a porta.

— A gente não é uma ordem do mercado negro, Niklas — grito para ele. — Mas, se matarmos Paul Fortright e ele for inocente, um que o culpado mandou matar só para tirar o cara do caminho, *passaremos a ser*.

— Ele tem razão, Niklas — concorda Izabel, baixinho, atrás dele. — E eu não quero isso na minha consciência.

Niklas para diante da porta alta e prateada antes de abri-la. Seus ombros sobem e descem, e o hálito condensado sai de sua boca quando ele se vira.

Ele enfia a mão no bolso da jaqueta e pega o celular.

— Dorian — ordena Niklas —, volte lá para dentro e fique com Bennings por enquanto. Vigie aquela escrota para ela não dar um jeito de escapar. E não deixe que ela saiba o que a gente discutiu.

— Por mim está ótimo. Dorian, que provavelmente só queria se proteger do frio, volta para o interior do prédio sem discutir.

Niklas conversa com Victor por vários minutos, explicando tudo o que aconteceu. E, quando desliga o telefone, só de ouvir o que ele disse de um lado da conversa já é possível perceber que a missão mudou drasticamente. Desde o início, o dinheiro não era o mais importante. O pagamento que a missão oferecia era uma gota no oceano, comparado com o que Victor costuma aceitar.

Niklas guarda o celular no bolso. — Vamos usar Paul Fortright como isca para outra organização e acabar com eles.

— E Fortright? — pergunta Izabel. — Isso sem falar daquela vaca lá dentro e da filha deles.

— Por enquanto, a gente continua com o jogo — responde Niklas, acendendo outro cigarro. — Vamos conseguir o endereço da casa e deixá-la acreditar que vamos matar Paul e trazer a filha dela de volta. — Ele para e olha para nós dois, determinado. — Mas não vamos interferir na porra do drama deles. Victor quer que a gente elimine os outros agentes, deixando Fortright vivo por enquanto, e só. Cacete, a gente nem confirmou essa história toda. Você dois podem estar viajando.

— Não gosto desse seu tom — retruca Izabel.

— Claro que não gosta, Izzy — responde ele, com um sorrisinho, dando um longo trago no cigarro, fazendo a brasa alaranjada arder diante do rosto. — Mas estou pouco me fodendo.

Izabel cerra os dentes. Se um olhar pudesse matar, a essa altura Niklas estaria deitado em uma poça de sangue.

De repente, meu telefone vibra contra perna, e sinto meu coração parar no meio da garganta. Meu primeiro pensamento é de que é Greta me ligando para falar de Cassia, mas, quando olho para a tela, fico surpreso ao ver que não é isso.

— É Victor — digo, embora mais para mim mesmo.

Atendo depressa; Niklas e Izabel ficam ouvindo, tão curiosos quanto eu.

— Quero dispensar você da missão — anuncia Victor ao telefone. — Volte para Baltimore, e a gente conversa daqui a uma semana.

Confuso e um pouco preocupado quanto aos motivos, levo um momento para pensar no que dizer.

— Eu dou conta disso. Eu sei que fui precipitado ao apunhalar a mão de Bennings, mas consegui o resultado que queria.

— É isso que me preocupa — retruca Victor. — Você está diferente. Já estava diferente na reunião de ontem, e não podemos nos dar ao luxo de cometer erros. Tire essa folga e limpe a mente. Não é uma sugestão.

Dou um suspiro profundo e acabo cedendo. Por mais que queira ficar aqui e terminar o que comecei, o que mais quero é voltar para Cassia e descobrir o que ela lembrou.

— Está bem. Vou voltar agora. Duas horas e meia depois, meu voo finalmente está pronto para decolar de Seattle.

Passo todo o tempo no avião assistindo ao vídeo de Cassia cantando no porão, várias e várias vezes. Uso fones de ouvido para não perturbar as pessoas ao redor.

Cassia sabe de alguma coisa. Ela *lembra* . *Tem que* lembrar. Sinto o gosto de Seraphina em minha boca, de tão perto que ela está. Finalmente, depois de seis anos de busca incansável, estarei com ela de novo.

# CAPÍTULO TREZE

*Fredrik*

Não durmo há quase vinte e quatro horas, mas estou completamente alerta quando chego à minha casa em Baltimore, pouco depois das dez da manhã do dia seguinte. O velho Honda Civic bege de Greta está estacionado na frente. Eu paro ao lado e desligo o motor.

Estou muito nervoso, uma sensação tão esquisita que de início nem sei o que fazer.

Carregando a mala de couro preto avanço pelo caminho de tijolos vermelhos e não vejo a hora de chegar à porta. Está trancada, e, enquanto me atrapalho procurando a chave certa, espero que Greta abra para mim, como ela faz quando sabe que estou voltando. Mas, desta vez, me dou conta de que ela não sabe que voltei mais cedo.

Finalmente consigo abrir a porta, e entro sem fazer barulho.

A casa cheira a ovos, biscoitos e salsichas. Está imaculada, como sempre, sem um grão de poeira em lugar algum, apenas o aroma do café no ar. Deposito a mala no chão da sala de estar sem barulho, querendo evitar que elas percebam minha chegada. Vou para a cozinha, contornando o pedaço do assoalho que sempre estala quando piso, e me aproximo do balcão. Meu iPad está exatamente onde o deixei antes de partir para Seattle, na mesma posição horizontal, como se Greta tivesse tomado o cuidado de recolocá-lo na posição exata, torcendo para que eu não notasse. Ativo a tela e passo o dedo no aplicativo, acessando o vídeo ao vivo do porão.

Elas estão sentadas na cama de Cassia, conversando. Parece inofensivo. Aumento o volume só um pouco e fico ouvindo a conversa por vários minutos. Nada significativo. Greta está contando sobre a filha e sobre a viagem que fizeram para Monte Carlo, no ano passado. Cassia está com um sorriso tão bonito e inocente... e isso me afeta da pior maneira possível.

Controlo a dor e o remorso que sinto por mantê-la aprisionada por tanto tempo, por impedir que ela viva e veja o mundo, como sei que deve sonhar em fazer. Esse brilho em seus olhos castanhos enquanto ouve Greta falar de Monte Carlo é inconfundível. Ela está se imaginando lá. E, em vez de remoer a verdade da própria situação, apenas sorri e aceita.

Eu sou um grande filho da puta. Apoio as mãos no balcão, baixo a cabeça, os ombros rígidos, e solto um suspiro longo e arrasado, fechando os olhos de leve.

Mas, quando os abro de novo, noto uma coisa que me faz endireitar o corpo. Meus olhos ficam arregalados de pânico. Assim que consigo me livrar do entorpecimento paralisador, corro pela passagem até a porta do porão, escancarando-a, e desço os degraus de concreto de dois em dois, até chegar lá embaixo.

Greta e Cassia se sobressaltam ao me ver. Cassia se aperta contra a parede do outro lado da cama.

Eu marchoo até ela e a tomo nos braços.

— Por que você tirou?! — grito para Greta, a reprovação estampada em minha voz e meu rosto.

Greta fica de pé enquanto Cassia aperta a cabeça com força contra meu peito. Eu a seguro com um braço ao redor da cintura e o outro na altura dos joelhos.

Olho depressa para seu tornozelo, onde o grilhão deveria estar, depois para Greta, que parece que a qualquer momento vai passar dessa para melhor.

— Por favor, Fredrik — pede Cassia, chorando —, não bote a culpa em Greta. Eu que implorei para ela tirar. Estava machucando.

Ela põe a mão na lateral do meu pescoço para se segurar. Quase derreto com o toque.

Ignoro a sensação e ponho Cassia de volta na cama.

— Traga a corrente — ordeno a Greta.

A empregada, com medo de falar, corre para pegar a corrente. Agachando-me no chão diante de Cassia, levanto a fina camisola amarela, descobrindo as pernas macias, roçando a pele com as pontas dos dedos, e ela reage ao meu toque ficando arrepiada. — Eu sinto muito, sr. Gustavsson. — Greta me entrega o grilhão. — Eu não iria deixá-la escapar. Mas fiquei preocupada com o tornozelo. Limpei as feridas, como o senhor sempre me pede para fazer.



— Eu falei para você nunca tirar isso. *Nunca*. — Com as mãos nas coxas quentes de Cassia, viro a cabeça devagar, indignado, e olho para Greta, de pé à minha direita. — Se ela não gostasse tanto de você... — Cerro os dentes e desvio o olhar.

Tentando me acalmar, dirijo a atenção a Cassia outra vez, deslizando a mão por sua perna até chegar ao tornozelo. Então paro e solto o grilhão no chão, em vez de recolocá-lo. Com um suspiro profundo, olho para meus sapatos, me sentindo ainda mais culpado que quando a estava vendo pelo vídeo. Olho outra vez para o tornozelo ferido de Cassia. Sangrou onde o metal raspava na parte de trás do pé, logo acima do calcanhar. E há pequenas bolhas em uma linha horizontal na parte de dentro, logo abaixo do osso do tornozelo. A pele está amarelada de hematomas, vermelha e inflamada ao redor dos cortes e bolhas. Algo brilha na superfície, provavelmente uma loção antibiótica que Greta aplicou depois de limpar o local.

— Cacete — digo, com um sopro de voz.

Eu me levanto e ergo Cassia da cama, envolvendo seu pequeno corpo nos braços. Ela envolve minha cintura com as pernas e meu pescoço com as mãos. Seu corpo treme contra o meu, embora eu saiba que ela só teme por Greta, não por si mesma.

— A gente discute isso amanhã — digo, me virando para Greta, que já me olha sem medo. — Esteja aqui no mesmo horário de sempre.

— Sim, senhor. — Ela inclina a cabeça e vai depressa para a escada.

Assim que ouço a porta do porão se fechando, aperto os braços ao redor de Cassia e fecho os olhos para saborear o momento.

— Por favor, não machuque Greta — murmura ela, com a voz lamuriosa junto ao meu pescoço.

Engulo em seco.

— Não vou machucá-la — murmuro em resposta, e seguro sua cabeça loura e macia com a palma da outra mão.

A sensação de suas coxas nuas apertando minha cintura e o calor entre suas pernas encostando em minha barriga me deixam de pau duro. Tento ignorar isso, empurrando para o fundo da mente minha necessidade de ficar com ela. Mas é muito difícil. Doloroso e torturante.

Cassia é o meu castigo. Eu sei que é. Por todas as coisas horríveis que fiz a tanta gente durante todos esses anos, sei desde o ano passado que ela deve ter sido enviada como meu castigo. E minha perdição. Preferiria, sem

dúvida, estar amarrado à minha cadeira — com os dentes sendo arrancados, agulhas sendo enfiadas sob as unhas ou sendo escapelado — a sofrer *esse tipo* de tortura. Prefiro morrer. Por favor, me mate de uma vez e acabe logo com isso. A dor de estar perto dela, sabendo que não posso ceder aos meus sentimentos, é a pior que já senti.

A única coisa neste mundo que desejo mais do que encontrar Seraphina é que essa dor desapareça.

— Eu deveria vir mais aqui — digo em voz baixa, contra os cabelos dela. — Meu trabalho está exigindo mais do que de costume. Eu nunca quis negligenciar você.

Cassia ergue a cabeça e me encara enquanto eu a seguro pela cintura, sua bunda em minhas mãos.

*Isso não está certo.*

*Eu deveria colocá-la no chão.* Ignoro a voz interior e a olho nos olhos, lutando internamente contra minha consciência.

A maciez das pontas dos dedos dela percorre as laterais do meu rosto, então seus lábios tocam os cantos da minha boca. Um, depois o outro.

*Eu deveria impedi-la. Eu deveria jogá-la na cama e deixá-la sozinha.*

Não faço nada disso.

Em vez disso, a abraço mais forte e fecho os olhos suavemente, procurando seus lábios com os meus, embora ainda relutante em saboreá-los. Porque sei o que isso fará comigo.

Antes que eu me permita beijá-la, me afasto e a levo para o banheiro. Passo as mãos de leve na pele nua de suas coxas ao sentá-la na pia.

Acordo mais uma vez dos pensamentos proibidos e pego o tornozelo dela.

— Isso está feio — comento. — Desculpa por ter deixado ficar assim.

— Greta já cuidou do machucado — responde ela, com delicadeza.

— Sim, mas não deveria ter chegado a esse ponto. — Vou até a estante alta na parede e abro um armário, que em geral também fica trancado, mas não está. Pego um pouco de água oxigenada em um pulverizador e um pano limpo. — Vou passar a semana que vem inteira aqui, pelo menos — continuo, borrifando água oxigenada no tornozelo dela. — Mas acho que é melhor assim.

Ainda me incomoda ter recebido uma “licença”, obviamente por estar desconcentrado demais para desempenhar minhas tarefas, mas, mesmo

assim, é melhor.

— Fredrik?

— Sim? — Eu não ergo o olhar para ela, continuo limpando seus ferimentos, embora já tenham sido limpos recentemente.

Há um período de silêncio momentâneo, e finalmente Cassia fala, em voz baixa: — Eu... bem, não quero que você me deixe de novo. Por que não pode ficar aqui comigo? Ou me levar junto quando for sair?

Ergo os olhos da minha tarefa e a encaro. Ela dá um sorriso suave, mas também vejo desespero em seus traços delicados.

— Isso não vai ser possível. Volto a olhar para seu tornozelo. Seu humor muda, e percebo que o sorriso sumiu.

— Eu não fugiria — insiste ela, o desespero ganhando destaque em sua voz. — Quero ficar aqui com você. *Eu quero ficar com você. Precisa acreditar.*

Solto o tornozelo dela mais bruscamente do que pretendia, e seu calcanhar bate na porta do armário debaixo da pia.

— Por que você quer isso? — indago, ríspido, sentindo meu cenho franzir. — Cassia, olhe o que eu fiz com você. Como pode acreditar nessas coisas? Você precisa parar com isso. Está dificultando *ainda mais as coisas!*

Eu não queria dizer essa última parte, mas quando me dei conta, as palavras já haviam escapado.

Cassia só me encara com confusão e curiosidade nos olhos.

— Como assim dificultando ainda mais?

Eu viro as costas para ela e guardo a água oxigenada no armário.

— Porque, Cassia, não pode acontecer. Nada além do que já aconteceu entre a gente pode acontecer.

Eu não consigo encará-la. — Por causa de Seraphina — completa Cassia.

Faço que sim.

— Sim. Por causa de Seraphina. Odeio a verdade. Odeio a mim mesmo por causa da verdade. Este é o maior castigo de todos. — Mas eu estou apaixonada por você — responde ela, baixinho, atrás de mim, e meu coração é esmagado por uma força tremenda.

— Não diga isso! — Eu me viro para olhá-la. — Você não está apaixonada por mim, Cassia! Você nem sabe o que está dizendo!

Lágrimas brilham nos cantos dos olhos dela, e tudo o que quero é apertá-la em meus braços e nunca mais soltá-la. Mas não posso e não vou

fazer isso. Os olhos castanhos de corça me encaram com tanta dor que é quase demais para suportar. Os lábios fartos estão trêmulos. O longo cabelo louro parece seda sobre os delicados ombros nus, parando logo acima dos seios, um pouco visíveis através do cetim fino da camisola amarela. Eu me pergunto por que ela nunca usa as roupas normais que comprei. Mas a dúvida só dura um momento.

Tento desviar os olhos, até que ela diz: — Aquela mulher sufoca seu coração de uma maneira que não o deixa respirar. É por causa dela que seu coração está envolto em trevas. Olhe o que ela fez com você. Olhe o que ela faz com você a cada dia. — Cerro os punhos ao lado do corpo. — Por que você não *olha para mim* ? — Sua voz começa a se elevar em desespero.

Ergo os olhos, que encontram os dela.

— Seraphina é má — anuncia Cassia. — Veja o que ela está fazendo com você.

Um traço de raiva tinge suas palavras.

Mas não é a raiva que atrai minha atenção, é algo enigmático que está por trás dela.

— O que você está dizendo, Cassia? Ela balança a cabeça de leve, e seu olhar se fixa no chão. — Cassia — chamo, em tom de aviso. — Tem alguma coisa que você queira me contar?

— Não — responde ela, depois de uma longa pausa.

— Você está mentindo. Ela ergue o olhar. Há dor, ressentimento e amor em seus olhos. Eu chego mais perto.

— Do que você se lembrou? — De nada.

— Diga a verdade! — Meus dedos afundam nas palmas das mãos. — Do que você se lembrou?!

— De nada!

Ela bate com a mão aberta na pia. — Que merda! Eu não me lembro de nada!

— Você está mentindo! Minhas mãos voam para seus antebraços, e eu a sacudo com tanta força que sua cabeça vai para a frente e para trás.

— Diga a verdade, Cassia! A lateral de meu rosto arde quando ela livra uma das mãos e me dá uma bofetada tão forte que chego a ficar com um zumbido no ouvido. Eu a seguro pelos pulsos e a empurro contra a parede, onde antes ficava o espelho, apertando o corpo entre suas coxas abertas. Ela apoia os pés na pia. Seus olhos se arregalam ao máximo, a boca está semiaberta, o hálito saindo depressa dos lábios. Sinto seu coração batendo

forte nos pulsos, esmagados entre meus dedos, que os apertam cada vez com mais força.

Me inclinando mais e mais para a frente, meus olhos penetram os dela, meus lábios param a centímetros dos seus.

— Você vai me contar o que lembrou, Cassia, ou juro por Deus que enfio você na porra da cadeira.

Minha voz está calma, mas ríspida e implacável.

— Vai se foder — responde ela, o que me surpreende mais do que a bofetada.

Eu me afasto alguns centímetros e a encaro. Lágrimas escorrem de seus olhos. Não é desafio que vejo, mas dor, pura e inabalável.

— Eu me lembro — diz ela, tremendo. — Me lembro de tudo sobre Seraphina. Como a conheci. Por que ela quer me matar. Eu me lembro.

Ela funga. Vê-la nesse estado está me despedaçando por dentro. Mas não posso deixar que me afete. Não desta vez — Conte. O. Que. Sabe. Ela balança a cabeça, e minhas mãos apertam mais seus pulsos, pressionados contra a parede atrás dela.

— Não vou contar nada até você me contar *tudo* .

Cerrando os dentes, mantenho a posição, apertando o corpo dela contra a parede por meros segundos antes de finalmente soltá-la. Dou um passo para trás. Minha mente está repleta de pensamentos impiedosos. Uma névoa escura e desalmada cobre minha visão por um momento, e tudo o que vejo à frente é quem eu *gostaria* que ela fosse. Seraphina. A outra metade da minha alma. A única pessoa no mundo capaz de me controlar, capaz de controlar meus ímpetos, minhas tendências violentas e assassinas. Porque, se ela estivesse aqui, eu poderia fodê-la. Poderia descontar minha raiva, culpa, dor e vingança nela, e ela *me amaria por isso*. Porque Seraphina nunca quis que eu fosse delicado. Ela *queria* que eu a machucasse. Queria que eu a fizesse sangrar. Queria sentir quando eu liberava meu lado mais sombrio, porque só ficava em paz consigo mesma quando alguém mais perverso do que ela estava no controle. Eu era a única pessoa mais perversa do que Seraphina. Juntos, ninguém poderia nos subjugar.

E eu preciso dela agora. Preciso dela porque Cassia *pode* ser subjugada. E não quero machucá-la. Nunca conseguiria me perdoar se permitisse que meus demônios a estraçalhassem, como eu fazia com Seraphina.

Em algum momento de meu devaneio desalmado, Cassia conseguiu descer do balcão, e agora está de pé na minha frente.

*Como eu vim parar aqui?* Ergo os olhos e percebo que já saí do banheiro, mas não me lembro de ter passado pela porta.

— Fredrik.

A voz de Cassia é suave, suplicante e preocupada.

Levanto as mãos, criando uma barreira entre nós. Ela para e me encara com mágoa no olhar.

— Vou pedir mais uma vez — digo, muito calmo, evitando cruzar olhares com ela. — Me conte o que você lembrou.

— Desculpa — responde ela, com a voz suave e sem nenhuma raiva —, mas eu falei sério. Você me deve isso. Não me importa o que vai fazer comigo. Não me importa se vai me botar naquela cadeira de novo. — Sinto sua presença quando ela se aproxima, e dou mais um passo para trás. — Faça o que tiver que fazer.

Uma última tentativa desesperada me consome, e me viro para ela.

— Não posso contar! — Eu me aproximo dela, que fica firme, em vez de se encolher, como eu esperava. — Por que você está tornando isso tão difícil, Cassia? — Minha voz começa a se acalmar, indo da raiva à súplica. — Eu não posso falar de Seraphina para você. Não para você, de todas as pessoas no mundo, caralho! Por que você não *entende* ?!

Cassia usa uma das mãos para enxugar as lágrimas dos olhos. Então, muito lentamente, como se fosse a última coisa que quisesse, dá meia-volta e se dirige ao canto onde em geral a encontro.

Ela se senta, encostando na parede e encolhendo os joelhos contra o peito, a camisola esticada sobre eles.

Então me olha e diz, uma última vez: — Faça o que tiver que fazer. Querendo quebrar a parede com um murro, pego o grilhão e a corrente e me aproximo dela. Agachado a seu lado, seguro seu tornozelo sadio e fecho o grilhão em volta dele. Cassia não olha para mim, muito menos tenta resistir.

Vou até a escada e paro só por tempo o suficiente para ouvi-la dizer: — Eu vou perdoar você, Fredrik. Pelo que tiver que fazer comigo, seja o que for.

Engulo a dor que as palavras dela causam, deixando-a sentada ali.

Não posso torturá-la. Talvez ela saiba disso. Talvez esteja me fazendo de otário, usando psicologia reversa. Não sei, mas não posso fazer isso com ela.

Mas *vou fazer alguma coisa*. Antes que o dia acabe, ela vai me contar o que lembrou. Vou arrancar isso dela. De um jeito ou de outro.

# CAPÍTULO CATORZE

*Fredrik*

Passo o restante do dia ignorando Cassia, só dando uma olhada nela de vez em quando, pela câmera do porão. Pensei em tudo, e a única ideia que consegui ter foi forçá-la a assistir a mais um interrogatório. Forçá-la a me ver matando um homem.

Por algum tempo, era o que eu pretendia fazer. Em vez de fazê-la assistir pela TV, ia amarrá-la a uma cadeira *na sala de interrogatório* e deixar que ela visse tudo de perto, nos mínimos detalhes. Deixar que testemunhasse a tortura horrível que mal aguenta ver pela tela. Sentir o cheiro de sangue fresco e de suor enquanto eles são derramados.

Mas tem um problema: não tenho ninguém para torturar. Não sobrou ninguém como Dante Furlong, que sei que merece passar por isso. O “reserva” mais próximo que tenho fica a quatro horas daqui, e não posso deixar Cassia sozinha no porão por tanto tempo.

Me sentindo derrotado, furioso e ressentido com ela por esconder de mim a única coisa de que preciso, eu me levanto do sofá de um salto, derrubando sem querer minha bandeja portátil com o jantar. Esfrego os cabelos escuros, cerrando os dentes e engolindo o rugido.

Deixo os braços caírem e olho para o teto, permitindo que a sensação de derrota me domine.

Mas então, de repente, um pensamento surge em minha mente, e tudo volta a se encaixar. Pego o iPad do sofá ao meu lado e ligo a câmera do meu quarto. Em uma tela dividida, Cassia ergue os olhos na mesma hora ao ouvir a TV no porão sendo ligada. Ela olha para imagem do meu quarto vazio por um momento, curiosa, confusa e nervosa. Se não posso arrancar a informação com medo ou tortura, vou arrancá-la de outra forma, igualmente cruel.

Coloco os sapatos e visto um paletó, seguido por um longo sobretudo. Ao atravessar a cozinha, apressado, pego as chaves no balcão e saio de casa.



Em geral, não é meu estilo pegar uma mulher em um bar barulhento como este, com cheiro de cigarro e uísque barato. O lugar está tomado por vozes bêbadas, e algum tipo de rock clássico sai sem parar dos alto-falantes de um jukebox. Normalmente, vou à caça em lugares mais tranquilos, onde servem vinho e consigo ouvir meus pensamentos. Mas esta não é uma noite típica, e não tenho tempo para caçar nos lugares de costume.

Estou deslocado, usando um terno Armani, sapatos pretos reluzentes e um relógio de pulso de oito mil dólares. Tudo chama a atenção, mas isso só facilita as coisas para mim.

Depois que me sento diante do balcão, com os sapatos no apoio do banquinho, não demoro muito para encontrar a mulher que quero. Cabelos escuros cobrindo os ombros. Seus olhos são castanhos, posso notar mesmo do outro lado do salão. Ela é pequena, usa uma saia preta larga um pouco acima dos joelhos e um par de botas. Uma blusa preta de mangas compridas com botões na frente, e os primeiros estão abertos, revelando o colo. Uma longa corrente de prata pende do pescoço delicado, com um pingente que afunda entre os seios.

Ela é solteira. Ao menos por esta noite. Percebo pelo modo como os dois homens a seu lado, perto da mesa de bilhar, olham para ela e para a amiga. O modo como as duas sorriem e ficam vermelhas quando os homens dizem como elas são lindas e o quanto gostariam de levá-las para casa. Na verdade, não consigo ouvir o que estão dizendo, mas, seja quais forem as palavras, tudo se traduz na mesma coisa. A mulher de cabelo escuro, a que quero, já fez contato visual comigo uma vez.

Vai ser fácil.

Eu me sento meio curvado sobre o balcão, os braços apoiados nele, um copo pequeno de uísque na mão direita. Passo as pontas dos dedos de um lado para outro no relevo artístico na lateral do copo, para parecer distraído. Meu longo sobretudo preto está jogado no encosto do banquinho, atrás de mim. Ainda estou com o paletó, agora desabotoado, e deixei a camisa branca para fora da calça.

Finalmente, tomo um pequeno gole, deixando a borda do copo perto dos lábios por um tempo. Olho outra vez para a esquerda, e, como eu previa, a



mulher me vê, como se estivesse esperando que eu olhasse.

Fácil demais.

Ela sorri discretamente e olha para a amiga loura. As duas trocam algumas palavras, mas tenho a sensação de que não são íntimas, devem ter se conhecido hoje, porque a outra mulher parece mais interessada nos dois homens do que na conversa. Logo os quatro estão me olhando, os dois homens com expressões decepcionadas.

A mulher de cabelo escuro pega a bolsinha preta da mesa do canto e a enfia debaixo do braço.

Ela vem até mim, balançando suavemente os quadris por baixo da saia.

— Olá — cumprimenta timidamente ao se aproximar, mas tenho a sensação de que não é muito tímida. Talvez esteja encenando, mas já percebo que não é da natureza dela repelir um homem como eu, alguém que ela sabe, em algum lugar no fundo da mente, que é controlador na cama.

— Boa noite — respondo, com um sorriso tênue.

Ela fica vermelha.

Eu me levanto um pouco do banquinho e aponto para o lugar vazio ao meu lado, indicando que ela deve se sentar. Ela obedece, apoiando a bota no estribo para subir no assento. E deixa a bolsinha no balcão.

Ela tem um cheiro bom, de maquiagem. Os cabelos estão recém-lavados, e, embora ela tenha bebido, ainda sinto traços mentolados da pasta de dente.

Faço um sinal para o garçom, que se aproxima e espera.

— Quer beber alguma coisa? — pergunto à mulher.

Ela sorri, e seus olhos castanhos parecem brilhar.

— Claro, obrigada — responde. — Um cuba-libre.

Enquanto o garçom vai preparar o drinque, tomo mais um gole do meu e afasto o copo. Eu me viro no banquinho para ficar de frente para ela, deixando o cotovelo direito apoiado no balcão.

— Não é comum homens como você virem aqui — comenta ela.

O garçom coloca o copo de cuba-libre no balcão e nos deixa a sós de novo.

— Homens como eu? — pergunto, em um tom despreocupado.

Ela assente, corando.

— É — concorda, passando os dedos no relevo do copo, como eu estava fazendo. — Um executivo, ao que parece. Ainda por cima com sotaque. —

Ela olha para o meu relógio, que desponta debaixo da manga do paletó. — E ninguém costuma entrar aqui usando um Rolex.

Interessante. Ela conhece um Rolex só de ver, e não precisa nem ser de perto. Veio atrás de caras ricos? Ou será que é rica? Ela pode ser várias coisas, mas, se tem uma coisa que não é, é tímida, e entende de dinheiro. Está longe de ser vulnerável. Não, essa mulher é boa no próprio jogo. Conseguiria fazer um homem *pensar* que ela é vulnerável. Mas não é tão fácil me enganar. Só me pergunto se ela é boa o suficiente para perceber isso.

— Gwen. — Ela se apresenta. — O que traz você a um lugar como este? Precisava afogar as mágoas? Problemas com a esposa? — Ela olha de relance meu dedo anular desprovido de anéis.

— Fredrik — respondo, com um sorriso ténue e sombrio. — Felizmente, não tenho mágoas para afogar. E não tenho esposa.

Ela sorri e toma mais um gole. Então desliza o copo para longe com as pontas dos dedos longos e finos, em seguida apoiando o cotovelo no balcão. Ela cruza as pernas e disfarçadamente ajeita barra da saia para cima do joelho, puxando o tecido sobre a perna com a outra mão. Ela tem joelhos sensuais e pernas longas e flexíveis.

Gwen é uma mulher muito confiante disfarçada de menina tímida. É uma caçadora, como eu. E está acostumada a levar a melhor. Está acostumada com homens que babam ao vê-la, que não conseguem tirar os olhos de seus seios por tempo suficiente para perceberem que estão sendo facilmente dominados.

Esta noite vai ser interessante para ela; isso se não for uma lição.

Se fosse em qualquer outra noite e encontrar minha ex-esposa não fosse prioridade, eu iria querer caçar esta mulher um pouco mais. Com calma. Sondá-la, entender seu jogo. Faria isso porque posso, porque ela não é muito diferente de mim e porque ela provavelmente iria gostar.

— De onde é? — pergunta Gwen. — Esse sotaque.

Seus olhos parecem brilhar com as possibilidades, como se a ideia de dormir com um homem que tem sotaque a deixasse excitada.

Eu me inclino para mais perto dela, diminuindo o espaço entre nós e inalando seu perfume. Meu olhar examina a curva de seu pescoço e a fatura dos lábios vermelhos.

— Da Suécia — respondo, deixando os olhos encontrarem os dela. Eu me aproximo mais, para que ela possa sentir o calor do meu hálito na lateral

do pescoço. — Preciso dizer, Gwen... — Ela aproxima o corpo do meu com avidez. — Nunca perco tempo com o ritual de acasalamento, esse negócio de irmos nos conhecendo antes de trepar, de oferecer algumas informações pessoais para quebrar o gelo. — Sinto o corpo dela ficar tenso e a respiração mais ofegante, mas Gwen não tenta se afastar de mim. — Se quiser sair daqui comigo, vamos embora. Posso prometer uma coisa.

Eu me afasto e a encaro, esperando a resposta. Seus olhos estão arregalados, e aquela boca carnuda está entreaberta. Ela não é mais a mulher confiante, a jogadora que era quando se aproximou. Está atordoada, provavelmente pela primeira vez na vida.

Ela hesita por um momento longo e contemplativo e finalmente pergunta: — O que, exatamente, você pode prometer? — Então dá só uma risada nervosa e acrescenta: — Que não vai me matar e jogar meu corpo em um terreno baldio? — Ela parece só um pouco preocupada com essa perspectiva.

Sorrio e seguro o copo antes de levá-lo aos lábios e tomar mais um gole.

— Não, não vou fazer isso — respondo, deixando o copo outra vez no balcão. — Mas *vou* fazer o que eu quiser com você. Isto é, se você aguentar. Não vou mentir, não sou delicado.

Ela mordisca suavemente o canto do lábio inferior.

Gwen fica em silêncio e gira lentamente no banco, virando-se para a frente. Ela toma mais um pequeno gole e põe a bebida no balcão, deixando as pontas dos dedos sobre a borda úmida do copo. Já vi essa expressão de excitação e indecisão em outras mulheres. É inconfundível; é a expressão de uma mulher que quer saborear as trevas, sejam quais forem os riscos. Sua pele clara está enrubescida. Seus dedos longos e finos continuam dançando na borda do copo, em um movimento lento e repetitivo. A parte de dentro do lábio inferior permanece úmida depois que a ponta da língua a percorre lentamente.

Lendo seus pensamentos, tão altos quanto a música que toca ao fundo, concordo e tiro o braço do balcão, enfiando a mão entre suas coxas e abrindo-as com cuidado. Sem olhar para mim — e sem qualquer objeção —, o corpo dela cede, e as pernas se descruzam no banco.

Como o restante do bar, a área está às escuras, iluminada apenas pelo brilho laranja e vermelho das luzes neon que zunem nas paredes. As sombras destacam o perfil de Gwen, acentuando movimento em seu pescoço a cada poucos segundos, quando ela engole saliva. E, quando meus

dedos entram por baixo do elástico da calcinha fina, a silhueta revela a boca se abrindo ainda mais, em expectativa.

Gwen geme de leve e segura o copo no balcão com as duas mãos, os dedos frouxos porém inquietos. Suas pernas se abrem mais, me dando — *implorando* — mais acesso.

Enfio o dedo médio nela e sinto-a se contraindo, querendo me segurar ali. Seus olhos se fecham devagar. As costas se endireitaram, como as de uma garota inglesa bem-educada. Os ombros estão um pouco tensos, os seios arfam a cada respiração cheia de prazer, que ela tenta conter por estar em público. E só quando sente meu dedo deslizando cautelosamente para fora é que ela vira cabeça para me olhar de novo. Pondo a mão sobre o copo, enfio o dedo médio no uísque, antes de tomar um gole. Deixo o copo no balcão, pondo em seguida a ponta do dedo úmido na boca e saboreando-a.

Ela me encara. Cheia de luxúria. Indecisa. Confusa.

Então eu me levanto e pego o sobretudo do encosto e o visto. Gwen me observa em silêncio, intensamente, ainda discutindo com o anjinho em seu ombro, que perdeu para o diabinho no outro ombro assim que a toquei.

Deixo uma nota de cinquenta dólares no balcão, perto do meu copo.

E vou embora.

Não olho para trás, passando por mesas cheias e garçonetes ocupadas, abrindo caminho entre grossas nuvens de fumaça de cigarro.

Com uma postura tão casual quanto a que entrei, saio para o ar gelado, fechando o sobretudo quando o vento bate asperamente em meu rosto. Antes de chegar à calçada e rumar para o estacionamento, ouço a música e o vozerio de dentro do bar escapando quando Gwen abre a porta e sai atrás de mim.

— Vou me arriscar com o terreno baldio.

Eu a ouço dizer, e sorrio, de costas para ela.

Eu me viro para olhá-la, com as mãos nos bolsos. Ela também está usando sobretudo; um capuz de pele falsa envolve os cabelos escuros, cujos cachos soltos o vento espalha por seu rosto.

Ela é linda.

— Fico feliz em ouvir isso — digo, sem rodeios.

Gwen sorri, quebrando um pouco a tensão sexual em nome da conversa.

— Você é muito... direto. Dou de ombros e aperto um pouco os lábios.

— Acho que sou.

Dou um sorrisinho de boca fechada, oferecendo-lhe a mão.  
Ela retribui o sorriso e entrelaça os dedos nos meus.

# CAPÍTULO QUINZE

*Fredrik*

Chegamos a minha casa depois de dirigir por dez minutos. Gwen fala muito. Talvez esteja apenas nervosa, depois de entrar em um carro tarde da noite com um desconhecido, mas estou pouco me lixando para o que ela tem a dizer ou o que pode estar pensando. Eu a trouxe aqui por um motivo, e não foi para conversar.

— Uau, que casa legal — comenta ela ao entrar. — Vendo de fora, eu não esperava que fosse tão... luxuosa. — Ela me encara com cífrões nos olhos enquanto a ajudo a tirar o sobretudo. — Não que seja feia por fora, é só... bem, muito diferente. — Ela sorri.

Não reajo ao ritual de acasalamento. Isso já está começando a parecer o início de um namoro — mesmo que seja um namoro só com o meu dinheiro. E eu não namoro. Aliás, não faço nada “normal”. É tudo muito estranho para mim.

Queria que ela parasse de falar. Precisava de uma casa discreta para que fosse mais difícil de ser encontrada pela Ordem. Por isso, escolhi uma velha casinha de tijolos e reformei o interior para se adequar ao meu estilo de vida luxuoso. Mas o porão enorme foi o lugar que recebeu os maiores cuidados. Queria que Cassia se sentisse segura em minha casa... apesar do aprisionamento.

Tiro os dois casacos e abro os botões da camisa. Gwen me observa com desejo mal disfarçado nos olhos e um pouco de preocupação, que não se dissipará enquanto ela não tiver certeza de que eu a trouxe só para sexo.

— Há quanto tempo você mora aqui? *Alguém me mata para fazer isso acabar.*

— Tire as botas — mando, só para fugir da tagarelice inútil.

— Hã?

Eu inclino um pouco a cabeça para o lado.

— Falei para você tirar as botas. — Minha expressão não vacila.

Os olhos de Gwen ficam um pouco mais arregalados. Ela morde o lábio inferior de novo.

Arranco a camisa e a deixo sobre o encosto da poltrona de couro mais próxima.

Finalmente, para apaziguar seus medos e dar início à noite, eu me curvo na direção de sua boca e digo: — Não vou obrigar você a ficar — roço os lábios nos dela e enfio a mão por baixo de sua saia; ela geme —, mas, se *quiser* ficar, vai fazer tudo o que eu mandar. Entendeu?

Meu dedo médio aperta sua boceta por cima da calcinha úmida. Um pequeno gemido vibra de seus lábios para os meus, e enfio a língua em sua boca. Inspirando profundamente, eu a beijo com ímpeto predador, e quando me afasto, ela leva um momento a mais do que o necessário para abrir os olhos de novo.

— Agora tire as botas — repito. Ela fica descalça, desta vez sem relutância, e seus lábios fechados esboçam um sorriso sedutor enquanto ela espera minha próxima ordem. Mas o que quero mesmo é que ela me mande à merda. Quero que seja desafiadora e agressiva, como Seraphina muitas vezes era. Quero que me bata, mesmo ansiosa para que eu a coma com desejo e violência. É desse tipo de sexo que preciso, mas sei que não posso tê-lo, porque só Seraphina dá para mim desse jeito.

Mas o foco hoje não sou eu. *Isso tudo é para Cassia.*

Uso as duas mãos para abrir os botões da blusa de Gwen, tirando-a assim que abro o último. Seus seios generosos estão praticamente explodindo para fora do sutiã de renda preto. O colar está bem encaixado entre eles. Passo os braços por suas costas e apalpo o fecho, abrindo o sutiã na primeira tentativa. Seus olhos estão cravados nos meus, mas não estou pronto para retribuir o olhar. Ela precisa merecer isso.

O sutiã cai ao redor de seus pés descalços, junto com a blusa, e ela fica seminua diante de mim. Quase todos os traços de nervosismo se foram, deixando somente expectativa e desejo. Ela parece tímida com o olhar baixo, de um jeito submisso.

Isso me frustra, mas ignoro a sensação.

Encaixando os dedos no elástico da saia, deslizo lentamente a peça por seus quadris e suas coxas. O tecido se amontoa ao redor de seus pés. Depois que ela está completamente nua, agarro cabelo próximo à nuca, puxando a

cabeça dela para trás, obtendo sua submissão completa. Ela arregala mais os olhos, insegura, até com um pouco de medo. Mas não faz nenhum comentário, e a levo para meu quarto, no fim do corredor, acendendo a luz ao passar pelo interruptor, de forma que Cassia possa ver tudo sem nenhuma sombra para atrapalhar.

Com um empurrão, faço Gwen ficar de joelhos no chão acarpetado, e ela não ousa se mexer. Sinto todas as partes de seu corpo abertas para mim, desesperadas para me sentir dentro de si. Ela já fez esse jogo antes. Sabe ser submissa. Gosta disso. E, em qualquer outro momento, eu satisfaria esse desejo e também curtiria, porque gosto de dominar. Mas a verdade é que nunca respeitei as mulheres completamente submissas. Prefiro uma mulher que resista a uma que lata quando mando latir ou chupe sem discutir quando enfio o pau em sua boca.

Nem mesmo Cassia, suave e frágil, que eu sei que faria qualquer coisa por mim, se sujeitaria a isso. E isso só me faz gostar muito mais dela.

*Cassia...*

Olho para a pequena câmera escondida na penteadeira, do outro lado quarto. Me pergunto se ela também está olhando.

Por que torço para que não esteja? Afasto depressa o pensamento quando sinto a mão de Gwen subindo entre minhas pernas, por cima da calça. Ela me encara de um jeito sugestivo — e bastante surpreso —, com os olhos amendoados abrandados e ao mesmo tempo inflamados pelo desejo.

Se ao menos Seraphina estivesse aqui para participar disso... Ela era a única que conseguia tornar uma garota submissa excitante para mim.

Puxo de novo o cabelo de Gwen e a coloco de pé.

— Prefiro você de joelhos na cama. Solto o cabelo dela assim que Gwen fica de pé, e ela faz exatamente o que mandei, mal olhando para mim por cima do ombro, me dizendo com o olhar que está tudo bem, que quer fazer do meu jeito. Só que esse não é o meu jeito, mas continuo fingindo.

Gwen engatinha pela lateral da cama e eu me aproximo por trás, pondo a mão em seu cóccix e empurrando seu corpo para a frente, para deixar sua bunda empinada. Meu pau tem um espasmo quando a toco, deslizando o dedo por sua boceta molhada. Dois estalos cortam o ar quando dou um tapa em cada uma de suas nádegas, com força suficiente para fazê-la gemer.

— Não se mexa — mando, indo até o criado-mudo e tirando a calça no caminho.



Fecho a gaveta, e em segundos a embalagem do preservativo cai no chão. Então vou para trás de Gwen de novo.

— O que foi isso? — Ela ergue o rosto do colchão, franzindo as sobrancelhas ao se concentrar para ouvir o choro que finjo não escutar.

Mas eu *escuto* . O lado de Cassia do porão fica bem abaixo do meu quarto, exatamente onde estou.

De repente, sinto mais necessidade verificar a câmera do quarto dela em meu celular do que de continuar o que estou fazendo.

— Um preservativo — respondo, despistando-a.

Ela vira o pescoço para me ver. — Não, achei que tivesse ouvido alguma coisa... Parecia alguém chorando.

— Não ouvi nada — digo. — Pode ter sido a TV no subsolo.

Gwen aceita minha resposta e encosta a bochecha na cama de novo.

Tento ignorar meus pensamentos sobre Cassia, segurando as coxas de Gwen com firmeza e pressionando meu corpo contra o dela. Mas não *consigo* ignorá-la, e fico furioso comigo mesmo, cravando as pontas dos dedos na carne de Gwen.

— Aaai! Nossa! Isso *dói* , caralho... — Ela parece furiosa. Mas só um pouquinho.

Ouvi *desafio em sua voz*? De repente, sinto que talvez consiga ter o sexo violento de que preciso, no fim das contas.

Então ouço Cassia gritando meu nome, e, embora o som seja fraco e abafado, ele me rasga como um atizador em brasa abrindo um buraco em meu peito.

Acho que Gwen não ouviu dessa vez, porque, quando ela me olha de novo, parece que é só por curiosidade. Ela se pergunta por que me afastei, por que ainda não estou dentro dela a essa altura.

Está tão confusa quanto eu. Olho de novo para a câmera escondida, desejando poder vê-la através da lente, da mesma forma que ela consegue me ver.

— A gente vai fazer isso ou...? — Você tem que ir embora — interrompo.

Ela pisca, atordoada, e então se vira na cama.

— Você está de sacanagem, né? — Eu estou com cara de quem está de sacanagem?

Ela pisca mais algumas vezes, como se estivesse tentando ligar o cérebro outra vez, porque talvez não tenha me ouvido bem, e aperta as

palmas das mãos nas bordas do colchão. Seus braços e ombros ficam rígidos, e ela deixa o corpo cair.

Ela inclina a cabeça para o lado e sorri.

— Isso faz parte do seu jogo? — pergunta, provocante, então inclina a cabeça para o outro lado. — Topo jogar como você quiser, gato.

Preocupado com Cassia, fico mais impaciente e intolerante a cada segundo. Pego Gwen pelo cotovelo e a puxo da cama.

— Sai logo daqui, porra. Ela fica sem palavras. E muito puta.

Se sente humilhada. Sua boca se abre de leve, os olhos se estreitam com força, e parece que acabei de lhe dar uma bofetada na cara.

— Vou chamar um táxi para você — digo, mas ela ergue a mão, indicando que não precisa nem quer minha ajuda.

— Não, obrigada, seu babaca — retruca ríspidamente, pisando duro, atravessando nua o quarto até a porta. — *Eu mesma* vou chamar, e vou esperar no posto de gasolina ou na esquina. — Em alguns minutos, depois que Gwen se vestiu na sala e pegou sua bolsa, a casa estremece quando a porta da rua bate com um estrondo.

Estou entorpecido. Completamente entorpecido, por dentro e por fora. Não me movi desde que Gwen saiu correndo da casa. Meu peito dói por Cassia.

*O que está acontecendo comigo?* Procurando o celular no bolso da calça, eu o pego e jogo a calça no chão. Abro a câmera do quarto de Cassia e a vejo encolhida em posição fetal na cama — não no canto —, chorando baixinho, o rosto entre as mãos delicadas. E eu a observo por um momento, ainda tentando organizar a bagunça que minha mente se tornou.

Meu coração dói. *Tudo* dói. Mas dessa vez eu não resisto, porque não tenho mais forças.

Jogo o preservativo no lixo ao lado da penteadeira e visto a cueca preta antes de correr até o porão para consertar o que quebrei.

# CAPÍTULO DEZESSEIS

*Fredrik*

Descendo os degraus, um por um, eu me aproximo lentamente do porão, sentindo um peso no fundo do estômago. O concreto é gelado em meus pés descalços, e o ar está ficando mais frio por causa de uma tempestade de inverno que começa a atingir a Costa Leste. Faço uma anotação mental para aumentar significativamente a calefação quando voltar para cima, para que Cassia fique confortável.

Mas todos esses pensamentos aleatórios são apenas minha forma de empurrar para o fundo da mente, pelo maior tempo possível, o momento inevitável que sei que vai me deixar atordoado, antes de ser obrigado a confrontá-lo.

Quando desço o último degrau, não consigo deixar de olhar de relance para TV atrás da placa de proteção e ver a imagem do meu quarto. Meu estômago começa a arder dolorosamente quando imagino o que Cassia acabou de ver. Quando imagino o que quase fiz. Quando percebo como sou canalha a ponto de obrigá-la a assistir.

Eu desligo a TV .

— Cassia — digo baixinho. Ela não reage na mesma hora. Está deitada de lado, de costas para mim, o corpo coberto só pelo cetim fino da camisola. Sinto um ímpeto desesperado de ir até ela e cobri-la, para que não sinta frio. Mas não faço isso. Ainda não. Nem sei se ela me quer aqui. E não sei ao certo por que isso importa. O que *ela* quer. Quando foi que o desejo de Cassia se tornou minha prioridade? Eu quero responder “momentos atrás”, mas isso seria uma forma de negação, e acho que passei tempo demais em negação. Cassia tem sido minha prioridade há muito, muito tempo, logo depois que a trouxe para cá. E só agora estou me permitindo aceitar isso.

— Fique longe de mim! — diz ela, em uma voz fraca e magoada.

Compelido por sua rejeição, me aproximo, em vez de me afastar.

— Eu não queria magoar você — digo, chegando mais perto da cama.

— Não queria...

Cassia se vira e se levanta tão depressa que mal tenho tempo de reagir.

— Eu falei para ficar longe de mim! — grita ela, as lágrimas caindo dos olhos angustiados. — Eu odeio você! Seu desgraçado, eu *odeio* você! — Em um instante fico bem de frente para ela, e seus pequenos punhos socam meu peito.

Eu deixo que ela me bata com força pelo tempo que quiser, levando golpe após golpe, todos dolorosos e merecidos. Soluções agitam seu corpo, e os olhos estão fechados com tanta força que me pergunto como as lágrimas conseguem se infiltrar pelas pálpebras. Ela grita comigo de um jeito tão ruidoso e estridente que sei que deve estar dilacerando sua garganta.

— Me desculpa — digo baixinho, entre os gritos dela, ainda tentando entender por que estou pedindo desculpas. E é nesse momento que percebo que o grilhão não está preso ao tornozelo dela.

Confuso e em pânico, quero lhe perguntar como ela o abriu, mas não posso, porque não é o momento certo.

Ela bate mais um pouco em meu peito, até que finalmente tomo seu corpo pequeno nos braços e a esmago contra mim.

Minhas mãos estão tremendo. *Por que minhas mãos estão tremendo?*

O fundo dos meus olhos dói e arde. Parece que um punho se fechou ao redor de meu coração, limitando o fluxo sanguíneo, e aquele peso em meu estômago tomou conta do peito todo, tirando meu fôlego.

Soluçando, Cassia a princípio tenta me repelir, mas me recuso a soltá-la. Eu a quero aqui, agora mais do que nunca. Porque este é o lugar dela. Suas unhas afundam nos músculos de meu peito. Seus gritos partem meu coração várias vezes. Mas eu a aperto mais, até que ela cede, e seu corpo desaba sobre o meu.

— Eu odeio você! — grita ela, aos poucos perdendo a raiva e rendendo-se apenas à dor. — *Eu odeio você...*

Fecho os olhos devagar e beijo o cabelo louro e macio como pluma.

Sei que ela não me odeia. Ela me *ama*. Me ama mais do que jamais amou qualquer um ou qualquer coisa em toda a vida.

Como o destino pode ser tão desalmado e cruel? O que a vida fez comigo na infância já não era suficiente?

Eu a aperto mais.

— Cassia, me desculpa. — Por que você não me pôs de uma vez na cadeira? — grita ela. — Como foi *capaz* de fazer isso comigo? — As pontas de seus dedos apertam mais os músculos do meu peito nu. — Destrua meu corpo! Destrua minha alma, Fredrik! Mas não destrua a porra do meu *coração* !

— Me desculpa...

Só consigo dizer isso. É difícil dizer qualquer outra coisa quando você não entende os próprios sentimentos, as próprias reações; quando se chega à conclusão de que há mais em si mesmo do que se poderia acreditar. Eu me sinto como se tivesse acabado de ter sido apresentado a um homem de aparência exatamente igual à minha, mas tão diferente por dentro que nada mais faz sentido. Estou olhando para meu sócio em um espelho, e tudo o que quero é matar o filho da puta, para poder me sentir normal novamente. Para estar no controle novamente. Para voltar a não gostar dela.

É tão mais fácil quando a gente não gosta de ninguém...

— Eu não consegui — murmuro nos cabelos dela, falando sobre Gwen. Sinto suas lágrimas quentes e úmidas em meu peito.

— Eu queria que ela morresse — declara Cassia, entredentes. — Tomara que Seraphina esteja morta quando você a encontrar.

Ela se afasta de mim, e eu finalmente a solto.

Cassia dá vários passos para trás, as mãos cerradas ao lado do corpo, os traços angelicais distorcidos pela raiva e pelo ressentimento. Nunca a vi assim antes, tão deformada pela indignação, e é algo trágico de testemunhar em uma criatura tão gentil e linda.

Ela me encara, e há algo mais em seus olhos que nunca vi antes. Fúria? Vingança? Não tenho certeza. Então, quando começo a pensar em explorar isso mais a fundo, tudo desaparece de seu rosto, substituído outra vez por dor e sofrimento.

Cassia cai sentada no tapete macio que cobre o chão. Eu me agacho diante dela, me equilibrando na ponta dos pés. Ela chora com o rosto entre as mãos abertas, e eu a puxo de novo para meus braços, mas Cassia me repele, erguendo os olhos castanhos e me encarando, derrotada. Afastando as mãos, eu me sento no tapete, com as pernas abertas e os joelhos dobrados, os antebraços apoiados neles.

Ela pergunta, baixinho: — Por que você não consegue corresponder ao meu amor, Fredrik? — Cada palavra é temperada com uma tristeza que

parte meu coração em um milhão de minúsculos cacos de vidro. — O que tem de errado comigo para você não conseguir me amar?

Balanço a cabeça, rejeitando a autodepreciação, e toco a lateral de seu rosto.

— Não tem *nada* de errado. Você é perfeita em todos os sentidos, Cassia. — Passo a lateral do polegar em seu queixo. — Não deixe que meus defeitos façam você se sentir menor. Você é uma pessoa melhor do que eu *já* poderia ser.

Ela me encara com os olhos cheios de lágrimas, carregados de sofrimento suficiente para matá-la se não fosse tão forte por dentro.

— Não ligo para os seus defeitos, Fredrik. — Ela coloca a mão sobre a minha, ainda apoiada em sua bochecha. — Só quero saber por que você não consegue me amar.

Meu olhar perde o foco. — Eu não consigo amar ninguém — respondo, em um murmúrio. — É mentira — retruca ela, no mesmo tom.

Ela se enfia entre minhas pernas, mantendo os joelhos dobrados e a camisola sobre eles.

— É mentira, e você sabe. Ergo o olhar, mesmo sem querer encará-la. Porque ela tem razão. *O amor é um jogo perverso*, penso, lembrando o que Seraphina cantou para mim no palco uma noite em Nova York, depois que nos conhecemos. “Wicked Game”. Porque, assim como Cassia, Seraphina já foi cantora. E, como lembro que Cassia admitiu lembrar tudo sobre Seraphina, me dou conta de que agora, neste momento com ela, não importa. Não importa saber o que esperei tanto tempo para descobrir.

Simplesmente não importa... Os lábios macios de Cassia tocam os meus, e meus braços estão ao redor de seu corpo antes que eu me dê conta do que estou fazendo. Eu a abraço com força, apertando seus seios quase à mostra contra meu peito nu, a boca cobrindo a dela com avidez, beijando-a como jamais beijei. Sua língua quente se enrosca na minha e os dedos apertam minha nuca, enquanto os meus afundam em sua bunda, puxando-a para meu colo. Levanto sua camisola para tirá-la do caminho, e suas coxas nuas abraçam minha cintura. Ainda sem interromper o beijo, enfio os dedos mais fundo, gemendo em sua boca com antecipação.

Ela morde meu lábio inferior, rompendo a pele. A dor penetrante atravessa minha boca e viaja para o estômago, aquecendo cada parte de mim e fazendo outras partes doerem e latejarem de desejo. Sinto gosto de

sangue na boca, e ela só me beija com mais força, como se também quisesse senti-lo junto comigo.

Segurando sua bunda com força, forço seus quadris para perto dos meus, pressionando o pau ereto contra ela, até que não aguento mais e me apresso em tirar sua calcinha. Eu a puxo e arranco cegamente, nossos olhos fechados, nossos lábios ainda colados em um beijo devastador. Até que finalmente consigo tirar a calcinha, e suas pernas nuas envolvem minha cintura de novo.

Ela se afasta e me olha nos olhos, os braços em volta do meu pescoço. Seus lábios tocam os meus de novo, de leve, e uma das mãos desce para procurar o elástico da minha cueca. Ela força suavemente os quadris contra os meus, e fico louco ao sentir meu pau contra seu corpo através de uma fina camada de tecido que parece a diferença entre o êxtase e o inferno. Gemendo em seus lábios, levanto do chão o suficiente para que ela possa tirar minha cueca. Mas a impaciência me domina, e seguro Cassia pela cintura com uma das mãos, equilibrando-a, enquanto termino de arrancar a peça sozinho com a outra.

Pele sobre pele quente, ela se aperta contra mim, me encarando com a boca delicadamente aberta. Quero saborear seus lábios de novo, mas em vez disso os observo, a proeminência do lábio inferior, a reentrância perfeita do superior, logo abaixo do nariz. Seu hálito tem um vago odor de menta. O cheiro natural de sua pele sempre me inebria momentaneamente quando estou tão perto.

— Eu sou sua. Sempre — murmura Cassia, e me beija uma vez, apertando o calor úmido entre suas pernas contra a rigidez dolorosa entre as minhas. — Mesmo se você não consegue me amar do jeito que a ama, eu sempre vou ser sua.

Seguro sua nuca com as mãos e aperto os lábios contra os dela, deixando-a sem fôlego, substituindo-o com o meu. Sinto dor. Todo o meu corpo dói. Por ela. Só por ela.

Preciso matar alguém para me livrar desses sentimentos, mas no momento só consigo ceder a eles.

Segurando-a firmemente, fico de pé com suas pernas envolvendo minha cintura, carregando-a para a cama, onde eu caio entre suas coxas.

Eu a encaro — *O que estou fazendo?* — e seguro seu rosto. Sinto o calor de suas coxas em mim, a maciez de sua pele. Tão delicada. Tão

inocente. *Como posso fazer isso com ela? Como posso fazer isso comigo mesmo?*

— Sinto muito, Cassia — murmuro, e baixo meu corpo para dentro do dela. Cassia não tira os olhos dos meus nem por um momento, seus dedos dançando em meu rosto, roçando um princípio de barba. — Sinto muito por tudo que fiz com você... e pelo que vou fazer agora. — Eu a beijo profunda e desesperadamente e a penetro com um ímpeto predador.

O doce som de seus gemidos quando a penetro só me fazem querer meter mais fundo. Suas coxas tremem ao meu redor, seus dedos afundam nas minhas costas. *Rasgue minha pele, Cassia*, digo a mim mesmo.

Ela rasga e meu corpo reage de uma forma tão primitiva que não consigo deixar de machucá-la ao me forçar para o mais fundo possível. Seu pescoço se arqueia, e seus braços se levantam, procurando a parede atrás da cama. Não consigo nem me obrigar a *perguntar* se estou machucando. Eu *quero* machucá-la. Quero senti-la se quebrando sob mim, ver as lágrimas em seus olhos, ouvir sua respiração falhando. Quero saber que ela deseja a dor tanto quanto eu desejo infligi-la.

Pequenos uivos e gemidos escapam de sua garganta quando vou mais forte. Ela é tão pequena e apertada que parece que está perdendo a virgindade outra vez.

*Outra vez...*

Quase perco o controle cedo demais. Reprimo a sensação de êxtase o quanto posso, girando a pélvis contra a dela para atingir seu ponto mais sensível. Cassia força os quadris para a frente, apertando minha cintura com as coxas, como se pudesse me esmagar com elas.

— Ah, não pare — pede ela, ofegante —, por favor, não pare.

Meto com mais força, até que ela rasga a pele das minhas costas com as unhas outra vez, o que me faz perder o controle. Devoro seus lábios enquanto me esvazio dentro dela, soltando um gemido intenso em sua boca. Suas coxas se retesam quando sinto Cassia contrair e latejar em volta do meu pau. Ela geme de novo, jogando a cabeça para trás contra o colchão, a respiração irregular enquanto seu corpo derrete no limbo sob o meu.

*O que foi que eu fiz?*

Olho em seus olhos, mantendo o pau bem fundo nela, e toco seu rosto com os polegares. Seus olhos, cheios de amor e inocência, só funcionam por um breve momento para conter minha necessidade cortar as costas dela



com o punhal e lamber o sangue de suas feridas. De me unir a ela da forma como eu me unia a Seraphina.

*Eu quero fazer isso.*

Mas sei que não posso. Já levei isso longe demais com Cassia. Não posso me permitir tomá-la completamente, senão eu me tornaria o Diabo.

Beijo sua testa. Ela dá um sorriso suave.

*Eu não sou melhor do que Seraphina...*

Determinado a acabar com isso, começo a sair dela, mas suas pernas apertam minha cintura, me segurando no lugar.

— Não vá embora — murmura Cassia, com as pontas dos dedos sobre os meus lábios, a outra mão em meu cabelo. — Por favor, não vá embora.

Ela me beija com delicadeza. Tento desviar o olhar, pois sinto vergonha do que fiz. Não é a primeira vez que cedo a Cassia dessa maneira, não é a primeira vez que durmo com ela durante este ano em que a mantive em cárcere. Mas é a primeira vez que faço isso com algo mais do que trevas em meu coração.

— Cassia, eu não deveria ter... Ela balança a cabeça suavemente sobre o colchão.

— Por favor, fique. — Seu sorriso desaparece, e de repente ela parece desanimada, mas sinto que não é uma tentativa de me segurar ali.

É outra coisa.

Sua cabeça cai para o lado e ela olha para o quarto enquanto o silêncio se instala entre nós. Eu espero pacientemente, embora acompanhe sua mudança repentina de humor com o coração *impaciente* e em conflito. Sinto que o que resta do meu mundo está para se abrir debaixo dos meus pés.

— Eu tinha dez anos quando conheci Seraphina — explica ela, com uma voz distante que captura cada fibra de minha consciência. — Ela era minha melhor amiga... até que matou meus pais e foi levada embora.

Uma lágrima desliza do canto de seu olho e empoça ao redor do nariz, parando no pequeno arco acima do lábio.

Absorvo suas palavras e não respondo, porque não há nada a ser dito. Agora sei que tudo está perdido, que jamais vou recuperar Seraphina.

## CAPÍTULO DEZESSETE

*Cassia*

Delicadamente, Fredrik afasta seu corpo quente do meu e se senta com as costas apoiadas na parede. Suas pernas estão abertas, os braços apoiados nos joelhos dobrados. Ele joga a cabeça para trás. Seu lindo rosto parece cansado e derrotado enquanto ele olha para o quarto.

Eu me levanto e me acomodo entre suas pernas, recostada em seu peito nu. Ainda o sinto meio ereto, sua virilidade comprimida contra minhas costas. Adoro me sentar entre as pernas dele. Ele me faz sentir segura. E derreto quando sinto seus braços quentes e musculosos me envolvendo.

— Meus pais eram pessoas muito amorosas — começo. — Eles nunca me machucariam. Mas Seraphina não gostava deles. Dizia que eram maus e que queria me ajudar a fugir.

Faço uma pausa, prestando atenção no coração de Fredrik batendo. Sinto a respiração que sai de suas narinas, quente em meu ombro, quando ele solta um suspiro longo e profundo.

Imóvel, Fredrik não fala, só me abraça bem apertado, e conto o que aconteceu, exatamente como me lembro.

*Vinte e três anos atrás...*

*Eu achava a garota que se mudou para a casa ao lado um pouco estranha. Nunca a via perto dos pais. Nem sabia que havia uma garotinha morando ao lado até meses depois de eles terem se mudado. Eu estava sozinha no galpão atrás de casa — passava a maior parte do tempo lá, porque era tranquilo — quando ouvi a garota cantando no quintal dos fundos. Abri devagar a porta de metal enferrujado, tentando não revelar meu esconderijo para meu pai, e me esgueirei pela lateral para olhar por uma fenda entre as tábuas da alta cerca de madeira que separava os quintais. A menina tinha cabelos pretos brilhantes, cortados logo abaixo do*

ombro. E usava um short cor-de-rosa com um arco-íris extravagante na coxa esquerda. Eu tinha um short igual, e fiquei intrigada com esse detalhe, que, sob quaisquer outras circunstâncias, seria insignificante.

Ela estava sentada na grama com um bicho de pelúcia no colo, entre as pernas cruzadas. Ao lado dela, um grosso livro de colorir. Também achei isso estranho, porque parecíamos ter a mesma idade, e eu já tinha abandonado os livros de colorir. Ela rabiscava furiosamente com um giz de cera enquanto cantava baixinho para si mesma. Tinha uma voz linda e melodiosa.

Apertei o rosto na cerca, tentando ver melhor o que ela estava colorindo, mas estava longe demais para entender o que era.

Então ela sentiu que estava sendo observada e parou de cantar. Levantou a cabeça de repente e ficou parada por um momento, atenta aos sons ao redor. Eu não me mexi. Não conseguia nem respirar. Não sei por que estava me esforçando tanto para não ser vista, já que queria muito falar com ela. Talvez uma parte de mim — a parte que sabia quão perigosa ela era, antes mesmo que o restante de mim soubesse — já estivesse com medo.

Então ela me viu. Eu só me movi dois centímetros, porque comecei a sentir uma câibra nas costas, mas o movimento sutil foi o suficiente para me revelar.

Ela me encarou por um momento antes de ficar de pé e se aproximar, trazendo o bicho de pelúcia em uma das mãos — um carneiro esfarrapado e sujo, notei quando ela chegou mais perto — e um giz de cera vermelho na outra. Deixou o livro de colorir na grama.

— Olá — cumprimentou ela, inclinando a cabeça para o lado, como que para ver melhor através da fenda irregular entre as tábuas. — Qual é o seu nome?

— Cassia Carrington. E o seu? — Seraphina — disse ela, com um sorriso cheio de dentes. Retribuí o sorriso. Gostei dela na hora.

Seraphina se sentou sobre as folhas perto da cerca, e eu fiz o mesmo. Conversamos por alguns minutos.

— Nunca vi você na escola — comentei.

— Não, eu estudo em casa. Olhando para ela pela fresta da cerca, eu só conseguia vislumbrar o carneiro sujo em seu colo e a ponta do dedo indicador fazendo círculos ao redor do olho preto do bicho de pelúcia.

— Quantos anos você tem? — perguntou a menina.

— Dez.

— Eu também. Mas meu aniversário está chegando, vou fazer onze.

— Eu acabei de fazer aniversário. Minha mãe comprou uma bicicleta nova para mim.

— Então sou mais velha do que você — comentou ela, com um ar de autoridade inocente que me fez sentir protegida. — Mas eu não tenho bicicleta — acrescentou, com tristeza.

Eu não tinha irmãos, mas sempre quis ter. Era difícil ser filha única, ainda mais porque eu não tinha amigos. Ao menos não até Seraphina chegar. E, dez minutos depois de começar a conversar com ela, senti que eu não só finalmente tinha uma amiga, mas também a irmã mais velha que sempre desejei.

Levei um momento para perceber que havia tristeza na voz dela quando disse que não tinha bicicleta.

— Ei, você pode vir aqui e andar na minha, quando quiser.

Eu a ouvi suspirar.

— Obrigada — respondeu ela, e fez uma pausa —, mas meu pai não gosta que eu vá na casa dos outros.

— Ah. — Dei um peteleco na ponta de um graveto, e ele voou pelo gramado. — Bom, talvez eu possa ir na sua casa.

Seraphina ficou em silêncio por um momento ainda mais longo.

— Eles também não gostam disso — respondeu, por fim —, mas a gente pode ser amiga mesmo assim.

Eu não sabia bem como aquilo iria funcionar, considerando que uma cerca nos separava, e ela não podia receber visitas nem ir a lugar algum.

Mas fizemos funcionar. Todo dia, depois que eu chegava da escola, Seraphina vinha escondida ao galpão através de uma abertura que fizemos na cerca nos fundos do quintal. Usei um martelo para soltar os pregos em duas tábuas, de forma que pudéssemos deslizá-las e recolocá-las sem problemas.

Seraphina e eu passávamos muito tempo lá, brincando com Barbies e bichinhos de pelúcia. Eu até voltei a colorir, e descobri que gostava muito.

Éramos inseparáveis, como irmãs. Mas, com o passar das semanas, comecei a perceber quão diferentes éramos, quão diferentes eram nossos pais.

Uma tarde, Seraphina começou a tremer ao ouvir a voz áspera do pai lhe chamando da porta dos fundos, como se tivesse entrado em uma

geladeira. Ela saiu correndo do galpão e rastejou pela terra, folhas e pedras na direção da abertura secreta na cerca. Acho que ela temia que, se corresse de pé, o pai a veria da varanda dos fundos.

Eu a ajudei a passar depressa pela cerca e fechei a passagem quando ela chegou do outro lado. Minutos depois, ouvi Seraphina gritando dentro da casa. Fiquei encolhida no galpão, tremendo ao escutar seus gritos de gelar o sangue. Fiz xixi na roupa, de tanto medo. Um som de chicotadas ecoava. Muitas e muitas vezes. E Seraphina gritava e gritava, até que ficou em silêncio. Mesmo depois, eu ainda ouvia a tira de couro batendo nela.

Continuei encolhida, soluçando com o rosto nas mãos, sentindo gosto de sal, catarro e bilis no fundo da garganta. Por um momento muito breve porém profundo, torci para que ele a tivesse matado, pois assim ela nunca mais precisaria passar por aquilo.

Não vi Seraphina por uma semana depois disso, mas então, um dia, a encontrei de novo sentada na grama no quintal dos fundos, como no dia em que a conheci.

— Seraphina? — sussurrei baixinho, pela fresta na cerca.

Ela não olhou, mas senti que tinha me ouvido.

— Seraphina? Você está bem? Ela mal virou a cabeça, mas, mesmo naquele ângulo, dava para ver a dor em seu rosto. Ela usava calça e uma camisa de mangas compridas, embora estivesse calor. Eu sabia por quê. Só podia imaginar como estavam os hematomas por baixo daquelas roupas.

Nós duas estávamos com medo, mas queríamos que ela viesse para o meu lado da cerca. Assim, depois de alguns minutos, Seraphina finalmente se esgueirou para o fundo do quintal, e eu a ajudei a rastejar através da abertura.

— Ele descobriu? — perguntei, depois de estarmos escondidas em segurança dentro do abrigo. — Que você vinha escondida para cá?

Ela balançou a cabeça morena e baixou os olhos para o carneirinho em seu colo.

— Não — respondeu, baixinho. — Ele estava bravo porque deixei minha roupa no chão do quarto.

Achei aquilo a coisa mais terrível. O motivo mais idiota para alguém levar um castigo. Fiquei ali olhando para ela, boquiaberta.

Seraphina mal me olhava. Estava sentada pouco à vontade, como se os ossos das costas e da bunda doessem demais para que ficasse confortável. E notei que não parava de ajeitar a parte da calça vermelha que cobria a

*virilha, como se o tecido irritasse a pele lá embaixo. Aquilo me deu uma sensação esquisita. Sombria. Queria perguntar por que ela sentia coceira ali, mas fiquei com medo, por alguma razão.*

*Seraphina ergueu os olhos para mim.*

*— Preciso ir — disse de repente, e se levantou com dificuldade, segurando carneiro de pelúcia debaixo do braço. — Preciso voltar para o meu projeto.*

*— Que projeto? — perguntei, muito curiosa.*

*Seraphina sorriu, o que também achei esquisito, dadas as circunstâncias — será que ela esquecera o que tinha acontecido? Ela estendeu a mão para mim. Eu a peguei, e a menina me ajudou a levantar.*

*— É só um negócio que preciso fazer. Depois eu conto.*

*E então ela foi embora, passando de volta para seu lado da cerca sem mais uma palavra.*

Fredrik nunca me abraçou tão forte. Seus braços me apertam tanto que um pouco mais e eu nem conseguiria respirar. Sinto seus lábios no topo da minha cabeça, seu coração batendo forte em minha pele.

Levanto a cabeça e me viro para encará-lo. Seus olhos estão úmidos. Nunca o vi assim, e isso me lembra das coisas que ele me contou ter passado quando criança.

Beijo os nós de seus dedos. — Desculpa... se isso lhe traz lembranças ruins. Eu posso parar. Fredrik balança a cabeça e enxuga os olhos antes que as lágrimas caiam. — Não — responde ele, em voz baixa —, não me peça desculpas. Isso não tem nada a ver comigo. Por favor... só me conte a história.

Eu beijo os nós de seus dedos de novo e continuo, relutante.

*Seraphina estava diferente depois dessa última vez que o pai a espancou, mas não graças a mim ou à minha mãe. Porque eu tentei ajudar Seraphina. Eu me sentei com minha mãe, certa noite, quando meu pai estava no bar, e contei o que tinha acontecido.*

*— Mas, mamãe, ele bateu tanto nela! Ouvi os gritos e tive pesadelos.*

*Minha mãe balançou a cabeça e enfiou o garfo na boca, comendo um bocadinho de salada.*

*— É melhor você ficar fora disso, Cassia — respondeu ela, mastigando.*

*— E também não conte para ninguém. Ouviu? Se contar, também vai ficar encrencada. — Ela apontou o garfo para mim. — O pai dela é um figurão*

*do governo. Muito perigoso. A gente não vai se envolver, entendeu? — Ela bebeu um pouco de água.*

*Eu assenti, nervosa e, embora não entendesse por que minha mãe — uma mulher tão amorosa e inteligente — não queria chamar a polícia na mesma hora, para denunciar o que estava acontecendo na casa ao lado, sabia que ela também devia ter medo do pai de Seraphina por um bom motivo. Assim, fiz o que ela mandou e fiquei de boca fechada.*

*Isso durou mais três anos. Quando completamos treze anos — ela alguns meses antes de mim —, Seraphina havia se tornado uma garota muito diferente daquela que conheci na grama, segurando o carneirinho. Ainda era espancada pelo pai, mas parecia não ter mais medo dele.*

*Até começou a ir à minha casa. Saiu pela porta da frente de onde morava, um dia, andou pela calçada e foi até a porta da minha. Fiquei chocada quando abri e a vi ali parada. Por um momento também fiquei parada, olhando para ela.*

*— Não vai me deixar entrar? — indagou ela, com um sorriso.*

*A essa altura, ela não carregava mais o carneiro de pelúcia. Disse que tinha jogado fora. Achei os restos em uma pilha de cinzas no meu quintal.*

*Seraphina nunca me contou tudo sobre seu “projeto”, mas disse que um dia fugiria de casa e que o projeto era um meio de conseguir isso. Eu tinha parado de fazer perguntas sobre o assunto.*

*Naquela tarde, Seraphina passou o resto do dia em minha casa, escondida comigo no quarto. Vimos TV e falamos sobre tudo. Ela contou vantagem por ter roubado um pouco de perfume da mãe e enfiou os pulsos debaixo do meu nariz, para que eu cheirasse. Eu gostava muito daquele perfume. Quando anoiteceu e ouvi meu pai voltando do trabalho, Seraphina ficou nervosa. Dava para ver nos olhos dela, na postura; suas costas ficaram rígidas e seu peito parou de se mexer, como se os pulmões tivessem se esquecido de respirar. Como muitas coisas a respeito de Seraphina, achei que a reação ao meu pai voltando do trabalho foi estranha. Ainda mais depois de ela aparentemente nem ter mais medo do próprio pai. Então por que teria do meu?*

*— Cassia! — Ouvi meu pai gritando. — Venha jantar!*

*Seraphina arregalou os olhos, fitando a porta do quarto.*

*— Só um minuto, papai! — gritei em resposta. Virando-me para Seraphina, indiquei a porta do quarto com um movimento de cabeça e falei: — Venha, acho que é hora de você voltar para casa.*

*Seraphina assentiu. Parecia que ela nem piscava.*

*— Vou sair pela janela. Não quero que seus pais contem para os meus que eu estive aqui.*

*Ela ainda tinha medo do pai, no fim das contas, e percebi que só estava escondendo isso melhor.*

*Fiz que sim.*

*— Está bem — respondi, e fui até a janela, abrindo o trinco e erguendo a vidraça.*

*— CASSIA! — berrou meu pai. — DESCE JÁ PARA COMER, PORRA! — Eu dei um gemido desesperado ao ouvir o tom de voz dele.*

*Ele era um bom pai — nada parecido com o de Seraphina —, mas não tolerava desobediência.*

*Seraphina estava começando a pular para o telhado, mas, quando ouviu a voz de meu pai pela segunda vez, parou e me olhou com uma expressão enfurecida nos grandes olhos castanhos.*

*Gesticulei para ela, tentando apressá-la e fazê-la sair logo.*

*— Por que ele está falando assim com você? — perguntou ela, estreitando os olhos, com raiva na voz.*

*Eu continuava correndo os olhos entre ela e a porta do quarto, ficando cada vez mais nervosa com a demora. Não queria ser colocada de castigo.*

*— Ele sempre fica assim quando chega do trabalho — expliquei. — Agora anda logo. Preciso descer.*

*Depois de mais alguns segundos olhando para mim e para a porta, Seraphina finalmente deslizou para fora e correu pelo quintal. Eu a vi se esgueirando pelo buraco secreto na cerca, em vez de sair destemida pela porta, como esperava que ela fizesse depois de ter entrado tão corajosamente.*

*Uma semana depois, eu estava sentada no galpão, escrevendo em meu diário, quando Seraphina chegou. Ela estava com uma expressão de desprezo e astúcia no rosto, um sorriso que fez um calafrio percorrer minha espinha. Seus olhos estavam sombrios, e ela me olhava como se quisesse contar algo de que eu não ia gostar.*

*Ela se sentou no chão de concreto do galpão e me deu um beijo no rosto.*

*— Você me ama, Cassia? Abri um sorriso incrédulo. — Claro que amo. Você é como uma irmã para mim.*

*Ela inclinou a cabeça para o lado e juntou as mãos no colo.*



— Você se lembra daquela vez que me falou que queria ir aonde quer que eu fosse? Que queria ser minha irmã para sempre, haja o que houver?

Assenti com um sorriso ainda mais largo, porque era verdade. Eu queria mesmo ir aonde quer que ela fosse. Ela era a minha melhor amiga. Queria que nós duas crescêssemos juntas.

— Sim, eu lembro.

Ela sorriu, e sua expressão se abrandou.

— Ótimo. Então hoje à noite vamos fugir juntas.

Meu rosto murchou, e tentei engolir o nó que se formou em minha garganta, mas estava seco demais.

— C-como assim, fugir? Eu me sentia culpada só de ter aquela conversa.

Seraphina me puxou para um abraço rápido, depois correu as mãos por meus braços até seus dedos encontrarem os meus. Ela segurou minhas mãos com firmeza e disse: — Quero ir para Nova York. Já tenho tudo planejado. A gente pode pegar um ônibus. É fácil, fazem isso nos filmes o tempo todo, e ninguém nunca pede documentos, só de quem tem cara de criança. Mas a gente não tem cara de criança. — Ela apontou para nós duas. — Eu posso passar por dezessete anos, e você... bem, acho que você também, se usar um pouco de maquiagem.

Eu balançava a cabeça em negativa o tempo todo, enquanto ela explicava o plano, mas Seraphina continuou falando, a empolgação com aquele plano crescendo no olhar.

— Quero ser cantora — anunciou, com o maior sorriso de deslumbramento que já tinha visto em seu rosto. Ela apertou minhas mãos ainda mais. — E você também pode ser, Cassia. Nós duas podemos ser cantoras. Você canta até melhor do que eu!

Fiquei vermelha e baixe os olhos para nossas mãos.

— E-eu não sei, Seraphina. — Olhei para a porta do galpão, apavorada com a possibilidade de meus pais estarem ouvindo. — Fugir não vai ser fácil. Meus pais vêm me ver toda noite. Primeiro, minha mãe. Depois, mais tarde, meu pai. Eles dariam pela minha falta antes de chegarmos ao terminal de ônibus. E o dinheiro? Eu não tenho dinheiro.

Seraphina abriu um sorriso enorme se curvou para mexer no bolso de trás. Quando tirou a mão, havia um bolo de cédulas nela.

— Roubei da caixa de joias da minha mãe — explicou, com um sorriso de orgulho, e pôs o dinheiro em minhas mãos. — Com isso, dá para a gente

*chegar em Nova York.*

*Olhei para o dinheiro e depois de novo para ela. Não queria dizer não, mas, ao mesmo tempo, estava com medo. Com medo de fugir. De ser pega. De ficar de castigo pelo resto da vida.*

*Mas acho que, acima de tudo, estava com medo de Seraphina.*

*— Então, você vai embora comigo? Ela ficou ali, as mãos no colo, os dedos se enroscando ansiosamente uns nos outros. Seu rosto estava cheio de empolgação, e eu previ perigo, risco e encrencas — tudo o que sempre procurei evitar. Tudo o que eu temia.*

*Mas então, finalmente, respondi: — Mas e se meus pais acordarem e perceberem que eu fui embora? E se eles pegarem a gente antes de chegarmos a Nova York?*

*— Eles não vão pegar a gente — retrucou ela, com tamanha convicção que não consegui deixar de acreditar. — Vou cuidar disso antes de a gente ir.*

*Antes que Seraphina saísse do galpão naquela tarde e voltasse para seu quintal, eu concordei em fugir com ela. E prometi confiar nela, não importava o que ela precisasse fazer para me ajudar a fugir.*

Estou deitada na cama, a cabeça apoiada na coxa de Fredrik. Não lembro quando mudei de posição, de tão absorta que estava na lembrança. Fazia um ano que não me lembrava de nada disso, nem de qualquer coisa sobre minha vida, então é muito para assimilar.

A mão de Fredrik se move pelo meu cabelo com suavidade, fazendo arrepios brotassem da nuca e percorrerem todo o meu corpo. É como se ele estivesse me consolando e, mais do que isso, como se estivesse sofrendo, e não quero continuar. Sei que ele teve uma vida terrível e passou por coisas aterrorizantes quando menino; coisas que provavelmente jamais irá me contar, mas sei que foram muito piores do que qualquer coisa que eu tenha vivido.

— O que Seraphina fez com os seus pais, Cassia? — pergunta ele, com a voz suave, enquanto enfia os dedos nos meus longos cachos.

Olho para o aparelho de TV na parede do outro lado do porão e deixo que a cena daquela noite se desenrole diante de mim como se estivesse passando na tela escura.

Então, respondo:

— Ela apunhalou meu pai no pescoço enquanto ele dormia na sala, em sua poltrona favorita. Depois derramou gasolina que pegou no galpão por

toda a casa e pôs fogo. Minha mãe morreu queimada no quarto.

Uma parte de mim sente falta deles, mas outra não sente nada, porque aconteceu há muito tempo.

— Eu não fui para Nova York com ela — comento, com a voz distante, vendo o rosto de Seraphina em minha mente quando foi levada embora no carro da polícia. Seu rosto estava encostado no vidro enquanto ela me olhava. — Conte para a polícia o que ela fez, e eles a levaram embora. Ela confessou tudo. Nunca mais nos vimos. — Meus dedos se agarram ao lençol debaixo de mim. — Nunca mais nos vimos até um ano atrás, quando ela me encontrou em meu apartamento em Nova York e tentou me matar. Sei que ela acha que estava me ajudando ao matar meus pais. Acho que também matou os dela, antes dos meus. Mas eu a traí quando fiz a denúncia. E agora... ela quer se vingar de mim pela vida que perdeu.

Fredrik não diz nada por muito tempo, e fico preocupada com o que ele deve estar pensando. Ainda consegue amá-la, agora que sabe o que ela fez? Nunca foi minha intenção fazer com que ele parasse de amá-la contando a verdade, mas não consigo deixar de ter esperanças de que talvez agora ele consiga enxergar a razão.

— Fredrik?

# CAPÍTULO DEZOITO

*Fredrik*

— Sim? — respondo, embora a essa altura não saiba ao certo se vou conseguir me obrigar a dar qualquer resposta além dessas três letras.

Minha vida acabou. Tudo o que sempre pensei saber sobre Seraphina, sobre nossa vida juntos, o amor que vivemos, tudo acabou. Porque agora sei que não há nada que eu possa fazer para ajudá-la, para trazê-la de volta para mim. Ela é um perigo para mim, para si mesma e para todos ao redor. Até para Cassia. *Principalmente para Cassia.*

Seraphina era perturbada quando a conheci, oito anos atrás, quando me apaixonei por ela. Mas eu não sabia a dimensão de sua doença até agora. Nunca soube que ela sofrera experiências traumáticas quando criança, assim como eu.

Nunca soube.

Mas nós dois somos muito diferentes, apesar de nossos passados serem um tanto semelhantes. Eu não mato inocentes. Eu, embora seja um canalha sádico, torturador e assassino, tenho limites e padrões. Sei quando parar. Me sinto culpado por meus erros. Mas agora sei que Seraphina não *entende* o que é culpa ou remorso.

Como pude estar *tão enganado* a seu respeito?!

Como pude ser *tão cego* ?! Por amor.

Seraphina tinha razão desde o princípio. Estar apaixonado é estar morto, porque o amor é fatal.

Cassia levanta a cabeça da minha perna e apoia o corpo nu em um dos braços. Ela me encara.

— Fale comigo — pede, beijando minha bochecha. — Você está bem?

Forço um sorriso e faço que sim. Então ela baixa o olhar, e sinto a tristeza e a preocupação a consumindo. Ergo seu queixo com a ponta do

dedo.

— Agora fale comigo você — peço, com delicadeza. — No que está pensando?

Ela engole em seco, nervosa, e encara o teto, os olhos castanhos cheios de preocupação.

— Você ainda vai me proteger dela quando finalmente a encontrar?

Meu coração está morto. Negro. Acabado. Mas não por causa de Cassia. Se ele ainda consegue bater, mal e mal, é graças a ela, embora eu não saiba quanto tempo vá aguentar.

Eu me curvo e beijo a testa dela, segurando sua nuca e a mantendo ali, fechando os olhos com força.

Logo vou ter que fazer a coisa mais difícil que já fiz na vida. Mas, por enquanto, vou dar a Cassia tudo o que ela quiser.

— Eu sempre vou proteger você dela — digo, me afastando devagar. — Seraphina nunca mais vai machucar você. Vou garantir isso.

Cassia me lança um olhar terno e agradecido e deita a cabeça em meu colo outra vez.

Ficamos em silêncio por um tempo enorme, eu passando os dedos pelo cabelo dela, até que por fim Cassia adormece. Saio de debaixo dela com cuidado para não acordá-la e a cubro com o lençol, depois de prender o grilhão outra vez em seu tornozelo sadio. Notei que a chave estava no criado-mudo ao lado da cama o tempo todo e deduzi que não a levei para cima comigo da última vez, quando saí correndo e a deixei sozinha. Foi assim que ela conseguiu abri-lo.

Ela não tentou fugir, e duvido que tente, mas não posso arriscar.

Deixo Cassia sozinha e volto para cima, onde me sento no sofá, apenas de cueca, olhando para a escuridão e pensando em tudo o que aconteceu. E fico assim até que a luz de um novo dia penetra as cortinas e bate no chão perto dos meus pés descalços.

~~~

— Fredrik, o que foi? — pergunta Izabel ao telefone, percebendo o tom de urgência em minha voz.

— Preciso falar com você, só isso — respondo, depois de finalmente chegar ao fundo do poço e admitir para mim mesmo que preciso falar com alguém. Mas, se vou falar com alguém, só pode ser com Izabel. — Você já voltou de Seattle? Onde e quando pode me encontrar?

— Sim, voltei hoje de manhã. Niklas e Dorian ficaram lá para concluir tudo. A outra Ordem mandou só dois homens, foi moleza.

— Muito bem, e onde a gente pode se encontrar?

— Que tal eu ir à sua casa? — pergunta ela, com cautela. — Posso chegar aí em duas horas.

— Não — digo, indo até a porta para deixar Greta entrar. — A gente precisa conversar em outro lugar. Qualquer lugar, menos aqui.

— Fredrik, você está começando a me deixar preocupada. Primeiro...

— Pode me encontrar no Druid Hill Park? — interrompo. — No mesmo estacionamento que a gente se encontrou antes da missão Vanderbilt, no mês passado? Daqui a duas horas. Izabel faz uma pausa.

— Beleza, estarei lá.

Encerro a chamada. Greta passa por mim com um sorriso meio nervoso. Ela sempre teve medo de mim, mas depois que soltou Cassia da corrente sem minha permissão, acho que nem queria vir trabalhar hoje.

Ela deixa a bolsa no balcão da cozinha, soltando as chaves ao lado. Começa a limpeza na mesma hora, se curvando para pegar um pulverizador debaixo da pia e evitando cruzar o olhar comigo a qualquer custo.

Já de jeans, suéter preto grosso e um tênis All Star, mais informal, coloco o casaco e me preparo para sair.

— Vou sair por algumas horas — digo, ajustando a gola do suéter. — Em hipótese alguma solte Cassia daquela corrente. Entendeu? — Por fim, ponho um gorro preto de lã.

Greta assente, mal me encarando. — Sim, sr. Gustavsson. Pegando as chaves do balcão, seguro-as em uma das mãos enquanto verifico se minha carteira está no bolso de trás da calça.

Greta borrifava o tampo do balcão e começa a limpá-lo.

— A propósito — acrescento —, Cassia talvez conte a você as coisas de que se lembrou.

Greta ergue os olhos do trabalho, surpresa.

— Ela *lembrou* ?

— Ao que parece. — Eu me aproximo, fitando seus olhos nervosos. — Mas não quero que você fale com ela respeito. A menos que ela toque no assunto. E, mesmo assim, fale pouco. Deixe-a falar, se ela precisar, mas não passe disso. Entendeu?

A expressão confusa no rosto enrugado de Greta se acentua, mas ela concorda com outro movimento nervoso de cabeça.

— O senhor volta para o jantar? — pergunta ela, enquanto me dirijo até a porta.

Não respondo, e saio para o ar frio do inverno, indo direto para o carro.

Paro para tomar café, abastecer e comprar o jornal, tentando encontrar coisas para fazer e gastar duas horas. E pensar. Sobretudo pensar. Quanto devo contar a Izabel? Não tudo, mas o suficiente para... Já estou me arrependendo de ter marcado esse encontro. Não há nada que Izabel possa fazer além de me dar conselhos, e desde quando sou o tipo de homem que precisa de conselhos? Nunca fiz confidências a ninguém além de Seraphina. E Willa, quando eu era só um menino oprimido por homens perversos. Mas agora... agora estou desesperado, e ninguém no mundo tem mais intimidade comigo do que Izabel Seyfried. Victor Faust pode ser meu amigo e alguém em quem acredito poder confiar, mas é homem, e eu nunca consegui desenvolver com um homem o tipo de laço que tenho com algumas poucas mulheres.

Meu passado com homens impede tais laços.

As duas horas se arrastam sem fim, e passo os últimos trinta minutos desse tempo esperando no estacionamento do parque, com o motor ligado para me aquecer. O céu está cinzento e encoberto por espessas nuvens de inverno, que a qualquer momento vão começar a jogar neve em cima de tudo.

Nota mental: quando tudo isso acabar, me mudar para o Sul.

O Mercedes preto de Izabel entra no estacionamento. Ela para o carro perto de mim.

— Porra, que frio — comenta ela, tremendo ao sentar no banco do passageiro e fechar a porta depressa.

Entrego a ela um café quente em um copo descartável com tampa.

— Você me conhece muito bem. Ela sorri, e seus grandes olhos verdes brilham, agradecidos, quando ela segura o copo com as duas mãos, para aquecê-las. Apertando os lábios, ela sopra o vapor que sai da pequena abertura na tampa e toma um gole cauteloso, reclamando quando o líquido queima seus lábios.

— Então, o que é isso tudo? Ela deixa o copo no suporte do painel, entre nós. Depois ajeita o longo sobretudo branco, puxando-o debaixo do corpo, e enfia as chaves no bolso. Seu longo cabelo ruivo está preso em um rabo de cavalo sedoso.

Hesito por um longo tempo, tirando as mãos do volante e repousando-as no colo. Encosto a cabeça no apoio do banco de couro.

— Bem, antes que você diga qualquer coisa — começa ela, depressa —, quero que saiba que contei para o Victor que ia encontrar você aqui.

— Eu não esperava que você *não* contasse. — Sorrio para ela e brinco: — O que foi? Achou que eu planejava matar você?

Izabel ri baixinho e me dá um soquinho no ombro.

— Eu conto tudo para o Victor, você sabe — responde ela, com um sorriso. — Além disso, você não me mataria.

Ergo uma sobrancelha e abro um sorriso torto.

— É mesmo? Você deve se achar especial. Tenho novidades, princesa. — Seu rosto todo se abre em um sorriso. — Está bem, até que você é especial — admito, mas então aponto para ela, estreito os olhos e digo: — Mas não fique muito convencida. Eu mataria você mesmo assim.

Ela ri, revira os olhos e apoia a cabeça no encosto por um momento.

Então, pergunta: — Esse é o seu jeito de quebrar o gelo? — Ela inclina a cabeça, para poder me olhar. — Porque sinto que o que você tem para me contar é sério.

— É.

— Bem — continua ela, olhando para o para-brisa —, só não esqueça o motivo de eu ter falado do Victor.

— Eu sei — respondo. — Porque você não esconde nada dele.

Ela afasta a cabeça e as costas do assento e se vira um pouco para me encarar.

— Eu admiro você por isso — digo. — Por ser honesta com ele.

— Eu tenho que ser. Primeiro, por amor. E, segundo, porque se eu não for honesta com ele, ele pode me matar.

Abro um sorriso.

— Duvido que Victor matasse você. Ela me olha de esguelha. — Você não tem convivido muito com ele. Todo aquele poder. — Ela dá risada. — Ele me dá um pouco de medo.

O sorriso em seus olhos me diz que ela está brincando.

— Olha, você é como um irmão para mim — explica ela, ficando séria de novo. — E se um dia me pedisse para manter segredo sobre algo *pessoal*, eu não contaria para o Victor nem para ninguém. Mas só quis avisar antes que você comece a falar, para você ter *certeza* de que o que vai me contar é alguma coisa que preciso saber ou não.

— Eu sei, e agradeço o cuidado que você tem comigo, mas eu só perco o juízo às quartas. Sei o que estou fazendo.

— Hã, Fredrik — ela sorri e inclina cabeça pensativamente —, hoje é quarta.

Eu suspiro.

— É. Eu sei.

O sorriso desaparece do rosto dela em um instante quando percebe como o assunto é sério e como sei muito bem que estou correndo um grande risco contando para ela.

Finalmente, pego o celular do painel e passo o dedo na tela para abrir a câmera do porão. Izabel observa com atenção enquanto espero que a imagem apareça. Fico assistindo por um momento, para ver se não há nada fora do normal. Cassia está sozinha no quarto, andando de um lado para o outro e arrastando a corrente atrás de si. Ela usa um grosso roupão azul que vai até o tornozelo, por cima da camisola. Parece perdida e ansiosa. Eu me pergunto se Greta já esteve lá embaixo com ela e concluo que sim, porque ela já deve ter tomado café da manhã.

Hesito, fechando a mão ao redor do celular, e contemplo a situação em silêncio uma última vez, para ter certeza de que quero mesmo revelar esse assunto.

Entrego o celular a Izabel. Ela o pega da minha mão, relutante, e olha para a tela. Depois de observar um momento e correr os olhos algumas vezes entre mim e o vídeo, pergunta: — Quem é essa? — Então olha para a tela de novo.

— O nome dela é Cassia. Mais uma longa pausa. Izabel tira os olhos do telefone e me encara por mais tempo. — Ok... — responde, simplesmente, esperando que eu explique. — Este é um link de vídeo ao vivo.

Do meu porão.

Ela franze o cenho, confusa. — Você está mantendo uma garota no porão? Não entendi.

Dou um suspiro profundo, com dificuldade para pensar em como contar. Por onde começo? O que devo omitir? Preciso tomar cuidado, porque Izabel é esperta e não vai ter dificuldade em reconhecer lacunas na história. — Estou usando essa garota para me ajudar a encontrar Seraphina. — Usando como? — Izabel já está com um ar de reprovação. — O que ela tem a ver com a Seraphina? Há quanto tempo você a mantém lá? Peraí... — Ela para de repente e olha para a tela mais uma vez. Quando ergue os olhos para

mim, cheia de desconfiança e crítica, diz: — Aquilo é uma corrente no tornozelo dela?

— Sim — admito.

Izabel tenta reprimir o sentimento inicial de reprovação para me dar o benefício da dúvida.

— Está bem, então você está interrogando a garota. Ela está envolvida na vida de traição e assassinato da Seraphina e em só Deus sabe o que mais. Isso eu entendo.

Ela deixa o telefone no painel. Percebo, pela expressão em seu rosto, que ela não tem tanta certeza de que qualquer parte da desculpa que acaba de imaginar seja válida.

— Não — confesso, hesitante. — Cassia é inocente. Ela está presa em meu porão há mais ou menos um ano. Desde cinco meses depois da missão de Hamburg e Stephens, no Novo México.

Izabel trava.

— Um *ano* ? — indaga, chocada. — E ela é *inocente* ? Fredrik, o que você tem na cabeça, porra?

Fecho os olhos.

— Fica calma e me deixa explicar. Ela inspira profundamente, concentrada, e fica me olhando no pequeno espaço confinado.

— Victor tinha razão — diz, e isso faz com que eu de repente vire a cabeça de vez, encarando-a. — Quando mandou você voltar de Seattle, Victor me contou que tinha suspeitas sobre o seu envolvimento com Seraphina, de que era isso que estava deixando você desconcentrado. Eu nem sabia que ela ainda estava viva até aquela noite, Fredrik. — Ela balança a cabeça devagar. — Porra, Victor só me falou disso porque eu estava muito preocupada com você e com o jeito como você anda agindo. Mas, Fredrik, você não pode fazer isso com essa garota, seja qual for o papel que ela tem na vida de Seraphina. Não se ela é inocente. Você precisa soltá-la.

— Izabel — intervenho, em voz baixa, esperando conseguir fazê-la entender sem revelar demais —, Cassia não quer ser solta. Ela morre de medo da Seraphina. Ela *quer ficar comigo*.

As rugas se aprofundam na testa de Izabel.

Ela demora um momento, mas então diz: — Ela *quer* ficar com você? Meu Deus, Fredrik, ela está com uma *corrente* no tornozelo. Está trancada em *um porão* . — Ela gesticula, enfatizando as palavras, tentando me fazer

entender como soam ridículas. — Se ela quer ficar com você, por que precisa ficar trancada?

— É só uma precaução. Para o caso de tentar fugir. — Até eu acho meu discurso contraditório e idiota.

E, a julgar pelo sorriso forçado nos olhos de Izabel, ela pensa da mesma forma.

Mas então a expressão dela muda de repente, como se uma explicação razoável tivesse acabado de surgir em sua mente.

— Você está apaixonado por essa garota — acusa ela, o que me choca um pouco. Eu não esperava por isso. — Você não quer soltá-la porque está *apaixonado* por ela. Faz sentido. Tem algo diferente em você... Eu senti que tinha algo diferente em você, e não parecia nada... ruim. Só diferente.

Eu quero dizer *Izabel, você está errando feio*, porque o que ela está dizendo é ridículo, mas, ao mesmo tempo, é uma saída. Se ela acha que o único motivo pelo qual estou mantendo Cassia encarcerada é porque estou apaixonado por ela, isso vai parecer menos cruel, e talvez Izabel consiga se obrigar a aceitar minha decisão e guardar meu segredo, ainda que por pouco tempo, até eu poder acertar tudo.

— E ela deve estar apaixonada *por você* — continua ela, o entendimento brilhando em seu rosto conforme ela junta mais peças do quebra-cabeças. — Síndrome de Estocolmo. Faz sentido.

Na verdade, me intriga o quanto tudo que ela acaba de dizer *faz* mesmo sentido.

Só tem uma coisa: nada disso é verdade.

Izabel se debruça sobre o painel e entra em meu campo de visão.

— Mas, Fredrik, isso é loucura, até mesmo para você...

— Ah, obrigado pela parte que me toca — interrompo, com um sorrisinho, tentando melhorar o clima.

Ela sorri.

— Você sabe o que quero dizer. Claro que sei, mas não pude resistir. Então, tão depressa quanto fiquei brincalhão, volto a ficar sombrio e desvio o olhar, fitando o dia frio e cinzento pelo para-brisa.

— Você sabe que Victor... porra, até mesmo *eu* ajudaria você a encontrar Seraphina. — Ela apoia o corpo no assento de novo, ainda de frente para mim. Eu não olho para ela. — Sei que você acha que precisa fazer isso sozinho, entendo perfeitamente. Mas *não precisa* ser assim. Não

às custas dessa garota inocente. Fredrik, por que você precisa dela para encontrar Seraphina?

Meus ombros sobem e descem com um suspiro profundo e meu olhar se perde em meu colo, onde meus dedos se agitam, inquietos. Então, depois de um momento de contemplação silenciosa, conto a Izabel a mesma história que Cassia me contou noite passada, de como ela e Seraphina se conheceram. Izabel ouve o tempo todo com os lábios entreabertos e uma expressão de horror e tristeza crescentes distorcendo aos poucos seu semblante. Evito ao máximo encará-la, porque percebo o quanto a história a afeta. E começo a me arrepender de contar a ela, logo a Izabel, que viveu nove anos sob o jugo de um famigerado chefe do narcotráfico mexicano que a molestava e estuprava e que a manteve prisioneira por tempo suficiente para transformá-la na assassina que ela é hoje.

Quando a história acaba, Izabel não consegue falar pelo que parece uma hora, mas na verdade são poucos minutos. Vejo as emoções brutais que a corroem, causadas sobretudo pelas coisas por que Seraphina passou, as lembranças da própria vida com Javier Ruiz e todas as dificuldades do passado que ela, assim como eu, com um passado semelhante, tenta apagar da mente. Mas, também como em meu caso, por mais que ela se esforce, as cicatrizes mais profundas *nunca se apagam*.

— Fredrik... — sussurra ela, e então vira a cabeça em minha direção — ... você precisa soltar essa garota. Tem que fazer isso, ainda mais agora.

Balanço a cabeça em negativa, embora na verdade não quisesse que ela me visse fazendo isso — foi um reflexo. Não posso soltar Cassia e não vou soltar, por mais que Izabel me pressione.

Por que contei tudo a ela? No que isso poderia me beneficiar?

Sinto a mão dela em meu antebraço enquanto me agarro ao volante. Seus dedos me apertam.

— Me escuta. — Sua voz se torna mais aguda, determinada, e finalmente volto a encará-la. — Olhe só o que ela passou. Pense no que você acabou de me contar. — Ela sacode meu braço. — Aquela escrota desalmada... apesar das coisas horríveis que *ela* passou, matou os pais dessa menina. Essa mulher ficou traumatizada quando criança por causa do que a sua ex-esposa fez com ela. Passou por algo que ninguém, *ninguém*, porra, deveria ter que passar, e agora está sendo mantida prisioneira, acorrentada em um porão como um animal, e o que torna isso mais doentio é que ela

acha que está apaixonada por você! — Sua voz cada vez mais alta enche o carro, e seus dedos estão cravados em meu braço.

Izabel agora parece bastante comigo quando preciso torturar e matar alguém para apaziguar as lembranças dolorosas.

Não consigo mais olhar para ela. Os nós dos meus dedos estão brancos de tanto apertar o volante. Finalmente, sinto sua mão se afrouxar e soltar meu braço.

— Eu vou ajudar você — diz ela, com a voz suave. — Vou fazer o que você precisar que eu faça, mas tem que libertar essa garota. A gente pode levá-la para um abrigo para se proteger até que Seraphina seja capturada...

— Não.

O silêncio enche o carro. Consumido pelo remorso e um leque de outras emoções negativas, tudo o que consigo dizer é: — Sinto muito pelo que você passou quando estava com Javier Ruiz. E sinto muito por ter metido você nessa. Nem sei por que fiz isso. Mas *não vou* soltar Cassia. Preciso dela para encontrar Seraphina. Ela é a *única maneira* de encontrar Seraphina.

Depois de um momento, Izabel anuncia, em um tom sombrio: — Então você não é quem eu pensava que fosse.

Ouçõ a porta se abrir com um estalo, e uma lufada de ar frio invadir o carro.

— Aonde você vai? — pergunto, com cautela, sem mover um músculo.

Ela abre a porta de vez e sai do carro. Debruçando-se para dentro e com uma das mãos apoiada na porta, ela me encara com o olhar cheio de raiva, decepção e dor.

— Se você não soltar aquela garota — diz, entredentes —, *eu vou*.

Ela bate a porta, interrompendo a passagem de ar gelado pelo carro.

— Izabel, espera! — Eu saio do carro em segundos e dou a volta pela frente, encontrando-a do outro lado. — Você não pode fazer isso. Precisa confiar em mim!

Ela para na porta do próprio carro, mas sem abri-la, cruzando os braços com força contra o peito, enquanto o vento agita seu longo casaco branco.

Enojada comigo, ela balança a cabeça com indignação.

— Eu estava enganada — declara. — Você não ama aquela garota coisa nenhuma. Ainda está apaixonado por aquela escrota. E está *tão* apaixonado que está disposto a arruinar a vida de uma garota inocente só para encontrá-

la. Como se o que Seraphina fez com ela já não fosse o bastante! Não acredito que você seja *capaz* disso, Fredrik! — A voz dela falha.

Uma família pequena sai do estacionamento, indo para a estufa botânica. Ouvindo os gritos de Izabel, o pai pega a mão da filhinha e a puxa para mais perto, colocando-a entre ele e a esposa. Os pais nos olham por cima do ombro, enquanto apertam o passo pela calçada.

Izabel e eu esperamos até que eles entrem no prédio antes de continuar, nos fuzilando com os olhos, os dela mais cheios de raiva e decepção do que jamais desejei ver.

— Não posso soltar Cassia — digo mais uma vez, muito calmo.

Ela dá meia-volta e abre a porta do carro, disposta a me deixar ali plantado.

— Izabel! — Minha voz rasga o ar. Ela para, ainda entre a porta e o carro, o rosto consumido pela raiva, o corpo rígido e em conflito com a necessidade de ir embora.

Eu suspiro e olho para meus sapatos, deixando o remorso e a dor me destruírem de dentro para fora.

E então, finalmente, entendo por que eu trouxe Izabel aqui, por que preciso tanto dela.

— Não posso soltá-la... não posso. Porque Cassia *é Seraphina*.

Ela me olha com a expressão vazia, mas por trás dos seus olhos há um lago de assombro, confusão e negação, e ela está se afogando nele.

Ela se afasta da porta, mas a deixa aberta e vai muito devagar em minha direção. Eu a observo em silêncio enquanto ela se aproxima, tentando decifrar o véu de perplexidade aparentemente impenetrável que a consome, e tudo o que consigo detectar nele é dor. Mas não sei por quem ela sofre: se por Cassia, por Seraphina, por mim ou por si mesma.

Os cantos de seus olhos começam a brilhar com lágrimas. Ela sobe na calçada e toca meu rosto com delicadeza. Assim que faz isso, aquela dor sem nome que ela abriga se transfere diretamente para mim. Sua garganta se move quando ela engole as lágrimas. Neste momento, percebo que estou fazendo a mesma coisa.

— Ah, Fredrik — sussurra ela, balançando a cabeça.

Mas é só o que ela consegue dizer. Izabel tira a mão fria do meu rosto e a deixa cair ao lado no corpo.

Sufoco minhas próprias lágrimas, porque elas são ridículas pra caralho e não têm lugar em meus olhos. Eu não tenho esse direito. Não *quero* esse

direito. Então enfio as mãos nos bolsos do casaco e me recomponho, voltando a ser apenas Fredrik Gustavsson, o Especialista, o Chacal — qualquer um, menos o homem com coração ferido que perdeu o direito de chorar, gostar ou amar há muito tempo.

— Eu preciso da sua ajuda, Izabel. Ela balança a cabeça várias vezes.
— Me conta tudo.

CAPÍTULO DEZENOVE

Fredrik

Para escapar do frio e do interior minúsculo do carro — Izabel disse que precisava de mais espaço para respirar, depois do que acabei de lhe contar —, encontramos um lugar sossegado para nos sentarmos dentro da Sala do Deserto da estufa. O banco fica escondido entre pedras, pés de yucca e cactos. Está muito quente ali, uma diferença marcante em relação à baixa temperatura lá fora. Izabel e eu tiramos os casacos e os colocamos no colo antes de nos sentarmos. Eu tiro meu gorro preto e o enfio no bolso, junto com as chaves.

— Por que você fica me olhando assim? — pergunto a ela, me referindo àqueles olhos verdes tristes, cheios de sofrimento e piedade.

Eu não aceito piedade. Ela com certeza sabe disso.

— Eu só... Bem, é que sei o quanto você amava Seraphina — explica ela, com palavras suaves e cheias de dor. — Isto é, eu nunca soube de toda a história, mas sabia, ou melhor, *sei* o suficiente para entender que isso não deve ser fácil para você. E-eu não consigo imaginar... como isso é *possível*, afinal?

Olho para minhas mãos. — Sinceramente, não sei — respondo, desanimado. — Eu não sabia extensão de tudo isso até a noite passada. — Olho para Izabel, à minha esquerda. — Ela finalmente se lembrou de seu passado, ou o que acredita ser seu passado. Izabel, eu não fazia ideia. Nem sei o que estou dizendo, estou tão confuso quanto você com tudo isso. — Meu olhar se volta para minhas mãos, dobradas entre as pernas, os cotovelos apoiados nas coxas. Eu mexo no relevo do meu grosso anel, constrangido, lembrando depressa o que mandei gravar nele: O Chacal. Para sempre lembrar onde surgiram as trevas dentro de mim. Para o caso de um dia eu querer esquecer.

— Como assim ela lembrou? Hesitante, olho para a flora desértica, procurando sinais dos visitantes, que podem estar prestes a entrar para visitar esta sala.

— Cassia, ou melhor, *Seraphina*, sofre de amnésia desde que a tirei do abrigo depois do incêndio...

Um ano atrás — Nova York Eu estava seguindo *Seraphina* havia duas semanas, depois de tê-la visto em um telejornal, na Times Square, passando atrás do repórter em uma pequena multidão. Derrubei uma xícara de café fervente no colo quando vi seu rosto passando na tela. Havia seis anos que eu estava à sua procura. Seis anos desde a noite em que ela matou a última das três mulheres inocentes — presumivelmente por minha causa —, injetou drogas em mim, pôs fogo em minha casa e arrastou meu corpo para o grande terreno atrás da construção, para que eu não morresse queimado. Nunca mais a vi depois daquela noite, até um ano atrás. Eu achava que ela já estaria longe, àquela altura. Morta, até. Porque não era do feitio de *Seraphina* simplesmente desaparecer. Ela gostava do jogo. Vivia para ele. Eu esperava que ela deixasse um rastro de cadáveres — todas mulheres louras — para que eu pudesse caçá-la. Assim, quando a vi naquela noite, depois de tanto tempo, algo sombrio e predador estalou dentro de mim. Expectativa. Vingança. Desejo. Amor...

Deixei Baltimore naquele dia e fui para Nova York.

Duas semanas depois, encontrei-a no lugar por onde deveria ter pensado em começar a busca, trabalhando como cantora em um bar e restaurante chique de jazz e blues. Não havia nem sinal de uma Seraphina Bragado em lugar algum de Nova York, nem em nenhum outro lugar, aliás. Usei recursos da Ordem para procurar seu nome em toda parte durante seis anos. Ela não tinha nem certidão de nascimento, nem cartão de crédito naquele nome. Mas isso não me surpreendia muito, na verdade, porque ela estava trabalhando para outra Ordem e, como todos nós, nunca usava identidade verdadeira. Mas eu não fazia ideia de que o motivo pelo qual eu não conseguia achar nada sobre Seraphina fosse porque ela estava vivendo sob o nome de Cassia Carrington. Ela morava em um apartamento em Nova York. Pagava contas. Tinha uma grande amiga que morava do outro lado do corredor. E tinha um emprego. Levava uma vida normal, à vista de todos, e parecia estar assim havia muito tempo.

Finalmente, depois de anos de busca, pensei tê-la encontrado.

Fui para o bar naquela noite usando meu melhor terno, do jeito que ela sempre adorava me ver vestido, e tinha um plano.

O bar cheirava a charutos adocicados, uísque e perfume de mulher. Eu estava intoxicado pela atmosfera. Sempre adorei lugares como aquele, onde são servidos os melhores vinhos e há espetáculos sofisticados. Seraphina, apesar de sua profissão de assassina ou de seus ímpetos sexuais sombrios que só encontravam par nos meus, era uma mulher muito refinada — quando não estava matando alguém ou misturando seu sangue com o meu durante o sexo, é claro.

Escolhi uma mesa pequena, redonda e pouco iluminada, bem à esquerda do palco, para ficar à vista, mas sem ser o primeiro rosto que ela notaria quando se aproximasse do microfone. Um punhado de instrumentos ocupava o palco, atrás de onde ela ficaria, e mais dois microfones altos estavam posicionados atrás e ao lado dela, no lugar das backing vocals.

Aquilo já estava começando a trazer muitas lembranças de quando fomos perdidamente apaixonados, por dois curtos anos.

Eu nunca me sentira tão ansioso — meu estômago se encolhera em uma bola de músculos dura como pedra, que queimava minhas entranhas. Minha garganta estava dolorosamente seca, por mais que eu tomasse goles do uísque, só para umedecê-la. Mas eu mantinha minha postura impecável, sem revelar a ninguém sentado às mesas ao redor que, lá no fundo, eu estava prestes a explodir de expectativa e necessidades que somente Seraphina poderia entender.

A banda subiu ao palco em silêncio e se posicionou, seguida pelas backing vocals, mulheres usando vestidos idênticos de renda preta, que envolviam suas silhuetas até os joelhos.

Seraphina apareceu por último. Ela estava linda. A coisa mais linda que eu já vira, como sempre foi, desde o dia em que nos conhecemos. Só que desta vez uma longa cabeleira loura escorria pelos ombros, posicionada perfeitamente para que cada lado formasse uma onda loura sedosa e terminasse em um semicírculo logo abaixo de cada seio. Nem um fio de cabelo estava fora do lugar. Ela usava um vestido curto bege, adornado por plumas e flores de lantejoulas, que compunham um desenho complexo sobre seus quadris e coxas, além de sapatos bege de salto alto, com um brilho prateado salpicado ao redor dos saltos e solas.

Eu estava hipnotizado por ela. Nunca a vira com cabelo louro e com uma maquiagem suave, em tons nudes e rosados, muito menos com um

vestido tão leve e macio. Seraphina sempre se vestia de preto. Tinha os cabelos de preto. Pintava os olhos e os lábios em tons escuros. Era como se um anjo tivesse substituído o diabo diante dos meus olhos.

Eu nem imaginava quão verdadeira era essa ideia. Ainda não.

A música começou, e na mesma hora sua familiaridade me deixou atordoado. Minha mão apertou o copo de uísque. Meus ombros ficaram rígidos e eu parei de respirar naquele exato instante.

A letra de “Wicked Game” saía de seus lábios, muito tórrida e cheia de sentimento. Exatamente como eu me lembrava de ela cantar para mim, anos antes. Ela sabia que eu estava ali? Me vira entrar no prédio ou atravessar o salão, procurando a mesa perfeita? Será que ela já sabia que eu estava na cidade e a encontrara? Era possível. Seraphina era uma mestra do assassinato e da espionagem. Estava no auge da forma, era difícil se esconder dela e impossível escapar depois de ser encontrado. Ela sempre estivera um passo à minha frente.

Mas, quanto mais eu a observava, mais começava a rejeitar essa ideia.

Ela olhou para a multidão algumas vezes, quando não fechava os olhos para enfatizar algum verso. Ela movia o corpo esbelto e curvilíneo no ritmo da batida lenta da canção, gesticulando com as mãos cheias de anéis.

Aquela bola ansiosa e quente que era meu estômago começara a abrasar meu peito, pois a canção continuava e ela não me notava. Eu queria ficar de pé e olhar em seus olhos, mas não o fiz. Fiquei sentado ali, parecendo tão calmo quanto todos que só tinham ido apreciar o espetáculo.

Quando chegou o último refrão, eu já tinha certeza de que teria que trocar de mesa para que ela me visse.

Mas, então, ela finalmente me olhou.

Seus olhos castanhos suaves encontraram os meus. E ela desviou o olhar.

Seraphina não me reconheceu. Mesmo que estivesse fingindo, eu teria detectado o menor sinal de reconhecimento. Ela não deu nenhum. Eu era para ela como qualquer outro homem sentado na plateia naquela noite, fazendo amor com ela em pensamento, bebendo de sua alma que se derramava sobre o público em doses provocantes através da voz.

Eu estava perplexo.

E desolado.

Eu podia querer matá-la — porque sabia que precisava fazer isso —, mas mesmo assim a amava intensamente, e, quando a única mulher que já

amei me olhou nos olhos e não viu quem eu era, não soube mais o que fazer. Comigo mesmo. Com tudo. Já era difícil ter passado os últimos seis anos sem ela, mas pelo menos eu tinha a esperança de que ela ainda estivesse por aí e que voltássemos a ficar juntos. Mas, depois disso, meu plano... já não havia mais plano.

Depois daquela noite, comecei a segui-la e a vigiá-la ainda mais de perto. Cheguei ao ponto de invadir seu apartamento, no terceiro andar do prédio, e instalar escutas.

Seraphina, vivendo como Cassia, era a pessoa mais normal do mundo. As conversas que tinha com a amiga do outro lado do corredor eram sobre trabalho, contas, aluguel e homens, e, nessas conversas, só a amiga tinha muito a dizer. Seraphina era solteira e, de acordo com a amiga, estava “sem homem há tempo demais” e precisava “se soltar um pouco”. As duas até transavam, o que, admito, me excitava quando as ouvia pelas escutas no quarto de Seraphina. Mas eram apenas amigas liberando a tensão sexual de uma maneira mais acessível, e nenhuma das duas esperava mais do que isso. Fazer sexo com mulheres não era fora do normal para Seraphina, afinal. Ela fez isso muitas vezes, quando estávamos juntos, embora apenas com a minha presença. Mas homens... isso é outra história. Eu fora o único homem com quem ela já estivera. Até Marcus, do Abrigo 16. Mas isso também é outra história...

Mas aquela Seraphina não era a minha Seraphina. Não tinha nada em comum com ela; sem os cabelos pretos e a maquiagem escura e pesada, sequer se parecia com ela. Comecei a achar que talvez ela tivesse uma irmã gêmea da qual eu nunca soubera. Mas logo rejeitei a ideia, depois de pensar nela naquele palco, cantando aquela canção com as mesmas notas e a mesma emoção com que a cantava para mim .

Ela era Seraphina, no fim das contas, mas não era a mesma.

E eu estava determinado a descobrir o porquê.

Mais duas semanas se passaram, e eu estava indo para o apartamento dela de novo, em uma noite fria de dezembro, quando ouvi sirenes da polícia, de ambulâncias e de carros de bombeiros ecoando entre os velhos prédios da rua onde ela morava. Senti cheiro de fumaça. Apertei o passo, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco, e corri para o prédio, onde um brilho quente e laranja se refletia nos edifícios ao redor. Havia pessoas paradas nas calçadas, olhando e apontando, todas encolhidas em roupões, casacos e cachecóis. Fiquei no meio delas, olhando sem fazer barulho,

horrorizado, para o apartamento de Seraphina, que ardia em labaredas subindo em direção ao céu noturno frio e escuro. O fogo começara no apartamento dela e se espalhara depressa pelo restante do prédio, enquanto os bombeiros trabalhavam sem trégua para apagá-lo. Eu me sentia morto por dentro, como se algo tivesse penetrado minha alma e morrido ali. Achava que ela estava morta. O apartamento estava envolto em chamas. Mas então, de canto de olho, atrás de todas as equipes de emergência que iam e vinham pela rua, eu a vi caída de lado na calçada fria, rodeada por dois paramédicos e uma pilha de móveis velhos e caixas, provavelmente deixados por alguém que se mudara do prédio.

Inspirei depressa, aliviado por ver que ela estava viva. E, por um momento, eu poderia jurar que, pouco antes de ser deitada em uma maca, ela me viu do outro lado da rua, mesmo com a escuridão e a multidão em volta. E eu poderia jurar que ela soube quem eu era, por um momento fugaz. Senti isso como um predador consegue sentir o medo na presa.

Meu coração deu um sobressalto e martelou ruidosamente sob minhas costelas.

Ela me viu e me reconheceu. O jogo havia recomeçado. Ao menos, era o que eu pensava. Uns trinta minutos depois, quando eu tinha resolvido mentalmente que iria atrás dela, os paramédicos ajudaram Seraphina a sair da ambulância. Eu ouvi sua voz fraca recusando a recomendação para acompanhá-los até o hospital para mais exames. Agitando as mãos à frente, ela disse que não e foi embora, seguindo na direção oposta do prédio em chamas e sumindo nas sombras escuras projetadas pelos outros edifícios.

Saindo da calçada, abri caminho entre os grupinhos de curiosos e a segui.

Quanto mais ela se afastava, mais tudo ficava em silêncio. As sirenes e as vozes começaram a sumir ao fundo. As luzes de emergência que volta e meia se refletiam nos prédios reduziram-se a vagos e distantes clarões. Aonde ela estava indo? Comecei a me perguntar se ela própria sabia.

Com o cobertor que o paramédico lhe jogara sobre os ombros, Seraphina avançou, mancando muito, indo cada vez mais para a periferia da cidade. Eu ficava a distância, abrigado pelas sombras, para que ela não me visse. Ela sabia que eu a estava seguindo? E, se sabia, aonde estava me levando?

Quinze minutos viraram trinta. Quarenta e cinco. Quase uma hora andando sem parar, subindo uma quadra e descendo outra, passando pelo trânsito e por lojas. Eu sabia que ela não fazia ideia de aonde ia, ou mesmo onde estava. E, se ela só queria mexer com a minha cabeça — o que sempre era uma possibilidade —, estava se saindo muito bem.

Eu a segui até um abrigo para moradores de rua, onde, em vez de entrar, ela se sentou diante do prédio no concreto duro e frio da calçada e enrolou mais o cobertor contra o corpo trêmulo e machucado.

Ela ergueu os olhos quando parei na frente dela.

— Olá — disse ela, com uma voz cautelosa.

Tentei encontrar em seus olhos o mesmo reconhecimento que pensara ter visto mais cedo, mas não havia nada neles.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

Ela se virou para mim de novo, com medo de que nossos olhares se cruzassem. Uniu os joelhos nus e juntou as mãos embaixo do cobertor. De seus lábios saía fumaça. Ela estava descalça.

— Só estou sentada aqui — explicou, soando confusa.

Desconfiado e meio que esperando que ela cortasse meus tornozelos com um punhal escondido sob o cobertor e saísse correndo e rindo, dei um passo para trás e me agachei diante dela, encostando a barra do longo casaco preto na calçada.

Linhas pretas de fuligem manchavam suas bochechas vermelhas. Todo o lado direito do rosto estava riscado por arranhões, como se alguém tivesse pegado a cabeça dela e raspado no asfalto até sangrar. Ela tremia de frio e de medo de mim.

— P-por favor, me deixe em paz — pediu, ainda me olhando, mas tentando não me encarar nos olhos.

— Sera... — Eu me impedi de continuar e, em vez disso, perguntei: — Qual é o seu nome?

Ela franziu a testa.

— Eu não conheço você. Por favor, me deixe em paz.

— Você não sabe seu nome? Se puder me dizer seu nome, eu deixo você em paz.

Ela não podia.

Grande parte de mim ainda não acreditava. Eu achei que ela estivesse sofrendo de amnésia, sim, mas ainda estava convencido de que, assim que

se lembrasse de quem era, o jogo da vida toda recomeçaria e continuaria de onde eu e ela havíamos parado, seis anos antes.

E, dessa vez, eu não perderia. Depois de persuadi-la — e manipulá-la, tirando vantagem de sua óbvia vulnerabilidade —, eu a levei para casa comigo, e assim que a trouxe para Baltimore, ela se tornou minha prisioneira. Eu iria obrigá-la a se lembrar de quem era e a teria em meu poder assim que ela se lembrasse.

CAPÍTULO VINTE

Fredrik

— ... Só que, quando ela finalmente recuperou a memória, poucos dias atrás, eu não esperava que fosse a memória de uma garota que eu não conhecia.

Olho à frente, com as palavras perdidas nos lábios e a mente perdida em lembranças, como se os fatos tivessem acabado de acontecer de novo. Ouço a respiração suave de Izabel saindo das narinas, de tão perto que ela está sentada. Quase consigo ouvir seus pensamentos, cheios de ideias confusas e frases incompletas. Ela quer dizer alguma coisa, *precisa* dizer, mas não sabe bem o quê.

— Você não contou quem ela era? — pergunta Izabel, depois de uma longa pausa, virando-se para mim. — Se ela não se lembrava, você não contou o nome dela?

Balanço a cabeça, em um gesto breve.

— Quase contei algumas vezes, mas estava intrigado com o fato de ela não lembrar. Intrigado por sua personalidade estranha e delicada. A escuridão dentro de mim queria entender e estudar aquela garota. Nunca vi tanta fragilidade em uma mulher, e ver isso em alguém como Seraphina, logo nela, me deixava curioso.

— E o que você fez? — pergunta Izabel, quase sem fôlego, como se quisesse arrancar as palavras dos meus lábios.

— Eu a torturei. — Faço uma pausa, sofrendo ao lembrar de minha atitude. — Durante todo o tempo em que a torturei, minha consciência me dizia que ela era inocente. Eu sofria por ela enquanto derramava seu sangue. Mas não parei. Ela ainda era Seraphina, afinal.

— *Por que não me diz de uma vez quem você acha que eu sou?* — gritou Cassia, da minha cadeira de interrogatório. *Eu estava atrás dela,*

perto das ferramentas. — Por favor! Por favor! Eu não sei o que você quer de mim! — Soluços sacudiam seu corpo, coberto por nada mais do que calcinha e sutiã brancos.

— Não vai funcionar assim, meu amor — disse a ela, dando a volta na cadeira com uma longa navalha na mão. Seus olhos saltaram das órbitas quando ela vislumbrou a lâmina prateada entre meus dedos. — Você vai me contar por conta própria quem realmente é. Quero ouvir você dizer, meu amor. Agora sou eu quem controla o jogo. — Fui até ela e olhei para seu rosto contorcido e encharcado de lágrimas. — E posso fazer isso por mais seis anos — provoqueei. — Até você lembrar. Até você me dizer seu nome.

— Meu nome é Cassia! Cassia Carrington! — gritou ela, tão alto que sua voz ficou rouca por um tempo. Ela lutou contra as correias de couro que a prendiam na cadeira pelos tornozelos, pulsos, tórax e testa.

Posicionei a lâmina entre os dedos e comecei a cortar suas pernas...

*— Quando Cassia confessou seu nome, chocou a nós dois, embora eu tenha ignorado isso durante a tortura. Ela se lembrou bem rápido de coisas da antiga vida. Uns dias antes, quando a tirara da rua na frente do abrigo, ela não se lembrava *de nada*. Mas se lembrou do nome, embora não do nome que eu queria. E foi preciso criar um terror absoluto para trazê-lo à tona. Eu soube, então, que seria assim que eu conseguiria fazer Seraphina ressurgir e trazê-la de volta para mim. Usando medo. E dor. E, por fim...*

Paro e engulo em seco a culpa de minhas transgressões.

A mão de Izabel toca meu ombro. — Por fim o quê, Fredrik? — pergunta ela, em voz baixa. Por fim, sexo, é o que quero dizer, mas não consigo me obrigar a admitir isso em voz alta, porque sinto que me aproveitei dela, embora ela quisesse todas as vezes em que aconteceu. Me sinto culpado e envergonhado por abusar de uma garota tão frágil e inocente. Me sinto indigno de alguém como Cassia, porque ela é muito gentil, pura e piedosa. E, a cada vez que eu a penetrava, odiava a mim mesmo mais e mais.

Ainda olhando para a frente, respondo, com a voz distante: — Isso não importa.

Com relutância silenciosa, Izabel aceita minha recusa em contar.

Sua mão deixa meu ombro no mesmo momento em que a pequena família que vimos do lado de fora mais cedo entra na sala espaçosa. Izabel e eu tomamos nota da presença deles, assim como eles da nossa, escolhendo seguir na direção oposta.

— O que ela tem? — pergunta Izabel, me olhando nos olhos. — Ela parece muito... não sei, traumatizada. Meu Deus, Fredrik, por mais ódio que eu sinta pelo que ela fez com você, não consigo deixar de ter pena dela.

— Eu não sei o que ela tem — respondo, sentindo uma pontada de impotência. Baixo a cabeça, apoiando-a nas mãos. Depois de um momento, levanto de novo e bato nas pernas com as palmas das mãos. — Eu poderia enfrentar qualquer coisa. Eu estava preparado para matá-la, Izabel, mesmo amando-a do jeito que amo. Eu estava preparado. Porra, estava me preparando para isso desde que ela me deixou naquele gramado. Eu estava pronto para enfrentar qualquer coisa que ela fizesse comigo. Mas não isso. — Balanço a cabeça, com o olhar fixo em um ponto do chão entre meus sapatos. — Nunca imaginei nada assim.

— Por que decidiu me contar tudo isso?

— Porque não sei o que fazer. Eu tinha um plano, e ele mudou quando finalmente a encontrei. Aí boleei outro plano, que, como o anterior, tive que jogar fora e recomeçar do zero. — Dou um longo suspiro e endireito as costas. — É um problema do caralho, e acho que não vou encontrar no Google as respostas de que preciso para lidar com isso.

As vozes do casal e da criancinha ficam mais altas quando eles se aproximam lentamente.

Eu me levanto, vestindo o casaco. Izabel faz o mesmo.

— Fredrik — começa ela, sem erguer a voz —, você quer meus conselhos porque não sabe o que fazer ou está só procurando a confirmação de uma escolha que já fez?

Franzo um pouco o cenho, mas decido não responder. Porque não tenho certeza da resposta.

— Não posso ficar com alguém como ela — digo, em vez disso. — Nós somos diferentes demais. Ela merece alguém melhor do que eu.

— O que isso significa? — indaga Izabel, com cautela, embora eu tenha a impressão de que ela entendeu alguma coisa a mais do que eu no que acabei de dizer.

Penso nisso por um momento, mas ela me ajuda, sugerindo: — Você disse “alguém como ela”. Não disse Cassia. Por que não disse Cassia?

Entendo agora, e isso só deixa meu humor mais sombrio.

— Porque quando tudo isso acabar, existe uma chance de que ela *não seja mais Cassia*.

Izabel me encara com um olhar benevolente.

— Então acho que, enquanto isso, você deveria amar quem está ali — sugere, no momento em que a família se aproxima atrás de nós.

Amar? Isso foi uma acusação ou só uma observação?

Izabel me encara com uma expressão terna e compreensiva, mas o momento é interrompido — por sorte — pela família, que agora está perto demais para que possamos continuar a conversa. Seguimos pelo caminho lado a lado, indo para a saída. Izabel me olha e acrescenta: — Só por curiosidade, o que você planejava fazer quando encontrasse Seraphina? — *Tudo* — respondo, e deixo por isso mesmo.

Voltamos para o ar gelado de fora e vamos depressa para nossos carros, parados lado a lado no estacionamento.

— Não vou contar nada para Victor — declara ela, parada ao lado da porta de seu carro, me olhando por cima do teto do meu. — Tecnicamente, você está de licença, então tudo isso é pessoal. Ele vai entender.

Faço que sim, tremendo dentro do casaco.

— Obrigado, gata.

— Mas quando Victor chamar você a campo de novo, se você ainda for considerado incapacitado por causa disso, vou ter que contar o motivo.

— Eu sei — digo em voz baixa. — Por enquanto, vou investigar Cassia Carrington — diz ela. — Se você não conseguiu encontrar nada sobre Seraphina Bragado, talvez eu tenha mais sorte com o outro nome dela. — Faço que sim novamente. — Depois eu conto o que descobrir.

Ela abre a porta e começa a entrar, mas para e me olha mais uma vez. Uma espécie de dor indecifrável marca seu semblante.

— E se você precisar de mim para qualquer coisa... *qualquer coisa*, Fredrik, sabe que farei por você.

Não piscamos por vários momentos enquanto nos olhamos. O significado não declarado de sua oferta se descortina entre nós como um evento trágico e inevitável, doloroso demais para ser mencionado em voz alta.

~~~

Passo o resto do dia longe de casa. Tenho muito no que pensar, embora vá levar mais do que algumas horas para organizar minhas ideias.

Às seis da tarde, ainda não resolvi absolutamente nada. Às oito da noite, depois de dirigir sem rumo pelo tempo que pude, só estou mais intolerante com a situação toda. Não consigo nem pensar direito. Não consigo

funcionar o suficiente para formar uma frase razoável, muito menos uma solução.

Porque não tem porra de solução nenhuma.

Eu sei que, não importa o que aconteça, só o que posso fazer é *deixar* acontecer, porque não posso impedir.

— Quer mais café? — Ouço uma voz suave perguntar.

Tirando os dedos do cabelo, levanto a cabeça, erguendo os olhos do celular sobre a mesa. A linda garçonete de cabelo escuro está ao meu lado com um sorriso, olhando para a caneca de café vazia.

Há quanto tempo estou aqui? Balanço a cabeça.

— Não, mas obrigado. Ela me deixa sozinho com meu sofrimento, e parte de mim gostaria que não deixasse. O velho Fredrik flertaria por algum tempo, os olhos fazendo promessas que sei que a deixariam excitada, então esperaria o turno dela acabar. O velho Fredrik a levaria para o hotel mais próximo e amarraria suas mãos às costas. Ele a comeria até ela ficar com lágrimas nos olhos, implorando para eu não parar.

Mas o velho Fredrik se foi, e, quanto mais penso nesse “problema”, mais sinto que estou começando a me tornar o Fredrik *ainda mais velho*. A pessoa que eu era antes de conhecer Seraphina, quando torturava e matava sem prudência porque não conseguia evitar. Por todos esses anos, me agarrei ao meu mais disciplinado, o homem que Seraphina me ajudava a ser, porque tinha esperanças de encontrá-la e tê-la em minha vida de novo. Mas agora que sei que isso não é possível, me sinto voltando à vida de puro terror que levava desde criança, depois de escapar dos meus algozes.

Se eu me tornar esse sujeito de novo, ele vai me destruir.

Eu não vou ser útil para a nova Ordem de Victor Faust.

Vou ter que deixar este lugar e a vida que construí, com as pessoas que aprendi a amar, e continuar no caminho solitário e autodestrutivo do Chacal.

## CAPÍTULO VINTE E UM

*Fredrik*

Greta está me espiando de várias janelas da casa desde que estacionei na entrada, há meia hora. Não consegui entrar. Ainda não consigo. No momento, prefiro a solidão tranquila do carro, com paredes de metal bem próximas, onde parece que meus pensamentos são mais contidos. Eles são tudo o que consigo ouvir. Embora não goste nada do que estão dizendo.

Tirando minha conversa com Izabel e todas as coisas nas quais não quero mais pensar, também penso nas mulheres. Gwen, a do bar. A garçonete do restaurante, hoje mais cedo. Penso na última mulher com quem fiz sexo. E na anterior. Nunca percebi, até encontrar a mulher do restaurante, que estou ainda menos parecido comigo mesmo do que eu pensava. E estou assim desde que tirei “Cassia” da rua, naquela noite em Nova York.

Não consigo mais curtir outras mulheres. Não sem culpa e remorso passionais que ficam pesando em meu peito pelos dias seguintes.

Neste um ano em que mantive Cassia no porão, Gwen foi a primeira mulher que eu trouxe para casa. Quis trazer outras, fazer com elas as coisas que eu fazia com as mulheres que eu e Seraphina escolhíamos, porque talvez isso despertasse suas lembranças quando ela visse pela tela da TV . Foi por isso que pus uma câmera em meu quarto. Mas, até Gwen, nunca tinha conseguido fazer isso.

Com Seraphina, era normal. Com Cassia, não consigo fazer essas merdas.

Um feixe de luz da janela da cozinha se apaga quando Greta põe a cortina de novo no lugar.

— Preciso encarar isso — digo baixinho para mim mesmo.

Depois de uma longa pausa, desligo o motor e entro em casa.

— Ela está dormindo — anuncia Greta quando entro na cozinha.

Eu deixo as chaves sobre o balcão. — Como ela está? — pergunto, tirando o casaco.

— Está bem — responde Greta, com um sorriso terno nos olhos. — Acho que está melhor desde que se lembrou de quem é. Mais em paz, talvez.

— Ela contou para você, então. Greta assente, e seu rosto murcha. — O que ela sofreu é horrível, sr.

Gustavsson. E, embora eu não goste que o senhor a mantenha presa assim e nem entenda, pode ser o melhor. Seraphina é perigosa. Ela precisa de ajuda, sim, mas é perigosa.

Não respondo.

Greta dá a volta no balcão e pega o longo casaco de lã do encosto de uma cadeira da cozinha, enfiando os braços nas mangas grossas.

— Por que você não tira folga amanhã? Não tenho planos, vou ficar com Cassia o dia todo.

— Tem certeza? — pergunta ela, desconfiada.

Eu levanto uma sobrancelha. — De que não tenho planos? — indago, ofendido. — Ou de que sou capaz de cuidar dela sozinho por vinte e quatro horas?

— E-eu não quis dizer isso, senhor. — Ela junta as mãos à frente do corpo.

Suspirando, reparo na irritação que descontei nela e digo: — Me desculpe. Tire o dia de folga. Eu ligo quando precisar de você de novo.

Eu pego cinco notas de cem dólares da carteira e ponho o dinheiro na mão dela.

— Isso é um pequeno extra, além do seu pagamento normal. — Ela olha o dinheiro, levemente surpresa, mas sobretudo grata. — Muito obrigado pela ajuda com Cassia.

Ela não responde, mas palavras não são necessárias para comunicar a gratidão em seu olhar.

Depois que Greta sai, tranco a porta e fico no começo do corredor por um longo tempo antes de obrigar minhas pernas a me levarem para a porta do porão. Não quero vê-la. Por causa do que ela está fazendo comigo.

Desço os degraus de concreto, iluminados apenas por um tênue feixe de luz que vem do banheiro. Tiro os sapatos antes de descer, para não acordá-la. O concreto está frio sob meus pés, mas o ar está quente: o calor irradia

das aberturas de calefação no teto, fazendo o porão ficar um pouco abafado. Mas Cassia parece confortável, deitada de bruços com o cobertor até a cintura. Ela está virada em minha direção, os braços finos e delicados esmagados debaixo do corpo. Seu cabelo louro, longo e liso está espalhado sobre o travesseiro. A corrente presa ao tornozelo desce pela lateral da cama e se estende pelo chão.

Quero tocá-la, mas tenho medo. Medo de acordá-la. De encará-la. De olhar aqueles olhos castanhos devoradores e correr o risco de cair neles ainda mais fundo do que já caí.

Mas não consigo evitar. Me sentando ao lado dela na cama, com cuidado, afasto o cabelo de seu rosto. Ela se mexe. Então suas pálpebras se abrem e, lentamente, ela olha para mim.

— Fredrik. — Meu nome em seus lábios é sempre um golpe, faz com que eu sinta um conflito interior. — Senti sua falta. — Ela sorri, e sinto sua mão tocar a minha.

Olho para seus dedos, intrigado pela facilidade com que seu toque me torna emocionalmente submisso sem que ela nem se esforce. Depois de um momento, sua mão esguia fica fora de foco, à medida que meus pensamentos se tornam mais pesados.

*O que está acontecendo comigo?* — O que foi? — pergunta ela, com tanta suavidade e compaixão que sinto um peso no peito.

Seus dedos acariciam as costas da minha mão.

Eu a encaro de novo.

— Nada. — Tiro a mão de debaixo da dela e a coloco por cima.

— Você vai passar a noite comigo? — pergunta ela, com a voz suave.

— Sim.

Um sorrisinho aquece seu rosto. Ela pega o cobertor, puxando-o para o lado para me dar espaço. Eu só olho para ela por um momento, então finalmente abandono o conflito que ferve dentro de mim desde que a trouxe aqui.

— Não — digo com voz calma, afastando o cobertor. Depois enfio a mão no bolso da calça para pegar a chave. — Me dá a sua perna, amor. — Seguro a perna dela e destranco o grilhão em seu tornozelo com cuidado.

Soltando a corrente e a chave no chão ao seu lado, fico de pé e depois me curvo, tomando Cassia nos braços.

— Aonde a gente vai? — pergunta ela, envolvendo meu pescoço com os braços.

— Para o meu quarto. Cassia deita a cabeça em meu peito enquanto a carrego pela escada e para dentro da casa, um lugar que ela só viu pela TV do porão desde a noite em que chegou.

Levando-a pelo corredor escuro até meu quarto, eu a deito na cama entre os lençóis e o grosso edredom. A sensação de seus dedos soltando os meus quando me afasto provoca algo que não entendo direito. E, indo contra minha intensa necessidade de deixar que ela continue me abraçando, arranco o suéter e o jogo no chão. Depois, a camiseta que usava por baixo. Cassia me observa com uma inocência suave enquanto tiro o resto da roupa e fico nu diante dela, antes de me deitar ao seu lado. Eu sempre durmo nu. Ela sabe disso. Sei que ela não cria expectativas.

Só quero tê-la perto de mim. Cassia se aconchega, apoiando a cabeça em meu peito. Eu a puxo para mais perto, como se ela já não estivesse colada em mim.

— Por que você me trouxe para cá? — Ela beija meu peito.

Apertando-a, respondo: — Porque estou criando juízo. Beijo o topo de sua cabeça. — Fredrik?

— Sim?

Olho para o teto.

— Sinto muito pelo que Seraphina fez com você.

— Não precisa sentir. Não foi culpa sua.

Sua respiração suave aquece minha pele quando ela expira.

— Não precisa ser minha culpa para que eu lamente o que ela fez.

Sua voz está cheia de sofrimento. Inclino a cabeça para o lado para vê-la, e até no azul-escuro do quarto consigo distinguir as lágrimas brilhando em seus olhos.

— Por que está chorando? — pergunto, enxugando suas lágrimas com o polegar.

Ela desvia o olhar do meu. Não quer responder, mas então diz: — Porque tenho medo de que, quando você a encontrar, me esqueça de vez.

Inspiro profundamente, tentando afastar a sensação de ardor que surge no fundo dos olhos.

Eu me viro com cuidado para ficar em cima dela, e olho para seu rosto suave e magoadado. Meus lábios tocam os dela uma vez. Minhas mãos seguram sua cabeça, meus dedos roçam o contorno macio e perfeito de suas bochechas. Estou intoxicado por sua carne quente tocando a minha, o aroma



de sua pele feminina, o calor de seu hálito doce, a sensação de seu coração acelerado batendo sob mim.

— Não pense em nada disso — murmuro contra sua boca. — Porque você não tem com o que se preocupar. — Meus lábios cobrem os dela.

Eu tiro sua calcinha e a penetro, causando um gemido doce, que escapa de seus lábios. Ela fica tensa de início, mas depois se rende e derrete ao meu redor. Na mesma hora, fico delirante com a sensação de seu corpo quente colado ao meu, de todas as formas possíveis. Ela geme sob minha boca quanto mais fundo eu meto, soluça ao lado do meu pescoço quando forço os quadris com mais intensidade nos dela. O fundo do meu estômago dói de tanto êxtase — nunca me senti assim antes. Nunca. Não assim.

Minha boca devora seus lábios, beijando-os com fome, tirando seu fôlego. Só o calor úmido de sua língua enroscada na minha já me deixa perto do clímax. Minha boca abandona a dela, procurando seu pescoço e a pequena reentrância na base dele, em seguida partindo para os seios, que beijo, lambo e mordo com delicadeza, para não machucá-la.

— Por favor, não me deixe nunca mais — pede ela ao meu ouvido, com a voz trêmula, pressionando os quadris nos meus para eu entrar mais fundo.

A sensação de sua boca me faz meter com mais força. Mas eu paro, bem fundo nela e digo: — Eu não vou deixar você. — Então dou outra investida, ao som de seus gemidos suaves e suplicantes.

Os dedos de Cassia se embrenham em meu cabelo. As coxas esmagam meu quadril. Sua cabeça cai para trás, sobre o travesseiro, e passo a língua pela curva delicada de seu pescoço exposto, até que minha boca encontra seus lábios outra vez. Eu a beijo apaixonada e possessivamente. Porque ela é minha. Ela me pertence, como sempre pertenceu, e estou pouco me fodendo para quem pensa que é. Ela é minha e vai continuar sendo até morrer.

## CAPÍTULO VINTE E DOIS

*Cassia*

Não sei o que está acontecendo comigo. Mas não estou gostando. Fredrik se levanta da cama tão tarde, na manhã seguinte, que estou achando que logo vou sentir cheiro de torta de frango assando no forno para o almoço. Greta sempre faz essa torta às quintas-feiras. O sol brilha pela janela do quarto, quase me cegando. Não é porque acabo de acordar, mas porque não vejo sol há um ano. Estou silenciosamente hipnotizada por ele, deitada de lado entre os lençóis, deixando a luz criar uma miríade de manchas pretas e amarelas em meus olhos.

Quando ele está para sair do quarto, segurando uma cueca boxer e uma camiseta limpas nas mãos enormes, percebe que estou acordada e para de repente, à porta. Ele se vira para me olhar como se tivesse se esquecido de algo, e derreto em seu olhar azul.

— Vem tomar banho comigo — chama, então volta para perto da cama, estendendo a mão. Um sorriso de lábios fechados brinca em seu rosto lindo e barbado.

Fico feliz por ele querer que eu o acompanhe em algo aparentemente tão insignificante, mas não consigo deixar de me perguntar até que ponto isso se deve a ele não confiar em me deixar sozinha na casa, a menos que eu esteja presa lá embaixo. Mas isso não importa, e tento não pensar a respeito. Estamos juntos de formas com as quais eu apenas sonhava desde que ele me trouxe para Mas por que de repente meu coração é tomado por essa sensação ameaçadora de tristeza? Como posso estar tão feliz por Fredrik parecer ter cedido aos meus sentimentos por ele e mesmo assim sentir uma tristeza tão estranha e iminente crescendo dentro de mim? Seguro suas mãos, e ele me ajuda a levantar da cama. A princípio eu tropeço, de tão acostumada a arrastar a corrente atrás de mim, mas logo pego o jeito de

andar sem ela. Só me pergunto quanto tempo isso vai durar, mas também tento não pensar nisso.

Enquanto ele me leva pela mão pelo curto corredor, fico surpresa com coisas muito pequenas. O lindo assoalho de madeira escura sob meus pés descalços, a tinta cor de creme das paredes e do teto, que destaca a moldura decorativa escura nos cantos superiores, a cantoneira luxuosa de mármore no fim do corredor, com uma pequena estátua grega à mostra no centro. Até o lustre no teto, em formato de cúpula, com lindos entalhes no cristal, prende minha atenção por mais tempo do que algo tão simples e sem graça como um lustre em geral prenderia.

Quando olho de relance para a porta do porão, lembro-me de Fredrik me carregando noite passada e fico sem fôlego. Minha garganta fica seca na mesma hora.

Paro no corredor, a mão ainda presa na dele. Não quero avançar mais.

— Está tudo bem — anuncia Fredrik, calmo, puxando minha mão. — Não vou levar você lá para baixo.

Me instigando a continuar, ele me guia só até a porta do banheiro, e volto a respirar quando entramos.

Fredrik desliza a porta de vidro do box e abre a água. Me sinto estranha, parada ali. Esperando. Querendo admirar o banheiro, como fiz com o corredor, mas a vontade de olhar para Fredrik é maior. O corpo rijo e bronzeado, a potência dos músculos fortes das panturrilhas, a curvatura perfeita do abdome oblíquo e o modo como mergulha na pélvis, formando um desenho másculo. A barriga de tanquinho que não consigo tirar da cabeça desde a noite passada, quando a alisei com as pontas dos dedos enquanto ele estava em cima de mim. Enquanto estava dentro de mim. Só de pensar na noite passada meu corpo dói de desejo e um calor formiga abaixo do meu ventre. Não só por causa do sexo, mas pelo modo como Fredrik estava diferente das vezes anteriores. Ele não só me possuiu, ele me *valorizou*.

O rubor aquece meu rosto quando ele se vira e me encara com aqueles olhos azuis, profundos e magnéticos.

Fredrik me leva até o chuveiro. A água quente escorre pelo meu corpo. É paradisíaca, mas nada é mais paradisíaco do que a sensação de suas mãos massageando delicadamente o xampu em meu cabelo ou de seus lábios em meus ombros úmidos ou em meu pescoço.

— Aonde você gostaria de ir hoje? — murmura ele em meu ouvido.

Um calafrio sobe pela minha espinha. Surpresa com a pergunta, viro a cabeça um pouco para observá-lo de canto de olho, atrás de mim. Suas grandes mãos não param de massagear meu couro cabeludo.

— Como assim? — Sei o que ele quer dizer, mas mal posso acreditar que esteja pensando em me tirar da casa.

Seus lábios pousam no canto da minha boca.

— Aonde você quiser ir, é só falar que eu levo — diz ele.

Me virando, ele guia minha cabeça para baixo do jato abundante de água. Fecho os olhos, e ele enxágua o xampu do meu cabelo.

— E-eu não sei — respondo, quando ele finalmente me tira do jato e posso abrir os olhos de novo.

Ele sorri e também parece um pouco surpreso.

— Não consegue pensar em nenhum lugar? Nem *unzinho* ?

Olho para cima, apertando os lábios, ponderando as possibilidades.

— Manhattan, Greenwich Village — digo, com voz trêmula, lembrando o lugar aos poucos. — Faz muito tempo que não como um bom cachorro-quente.

Fredrik sorri, e isso me faz corar. Ele faz tudo para mim, me lavando da cabeça aos pés, limpando com muito cuidado os ferimentos cicatrizados mas ainda sensíveis no tornozelo. E me beija sob o jato constante de água. Nos ombros. No pescoço. Nos cantos da boca. Na testa. Nos lábios. E, por mais que eu fosse adorar deixá-lo me possuir ali mesmo, sob o chuveiro, estou igualmente contente por ele não me tocar dessa forma e ter tanto autocontrole.

Quando terminamos, Fredrik me põe diante do espelho embaçado, com o peito e a pélvis encostando de leve em mim, por trás. Ele está de pau duro, mas mesmo assim não perde o controle, e isso só me faz querê-lo mais.

Sinto a ponta de seu dedo percorrendo as cicatrizes em minhas costas. Então ele abaixa a cabeça e seus lábios as tocam, uma por uma.

— Sabe me dizer de onde vêm essas cicatrizes? — pergunta ele, beijando mais uma.

A pergunta me deixa perplexa. Não por ele perguntar, mas por que... eu não lembro.

— Eu... eu realmente não sei. Isso me deixa completamente frustrada. Achei que tivesse me lembrado de tudo sobre o meu passado. Como posso não me lembrar de algo tão inesquecível quanto as cicatrizes nas minhas

costas? Fredrik sempre as toca. Desde a primeira noite em que me trouxe aqui, sempre se interessou por elas. Me deitava de bruços na cama do porão e, com delicadeza, levantava minha camisola até os ombros. Ele passava os dedos nas cicatrizes — como está fazendo agora —; depois, a ponta da língua, como se estivesse degustando e saboreando uma lembrança. Eu nunca soube que essas cicatrizes existiam, até o dia em que lhe perguntei o que minhas costas tinham que ele parecia adorar tanto.

— Tudo bem — diz ele, levantando a cabeça. — Você não precisa lembrar tudo.

Sinto como se, de alguma forma, ele estivesse aliviado por eu não saber. Mas isso é ridículo. Por que ele ficaria aliviado por eu não me lembrar de alguma parte do meu passado, quando ambos nos esforçamos tanto, e por tanto tempo, para descobrir tudo?

Afasto esse pensamento e sorrio por dentro, pensando apenas nele. Em nós. Em estarmos juntos.

Mas então, em minha cabeça, surgem cicatrizes das quais eu *lembro*. Distraidamente, apalpo as das coxas — seis de cada lado, cortadas em linhas perfeitamente horizontais, cada uma com sete centímetros. A mão de Fredrik toca minha, afastando-a das marcas — as cicatrizes que *ele fez quando me torturou* naquela cadeira, do outro lado do porão. — Lamento ter feito isso com você — diz, com a voz pesada de tristeza, remorso, vergonha e culpa. — Não quero que você me perdoe. Porque eu nunca vou me perdoar. — Mas eu perdoo...

Ele cobre meus lábios com os dedos. Na mesma hora, me sinto compelida a fechar os olhos e beijá-los, mas não faço isso.

— As coisas vão ser diferentes daqui para a frente — anuncia ele, com os lábios em meu pescoço. Depois, sinto uma toalha macia esfregando minhas costas com delicadeza, quando ele começa a me enxugar.

— Fredrik — digo, quase em um sussurro —, o que fez você mudar de ideia?

Ele aperta as pontas do meu cabelo com a toalha, absorvendo a água com o algodão espesso.

— Nada disso importa — responde ele. — Não quero que você pense em nada disso.

— Mas e Seraphina? — pergunto baixinho, nervosa.

Suas mãos param, e eu o sinto suspirar atrás de mim.

— Acima de tudo — responde ele, com remorso —, não quero que você se preocupe com *ela* .

— Mas ela está me procurando. E sei que você pode me proteger, mas morro de medo dela mesmo assim. Tenho medo especialmente quando você não está aqui. Quando ficamos só eu e Greta.

Sinto a toalha cair, e suas mãos seguram meus antebraços. Ele beija o topo da minha cabeça — é bem mais alto do que eu. E sei que é só um gesto de afeto, mas não consigo deixar de pensar que também seja de arrependimento, ou talvez até de dor. — Cassia, você acreditaria se eu dissesse que ela não pode machucar você, contanto que você não pense nela?

Começo a me virar para encará-lo, mas ele delicadamente me mantém parada. Então passa uma das mãos sobre a umidade que embaça o grande espelho.

Minhas mãos começam a tremer, embora eu não saiba por quê. Meu estômago vira um nó nervoso e sinto náuseas de repente, com os nervos em frangalhos. Baixo o olhar para o balcão.

— Eu... eu não sei — gaguejo, nervosa. — C-como isso vai impedir que ela me encontre?

*Eu não sei o que está acontecendo comigo... mas não estou gostando.*

Fredrik continua a limpar o espelho. Eu continuo olhando para baixo.

Ele para e deixa o braço cair, depois põe as mãos na minha cintura, logo acima do quadril.

— Bem, acho que você deixa que ela afete demais, meu amor. — Meu coração dá um salto dentro do peito a cada vez que ele me chama assim. — Quero que pare de se preocupar com ela. Apenas pare de pensar nela e viva a sua vida. Do jeito que está fazendo agora. Sem ser prisioneira de ninguém. Nem de mim, nem de Seraphina. Consegue fazer isso?

Faço que sim, relutante. Então me viro para encará-lo, de costas para o espelho. Ficando na ponta dos pés, beijo seus lábios quentes e deliciosos. Ele sorri.

— Acho que consigo — digo, sorrindo para ele também.

Ele prepara o café da manhã para mim e ficamos sentados à mesa da cozinha, como um casal normal, cada um com uma caneca de café quente, Fredrik folheando o jornal do dia. Mas não consigo deixar de notar que ele parece *não estar* lendo o jornal, porque fica erguendo os olhos para sorrir — um sorriso enorme — para mim do outro lado da mesa.

Eu me sinto uma adolescente vivendo a primeira paixão de novo, com o rosto vermelho de emoção.

Conversamos por muito tempo, sobre tudo e sobre coisa nenhuma. E às vezes me pego perdida em sua voz grave e preciosa. Poderia ficar ouvindo Fredrik falar o dia todo e nunca me entediar, nem querer nenhuma interrupção.

Quando terminamos o café, já mudei de ideia sobre ir a Nova York. Não só porque é ridículo dirigir três horas para comer cachorro-quente, mas também porque, apesar de Fredrik ter pedido que eu pare de me preocupar com Seraphina, não consigo. E foi em Nova York que ela tentou me matar. Ela infecta meus pensamentos e assombra minhas lembranças.

— Por que você não quer ir? — pergunta Fredrik.

Eu baixo os olhos, porque nunca fui boa em mentir, e digo: — Só quero ficar em Maryland. — Rio baixinho para soar mais convincente. — Nunca passei muito tempo aqui e nunca vi nada fora desta casa.

Fredrik franze o cenho. Eu sorrio e digo: — Ah, não, meu amor, não estou culpando você.

Algo brilha em seus olhos quando o chamo de “meu amor”.

Por que o chamei assim? Não importa. Eu gostei. E parece certo. Natural.

Ele deixa o jornal em cima da mesa e olha para mim, curioso.

— Então, se não quer ir a Nova York, aonde gostaria de ir? — Seu sorriso lindo se abre mais. — Eu sou seu o dia todo.

Meu rosto fica vermelho de novo. — Por que você não escolhe um lugar?

Ele aperta os lábios.

Eu quero beijá-los...

*Fredrik* É tudo uma ilusão, não para de dizer a voz no fundo da minha mente, enquanto estou sentado diante de Cassia no restaurante mais chique de toda Baltimore. *É tudo uma ilusão. Nós dois.* Sentados aqui. Juntos desse jeito. Como qualquer casal normal. É uma ilusão, Fredrik. A voz não para de repetir. Porque ainda não me permiti acreditar. Uma parte de mim não quer acreditar. O velho Fredrik. E o Fredrik mais velho ainda. As únicas partes de mim que conheci. *O que é essa estranha luz que sinto na presença de Cassia?*

Deve ser a sensação de ter uma vida normal.

E, embora ela cause uma sensação de grande contentamento, essa luz também me mata de medo.

*Uma ilusão*, provoca a escuridão dentro de mim. *Esse tipo de vida nunca foi para você, então não caia nessa, senão o que resta da sua vida vai desmoronar ao seu redor em pedacinhos tão pequenos que você nunca mais vai conseguir colar.* Cala a porra da boca!

O sorriso de Cassia é vibrante, mas tão frágil que sinto que o menor toque dessa escuridão pode apagá-lo com facilidade. Ela está usando um lindo suéter branco aberto que revela a maciez do colo e do pescoço longo e delicado. Uma saia comprida e cinza adere a seu corpo de violão, indo até abaixo do joelho e caindo sobre botas pretas de inverno, de cano alto. Eu a levei para fazer compras quando saímos de casa, hoje de manhã. Ela ficou tímida e de início não queria que eu comprasse nada. Por isso escolhi os modelos e comprei mesmo assim. E a vesti. E, enquanto a vestia, beijei as cicatrizes em suas costas, como sempre fiz. Cicatrizes deixadas por cortes que fiz ali com o tempo, um a um, quando fazia amor com Seraphina.

Saímos do restaurante e voltamos para o frio, nossos sapatos esmagando os escassos cinco centímetros de neve que caíram noite passada. Abro a porta do carro para ela e a ajudo a sentar no banco do passageiro. O carro já está quente. Fiz questão de ligá-lo pelo controle remoto antes de sairmos do restaurante.

— Fredrik — chama Cassia, com a voz suave —, sinto que já conhecia você a vida toda. — Olho para ela, e seu rosto está corado com o calor. Dou um sorriso discreto, embora por dentro não esteja sorrindo tanto, e ela continua: — Sei que se eu contar para qualquer um o que sinto por você, apesar de como nos conhecemos, provavelmente vão achar que estou louca. Greta deve me achar louca.

Seus olhos encontram os meus de novo. Ela está buscando confirmação ou rejeição para sua teoria. Não tenho coragem de ser sincero com ela.

Enfio a chave na ignição e destravo o volante para que o motor continue ligado.

— Greta não acha isso — respondo, simplesmente.

E não olho para ela desta vez. — Mas na verdade não importa o que os outros acham — continua ela, meio incerta. — Importa?

Eu a encaro por um instante. — Não — respondo, embora não saiba o que estou dizendo, ou mesmo se deveria estar. — O que alguém decide



sentir por outra pessoa é escolha e assunto de quem sente. — Tento ser vago.

Ela sorri e junta as mãos no colo. — Mas eu sinto mesmo como se já conhecesse você a vida toda — repete ela. — Eu... não sei explicar. Mas parece certo. — Cassia sorri.

*Ela quer que eu concorde? O que ela quer de mim?* Engato a ré e saio do estacionamento. Passo o dia todo com Cassia, como prometi. Por fim, ela começa a se sentir mais à vontade e sugere lugares que gostaria de visitar, coisas que gostaria de fazer. Não me surpreende muito ver que tudo o que ela escolhe é simples, não luxuoso ou caro. Eu gastaria de bom grado com ela cada centavo que tenho, compraria o carro mais extravagante. Faria *qualquer coisa* por ela. Mas tudo que ela me pede é para passar uma hora e meia assistindo a um filme no cinema local. Comemos pipoca, tomamos refrigerante e nos sentamos lado a lado, com os pés apoiados nos encostos dos lugares vazios à nossa frente. Eu não faço nada assim há... Eu nunca fiz nada assim. É estranho. Mas é libertador, imaturo e nada sofisticado, e eu faria de novo. Se ela estivesse comigo. E Cassia, para uma mulher tão miudinha, tem um apetite enorme — assim como Seraphina. Além do almoço e da pipoca, ela enche a barriga de sanduíches, antes do fim da tarde.

Logo depois que escurece, vamos para um bar legal na melhor parte da cidade. Escolha de Cassia. Ela está no comando desde antes do filme.

— Eu cantava em um bar e restaurante — comenta ela, do banco do passageiro. — Quando morava em Nova York.

— É mesmo? — indago, tentando parecer surpreso.

As pessoas entram e saem do prédio à nossa frente, todas usando calças informais, belos suéteres e sobretudos. Casais de braços dados, alguns vagamente alterados ao sair, vão para seus carros no estacionamento.

Cassia os observa silenciosa e pensativa. A lembrança do tempo em que cantava em Nova York decerto está passando por sua mente.

Ela me olha e sorri.

— Sim, eu cantava. Mas era o meu trabalho.

Retribuo o sorriso.

— Aposto que você tem uma voz linda.

*A voz mais linda que já ouvi.* Cassia olha para as mãos no colo, o rosto ficando vermelho. Então ela dá uma risadinha e diz, sorrindo:

— Está bem, eu *sou* muito boa. — Mas logo fica constrangida pela confissão.

Eu me inclino, seguro seu queixo e a beijo, tirando seu fôlego. Não consigo parar. *Senti sua falta*. Não quero parar. *Mas você não é mais você*. Eu deveria parar, porque sei que nada de bom pode resultar disso. Mas não consigo.

*Tem que haver uma maneira*. O beijo termina. Eu encaro seus olhos castanhos e suaves, saboreando o gosto de sua boca que ficou nos meus lábios.

*É tudo uma ilusão... Não... não é*. — Fredrik. — Ouço a voz dela dizer, mas soa fraca, enquanto estou preso aos meus próprios pensamentos conflitantes. — Algum problema?

Acordo do devaneio.

Ela sorri para mim, curiosa. — Por que a gente não entra? — sugere ela, referindo-se ao bar a poucos metros de nós.

De repente, tenho um novo plano. E dessa vez vou *fazer dar certo*. Olho para ela em contemplação silenciosa e, em questão de segundos, sei o que preciso fazer.

— Que tal a gente esquecer o bar? — sugiro, beijando-a de leve nos lábios. — Acho que prefiro passar o resto da noite a sós com você. A gente pode relaxar e ver TV . Ou tomar um banho quente de banheira.

Qualquer coisa, menos o bar. Qualquer coisa, menos algo que possa ajudar a despertar mais lembranças. A noite em que Greta tirou a corrente dela e as duas dançaram e cantaram Connie Francis foi a noite em que as lembranças de Cassia voltaram. Lembranças que eu não esperava, mas mesmo assim... Cassia sorri.

— Está bem — responde, sem relutância ou questionamento. — Então vamos para casa.

Para casa. Seraphina voltou para casa.

## CAPÍTULO VINTE E TRÊS

*Fredrik*

Nunca imaginei que sentiria isso por alguém. Seraphina sempre vai ser uma parte de mim, mas *essa* parte *dela* que provavelmente nunca vou entender, desde o dia em que a trouxe para cá, tem preenchido lacunas em minha alma que estavam vazias desde que eu era menino. Lacunas que a metade mais sombria de Seraphina não conseguia preencher. Eu nunca havia conhecido a luz. Só a escuridão. Nunca havia experimentado a ternura, a fragilidade ou a compaixão, até Cassia aparecer. Como uma só pessoa pode ser tantas coisas? Usar tantos rostos? Satisfazer tantos desejos?

Dou mais um dia de folga para Greta e passo o dia seguinte com Cassia. E o outro também. Mas, quando o fim de semana está prestes a acabar, algo muito mais profundo do que frustração começa crescer dentro de mim. Medo da verdade? Saber que não posso ter o que eu tanto quero? E, para piorar as coisas, começo a perceber que, só porque tenho uma coisa boa diante de mim, não posso esquecer quem sou de verdade. A necessidade de aplacar minha sede de vingança e sangue está forte de novo — mais forte agora que minha escuridão se sente ameaçada por algo mais poderoso, que tenta me conter, impedir que eu seja eu mesmo. E a única coisa que vai acalmar a voz brutal no fundo da minha mente é encontrar um participante involuntário e fazer aquilo que faço melhor.

Estou me esforçando muito para ignorar essa voz.

Cassia está sentada ao meu lado, no braço da poltrona de couro, em minha sala de estar. Seus dedos acariciam delicadamente meu cabelo escuro.

— Posso perguntar uma coisa? — diz ela, em um tom sugestivo, enquanto observo suas coxas nuas sobre o braço almofadado da poltrona.

— Claro — respondo. Mantenho os olhos no iPad à frente, na mesinha de centro, tentando não deixar que a presença dela me distraia.

Mas, assim como ignorar meu lado sombrio, fazer isso não é tão fácil.

— Como você fazia amor com Seraphina?

Meus olhos se fecham em um breve momento de arrependimento. Os dedos de Cassia continuam a se enrolar em meu cabelo, provocando arrepios em minha nuca.

— Acho melhor a gente não falar dela. — Passo a ponta do dedo pela tela, fingindo estar ocupado. Mas só consigo pensar no cheiro de sua pele e no calor de seu quadril encostado em meu braço.

— Como ela era? Na cama, quero dizer.

— Cassia... — Eu me impeço de parecer zangado e solto o ar em um suspiro profundo. — Por favor, você prometeu que não ia fazer isso.

Ela desce do braço da poltrona e monta em meu colo.

Surge um volume desconfortável por baixo do tecido da calça, mas não tenho coragem de me ajeitar, porque não quero movê-la nem um centímetro do meu colo. Cassia está usando um top cinza sem sutiã e uma calcinha de algodão minúscula cor-de-rosa. Olho o meio de suas pernas, as coxas abertas de cada lado do meu corpo, os joelhos pressionando a almofada, e minha cabeça começa a girar de desejo.

— Fredrik... por favor. — Ela abrandando o olhar até franzir o cenho, e me esforço para não virar uma porra de uma massa de modelar nas mãos dela. — O jeito que você era comigo todas as outras vezes... era sempre diferente. Você de vez em quando era bruto, outras vezes me olhava antes de me possuir como se estivesse lutando contra alguma coisa. Alguma coisa predadora, primitiva. — Ela move os quadris em meu colo, de propósito. Não consigo respirar. — Você sempre se segurava comigo. E agora... — ela se curva para a frente e passa a língua entre meus lábios. Não consigo enxergar através das pálpebras, que estão formigando — ... agora você me trata com tanta delicadeza...

— Preferiria que eu não tratasse você assim? — pergunto, também com um propósito: quero fazê-la sentir-se culpada para que esqueça esse assunto. — O que foi, não gosta?

Ela se afasta e inclina a cabeça para o lado, triste.

— Não, não, eu *gosto*. — Ela apoia as mãos em meu peito, por cima da camiseta. — Às vezes sinto que sou capaz de gozar só de você me tocar.

Não quero que você mude *nunca* . Preciso que você seja do jeito que é. O que você me faz sentir... eu nunca tinha sentido antes.

— Então o que importa como eu era com Seraphina? — Inclino a cabeça da mesma forma, olhando para ela. — Por que você se preocupa com isso?

— Curiosidade, acho. — Ela dá de ombros, e de alguma forma acho até isso sexy. — Talvez eu queira que você...

Um acesso de ciúme passa por mim de repente, e ela nota a mudança na mesma hora.

— Cassia — digo, passando as pontas dos dedos pela maciez de seus braços nus —, você diz que nunca sentiu isso antes, o que sente comigo. Você já esteve com outros homens?

Sua expressão desanima e ela olha para baixo, para as mãos, agora alojadas entre a calcinha e minha barriga. Não parece envergonhada. Parece tão neutra quanto estava quando perguntei, algumas noites atrás, de onde tinham vindo as cicatrizes em suas costas e ela não soube responder.

Seus olhos encontram os meus com relutância.

— Não que eu lembre — responde. — *Nenhum* de Nova York. Mas antes disso... eu não sei.

— Você se lembra de *alguma coisa* antes de Nova York?

Ela balança a cabeça. Agora parece envergonhada.

— Vem cá — digo, segurando sua nuca e a puxando para meu ombro, onde ela apoia o rosto. — Não se preocupe com isso.

— Fredrik?

— Sim?

— Se eu já tivesse ficado com outros homens, você me manteria aqui mesmo assim?

Minha mão fica rígida em seu cabelo, e eu a abraço com força, pondo a outra mão em suas costas.

*Não sei.*

— Sim. Isso não me importa — minto.

Com qualquer outra mulher além de Seraphina, eu não me importaria com quem ou com quantos homens ela teve antes. Mas Seraphina era diferente. Ela não era virgem quando nos conhecemos, mas, por sua recusa em falar da primeira vez, eu sabia que tinha sido com alguém que ela *precisava* esquecer. Seraphina dizia que *eu* era o “primeiro de verdade”. Ela desprezava os homens. Fui o único que ela conseguiu amar. O único

homem por quem ela permitia ser tocada. Seraphina *matava* os homens que tocavam nela — isso se eu não os pegasse primeiro. Mas eu era o único. Até Marcus, do Abrigo 16. E o matei dez dias depois de descobrir.

Cassia se afasta e me encara com um sorriso suave e tímido. E, em outro movimento proposital, se aperta sobre a minha ereção. Fico sem fôlego. Um rugido grave e gutural ecoa silenciosamente em meu peito. — Cassia — começo, pronto para tirá-la de cima de mim, enfiando as mãos por baixo de suas coxas —, a gente não deveria fazer isso agora.

O que deu nela? Não que isso me incomode — pelo contrário —, mas tenho a sensação de que ela está com ciúme de Seraphina e está tentando tomar o lugar dela de todas as formas, não apenas em meu coração.

Ela franze o cenho.

— Não faça isso — peço. — Desculpa, eu só...

Passando um braço com firmeza por sua cintura, para que ela não caia, pego iPad da mesinha e o jogo no chão. Segundos depois, jogo também as pastas que eu estava lendo, sobre Kelly Bennings e Paul Fortright, em Seattle. Fotos e folhas de papel se espalham pelo tapete. Eu me curvo para a frente, e Cassia instintivamente se segura em meu pescoço para não cair para trás. Encaixo as mãos nas pernas da mesinha de centro, puxando-a para mais perto.

Eu a deito de costas.

— O que você vai fazer? — pergunta ela, curiosa, mas sem nenhuma insegurança. Acho que ela tem alguma ideia do que vou fazer.

— O que eu quiser — respondo, enfiando os dedos no elástico de sua calcinha e tirando-a.

Segurando os tornozelos dela, apoio seus pés na borda da mesinha.

Ela arregala os olhos. Meu pau fica mais duro. Suas coxas se abrem diante de mim como asas de uma borboleta. Eu a ajudo a mantê-las paradas, segurando-as com as duas mãos, até que ela as mantém imóveis sozinha.

— Se você jurar que nunca mais vai perguntar sobre Seraphina — mergulho dedo médio entre os lábios de sua boceta, para cima e para baixo, duas vezes, antes de abri-la, e ela geme —, vou fazer isto por você. Em qualquer lugar que você quiser. A qualquer momento que você quiser. E, muitas vezes, quando você menos esperar.

Seus dedos agarram com firmeza as bordas da mesinha, ficando brancos sobre a madeira. Seu peito sobe e desce com a respiração ofegante, que me deixa mais faminto.

Eu me curvo e passo a ponta da língua na sua boceta úmida. Ela estremece e geme.

— Mas você precisa jurar, porra. Eu a lambo de novo e a penetro bem fundo com os dedos médio e indicador. Cassia joga a cabeça para trás, arqueando o pescoço, seu cabelo longo e louro contrastando com a madeira escura.

— Eu juro. — Ela treme. Com os dedos ainda dentro dela, passo a língua em seu clitóris. — Não foi muito convincente, meu amor.

Eu me afasto, deitando as costas na gigante poltrona de couro, mantendo as pernas abertas, me permitindo a visão perfeita de seu corpo nu e exposto. Apoio as mãos despreocupadamente nos braços da poltrona.

— Eu juro, Fredrik! Eu juro! — Não levante a cabeça — mando. Ela volta a deitar.

— Nunca mais vou perguntar sobre ela — insiste Cassia, implorando, e isso me faz querer enfiar mais do que os dedos ou a língua nela, mas não o faço.

— Hmmm. — Olho para o teto, sem pressa. — Ainda não sei se posso acreditar em você. Bem, você já me prometeu uma vez...

— Eu juro, Fredrik. Nunca mais vou sequer dizer o *nome dela*.

Isso chama minha atenção. Ergo as costas da poltrona e acaricio suas coxas, só roçando o calor entre suas pernas ao passar para o outro lado.

— Diga que promete — ordeno, com delicadeza.

— Eu prometo — responde ela, em um suspiro trêmulo.

Coloco o dedo médio dentro dela, metendo e tirando com cuidado. Uma série de gemidos suaves escapa de sua boca. Brinco com ela um pouco. Porque gosto de tocá-la. Poderia tocá-la por horas e nunca me entediar.

Mais gemidos doces fazem meu pau latejar.

Finalmente, afundo a cabeça entre suas coxas trêmulas e lambo a boceta de um jeito faminto, massageando-a por dentro com os dedos. Cassia geme, agarrando as bordas da mesinha. Sua barriga contrai e ela fica sem fôlego, revelando o contorno das costelas.

Ouçõ chaves tilintando na porta da rua, mas não paro.

Só o que me importa é causar uma convulsão delirante em Cassia, exposta bem ali, em minha sala de estar.

— Ah, Fredrik! Por favor, não para... *Não pretendo parar, meu amor.* Chupo seu clitóris sem parar. Ouçõ outro gemido, mas esse não veio de

Cassia. Só paro quando suas coxas se fecham ao redor da minha cabeça e ela olha para a porta da sala com uma expressão de horror.

Greta está parada ali, boquiaberta e com os olhos mais escancarados do que as pernas de Cassia.

Sem erguer o corpo, olho para ela e digo: — Você se incomoda de esperar lá fora por uns... por mais uns minutos?

Greta, dando a impressão de que não trepa há muito tempo, leva alguns segundos para organizar as ideias.

— Vou esperar no carro — anuncia, indo depressa para a porta. — É só acenar para mim quando... vocês terminarem.

A porta se abre e se fecha tão rápido que ela deve ter corrido os últimos metros.

— Meu Deus, estou muito envergonhada!

— Não precisa — digo a ela, segurando suas coxas firmemente com as mãos. — Agora fique parada.

— Mas não consigo... — Ah, consegue, sim. Confie em mim. Agora deite de novo. Ela me obedece prontamente, e eu volto ao trabalho.

~~~

Enquanto Cassia está no quarto, se vestindo, Greta entra novamente em casa, evitando qualquer contato visual. Não que isso seja incomum, mas desta vez é por um motivo bem diferente.

— Eu sinto muito, sr. Gustavsson. — Ela joga a bolsa no balcão e o casaco no encosto de um banquinho, mas erra, e ele cai no chão. Ela se curva e tenta de novo, mas só se atrapalha. — O senhor falou que eu podia ir entrando. Eu só não...

— Não se preocupe. — Eu me aproximo dela. Greta dá um passo para o lado e baixa os olhos. Dou a volta por ela e vou até a geladeira. — A culpa foi minha. Eu sabia que você vinha, mas... bem, aconteceram coisas que eu não previa.

— *Percebi* — resmunga Greta, baixinho.

Deixo isso passar.

Cassia entra na cozinha, usando o top cinza e uma calça minha, de moletom, por cima da calcinha minúscula. Ela mal consegue olhar para Greta e é incapaz de conter o rubor no rosto. Isso é tão bonitinho que me dá vontade de comê-la no balcão.

— Olá, Greta. — Cassia dá um aceno discreto.

Abro a geladeira e pego uma garrafa de água na primeira prateleira.

— Olá, Cassia querida. Eu, hã, presumo que você tenha passado bem os últimos dias.

Balanço a cabeça perante o constrangimento das duas, mas não me pronuncio.

Se Cassia estivesse em uma praia, estaria remexendo timidamente a areia com a ponta do pé.

Como ela e Seraphina podem ser a mesma pessoa?

— Sim, Greta — responde Cassia, com um sorriso incansável —, as coisas estão maravilhosas.

Os olhos de Greta finalmente encontram os meus, mas ela não me encara por muito tempo, só o suficiente para expor a incerteza escondida no olhar. Também deixo isso passar. Ela é apenas muito maternal em relação a Cassia, e, francamente, estou começando a gostar disso mais ainda.

De repente, Cassia compreende, e seu sorriso desaparece quando ela se vira para mim. Se Greta está aqui, isso só pode significar uma coisa.

— Você vai embora? — Seus olhos tristes se voltam para mim. Isso causa um aperto em meu peito.

— Sim. — Tiro a tampa da garrafa. — Preciso me encontrar com uma pessoa daqui a mais ou menos uma hora. É muito importante.

É importante, mas também me deixa tenso. Quase não quero encontrar Izabel no café, pois tenho medo do que ela vai me contar.

Cassia se aproxima de mim. — Não quero que você vá. Solto a garrafa e ponho as mãos nos ombros dela, curvando-me para beijar sua testa.

— Não vou demorar. Você vai ficar bem.

Greta começa a esvaziar a máquina de lavar louça, fingindo não ouvir, mas está absorvendo cada palavra.

Cassia parece nervosa. Sei que ela não quer que eu vá embora, mas o motivo não é só esse. Ela não quer voltar para o porão e, embora eu não tenha confirmado que é isso o que vai acontecer, ela sabe que é.

Eu a pego pela mão, e ela permite que eu a leve.

Deixamos Greta na cozinha, e desço a escada de concreto com Cassia, acendendo a luz ao passar. Admito que até para mim isso é como entrar em uma prisão, mesmo não sendo eu a pessoa que vai ficar confinada nesse lugar. Gostaria de poder deixá-la morar livre em minha casa, capaz de olhar pelas janelas ou sair sempre que tivesse vontade. Mas, no momento, isso não é possível. E talvez nunca seja.

— Promete que não vai demorar? Ela deita a cabeça em meu peito, os braços dobrados e apertados entre nós, agarrando minha camisa.

Seguro sua nuca com a mão, abraçando-a mais forte.

— Prometo.

Erguendo o rosto, ela me olha com apreensão.

— Fredrik?

Beijo sua testa.

— Que foi?

— Estou com medo.

Segurando seu rosto com as mãos, beijo seus lábios trêmulos.

— Não tenha medo.

— Mas eu tenho. Sempre vou ter medo. — Seus dedos apertam o tecido de minha camisa. — Fredrik? — repete ela, embora dessa vez com relutância.

Abrando o olhar, permitindo-lhe falar sobre Seraphina; agora é diferente.

— Você promete que nunca mais vai deixar que ela me machuque? — Os cantos de seus olhos se enchem de lágrimas. — Eu sei que é ela que você ama — ela puxa minha camisa com mais força, prendendo meu olhar perdido —, eu sei que é ela que você *sempre* vai amar. Mas, por favor, *nunca* mais deixe que ela me machuque.

Olhando-a nos olhos e pela primeira vez vendo apenas Cassia, digo: — Nunca mais vou deixar que ela machuque você. — Dou um beijo em sua testa. — E acho que nem quero mais encontrá-la.

Cassia não diz mais nada enquanto prendo a corrente em seu tornozelo e subo os degraus de concreto.

Cassi a Senti um sorriso tentando despontar em meu rosto, mas ele morreu cedo demais. Abaixo as mãos e fico ali, no meio do quarto, a corrente estendida no chão ao meu lado. Deveria estar feliz com a última coisa que ele disse — *quero* estar, mas me sinto estranha.

Não sei o que está acontecendo comigo.

Mas não estou gostando. *Fredrik* Já vestindo o casaco e com as chaves na mão, vou até a porta, mas paro na entrada da cozinha.

— Greta, você precisa entender uma coisa.

Ela deixa o pano de prato no balcão e dá a volta em minha direção, sem deixar de me olhar, ao perceber a importância do que vou dizer.

— Cassia é perigosa — Greta franze as sobrancelhas na hora —, e você precisa tomar cuidado quando estiver com ela.

— Me desculpe, sr. Gustavsson — diz ela, chegando mais perto —, mas achei que o senhor já tivesse superado isso. Na primeira semana em que vim cuidar dela, o senhor me disse para tomar cuidado. Disse que era porque ela não era confiável, mas o senhor...

— Sei o que eu disse — interrompo-a. — E sei que depois acabei dizendo que estava tudo bem, mas a verdade é que eu nunca deveria ter permitido que você baixasse a guarda perto dela. Foi um erro meu.

— Cassia é inofensiva — declara ela, cruzando os braços metidos em um suéter de tricô azul. — Como pode dizer que ela é perigosa, depois de tanto tempo? Depois do que... — ela estreita os olhos — ... depois do que viveu com ela? — Está se referindo ao que viu quando entrou.

— Me escuta — digo, com autoridade. — Vou contar mais depois do que eu descobrir hoje, na reunião com Izabel. Espero entender melhor isso tudo. Mas, até lá, quero que você fique alerta o tempo todo perto de Cassia.

— Eu vou ficar — responde Greta, baixando as mãos e voltando para o outro lado do balcão. — Mas me deixe dizer, só para constar... e pode me matar por dizer isto, se quiser... que confio mais nela do que no senhor. — Suas palavras são amargas, mas sinceras. Ela me censura por manter Cassia em cativeiro, por tratá-la como um animal, e até por considerar a ideia de que alguém tão doce e carinhosa como Cassia possa ser perigosa.

— Sua opinião está anotada — digo, abrindo a porta. — Vou ficar de olho nas câmeras, por isso não faça bobagem.

— Não vou fazer, senhor.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Fredrik

Entro no estacionamento do café e descubro que Izabel já está lá dentro, esperando por mim, quinze minutos adiantada. Eu me aproximo da mesa no canto mais afastado do salão e percebo que ela não sorri. O único sorriso em seu rosto é do tipo triste, quando você precisa dar uma notícia devastadora a alguém que ama.

Quero dar meia-volta e sair. Talvez, se eu não ouvir o que ela tem a dizer, nada daquilo será verdade.

Eu me sento na cadeira desocupada diante de Izabel.

Não digo uma palavra. Izabel tira um envelope branco e grosso da bolsa, que está em cima da mesa, e o coloca diante de si, cobrindo-o com dedos que mostram unhas feitas.

Odeio esse envelope. Está prestes a arruinar minha vida, e quero pôr fogo nele.

Afasto o olhar com dificuldade, voltando-me apenas para Izabel.

— Como ela está? — pergunta minha amiga.

— Para dizer a verdade, Cassia está perfeita — respondo, como se esse fato fosse negar tudo o que ela vai contar. — Nenhum sinal de lembrar que é Seraphina. Até deixei que ela saísse do porão pela primeira vez em um ano. Fomos almoçar e ao cinema, você acredita? Eu. No cinema. — Não percebi o tamanho do meu sorriso, mas não consegui evitá-lo ao lembrar os últimos dias sozinho com Cassia.

Izabel parece sentir pena de mim, e o sorriso se dissolve em meu rosto.

— Fredrik, posso fazer uma pergunta pessoal?

— Claro.

Eu me recosto na cadeira e cruzo os dedos sobre a barriga.

Izabel mantém as mãos sobre o envelope, e tenho a sensação de que ela não quer que eu veja o que está dentro dele, assim como também não quero.

— Sua infância foi parecida com a minha?

Isso me pega de surpresa. Nunca falei do meu passado para Izabel. Até onde eu saiba, além de Seraphina, as únicas duas pessoas que sabem alguma coisa a respeito são Victor Faust e nosso ex-chefe, Vonnegut. Eles sabem porque precisavam saber, antes que eu fosse recrutado pela Ordem. Mas nem eles sabem de tudo.

Ninguém além de Seraphina sabe de tudo.

— Parecida com a sua, sim. — Olho para a parede atrás de sua cabeça.

— Victor não me conta muito a seu respeito — explica ela, com a voz suave —, porque não é da minha conta, a não ser que você mesmo fale. Eu sei e aceito isso. Mas queria perguntar, para o caso de você sentir que tem intimidade suficiente comigo para contar.

— O que o meu passado tem a ver com o que há nesse envelope, Izabel? — Continuo sem olhar para o envelope. Eu o enxergo com a visão periférica, mas não consigo olhá-lo diretamente. — É só uma pergunta, Fredrik. — Não, é mais do que isso — digo, e então baixo a voz, para que o barista atrás do balcão não ouça. — Mas, sim, fui um escravo sexual, assim como você. Só que fui por muito mais tempo. E não era o favorito de ninguém.

Não queria que essa última parte soasse rancorosa ou ríspida, mas, pela expressão ofendida nos olhos de Izabel, presumo que tenha saído assim.

Suspirando, arrependido, fecho os olhos depressa e ponho as mãos dobradas na mesa.

— Eu não quis falar nesse tom. A expressão de Izabel fica mais branda, e ela assente devagar. — Eu sei.

— Mas não entendo por que isso importa. O que meu passado tem a ver com Seraphina?

— Não tem nada a ver com Seraphina — responde ela. — Só quero que você saiba que eu estou do seu lado, aconteça o que acontecer. Você e eu somos parecidos em muitas coisas, e sei que fiquei sozinha por muito tempo por causa da vida que fui obrigada a levar. Eu não tinha ninguém. A não ser as garotas que moravam na fortaleza comigo, mas nossos relacionamentos sempre foram breves. Elas sempre eram vendidas, se matavam ou eram assassinadas. Eu não tinha ninguém, Fredrik. E sei como é viver sozinho e levar uma vida horrível que não escolhi. Ela se curva para

a frente, deslizando o envelope para o meio da mesinha, mas ainda não está pronta para me entregar. Seus olhos estão tristes e cheios de compreensão.

— Não só recentemente — continua ela —, mas desde a noite em que o conheci em Los Angeles, vi em você a mesma solidão e o mesmo tormento que eu sentia antes de encontrar Victor. Pessoas como eu e você... nós achamos que estamos escondendo nossa dor e escuridão do resto do mundo, mas esquecemos que conseguimos ver tudo isso com clareza *uns nos outros*.

Estendo a mão para pegar o envelope, mas Izabel reluta em se afastar dele. Finalmente, ela cede. Deslizo-o para o meu lado da mesa e mantenho a mão sobre ele. Mas não estou preparado para ler o conteúdo.

— Aprecio a confiança, Izabel, mas...

— Fredrik, eu temo por você. — Por quê? Por causa disto? — Bato no envelope com a ponta do dedo, sem olhar para ele. — Eu aguento. Vou saber lidar com o que eu estou prestes a descobrir, seja lá o que for.

— Só quero dizer que Seraphina *não* é a única pessoa do mundo que já gostou de você.

Meus dedos amassam as bordas do envelope.

— Talvez não, mas é a única pessoa que me entendeu de verdade.

Izabel assente, pensativa. — Sim, mas não precisa ser. — O que isso quer dizer? — pergunto, rindo de repente. — A gente vai ter um caso? — brinco, sorrindo para ela.

Izabel sorri e revira os olhos, mas logo substitui o humor por determinação. — Só estou dizendo que estou do seu lado. Faço qualquer coisa por você.

Espero que acredite nisso. Finalmente, olho para o envelope, antes de abri-lo com cuidado. — James Woodard localizou as informações sobre Cassia Carrington — anuncia Izabel, enquanto desdobro as folhas grossas e meu coração salta violentamente no peito. — Não foi difícil.

Olhando para o texto impresso no papel, leio com a mente aberta e o coração em frangalhos: **25 de junho Paciente: Cassia Carrington Idade: 13 anos Diagnóstico principal: Transtorno Dissociativo de Identidade --**

A paciente não exhibe sinais de fraude consciente. Na minha opinião profissional, Carrington genuinamente acredita que foi uma garota de sua idade chamada Seraphina Bragado quem assassinou seus pais e pôs fogo em sua casa. Carrington fez um relato prolongado e com detalhes complexos

sobre a história de como “conheceu” sua segunda personalidade, Seraphina Bragado, e a história nunca muda quando ela a conta. Tentei confundi-la com os detalhes, mas ela sempre me corrige. Cassia está cem por cento convicta de que tudo o que me conta é real.

Carrington, como “Seraphina”, confessou ter matado os pais de Cassia porque estava tentando salvar a amiga, poupá-la de passar com o pai o mesmo que Seraphina passara com o dela: abusos físicos brutais, violência sexual e estupro. Isso não é incomum em pacientes com TDI, criar uma personalidade emocional e mentalmente mais forte, que consegue fazer as coisas que a personalidade principal não é capaz de fazer por si mesma, por medo ou fraqueza. No caso de Carrington, Seraphina tornou-se a parte que tinha coragem de enfrentar o abuso paterno e lidar com a situação de que a mãe ignorava o fato e não intervinha para ajudá-la.

1 de agosto Paciente: Cassia Ana Carrington Idade: 13 anos Diagnóstico Principal : Transtorno Dissociativo de Identidade --

Evidências levaram à conclusão de que Carrington também foi responsável pelo assassinato do garoto Phillip Johnson, de catorze anos, que desapareceu do bairro seis meses antes de Carrington assassinar os pais. O corpo de Johnson foi encontrado na mata atrás da casa de Carrington, coberto por galhos e folhas de árvores. Foi “Seraphina” quem nos revelou onde encontrar o corpo. “Seraphina” alega que Johnson tentou beijar Carrington e que, para proteger a amiga, levou-o para a floresta e o matou a facadas. **21 de setembro Paciente: Cassia Ana Carrington Idade: 14 anos Diagnóstico Principal : Transtorno Dissociativo de Identidade --**

A paciente não retorna à verdadeira personalidade há algum tempo. Ela insiste que é Seraphina Bragado, e começo a acreditar que a personalidade alternativa está aos poucos assumindo o controle. A duração que isso pode ter é preocupante. O tratamento para ajudar Carrington não terá sucesso se a personalidade tratada não for a principal. **29 de outubro Paciente: Cassia Ana Carrington Idade: 15 anos Diagnóstico Principal : Transtorno Dissociativo de Identidade --**

Carrington voltou esta semana, mas foi um encontro muito breve, pouco antes de “Seraphina” reassumir o controle. Ainda assim, nesse breve momento, finalmente descobri um gatilho da paciente, ao menos um deles. Carrington não gosta de espelhos. Seraphina não tem problema com o reflexo, mas Carrington faz de tudo para evitá-lo. Acredito que, quando

Carrington se olha no espelho, não é o próprio reflexo que vê do outro lado, e sim a imagem de Seraphina. Porém, não acredito que se olhar no espelho invariavelmente mude sua personalidade e ela se torne Seraphina. Depois de mais testes, ficou aparente que não há um verdadeiro padrão para a transformação de Carrington em Seraphina, apenas que às vezes ver seu reflexo em um espelho pode desencadear a mudança.

20 de abril Paciente: Cassia Carrington Idade: 17 anos Diagnóstico Principal : Transtorno Dissociativo de Identidade --

Cassia Carrington não volta a si há mais de um ano. Cheguei à conclusão de que o caso de Carrington é um dos piores que já vi com relação ao tempo que a outra personalidade permanece dominante. É como se Cassia não existisse mais e Seraphina tivesse assumido o controle.

Uma observação à parte: um pequeno grupo de pessoas — dois homens e uma mulher — apareceu na instituição para ver Carrington. Eles alegaram pertencer a uma organização governamental, forneceram identidades válidas — seus nomes até estavam no sistema, na lista de visitantes autorizados — e passaram três horas a sós com ela, em uma sala não monitorada. Câmeras e gravadores foram proibidos. Perguntei a “Seraphina” o que eles discutiram, depois que o grupo foi embora. Ela não respondeu.

1 de maio Paciente: Cassia Carrington Idade: 17 anos Diagnóstico Principal : Transtorno Dissociativo de Identidade --

Carrington não se encontra mais na instituição. Foi transferida — na minha opinião, em circunstâncias misteriosas — para outra instituição em Nova York, mas não recebi nenhuma outra informação sobre a transferência. Meu superior mandou que eu abandonasse o caso e não conservasse os arquivos comigo.

Olho para a folha em minha mão, deixando o texto sair de foco. Então a folha cai sobre a mesa. Não tenho interesse em ler as dez páginas restantes.

— Sinto muito, Fredrik. — Não sinta. Já falei que consigo lidar com isso.

Eu me recosto na cadeira e jogo a cabeça para trás, rindo de leve.

— Inacreditável. — Cruzo os braços. — Acho que me apaixonei pela mulher com a cabeça mais fodida do planeta.

Izabel não está rindo, nem mesmo sorrindo da minha tentativa patética de humor. Acho que ela estava certa quando disse que pessoas como nós não conseguem esconder a dor umas das outras.

— Está bem — digo, movendo as mãos —, então ela é doente. Isso eu já sabia. Aliás, lá no fundo eu sabia que o problema dela era esse negócio de múltipla personalidade. Mas não queria acreditar. Isso é raro, afinal. Por que ela precisava ter isso? É ridículo. Não consigo nem... — Não sei mais o que estou dizendo.

Deixo as mãos caírem no colo e olho para as folhas dobradas à minha frente. Izabel continua em silêncio, ouvindo, observando, querendo dizer alguma coisa para melhorar a situação, mas sabe tão bem quanto eu que *nada* conseguiria.

— Tudo bem, então posso conseguir ajuda para ela — digo, olhando para minha amiga. — Ela está bem como Cassia. Puta que pariu, Izabel. A verdade é que Seraphina nunca existiu. Quando me casei com ela em segredo, quando fiz amor com ela, todas as coisas que fizemos juntos... ela era e sempre foi Cassia Carrington. Seraphina nunca existiu. — A revelação quase me faz perder o controle, mergulhando no limbo do que resta do meu juízo. — Posso conseguir ajuda para ela — repito, determinado a fazer exatamente isso.

— Fredrik — começa Izabel, com cautela —, acho que nada nem ninguém pode ajudar Cassia.

— Por que você está dizendo isso? — Sinto as sobrancelhas se franzindo em minha testa.

Ela olha para as folhas diante de mim.

— Você deveria ler o resto. Balanço a cabeça.

— Não vou ler mais nada. Seraphina está doente. Ela precisa de ajuda. E eu vou conseguir ajuda para ela. — Começo a levantar a voz. — Por acaso você acha que analistas e médicos simplesmente internam pessoas como ela? Não. Eles receitam terapia, dão remédios...

— Sim, eles fazem isso — concorda Izabel, com cuidado e compaixão —, mas não com quem mata pessoas inocentes. Eu li o arquivo todo, Fredrik. Os pais dela podiam não ser inocentes. Ela matou os dois, e eles mereceram. Mas aquele garoto, Phillip Johnson, não foi o único inocente que Seraphina matou. Houve vários outros depois dele. Todos do sexo masculino.

E, depois, as louras inocentes, seis anos atrás — não há como ter certeza de quantas pessoas Seraphina matou sem que eu ficasse sabendo.

— Que lado dela você mais amava, ou mais *ama* ?

Levanto os olhos.

— Eu nunca disse que continuo amando.

— Você não *precisa dizer*. Baixo os olhos de novo. — Eu amava Seraphina porque ela era como eu — começo, visualizando apenas o rosto de Seraphina, os cabelos pretos curtos e a maquiagem escura. — Eu era um tipo diferente de monstro quando a gente se conheceu. Ela era a resposta para tudo. Me ajudou a controlar meus impulsos e me mostrou um jeito de ser eu mesmo sem correr o risco de ser pego. Nós éramos *perfeitos* juntos, Izabel. Eu nunca rezei e nunca sonhei com nada, mas ela era a resposta para as minhas preces e um sonho que se realizava. Ela era *tudo para mim*.

— E Cassia?

Agora só consigo enxergar Cassia, com os lindos cabelos louros e compridos e a beleza natural, porque ela nunca usa maquiagem — só agora sei por quê: ela não pode se olhar no espelho para aplicá-la.

— Cassia me deu uma coisa que nunca tive com Seraphina. Ela me deu paz. Ela me fez ver uma luz na escuridão que é a minha vida e me fez sentir tão normal quanto qualquer um. — Olho Izabel nos olhos. — Ela é a minha luz.

Izabel me encara por um momento. Há dor e remorso em seu semblante.

— Você precisa de uma pessoa inteira, Fredrik — diz, pensativa e determinada. — Precisa acreditar que um dia vai encontrar essa pessoa, um amor que seja ao mesmo tempo luz e trevas, que o entenda e o complete do modo como Seraphina completava, mas que também possa lhe dar essa paz. — Ela cruza os dedos sobre a mesa e se curva para a frente. — Mas você não pode fazer isso *com ela*, e sabe disso. Ela não é uma pessoa inteira. E foi longe demais, de todas as formas, para um dia ser. Ela pode ter um estalo e se transformar a qualquer momento, como você sabe muito bem.

Desvio o olhar. Não quero ouvir nada disso. Porque sei que é verdade.

— Você vai encontrar... — Não — interrompo, e meus olhos se fixam nos dela. — Se não pode ser Seraphina, ou melhor, Cassia, então não será mais ninguém. — Cerro os dentes. — Não estou desesperado pelo amor de uma mulher, Izabel. Você está totalmente enganada, se é isso o que está pensando. Eu não queria Seraphina quando nos conhecemos. Queria ficar sozinho, e a última coisa de que eu precisava era ela, ou qualquer outra mulher seguindo cada passo que eu dava. Mas, como ela me entendia, e por ter passado a vida toda emocionalmente sozinho, me apaixonei por ela. Isso não dava para evitar. O amor me traiu, assim como a vida me traiu no dia em que nasci no banheiro de uma loja de conveniência, de uma mãe que

não me queria. — Eu me debruço para a frente, chegando mais perto, para que Izabel possa ver a resolução estampada em meu rosto. — Não vai ter mais ninguém depois dela. Não vai ter *nada depois dela, a não ser a carcaça do* homem que eu era antes de a gente se conhecer.

— O que isso significa? — Ela parece preocupada. Sem dúvida comigo. Enfio as folhas de volta no envelope e o guardo no bolso do casaco. Eu me levanto da mesa. — Significa que talvez eu não me encaixe mais no seu mundo ou no de Victor.

Izabel me olha da cadeira. Seus longos cabelos ruivos cobrem os ombros do casaco branco, se amontoando sobre a gola de pele falsa ao redor do capuz em suas costas.

Ela fica de pé, com as botas de salto cor de bronze. Suas bochechas ainda estão um pouco vermelhas do frio lá fora.

— Ela ajudava você a matar, não ajudava?

Meu coração para. Olho do outro lado do salão vazio, para o barista atrás do balcão, depois para o chão.

— Não — respondo. — Ela me ajudava a encontrar as pessoas certas. — Olho para ela de novo e continuo falando em voz baixa: — Pessoas ligadas às missões dela. Aquelas cujas mortes podiam ser acobertadas e colocadas na conta da Ordem dela. Eram todas pessoas que eu tinha cem por cento de certeza que mereciam. — Meus olhos fogem dos dela, por isso talvez Izabel não veja a vergonha e a culpa que se escondem neles.

— Quem você... — Ela olha de relance para o barista e cochicha ainda mais baixo: — Como você fazia isso, antes de Seraphina?

Meus ombros sobem e descem. Volto a me sentar.

— Pegava gente na rua. Traficantes. Cafetões. Membros de gangues. Aqueles que faziam falta para pouca gente. Mas... — Eu me interrompo.

— Mas o quê?

Olhando para os pés, continuo: — Umas poucas vezes, poucas mesmo, matei inocentes por engano. Torturei um homem, ano passado. Foi na época em que você fugiu do México e estava na estrada com Victor. Eu... bem, como falei, eu o torturei. Descobri, antes de matar o cara, que não era ele quem eu estava procurando. — Olho bem nos olhos dela, demonstrando remorso. — Eu torturei *um inocente*, Izabel. Pai de duas filhas. Nunca levou sequer uma multa por estacionar em local proibido.

— Mas você não matou o cara. Certo? — Ela parece esperançosa. Balanço a cabeça.

— Não. Não matei. Não fosse por esse meu instinto... embora naquela noite ele tenha funcionado um pouco tarde, porque minha cabeça estava muito perturbada pela necessidade... eu não teria parado. Nunca o teria escutado me dizer que não era quem eu achava que era. Soltei o cara e... — dou uma risada de repente — e, como se isto resolvesse tudo, como quem bota uma porra de um curativo em um ferimento a bala, dei meio milhão de dólares para ele. Teria dado mais se tivesse, mas eu não recebia nada da Ordem havia três meses.

— Mas você *não matou* o cara — declara Izabel, com um sorrisinho rápido.

Eu não estou sorrindo. — É, você tem razão — digo. — Eu não matei ele .

O rosto dela murcha com a mesma rapidez.

— Teve uma — começo, relutante, lembrando o rosto da vítima. — Uma mulher. Não faz muito tempo, em São Francisco. Era irmã de um dos alvos de Dorian. — Izabel arregala mais os olhos, agora que sabe que matei a mulher, porque até esse momento ninguém sabia o que havia acontecido com ela. — Para encurtar a história, ela disse que sabia do assassinato em que o irmão estava metido. Ela confessou enquanto eu a mantinha em cativeiro, na sala ao lado de onde Dorian estava com o irmão dela. Ela não devia estar ali. Com certeza você se lembra do relatório. — Ela balança a cabeça. — Mas eu estava precisando desesperadamente derramar sangue. Fazia um mês que não interrogava ninguém. Ela confessou, e eu aceitei.

— Mas ela estava mentindo, não estava?

Faço que sim, relutante. — Isso explica a sua cara na reunião com Victor. Quando Victor mostrou para você e para Dorian a informação que foi encontrada com a irmã.

— Sim — concordo, com o coração pesado. — Ela *queria morrer e me usou* para fazer isso por ela. Ainda me pergunto como François Moreau, lá na França, aparentemente sem nenhuma ligação com essa gente, sabia que eu tinha matado essa mulher.

— François Moreau — diz Izabel — era o cliente que encomendou a morte do irmão.

Surpreso com a informação, a princípio não encontro palavras.

Mas isso não importa no momento, por isso não digo nada.

Ela mexe na bolsa preta na mesa e tira outro envelope, colocando-o diante de mim. Desconfiado depois de ter lido conteúdo do primeiro, só

lanço um olhar para esse segundo.

— Aliás, por falar em Paul Fortright e Kelly Bennings — diz ela, empurrando envelope mais para perto, me instigando a pegá-lo, o que ainda não faço —, você estava certo.

— Sobre o quê?

Ela acena para o envelope. — Abra e veja por si mesmo. Hesitando de início, finalmente faço o que ela sugere. Não me surpreendo ao ler a folha sobre Kelly Bennings.

Deixo a folha na mesa e olho para Izabel.

Dando de ombros, digo: — E por que você está me mostrando isso? — Não encontro qualquer ligação entre aquilo e Seraphina, o motivo que me trouxe aqui e, francamente, a única coisa que me importa no momento.

Ela olha para a mesa, tamborilando com os dedos longos na madeira, aparentemente devido a um leve nervosismo. Então diz: — Foi por isso que perguntei se Seraphina ajudava você a matar. Eu não tinha certeza, mas, pelo pouco que sabia, tinha a sensação de que era Seraphina que ajudava com os seus impulsos. De alguma forma.

Ainda sem entender aonde ela quer chegar, cruzo os braços e olho para ela e depois para a folha, esperando que continue.

— Eu, hã, bem, achei que você poderia precisar descontar sua dor em cima de alguém. — Ela faz uma pausa, sem saber se falou a coisa certa ou qual será minha reação. — Depois do que você descobriu sobre Seraphina. Eu *sei* que é difícil para você. — Ela está ficando mais confiante, mais determinada a me fazer entender. — Você pode fingir que consegue dar conta, mas...

— Você está me oferecendo uma *vítima* ? — acuso, com dificuldade para decifrar suas intenções. Sei que é isso que ela está fazendo, mas o que ainda não está claro é... — Espera... Victor sabe disso?

Ela não responde.

E não consegue olhar para mim. — Izabel, *pelo amor de Deus* , você está me oferecendo uma vítima envolvida em uma das suas missões e Victor *não sabe* ? — Balanço a cabeça e empurro a folha de volta para ela, recusando o gesto.

Ela bate a palma da mão sobre a folha.

— Escuta, eu nunca tive uma família de verdade — argumenta ela —, fora a sra. Gregory, antes de conhecer Victor, você e... quero arrancar minha cabeça por dizer isto, até Niklas. — Ela empurra a folha de volta para mim.

— Você faz parte da minha família, e quero ajudar. Falei sério sobre contar tudo para Victor. E *vou* contar. Mas quando eu estiver pronta. No momento, quero ajudar você.

— Não preciso disso, Izabel. — Tiro as mãos da mesa e fico de pé. — Posso encontrar minhas próprias vítimas. Com certeza não preciso que você bote o seu na reta por mim. Victor vai *matar você*.

Ela pisca, atordoada, e joga a cabeça para trás.

— Você não falou que ele nunca me mataria?

— Você me entendeu. — Suspiro. — Olha, Izabel, eu agradeço. De verdade. Mas posso encontrá-las sozinho.

— Eu *quero* que você mate essa mulher — insiste Izabel entredentes, como se estivesse reprimindo isso o tempo todo.

Fico imóvel em vez de ir embora e deixá-la sentada ali.

— Como é?

Ela fica de pé ao meu lado. — Eu mesma ia matar, quando descobri o que ela fez — murmura Izabel, em um tom ríspido. — Eu estava pronta para pegar um avião, na noite passada. Até falei para Victor que ia visitar Dina. E ia mesmo, depois, para isso tecnicamente não ser mentira, então não me olhe assim. — Ela agarra a lapela do meu casaco e me puxa para mais perto. — Mas aí James Woodard me deu as informações sobre Cass... sobre Seraphina, e percebi que seria melhor deixar o trabalho de matar Kelly Bennings nas suas mãos. Você precisa disso mais do que eu. — Ela solta meu casaco. — Eu não *preciso*, na verdade. Eu só *quero*.

— Por que você quer tanto isso? Suas narinas se dilatam brevemente. — Por causa do que ela fez com a própria filha e com a filha do cliente, só por um *homem*, caralho! — Ela olha para o barista atrás de mim. Um cliente entra no café. — Aquela vaca *merece* morrer, ou pelo menos ser torturada. E quem melhor do que você para fazer isso? Qualquer projeto de mãe que se arrisque a arruinar a vida da filha por causa de um homem merece o que vai acontecer com ela. — Ela pega a bolsa da mesa e joga a alça curta sobre o ombro.

Analiso o rosto de Izabel em busca do que já sei que está ali: dor pelo que a própria mãe fez com ela, levando-a ainda jovem para viver com um chefão do tráfico mexicano que a manteve em cativeiro pela maior parte da vida. Em qualquer outro momento, eu a provocaria, acusando-a de simplesmente me usar para fazer seu trabalho sujo, mas sei que não é isso.

Izabel não precisa que ninguém faça seu trabalho sujo. Ela é mais do que capaz disso. E ela gosta.

— Você precisa disso, Fredrik. — Ela faz menção de ir embora, mas para diante de mim e me encara com aqueles olhos verdes suaves. — Você é família, e acho que deveria me deixar ajudar, do jeito que Seraphina ajudava. E, depois do que você disse sobre se tornar a carcaça do homem que era, minha missão vai ser ajudar você. Porque me recuso a perder qualquer membro da minha família. Entendeu? — É mais uma exigência do que uma pergunta.

Não respondo, mas sei que não preciso. Olho para a folha e a pego.

— Obrigado, Izabel — digo. Ela assente e sai do café.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Fredrik

Não suportaria a ideia de ver Cassia de novo esta noite. Preciso de tempo para pensar no que fazer, porque, no fim das contas, como vou ter que fazer *alguma coisa*, prefiro que seja escolha minha, e não algo reservado pelo destino para me pegar de surpresa. Embora, como prova o passado, eu seja pego de surpresa assim mesmo.

No entanto, o mais importante, mais do que a necessidade de me afastar um pouco de Cassia, é alimentar minha necessidade de derramar sangue.

Liguei para Greta minutos antes de ir para o aeroporto e lhe disse que ficasse longe de Cassia até eu voltar: — *Mas e se ela precisar de mim para alguma coisa? Quanto tempo o senhor vai demorar?*

— *Não mais do que quarenta e oito horas — respondi. — Cassia vai ficar bem por esse tempo.*

Como de costume, detectei a frustração na voz de Greta, ainda que ela se esforçasse muito para escondê-la.

O que Izabel fez por mim — bem, é algo que me preocupa, e vou cuidar melhor disso quando toda essa situação acabar, porque não consigo lidar com todas essas coisas ao mesmo tempo. Mas não vou permitir que ela se arrisque desse jeito por minha causa. Além disso, a última coisa que quero é Victor pensando que está rolando alguma coisa entre nós. Ele não hesitaria em meter uma bala na minha cabeça por causa dessa garota. Infelizmente, conheço muito bem a sensação. Eu sentia isso por Seraphina. E agora por Cassia...

Dorian estica as pernas, uma no corredor do avião, e afunda na poltrona. Olho pela janela ao meu lado para a escuridão do céu noturno, a quarenta mil pés de altitude sobre o estado de Washington.

— Não sei o que deu em você ultimamente — comenta ele, apoiando a cabeça no assento e juntando as mãos sobre a barriga —, mas está começando a me decepcionar de verdade.

A seriedade na voz dele me dá vontade de rir.

— Me avisaram que trabalhar com você não ia ser fácil. Como se você fosse alguma nova versão do Sweeney Todd, o barbeiro demoníaco da Rua Fleet. — Eu rio baixinho, sozinho. — Mas, para ser sincero, estou achando você muito mole para o trabalho.

— Bom, posso sempre oferecer um lugar na minha cadeira, se você quiser — respondo, com um sorriso.

— Obrigado, seu babaca, mas eu dispenso. — Ele se ajeita na poltrona, tirando o pé do corredor. — Mas *vou* pedir para trocar de parceiro, depois de ajudar você com isso.

— Não vai precisar — digo, olhando para as costas da poltrona à frente. — Victor me garantiu que a missão de Seattle vai ser nosso último trabalho juntos.

Ele vira a cabeça para me olhar. — Sério?

Faço que sim.

— Ha! — exclama ele. — Por que será que ele ainda não me disse nada?

— Não sei. — Eu o encaro por um momento. — Talvez a missão de Seattle não tenha acabado.

Ele dá de ombros e olha para a poltrona à sua frente.

— Acho que isso explica por que a gente está voltando.

Sim, faria sentido se tivesse sido Victor a nos mandar de volta para Seattle, mas desta vez é pessoal. Izabel tinha razão: preciso de um trabalho só meu para me acalmar um pouco. Como um viciado em drogas precisando de uma dose, imagino. Eu nunca disse que estava acima disso.

Tenho um encontro muito especial com Kelly Bennings. Para mim *e* para Izabel.

Dorian me olha de novo. — Sem querer ofender, é claro. É que estou acostumado a trabalhar com pessoas mais parecidas comigo. Entende?

Faço que sim, ainda olhando para — Entendo perfeitamente o que você quer dizer. E preciso me ver livre de você tanto quanto você precisa se ver livre de mim.

Dorian ri baixinho.

— Mas imagino que não haja muita gente como *você esperando para tomar o* meu lugar — comenta, com um ar divertido.

— Não, não há. Porque gente como eu prefere trabalhar sozinha.

— Esse mundo é solitário pra caralho, Gustavsson. — Ele fecha os olhos. — Acho que, se eu fosse como você, provavelmente enlouqueceria, sozinho, fazendo essas porras de psicopata que você faz.

Em grande parte, Dorian está certo. Minha vida *é* solitária. E, se as coisas fossem do meu jeito, Seraphina nunca teria me traído, anos atrás. Ela nunca teria matado aquelas três inocentes. Nunca teria fugido e me deixado viver na solidão, sem ela. E, mais do que tudo, se as coisas fossem do meu jeito, ela não estaria doente, nada disso teria acontecido e nós dois ainda estaríamos juntos. Eu não *precisaria ficar sozinho*.

Mas tudo isso demonstra que provavelmente estamos melhor cada um por sua conta. Apegar-se a alguém nos torna fracos e vulneráveis. Fode com nossas emoções. E não gosto que ninguém foda com minhas emoções.

Dorian e eu chegamos a Seattle antes das seis da manhã do dia seguinte. Alugamos um carro e encontramos um hotel, onde passamos parte do dia repassando informações sobre a localização de Kelly Bennings e do cliente que nos contratou para eliminar Paul Fortright. De acordo com os arquivos, existe uma conexão entre Bennings e o cliente, Ross Emerson, que alegava que Fortright tinha molestado sua filha. Toda a informação de que preciso está aqui no bolso do paletó. O resto é puro instinto, e nunca me enganei em relação à culpa de alguém — exceto, é claro, quando uma vítima *fingiu* ser culpada, o que era inédito para mim e me deixou desorientado. Mas o instinto pode ser uma arma letal quando alguém sabe utilizá-lo. Dominei o meu quando garoto. Porque, se não tivesse feito isso, jamais teria escapado dos meus patrões e teria morrido escravo.

Ao anoitecer, Dorian e eu estamos esperando no carro, estacionado na frente do local de trabalho de Kelly Bennings, uma loja de bebidas. Duas horas depois, após segui-la até um posto de gasolina, uma lanchonete, vê-la entrar e sair do apartamento de ninguém menos que o cliente, Ross Emerson, ela finalmente para o carro em casa, e nós a jogamos no portamalas.

Agora estamos de volta ao mesmo galpão que usamos para interrogá-la da primeira vez, e ela age de maneira tão desafiadora quanto antes.

Com o lenço, limpo o cuspe do meu rosto e depois enfio o lenço em sua boca.

— Mnnmmnn! — Seus gritos abafados decerto estão cheios de xingamentos e ameaças. — Dmmnmmm-Mnnnmmooo! — O branco de seus olhos esbugalhados está completamente visível. Ela se agita na cadeira de madeira, fazendo-a balançar, raspando no chão de concreto.

Eu gostaria muito de ter a *minha* cadeira para prendê-la — facilita muito mais as coisas.

Dorian fica em um lado da sala, de pé e com as costas apoiadas na parede aço, a arma escondida na parte de trás da calça, uma expressão de impaciência e desconforto no rosto de menino bonito.

Arrasto uma cadeira vazia para perto de Bennings, deixando-a na frente dela. Como da última vez. Ela me fuzila com os olhos azul-claros, emoldurados pelos cabelos castanhos desgrehados e sujos. Seus gritos e ameaças continuam saindo como gemidos abafados, indecifráveis, mas ao mesmo tempo completamente óbvios.

Cruzo as pernas e inclino a cabeça para o lado. Então olho para a gaze suja, enrolada em sua mão amarrada ao braço da cadeira, e sorrio um pouco, lembrando o que senti quando cravei o punhal de Izabel nela: satisfação completa e total.

Puxo meu punhal de dentro do casaco. Os olhos de Bennings focam a lâmina e ela para de gritar.

Me curvando para a frente, coloco a ponta do punhal sobre a pele nua do ombro dela e o deslizo por todo o seu braço, sem cortá-lo. Eu a despi antes de amarrá-la na cadeira, e ela está só de calcinha e sutiã; as peças não combinam. As pernas finas tremem sobre a madeira, as costelas são claramente visíveis. A escrota desbocada deve pesar uns quarenta quilos. A pele pálida não é bonita, e sim doentia. Olheiras mancham a região sob os olhos. Fico pensando qual deve ser sua droga favorita, mas, como não me interessa a ponto de perguntar, concluo que deve ser heroína.

Mas Kelly Bennings merece mesmo morrer?

Ainda praticamente na cara dela, anuncio, muito calmo: — Se você cuspir em mim de novo, corto sua língua fora.

Ela balança a cabeça furiosamente, com lágrimas nos olhos.

Hesitando só por um momento, uso a mão enluvada com látex para tirar o lenço encharcado de saliva, que enfiei fundo o suficiente em sua garganta para que ela não conseguisse cuspi-lo sozinha, e o jogo no chão aos meus pés.

— O que você quer de mim, caralho?!

Inclino a cabeça para o lado. — E fale mais baixo — acrescento —, porque está começando a me dar dor de cabeça.

Ela franze o cenho e me encara como que dizendo *E o que me importa?*, mas não se atreve a dizê-lo. Ao menos ainda não. Essa mulher é corajosa e quase completamente sem medo, é só questão de tempo até que sua boca grande a deixe ainda mais encrocada.

— Você armou esta missão contra o seu namorado, Paul Fortright, junto com Ross Emerson — digo, voltando a me recostar na cadeira.

— *Quê? Que merda é essa que você está dizendo?*

Ela não mente muito bem quando sabe que está ferrada.

— Você sabe exatamente o que estou dizendo. — Deixo o punhal sobre minha perna, cobrindo-o delicadamente com a mão. — Mas, pior do que planejar o assassinato dele, é armar com Ross Emerson para tentar pôr Fortright na cadeia por molestar crianças. Até a sentença de morte seria melhor.

Os olhos de Bennings ficam mais sombrios, e seu queixo cai.

— Você... você é *doente* ! Puta que pariu, por que eu faria uma coisa dessas?

— Porque você é uma vaca inútil — digo, interrompendo-a. — Um desperdício de ar. — Giro a mão enluvada no ar acima do meu ombro. — Me incomoda imensamente saber que você está neste momento respirando o mesmo ar que eu. — Volto a pôr a mão sobre o punhal. — Você e Emerson armaram a missão quando as acusações de abuso sexual não foram suficientes para prender Fortright. Para tirá-lo da sua vida e da de Ross Emerson. Vocês...

— Você está louco! Vai se foder, seu psicopata do caralho! — Ela se agita na cadeira de novo. — Me tira daqui! Me solta! — começa a gritar a plenos pulmões.

— Porra, cara, faz essa escrota calar a boca! — Ouço Dorian dizer, do canto.

Mas já estou me curvando e encostando o punhal no braço dela de novo antes que Dorian termine a frase. Faço um corte longo e fundo, e o sangue escorre do talho. Bennings grita de dor, enquanto o lado esquerdo de seu corpo brilha com o sangue escuro, vermelho, *maravilhoso* .

— AHHHHH ! CARALHO ! — Lágrimas escorrem de seus olhos.

Ela enfim para de gritar, e só o que lhe resta fazer é tremer, gaguejar e sangrar.

— T-tudo bem! Eu ajudei Ross! Ajudei! Mas o que isso importa para vocês?! Era para vocês matarem Paul e pronto! Foi para isso que vocês foram *contratados* !

Ponho a lâmina debaixo dos olhos dela, que se cala em um instante.

— Você estava disposta a arruinar a vida de um inocente por causa de outro homem. Podia ter simplesmente se separado dele. — Não levanto a voz.

Ela luta contra as amarras, apesar de saber que nunca vai se libertar.

— Eu não podia me separar! — rosna ela. — Paul é um canalha! Ameaçou levar nossa filha, se eu o abandonasse!

— Você não liga para a sua filha. Ela parece chocada. E magoada. Não acredito nisso, e, por mais que eu saiba que ela mesma quer acreditar, sei que também não está completamente convencida.

— Eu amo minha menina! Como pode dizer uma coisa dessas?

Inspiro profundamente, aborrecido, e ajeito as costas na cadeira.

— Ah, claro — falo, em tom de zombaria. — Ama tanto que tentou mandar o pai *inocente* dela para a cadeia sob a acusação de molestar crianças. — Faço um corte longo e fundo no outro braço, só porque estou com vontade. Ela grita de novo, mas continuo, muito calmo em meio aos gritos: — Isso sem falar no que você e Emerson fizeram a filha dele passar na polícia, fazendo lavagem cerebral nela para que acreditasse que foi molestada. — Não tenho nenhuma prova incontestável disso, mas sei que é verdade. — Devo dizer que você e seu caso amoroso são a escória da escória, sra. Bennings.

Só agora noto que Dorian saiu da sala. Eu sabia que, assim que eu começasse a cortá-la, isso não demoraria a acontecer. Por outro lado, ele tem mais um serviço para fazer, e foi por isso que eu o trouxe comigo.

— Olha, e-eu não sei por que você me trouxe para cá. — Bennings gagueja, os lábios finos tremendo. — Mas Ross vai pagar para você me soltar. E-ele paga o dobro do que ia pagar para sua organização pela morte de Paul. É só ligar para ele. Por favor. O número dele está no meu celular. No meu casaco. — Ela olha para o outro lado da sala, para as roupas amontoadas no chão.

— Isso não será necessário. — Cruzo as pernas e me afasto dela, sentado tão despreocupadamente quanto se eu estivesse em uma reunião entediante. — Mas me interessa saber por que você acha que Ross Emerson

faria uma coisa dessas por sua causa. — Meu nariz se franze em uma vaga careta quando a olho de cima a baixo. — Olhe para você: é um nojo.

Chocada e completamente insultada, Bennings dispara: — Vai se foder!

Ainda fico intrigado em ver o quanto essa mulher é desafiadora e estúpida, para não conseguir manter a boca fechada nem mesmo na situação em que se encontra.

Sorrio.

— Então, vai me contar? — pergunto, batendo o punhal ensanguentado na calça. — Ou eu vou ter que recorrer a técnicas mais drásticas de interrogatório?

Como com qualquer um, torço *muito* para que ela não fale.

Bennings me olha com frieza, rugas profundas se formando ao redor dos olhos azuis. Mechas do cabelo estão espalhadas pelo rosto, pescoço e busto, grudadas na pele pelo suor, embora faça frio no galpão. Levanto as sobrancelhas, perguntando, com um gesto: *E então, como vai ser?*

— Ross faria qualquer coisa por mim — começa ela. — E eu faria qualquer coisa por ele. Qualquer coisa!

— Por quê?

— Porque a gente foi feito um para o outro. Porque eu amo Ross. Porque ele me ama. *O que mais é preciso?*

Sorrio outra vez e olho para ela, pensativo.

— Um motivo válido para arruinar ou tirar por completo, intencionalmente, a vida de um inocente — digo, mas me pego pensando apenas em Seraphina. — Se você conseguir me dar um bom motivo, um motivo válido, uma justificativa para o que você e Ross Emerson fizeram com Paul Fortright e com as duas crianças indefesas que usaram para conseguir o que queriam, eu solto você e Emerson.

A boca trêmula de Bennings se fecha e seus lábios finos e rachados formam uma linha reta.

Então ela se dá conta do que eu disse, e seus olhos arregalados correm de mim para a área fria, mal iluminada e ampla ao redor.

— Como assim, vai soltar *a gente* ? — pergunta ela, a princípio cautelosa, mas depois sua voz começa a se elevar. — Cadê ele? Me fala! Cadê Ross? — Ela luta contra as amarras.

— Ele está na outra sala — respondo, olhando por cima do ombro para a porta de metal que antigamente dava para a cantina dos funcionários.

— Você está mentindo — acusa ela, mas a expressão preocupada em seu rosto diz o contrário. — Só está dizendo isso para...

— Para *quê* ? Não tem mais nenhuma informação que eu queira da senhora, além dessa última pergunta tão simples que lhe fiz. — Dou um sorriso fraco e balanço a cabeça. — Mas nós dois sabemos que você não vai me dar uma resposta aceitável para essa pergunta. Porque a resposta não existe.

— A resposta que eu dei é suficiente! — ruge ela, agitando mais ainda os cabelos desgrehados, que cobrem seu rosto e grudam em seus lábios. — Sim! A gente se ama, seu canalha da porra! E, sim, a gente faz *qualquer coisa* um pelo outro, mesmo que isso signifique arruinar a vida de outra pessoa! Porque o amor é isso! É esse o significado de incondicional! *Você* não tem como saber! — Ela cospe no chão e me encara com os olhos úmidos e estreitos, transbordando de ódio.

Cerro os dentes ao ouvir seu último comentário.

Sem tirar os olhos dela, grito para Dorian: — Traga o Emerson para cá! O som da porta de metal se abrindo ecoa pelo espaço amplo e vazio. Emerson aparece primeiro, com Dorian atrás, a arma apontada para as costas do homem.

— Ross! Ross! — exclama Bennings, quase derrubando a cadeira.

Eu me curvo para a frente e bato a lâmina do punhal em sua perna nua.

— Olha o volume, sra. Bennings. Não esqueça o que eu disse sobre o volume da sua voz e a integridade da sua língua.

Ela engole em seco e baixa a voz. — Ross, e-eu sinto muito. — Mais lágrimas escorrem dos cantos de seus olhos — Eu sinto muito!

Dorian força Emerson a andar o restante do caminho incentivando-o apenas com a arma, enquanto toma o cuidado de parar ao meu lado e não entrar no campo da câmera escondida que aponte para o casal.

Ross é baixinho, com cabelo escuro cacheado, ombros largos e uma expressão aterrorizada e covarde. Trinta e poucos anos. Visual de operário, com botas e cheiro de cigarro e loção pós-barba barata, que ele acha mais fácil de usar do que o chuveiro. Ele quer olhar para Kelly, mas está com medo. Mantém os olhos escuros no chão e as mãos às costas.

— Ross...

— Por favor, Kelly, fique quieta — diz Emerson, em voz baixa e derrotada. — Não piore as coisas.

— Você está... puto comigo? — pergunta Bennings, muito preocupada.

Emerson balança a cabeça. — Não, amor, não. Eu te amo, você sabe.
Reviro os olhos e me dirijo a Dorian: — Por que você não ajuda o sr.
Emerson a se sentar?

Dorian sorri.

— Com prazer — responde ele, educadamente, com um sorriso ainda mais largo.

Dois tiros ecoam. Os gritos de Emerson preenchem o espaço quando seus joelhos são estraçalhados pelas balas. Ele cai de lado no chão frio, o rosto batendo no concreto.

— Qual é o seu *problema*, caralho?! — grita Bennings. — Ele não fez *nada* !

Salto da cadeira e seguro o maxilar inferior de Bennings, forçando-a a abrir a boca — sempre ficando de costas para câmera. Ela tenta gritar, mas forço seu pescoço para trás e ela engasga com a saliva e as lágrimas que escorrem para o fundo da garganta. Seguro sua língua carnuda em meio aos gritos, à luta e aos dentes afiados, forçando dois dedos no músculo quente e flácido por baixo dela e meu polegar por cima para mantê-la presa. Os olhos dela estão arregalados de terror, e todos os ossos e músculos de seu corpo se tensionam de uma vez.

Encosto a lâmina no meio da língua dela.

— Por favor! Não a machuque! Eu imploro! — grita Emerson, do chão, incapaz de se sentar, muito menos de se levantar.

Paro, indiferente, com a lâmina ainda sobre a língua da mulher.

— Eu sei que, o que a gente fez foi errado — anuncia Emerson, em meio à respiração ofegante, com o semblante dolorosamente distorcido. — Paul a ameaçou. Disse que, se Kelly abandonasse ele e a filha, transformaria vida dela em um inferno. Que tiraria a guarda de Abigail e obrigaria Kelly a pagar pensão. — Ele para só por tempo suficiente para recuperar o fôlego e deixar que mais dor suba pelas pernas. — O plano foi ideia minha. Acusá-lo de molestar minha filha. A gente só queria que ele fosse para cadeia. Que saísse do caminho. Era melhor do que *matá-lo*.

Balanço a cabeça, incrédulo. — Melhor viver banido pela sociedade e pela própria filha, taxado de pedófilo? — Dou risada baixinho e aperto a lâmina um pouco mais sobre a língua de Bennings, fazendo-a sangrar. Ela grita um pouco mais, abrindo e fechando os olhos de exaustão e medo, mas não ousa se agitar, sabendo que um movimento errado pode arrancar sua língua.

Emerson não tem nenhum contra-argumento.

— Está olhando para mim, sr. Emerson? — O homem me encara do chão, lutando contra a dor. — Diga o que vê quando olha para mim. Seja completamente sincero. Não vou lhe fazer mal por dizer a verdade.

Os olhos de Bennings vêm e vão de mim para Emerson, mas ele está perto demais do chão para que ela o veja.

O homem parece perplexo com a pergunta, e desconfiado mesmo assim. Ele demora um momento, mas finalmente começa a gaguejar.

— V-você é um homem justo. Olho para cima, com aborrecimento e decepção.

Dorian ri atrás de mim. — Caralho, essa é boa. Ele está sendo bonzinho. Pode deixar que *eu* dou uma resposta sincera.

— Não perguntei para você — digo, sem olhá-lo.

— Bom, só estou dizendo, se quiser a verdade, é só falar comigo. — Ele ri de novo e diz em voz baixa: — Um homem justo. Do caralho.

Olho só para Emerson. — Eu disse que queria a verdade. — Mas... essa *é a verdade*. Profundamente irritado, solto a língua de Bennings, que geme e tosse, sugando a saliva que se acumulou na boca e que ela não conseguia engolir.

— Diga a verdade, sra. Bennings. — Eu sei que ela é a única que vai dizer. — O que vê quando olha para mim? É a sua chance de desabafar sem qualquer consequência.

Bennings abre um sorriso cheio de ódio.

— Você é um doente do *caralho*, é *isso* que você é. Um psicopata. Um demente. — Ela cospe no chão outra vez. — Aposto que corta as pessoas em pedacinhos para se divertir, não corta? Quando olho para você, vejo um homem que não bate bem da bola. Um *doente mental do caralho*.

Sorrio delicadamente e dou um passo para longe dela.

— O que vocês estão vendo, na verdade, é um homem criado por gente como vocês. O mal personificado, que anda à solta pela sociedade, pingando veneno na língua dos inocentes. Vocês desfiguram, violentam e destroem a luz daqueles que ainda são jovens demais para controlar os próprios caminhos, tirando a luz deles e deixando só as trevas. — *Eu. Isabel. Cassia.* — Vocês são uma infecção. Um tumor maligno. E a senhora tem razão, sra. Bennings, eu *sou* um doente mental do caralho. Me deleito com o que faço. Sinto vontade de fazer. E nunca vou parar, porque um doente mental do caralho que sente prazer em torturar pessoas como vocês,

que me deixaram deste jeito, é a única coisa que consigo me imaginar sendo. — Enfió a faca na mão sadia de Bennings até atravessar o osso, os tendões e a madeira do braço da cadeira.

— POOOOORRAAA ! — grita ela. Emerson também grita, estendendo uma das mãos para ela, mas ainda incapaz de se mover.

Despreocupadamente, dou um passo para trás, saio do campo da câmera escondida e me viro para Dorian.

— É melhor você esperar no carro — digo a ele.

— Não precisa me dizer duas vezes — responde Dorian, enfiando a arma na parte de trás da calça e indo para a saída.

— Jesus! — Eu o ouço dizer, enquanto se afasta. — *Preciso* trocar de parceiro.

A porta de metal se fecha atrás dele, e olho para Bennings e Emerson, que sabem que a noite acaba de enveredar por um caminho infeliz.

Não perco tempo e ponho as mãos à obra.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Fredrik

— Como ela está? — pergunto para Greta ao telefone, sentado em meu carro no aeroporto, depois de chegar a Baltimore.

— Bom, pelas imagens do vídeo, está ótima — diz Greta. — Mas não estou gostando disso, sr. Gustavsson. Cassia sabe que estou aqui e deve estar confusa por eu ainda não ter descido para falar com ela.

— Ela vai entender.

Greta hesita, provavelmente organizando as palavras que quer dizer, mas em vez disso pergunta: — O senhor vai voltar logo? — Sim. Já estou na cidade. Preciso cuidar de umas coisas e depois vou para esses lados. Chego até a meia-noite.

— Sim, senhor.

É isso.

Chegou o momento em que preciso tomar uma decisão. Não posso voltar para aquela casa enquanto não resolver. Não posso, porque bastará bater os olhos nela que minha consciência, minhas emoções e minhas decisões serão ditadas por Cassia, e toda a razão vai me abandonar.

Minhas mãos apertam o volante enquanto olho a noite fria pelo para-brisa, a fumaça rodopiando do escapamento dos carros. Vejo pessoas entrando e saindo do estacionamento do aeroporto, puxando as malas com rodinhas pela calçada polvilhada de neve. Executivos. Casais voltando das férias ou chegando para passar as festas com a família. Todos rituais normais, feitos por pessoas normais. Nunca sonhei em ser como essas pessoas. É preciso saber como é uma vida normal para sentir falta dela e sonhar em tê-la de novo.

A única vida de que sinto falta é da que eu tinha com Seraphina.

Saio do aeroporto e me vejo na mesma lanchonete em que estava algumas noites atrás, e pela mesma razão: não consigo ir para casa. E a mesma garçonete que me atendeu naquela noite também está ali. Ela se aproxima com um sorriso branco radiante, seios médios e os longos cabelos escuros presos em um rabo de cavalo na nuca.

— Já de volta? — pergunta, segurando um bloco de pedidos na palma da mão. — Posso trazer um café, para começar?

— Sim, obrigado. — Dou um sorriso discreto e estendo os braços sobre a mesa.

Olhando-a se afastar, estudo o formato perfeito de seu corpo, a curva de violão, o traseiro redondo, a pele nua da nuca, onde fios cor de chocolate escaparam do rabo de cavalo.

Mas só consigo ver Cassia. Antes que a garçonete volte com o café, já saí da lanchonete e estou indo para casa.

Passa um pouco das dez da noite. Duas luzes são visíveis no andar de cima — a da cozinha e, provavelmente, a tv ligada na sala. Olho para a casa por muito tempo, pensando em Cassia. Em Seraphina. Em como tudo isso foi acontecer.

Tomei uma decisão.

Vou ajudar Cassia. Não importa o que for preciso, vou ajudá-la a melhorar. Durante a volta para casa, lembrei o que li nos arquivos que Izabel me deu: O tratamento para ajudar Carrington não terá sucesso se a personalidade tratada não for a da própria Carrington.

Mas Cassia está aqui já faz um ano — *mais* de um ano, porque estava vivendo como seu verdadeiro eu havia algum tempo, ganhando a vida em Nova York. Isso deve significar alguma coisa. Deve ser uma boa notícia. Darei a ela os melhores cuidados do mundo.

Vou ajudá-la.

Saio do carro para o ar frio, andando depressa pela calçada até a varanda. Mas, antes de enfiar a chave na fechadura, meu instinto começa a sofrer uma pane. Greta não apareceu espiando em nenhuma cortina enquanto fiquei em frente à casa, dentro do carro ligado. Não vi a sombra dela se movendo na frente das luzes. Ela não está ansiosa para abrir a porta.

O fundo do meu estômago se revira em um nó.

Minha boca fica seca. Meu coração está pesado. Abro a porta com cautela e espio o interior da casa mal iluminada, achando seu silêncio macabro. Apenas o volume baixo da TV na sala faz algum barulho.

— Greta? — chamo, receoso. Nenhuma resposta.

Então ouço canos rangendo e reconheço imediatamente o barulho do chuveiro sendo fechado. Soltando um suspiro profundo de alívio, finalmente fecho a porta e vou para a cozinha, deixando as chaves do carro no balcão. Tiro o longo casaco preto e deixo-o no encosto de um banquinho. Depois, apoio as mãos no balcão e baixo a cabeça, olhando para o tampo de mármore preto. — Achei que você nunca fosse voltar. — Ouço a voz de Cassia atrás de mim.

Levantando a cabeça lentamente, eu me viro e a vejo parada na porta da cozinha, vestindo apenas uma de minhas camisas sociais. Seus longos cabelos louros estão molhados, grudados nas costas.

Mas tem algo muito errado nisso. *Tudo* está errado, e aquela voz no fundo da minha cabeça ruge.

Estou desconfiado dela. Estou confuso, chocado, preocupado — um leque de emoções me mantém imóvel, com as mãos ainda apoiadas no balcão, os ombros rijos como pedra.

Ela se aproxima de mim, e ainda não consigo me mexer. Então ela passa por mim e dá a volta no balcão.

— Cadê Greta? — pergunto com cautela.

Cassia abre a geladeira e olha lá dentro, mas tenho a sensação de que isso não tem nada a ver com qualquer interesse real pelo que tem no seu interior.

— *Esse* era o nome dela? — pergunta, tão casualmente que meus nervos ficam à flor da pele.

Então ela fecha a geladeira com uma cerveja na mão e me olha diretamente nos olhos. Abrindo a tampa na borda do balcão, ela encosta a garrafa nos lábios e toma um pequeno gole, sem tirar os olhos dos meus.

— Cadê a Greta, Seraphina? — pergunto mais uma vez, e inspiro profundamente, tentando manter o semblante calmo.

Seraphina sorri, mas é um sorriso casual e inocente, não perverso.

Ela põe a cerveja no balcão. Finalmente endireito as costas e baixo as mãos.

— Senti tanto sua falta, meu amor — diz ela, e isso estraçalha o meu coração. — Não sei como você me achou, ou o que eu estava fazendo lá embaixo com uma corrente no tornozelo, mas você me achou direitinho, eu sempre soube que acharia.

Ela volta para o meu lado do balcão e para perto de mim. O cheiro de sua pele é inebriante e familiar, sua proximidade é suficiente para me fazer querer desistir, empurrá-la com violência contra a parede e mergulhar dentro dela.

Meu coração está se partindo. Engulo em seco.

— Sim, eu achei você. — Mas é só isso que consigo falar.

Seraphina chega mais perto, apoiando as mãos em meu peito, e seu calor atravessa a camisa, chegando à minha pele.

— Eu ia fugir — diz ela, em voz baixa, pousando lentamente a cabeça em meu coração. — Eu ia embora, mas estou cansada de fugir, Fredrik. Só quero ficar com você de novo. No meu lugar.

Meus braços se fecham ao redor de seu corpo. Nem reparo, até olhar para baixo e vê-los ali.

Fecho os olhos suavemente e a recebo, toda ela, porque faz muito tempo que não a sinto tão perto de mim, nem posso inalar seu aroma e sentir o calor de seu corpo contra o meu.

Mas me obrigo a voltar à realidade bem rápido.

Eu me afasto dela com delicadeza. — O que foi? — pergunta ela, me olhando com a cabeça levemente inclinada.

— Cadê a Greta?

— Está no porão — diz, como se isso não importasse muito. Então sorri e pega minha mão. — Vem comigo, amor. — Ela me puxa, e eu a sigo, relutante, pela sala, onde a televisão brilha contra as paredes escuras, indo para o quarto.

Aquela voz dentro de mim está gritando, mas continuo a bloqueá-la, perplexo, empolgado, arrependido e aliviado demais para fazer qualquer outra coisa.

Seraphina praticamente dança para dentro do quarto.

Ela para ao lado da cama, de onde me olha enquanto move os dedos pelos botões da camisa que está usando, abrindo-os. Então fica diante de mim, nua, a camisa amontoada ao redor dos pés descalços.

Balanço a cabeça.

— Não — digo, dando um passo para trás. Eu a quero. Quero-a mais do que qualquer coisa, mas minha consciência está me enchendo de porrada. — Não vou fazer isso com você, Seraphina.

— Por que não? — Ela se aproxima de mim, balançando os quadris esbeltos de uma forma sedutora, como uma serpente, da maneira que

somente Seraphina consegue fazer.

Passando as pontas dos dedos pelo meu peito, ela procura meus botões, mas seguro suas mãos e as afasto.

— Você pode me cortar, amor — murmura ela, virando de costas para mim, para que eu veja as cicatrizes que fiz. Só de imaginar, fico de pau duro. — Eu sei que já faz muito tempo. Como você aguentou?

Eu me afasto dela, quando na verdade o que quero é me entregar, senti-la debaixo de mim de novo, saborear seu amor por mim mais uma vez.

Mas não posso. Tudo o que vejo é Cassia. Talvez sejam os cabelos compridos e louros, ou o fato de ela estar sem maquiagem, não sei, mas só vejo Cassia. E eu *já* poderia machucá-la assim.

— O que você tem? — pergunta Seraphina, começando a ficar impaciente.

Seus olhos castanhos e torturados examinam os meus, então ela se aproxima, com a boca curvada para baixo e a expressão cheia de remorso.

Não posso fazer isso. — Fredrik?

— Eu... Seraphina, eu não posso fazer isso. — Levanto as mãos, enfio os dedos em meu cabelo e os mantenho ali. — Você me traiu. — Sinto a voz ficando mais alta, a raiva dentro de mim se tornando mais forte. — Eu amava você. Você era *tudo* para mim. Meu anjo das trevas. Minha salvação. Minha sanidade. — Sou eu que tenho olhos torturados agora, eu sei. Olho bem para ela. — Procurei você por seis anos. SEIS ANOS !

Tiro as mãos da cabeça e cerro os punhos à frente do corpo.

Ela se aproxima ainda mais, as mãos também diante do corpo, estendendo-as para mim com seus passos lentos e cautelosos.

— Eu sei, Fredrik... Eu sei, e nunca vou conseguir me perdoar.

— Você me traiu! — Sinto meu rosto se contorcendo de raiva.

— Eu sei! — Os olhos de Seraphina começam a brilhar, úmidos. — Mas eu traí você porque o amava! Não por amar outra pessoa!

— VOCÊ ME DESTRUIU, SERAPHINA ! — Minha voz ecoa pela casa.

Ela se joga em meus braços. — Mas eu amo você! Sempre ame!

Por que não pode me *perdoar* ? — Com os braços dobrados entre nós, ela me agarra desesperadamente pela camisa. — Se você me amava tanto, por que não conseguiu me *perdoar* ?!

— EU PERDOEI ! — Pensei tê-la repellido, mas acho que foi só em pensamento. Em vez disso, agora a estou abraçando. — Eu perdoei você há

muito tempo, Seraphina. Passei anos dizendo a mim mesmo que, quando a encontrasse, eu a mataria. — Lágrimas caem dos seus olhos e escorrem pelas bochechas. — Mas eu sabia, a parte mais profunda do meu ser sabia, que eu não seria capaz disso. Eu teria torturado você. Sim, teria feito isso. Mas não conseguiria matar.

Suas mãos seguram meu pescoço, e seu toque faz um arrepio quente atravessar meu corpo, como se eu tivesse engolido uma grande dose de uísque.

— Mas eu estou aqui agora — diz ela, olhando em meus olhos com toda a sua paixão sombria, seu amor e sua sinceridade, todas as coisas que desejei por tanto tempo. — Estou aqui agora, e podemos ficar juntos de novo. A gente pode voltar a ser como era. — Ela agarra minha camisa com mais força, para enfatizar. — A gente foi feito um para o outro, Fredrik. Não existe mais ninguém no mundo como nós. Separados, vamos morrer sozinhos. Juntos, do jeito que fomos feitos para ficar, podemos ser felizes de novo.

Um anjinho em meu ombro me diz para fazer a coisa certa, por mais saborosa que a coisa errada seja, e vejo Cassia de novo. O rosto de Cassia está diante de mim, falando com os lábios deliciosos e venenosos de Seraphina.

E sei que nada jamais poderá ser do jeito que era.

Finalmente, consigo me desvencilhar dela, balançando a cabeça negativamente não só para as palavras que saem de sua boca, nas quais quero acreditar mais do que tudo, mas também para mim mesmo, por pensar demais nelas.

Seus olhos castanhos brilhantes se estreitam, desconfiados.

— Quem é? — pergunta ela, com a voz ácida.

Atordado pela mudança repentina de atitude, eu só olho para ela.

— Quem é o quê? — pergunto, por — Era... — Ela afasta a cabeça, franzindo as sobrancelhas. — Quem era aquela velha? Você me esqueceu e me trocou por uma *velha* ?

— Não — respondo, com as mãos levantadas, tentando acalmá-la.

Mas fico atordado de novo quando, em vez de gritar, ficar furiosa e me acusar, ela chora.

Seraphina cai de joelhos, cobrindo o rosto com as mãos.

— Sinto muito, meu amor — diz ela, com a voz trêmula e torturada. — Eu não devia ter deixado você. Não devia ter me entregado para aquele

homem... nem lembro mais o nome dele.

— Marcus — digo para lembrá-la, e a amargura que sinto não é menor do que há seis anos.

— A culpa é minha. Eu tinha medo do amor. Tinha medo de *você* .

Eu me ajoelho no chão ao lado dela e a puxo para mim, abraçando-a. Essa não é a Seraphina que eu lembro. Não é a mulher por quem me apaixonei. Seraphina era forte e orgulhosa, e a única vez que a vi chorar foi na noite em que ela matou aquela mulher em minha cadeira de interrogatório, porque achou que fosse outra pessoa.

Porque achou que a mulher fosse Cassia.

— Seraphina? — murmuro em seu cabelo úmido. Eu a abraço mais forte e acaricio suas costas. — Não foi Greta. Eu não me apaixonei por Greta.

Seraphina levanta a cabeça do meu braço e me olha nos olhos.

Seguro seu rosto com as mãos e me curvo, beijando-a delicadamente na testa.

Ela parece confusa. Preocupada. — Eu me apaixonei por Cassia. Seu corpo todo enrijece. Seus olhos ficam arregalados e imóveis, como se ela tivesse visto a coisa mais traumatizante de sua vida.

Então me empurra e se põe de pé de um salto tão rápido que só consigo saltar também.

— CASSIA ?! — ruge ela. — Você ama *Cassia* ?!

Eu a seguro pelos antebraços. — SIM ! — grito em seu rosto furioso, marcado pela pior traição. — *Você* é a Cassia! Não percebe isso?! Por favor, me diga que entende! — As lágrimas ardem no fundo da minha garganta e dos meus olhos, mas não permito que escorram.

Eu a sacudo de novo, como se assim pudesse fazer Cassia vir à tona, mas, bem no fundo, sei que a perdi.

Eu a perdi.

Perdi as duas, todas as partes da única mulher que já amei ou que *vou* amar.

Eu a *perdi* ...

— Ela me traiu, Fredrik! — Seraphina joga o corpo contra o meu, mas eu a seguro. — Passei anos em uma porra de um hospício por causa dela!

— *Você é* ela! — Aperto seus braços com tanta força que sei que devo estar machucando. — *Você*. É. Cassia! — Quero fazê-la entender. Só quero que ela seja normal, que seja... Ela nunca poderá ser normal. — Não faça

isso comigo de novo — peço, com a voz angustiada, embora nem saiba o que estou dizendo. É o meu coração falando, não minha mente.

Ela se desvencilha de mim e corre para a porta do quarto, mas eu a seguro pela cintura antes que ela se afaste e volto a imobilizá-la em meus braços.

— Me solta! — grita ela. — Não. Só se me disser quem você é. — Eu a seguro forte, pressionando suas costas contra meu peito, meus braços apertando sua silhueta quente e nua, meus lábios perto do seu ouvido.

Quero chorar.

— Você sabe quem eu sou! Agora me solta!

— Me diz seu nome. — Não consigo abrir os olhos. Só quero saborear este momento com ela.

Só quero saboreá-lo.

Minhas mãos tremem. Meu coração está vivo de novo, mas sei que não por muito tempo. Ele tem medo. Medo do que vai acontecer quando souber que ela se foi para sempre, quando cada parte dela tiver ido embora para sempre.

Eu a abraço com mais força, agarrando seu corpo nu junto ao meu como se fosse a última vez. As lágrimas estão ardendo. Ardendo, caralho!

— Eu sou Seraphina! Você me conhece, Fredrik! Sou sua esposa! A única mulher que já amou você! — Lágrimas escorrem por seu corpo, e sua resistência começa a diminuir. — *Por favor...*

De repente, ela se rende, se entregando não só a mim, mas à dor que minhas palavras causaram. Seu corpo escorrega.

— Por que você foi amar logo essa garota? — indaga ela, em meio a lágrimas incontáveis. — De todas as pessoas do mundo, por que Cassia?

Eu a abraço forte, e ambos estamos sentados no chão, ela ainda em meus braços, mas agora *querendo* ficar ali. Afago seu cabelo e beijo sua têmpora, e aquelas lágrimas do caralho continuam ardendo.

— Porque ela é você — digo baixinho, ao lado do seu rosto. — E porque você é ela. Eu posso ajudar, se você deixar, mas você *precisa* libertá-la. Precisa libertar Cassia.

Por favor, liberte-a... — Eu matei aquela mulher no porão — diz ela, falando de Greta, e, embora eu pressentisse que ela tivesse feito isso, é difícil ouvir a confissão. — Matei porque ela não queria me soltar. — Ela funga, engolindo as lágrimas. — Eu a estrangulei com a corrente presa em meu tornozelo. E depois peguei a chave do bolso dela.

— Não precisava ter matado — digo, com calma, mas nem um pouco calmo por dentro.

Continuo afagando o cabelo dela. — Precisava, sim.

— Por quê? Por que precisava matar?

Ela se vira, segurando as mangas da minha camisa.

— Porque ela ficava me chamando de Cassia. — Sua voz está calma e distante, como se ela estivesse lembrando. — E porque não queria me soltar.

Ela me encara, e preciso de todas as minhas forças para não me debulhar em lágrimas.

— Eu amo você, Fredrik. Sempre amei. Você é a única pessoa deste mundo que já amei.

Engulo as lágrimas e a aperto contra mim. Ela chora no meu pescoço. Revejo os dois anos que passamos juntos, dois curtos anos que pareceram uma eternidade. Como ela me ajudou, me moldou, me tornou um homem melhor e me amou. Imagino o quanto ela me amou.

— Me diga seu nome — peço novamente, esperando que desta vez dê certo, que ela entenda. — Só me diga seu nome, e tudo vai ficar bem.

O silêncio entre nós parece uma eternidade enquanto espero pela resposta. Meu coração parou de bater. Minha respiração está presa nos pulmões.

Por favor, liberte-a... — Meu nome é Seraphina — responde ela, e meu coração se dissolve em trevas, minha respiração sai em um suspiro prolongado de angústia.

Pegando o punhal que está a poucos centímetros de mim, debaixo da cama, e com o coração negro e pesado, eu o posiciono entre nós e cravo a lâmina no peito dela. As lágrimas ardentes finalmente eclodem, e dou um grito que eu nem sabia que era capaz de dar. Sinto calor de seu sangue escorrendo em minha mão e meu peito, mas tenho medo de olhar. Pela primeira vez em minha vida adulta de interrogador e torturador, não quero ver o sangue, porque dói demais.

Sua cabeça cai para trás, balançando sem firmeza sobre o pescoço, enquanto me encara. Um fio fino de sangue escorre de um canto da boca. Eu me curvo e o beijo enquanto soluços sacodem meu peito.

Não choro assim desde que era menino.

— Eu lamento tanto... lamento *tanto* que tenha que ser assim — digo, ofegante e com a garganta ardendo. — Você é a única morte que vou

lamentar até o dia em que eu lhe fizer companhia.

Ela ergue a mão, sem forças, e toca a lateral do meu rosto. Faço o mesmo, tirando a mão do punhal e tocando sua face. O sangue em meus dedos mancha sua pele.

Ela engasga e cospe mais sangue. — Não lamente — diz ela, embora não saiba quem está falando. — Você me salvou.

— Cassia? — Não consigo enxergar através das lágrimas.

Ela sorri fracamente e acaricia meu lábio inferior com os dedos, e sei que é ela. Cassia.

Beijo seus lábios ensanguentados e a abraço mais forte, sentindo o cabo do punhal se apertando contra mim. Seus olhos estão ficando mais pesados; o corpo, mais fraco; os braços, mais flácidos. Afasto o cabelo úmido de sua testa, onde mais sangue mancha seu rosto, mas não consigo parar de tocá-la, de acariciá-la, de estar ali com ela em seu último momento. *Nosso* último momento.

— Eu sempre amei você — murmuro contra seus lábios. — Amo tudo em você, Cassia. E sempre vou amar.

Sua mão se solta do meu rosto e sua cabeça pende inerte do pescoço. E, quando vejo os olhos sem vida fitando o teto, engasgo com lágrimas ardentes e aperto seu corpo contra o meu, chorando até o peito doer.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Izabel

Chego com os limpadores à casa de Fredrik, e a porta está destrancada. Recebi uma ligação dele há duas horas.

Ele parecia fora de si.

— *Fredrik, o que está acontecendo?* — perguntei, surpresa em ter notícias dele tão cedo.

Seguiu-se o silêncio.

— *Fredrik?*

— *Preciso que você venha para cá* — disse ele, com uma voz tão baixa e distante que me perguntei se não estaria em estado autômato.

— *Está tudo bem?*

— *O que está acontecendo?* — indagou Victor, rolando na cama e passando o braço pela minha cintura.

Afastei os lábios do telefone e me virei para Victor.

— *Não sei, tem alguma coisa errada* — falei em voz baixa, sem conseguir esconder a preocupação e a dor na voz, mesmo tentando. — *Preciso ir vê-lo.*

Voltei a falar ao telefone enquanto Victor ligava o abajur da cabeceira.

— *Fredrik* — falei, com urgência na voz —, *preciso que você me conte o que está acontecendo. Vou aí agora mesmo, mas preciso saber para o que devo estar preparada. Se for esse o caso.*

Senti a cama se mexer quando Victor se levantou e atravessou, nu, o quarto até o banheiro.

Ainda sem ouvir a voz de Fredrik do outro lado, me sentei na cama e joguei as pernas para fora do colchão.

— *Eu a matei* — anunciou Fredrik, e meu coração parou. *Estava chocada, sobretudo por causa dele.*

Eu me levantei da cama com uma exclamação de espanto.

Victor estava me encarando ao voltar do banheiro.

— Diga a ele que você vai chegar logo — falou, balançando a cabeça.

Agradei a Victor com o olhar e falei ao telefone: — Fredrik, eu vou chegar logo. Fique aí. Não saia daí, está bem? Prometa que não vai sair.

Nada.

— Fredrik?

Meus olhos não desgrudavam dos de Victor, e sei que deviam estar cheios de preocupação e medo. Medo por Fredrik.

A linha ficou muda.

Por muito tempo, fiquei com o telefone encostado no ouvido, achando que talvez ele estivesse apenas em silêncio. Finalmente, Victor o tirou da minha mão, e isso me arrancou de meus pensamentos preocupados e paranoicos. Fredrik ia se machucar? Ele seria capaz de fazer alguma besteira? Os pensamentos deixavam meus nervos à flor da pele.

— Vista-se e vá até ele — disse Victor, baixinho. — Vou mandar um carro encontrar você lá.

Assenti depressa, depois me vesti correndo. E, antes de sair, Victor me parou, me beijou e disse: — E, quando você voltar, acho que é hora de me contar essa história de Seraphina Bragado estar no porão dele.

Ele sabia o tempo todo. Fiquei ali, paralisada diante dele, preocupada com o que estaria pensando de mim, de Fredrik, e de mim e Fredrik. Eu estava com medo. Não sei por quê, mas estava. Talvez porque soubesse que jamais, por mais que eu me esforçasse, jamais conseguiria esconder algo dele.

Victor me beijou na boca e afastou o cabelo do meu rosto.

— Eu entendo. Agora vá ajudá-lo e me mantenha informado.

Assenti.

E saí.

Chegando à casa de Fredrik sem fazer barulho, olho ao redor da soleira da porta, antes de entrar. A casa está quase um breu, apenas o clarão azul pálido do luar entra por algumas janelas. Está silenciosa. Muito silenciosa. Nem uma torneira pingando, o zumbido da geladeira ou o aquecimento central podem ser ouvidos. Mas ouço meu coração, bombeando sangue ansiosamente.

Dois dos homens de Victor entram na casa atrás de mim.

— Esperem — ordeno, levantando a mão. — Fiquem na varanda até eu mandar vocês entrarem.

Parados na entrada, eles assentem e voltam para fora, deixando a porta entreaberta.

Caminhando cautelosamente pela casa, fico imóvel na entrada da sala. Fredrik está sentado no sofá, com as longas pernas dobradas e os braços sobre as coxas, as mãos entre elas. Suas costas estão arqueadas, os ombros, rígidos.

Ele está olhando para o chão diante de si. Olho ao redor e percebo que a mesinha de centro está fora do lugar. Foi afastada para o lado, encostada em uma poltrona de couro.

— Fredrik, sou eu, estou aqui — chamo-o em voz baixa.

Eu me aproximo com cuidado. Meu coração diz que ele precisa de mim, mas também que não está em seu juízo perfeito e que pode ser perigoso.

Ele não fala.

Chego um pouco mais perto. Meu coração dói por ele.

— Eu estou aqui...

— Preciso que alguém a tire da casa — diz Fredrik, sem me olhar nem mover um músculo do corpo além da boca. — E também o corpo no porão.

Quero perguntar de quem é “o corpo no porão”, mas não é a hora certa para isso.

Faço que sim, embora ele não esteja vendo, e chamo os limpadores — homens cuja missão é limpar nossas cenas do crime —, que estão na varanda.

— Entrem! E andem logo! — Quando eles aparecem na porta da sala, acrescento: — Tem dois cadáveres. Um no porão, o outro não sei onde, mas encontrem e tirem os dois daqui.

Eles assentem e saem depressa para cumprir minhas ordens.

Eu me viro para Fredrik, me aproximo mais, minhas botas fazendo um barulho suave na madeira do assoalho.

Finalmente chego ao sofá, tiro o sobretudo branco e o deixo sobre a almofada ao meu lado, ao me sentar. Fredrik continua sem olhar para mim. Ele não fala. Não se move. E não sei o que dizer, porque de fato não há o que eu possa falar para que ele se sinta melhor.

Ficamos em silêncio por vários minutos, enquanto os limpadores andam por outras partes da casa. Por sorte, eles têm o bom senso de não carregar os corpos pela sala, e eu os ouço saindo por uma porta nos fundos.

Olho para Fredrik, imóvel como uma estátua, e sinto como se tivesse perdido o meu melhor amigo; sinto que sua mente se foi, porque seu coração se foi, e isso me deixa arrasada.

Será que ele vai voltar a ser como era?

Algo me diz que não.

Uma espécie de escuridão o consumiu por inteiro, por dentro e por fora, algo tão horrível, impiedoso e implacável que me enche de sofrimento, e me sinto indefesa da mesma maneira como me senti quando estava aprisionada por Javier, no México. Quero estender a mão e tocar o braço dele, mas estou com medo demais.

Por que estou com medo, porra? Eu o toco mesmo assim, aliviada por Fredrik não mover o braço nem me repelir. Mas ele tampouco está aceitando o gesto, eu sei.

Eu me pergunto se ele sequer notou. — Eu teria feito isso por você — digo, com cautela. — Não precisava ser você, Fredrik.

Ele não responde.

— Você fez o que precisava ser feito — insisto, com ainda mais cautela, pois sinto que estou cruzando uma fronteira perigosa ao usar essas palavras. — Você deu paz a ela. Eu acredito nisso. — Faço uma pausa e acrescento: — Se fosse comigo, era o que eu ia querer.

— Eu sei que dei paz a ela — declara Fredrik, finalmente, mas ainda sem se mexer.

Tentando confortá-lo, acaricio seu braço até a altura do cotovelo.

— Eu posso ficar aqui — digo em voz baixa — se você precisar. Posso dormir no sofá.

— Não. — Ele balança a cabeça um pouco e finalmente move o braço para tirar minha mão do lugar. — Eu vou ficar bem. Só precisava de alguém para tirar os corpos.

— Entendo — digo, cedendo, embora ache que Fredrik não esteja nem um pouco bem. — Talvez você devesse ir...

Sua cabeça se vira de repente e ele finalmente me encara. A expressão sofrida em seu olhar me deixa tensa.

— Já disse que não.

Balanço a cabeça.

Mas, depois de alguns segundos, afasto a parte de mim que quer ceder ao que ele está dizendo e falo o que realmente acho: — Eu sei que você a amava. Os dois lados dela, eu sei. E sei que você acha que nunca vai

conseguir aceitar o modo como tudo acabou, ou que você vai ficar sozinho para sempre, porque pensa que não tem mais ninguém no mundo como ela. Eu sei.

Paro, esperando que ele já tivesse me interrompido e me mandado calar a boca e ir embora, mas ele não oferece qualquer resposta, e não sei o que sentir a respeito disso. Devo ficar aliviada porque ele está me escutando? Apreensiva porque não está? Preocupada com o que está passando por sua cabeça, algo tão devastador que preciso ficar surpresa por ele ainda não ter se revoltado contra mim?

Como ele continua sem demonstrar qualquer sinal de protesto, acrescento: — Isto pode parecer loucura... Na verdade, sei que vai parecer loucura, mas me senti assim quando matei Javier.

Nada além de silêncio. — Depois de tanto tempo com Javier, não importava que ele me estuprasse ou me mantivesse em cárcere, porque ele era tudo o que eu conhecia. Fiz uma lavagem cerebral em mim mesma e acreditava que só ele seria capaz de me amar, que só Javier iria querer alguma coisa comigo. E, quando o matei, senti que tinha matado minha outra metade. Se não fosse por Victor...

— Um dia Victor Faust ainda vai levar você para a cova, Izabel — interrompe ele, e fico chocada com suas palavras. Ele me encara. — Se você quer me ajudar, pode me ajudar mantendo isso na cabeça. De um jeito ou de outro, você vai morrer por causa dele, *porque o ama*.

Quero argumentar, discordar e dizer que ele está errado, mas sei que ele está sofrendo e não posso mudar o foco da conversa para mim. Não vou fazer isso.

Ele desvia o olhar.

— Diga para o Victor que aceito qualquer sentença que ele achar adequada para os meus ataques.

— Fredrik...

— Por favor, vá embora — diz ele, olhando para o chão. — Eu dou minha palavra de que vou ficar bem. Não quero que se preocupe comigo.

— Mas...

— Por favor, Izabel! — diz ele, ríspidamente.

Fico de pé e olho para ele um momento antes de pegar meu casaco no sofá.

Nem me dou ao trabalho de vesti-lo e então me afasto.

Parando na porta da sala, de costas para ele, digo em tom neutro: — Eu vou ajudar você. Fazer o que fiz com Kelly Bennings. Pelo tempo que for necessário.

Mais uma vez, ele não responde, e, com o coração pesado, saio da casa para a varanda enquanto os limpadores estão fazendo mais uma viagem pelos fundos. Mas nós três paramos na calçada quando um estrondo, parecido com um vidro se quebrando, preenche a noite, vindo de dentro da casa de Fredrik. Depois, mais vidro. E o som de móveis se chocando contra as paredes.

Sinto que os limpadores estão me olhando, mas não consigo tirar os olhos da casa onde Fredrik está sentindo a pior dor que já sentiu.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Fredrik

Destruo cada peça da mobília, jogando poltronas e arrebentando mesas contra as paredes, como se estivesse negando o direito de essas coisas existirem se Cassia não pode existir. Se Seraphina não pode existir. Afasto tudo o que encontro no caminho com uma força violenta e rancorosa.

Grito a plenos pulmões antes de pegar a última poltrona que resta e jogá-la contra a TV . O vidro se estilhaça e o que resta da estrutura cai no chão, espalhando cacos por todo o assoalho.

Caio depois disso, incapaz de manter o equilíbrio, e fico sentado no chão da sala, rodeado por destroços — de objetos, mas também do que resta de um homem. Sentado desconsoladamente com os joelhos dobrados, faço a única coisa que o destino me permite neste momento: choro com as mãos no rosto, deixando que a dor faça o que quiser comigo. Da mesma forma que chorava quando era só um menino, depois de ser espancado, estuprado e subjugado. Só que, desta vez, a dor que sinto por dentro é mil vezes mais insuportável.

Escuridão. Tudo o que vejo é escuridão, embora meus olhos estejam bem abertos ao olhar para o chão. E nessa escuridão do caralho ainda consigo ver o rosto dela. Seus olhos castanho-claros e lábios carnudos. Sua pele macia e sedosa e seus traços quase perfeitos. Os cabelos compridos e louros. Os cabelos pretos e curtos. E sei que ela vai assombrar minha alma pelo resto dos dias, não importa por quantos eu ainda tenha que sofrer.

E sei que mereço isso. Sem pensar mais, me levanto do chão

e corro para a cozinha, abrindo o armário debaixo da pia. Engatinhando, enfio metade do corpo porta adentro, afastando produtos de limpeza e outros materiais. Não encontro o que procuro, então fico de pé e faço o mesmo com todos os outros armários, jogando caixas de comida no chão da

cozinha. Finalmente, no armário em cima do micro-ondas encontro uma lata de fluido para isqueiro e disparo pelo corredor com ela nas mãos, mas tropeço nos destroços e caio. Minhas costas batem na parede, pois minhas mãos amortecem o impacto com o chão, mas, assim que consigo controlar meu corpo outra vez, pego a lata do chão e sigo adiante. Abrindo a porta do porão, desço três degraus de cada vez, quase caindo novamente, mas chego ileso ao pé da escada.

Borrifo o fluido para isqueiro por cima de tudo, começando pela cama de Cassia, e, ao esvaziar o conteúdo, jogo a lata no chão e olho para ela sem me mover, até que minhas pernas ficam dormentes. Olho para a corrente estendida pelo chão e para o canto do quarto onde, ao voltar para casa, muitas vezes eu a encontrava sentada.

Soluços sacodem meu corpo, e não consigo controlá-los.

Afastando os olhos de tudo o que me faz lembrar dela, olho pelo quarto, procurando qualquer coisa que eu possa usar para atear fogo, e, como não encontro nada, torno a subir a escada. Mas volto para lá tão rápido que parece que nem saí.

A camisola fina e branca de Cassia forma uma pilha sedosa perto dos meus pés. Eu me abaixo e a seguro, querendo aproximá-la do rosto e inalar seu perfume uma última vez. Mas não o faço. Ponho fogo nela com o isqueiro e jogo o tecido, que queima depressa, na cama ensopada de fluido. Em segundos, o quarto é engolido pelas chamas.

E percebo, enquanto estou ali, olhando as labaredas lambendo as paredes, que encerrei um ciclo, e que não há mais volta.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Fredrik

Dois meses depois...

Victor Faust tem um novo e elegante edifício nos arredores de Boston e está bastante orgulhoso dele, embora isso não seja perceptível em seu rosto inexpressivo. Espera, ele acaba de sorrir. Caminho ao lado dele até seu escritório particular, impressionado até agora com o edifício, com todo o seu charme à la Velho Mundo: paredes originais de pedra, assoalhos de mármore restaurados e quadros impressionistas em grandes molduras decoradas. Com certeza é adequado para alguém como Faust, e devo dizer que, por mais que eu adore o estilo moderno e luxuoso, pode ser que me acostume com isso. Mas é um edifício especial para todos nós na nova Ordem, porque é o primeiro lugar onde iremos nos reunir e falar de negócios que parece mais uma empresa do que um esconderijo em algum beco. Estamos expostos, de certa forma, escondidos à vista de todos. Andam dizendo que Vonnegut se sente ameaçado por Victor — por *todos* nós. E, embora ainda tenhamos que tomar cuidado a cada minuto de cada dia, estamos ficando em vantagem.

Às vezes acho que o único motivo para Victor ter decidido se esconder é Izabel. Ele faria qualquer coisa para mantê-la segura, mas é claro que não pode dizer isso a *ela*.

Entramos no escritório particular com paredes escalonadas e cobertas por estantes repletas de livros encadernados em couro, do assoalho ao teto. Uma grande mesa comprida ocupa o meio da enorme sala, e em volta há dezoito poltronas altas de couro escuro, oito de cada lado e uma em cada cabeceira. Na reunião de hoje, além de mim e Victor, estão presentes os de sempre: Izabel, Niklas, Dorian e até James Woodard, que Victor decidiu

manter conosco como seu consultor oficial de informações. Woodard me conquistou aos poucos, admito. Dorian, nem tanto.

— Ora, vejam só quem está aí — comenta Dorian, de seu lugar, com um sorriso —, nosso maluco favorito.

Dorian finalmente foi remanejado para trabalhar com um novo membro da Ordem, que acho que talvez o despreze até mais do que eu — uma espiã altamente capacitada chamada Evelyn Stiles, que trabalhava para a CIA . Mas ela ainda não foi testada de vez e não tem por que comparecer a esta reunião. James Woodard entrou no círculo mais depressa que o normal, mas confio no discernimento de Victor.

Eu me sento ao lado de Izabel. Ela sorri para mim, mas não diz uma palavra. Não conversamos muito desde a noite em que matei minha esposa, dois meses atrás, em Baltimore. Mas a distância que se abriu entre nós foi responsabilidade toda minha. Não posso deixar que ela se envolva em minha vida forma que quer, ou da forma que se envolvia. Não sou o mesmo homem que era quando Izabel me conheceu, ainda como Sarai. E, enquanto eu tiver controle sobre minha vida, é assim que as coisas vão continuar. Não quero amar ninguém — de nenhuma forma ou em nenhuma situação —, porque amar é *ser controlado* . Sempre vou gostar de Izabel, protegê-la e matar por ela, mas não posso me permitir amá-la, nem mesmo como irmã ou amiga. Não quero que ela acabe como todas as pessoas que já amei.

Apesar da distância que mantenho, ela continua teimando em querer me ajudar com interrogatórios e torturas “pessoais”, como Seraphina fazia.

Mas ela está muito enganada. Tenho outros planos para isso. Woodard sorri e desliza um jornal sobre a mesa em minha direção, com a mão rechonchuda.

— Talvez você goste dessa notícia, senhor — comenta ele, sempre respeitoso, sempre morrendo de medo de mim.

Olho depressa para Victor, que está sentado à cabeceira da mesa, e então para o jornal, que foi dobrado na segunda página. Levo um instante para perceber que é de Seattle.

Correndo os olhos pelos textos e imagens, vejo duas pequenas fotos em um canto, lado a lado, de Kelly Bennings e Ross Emerson em uniformes de penitenciária. O texto do jornal revela que, depois de um “ *sequestro e interrogatório traumatizante e brutal executado por dois desconhecidos* ”, o casal foi “ *sentenciado a anos de prisão depois que provas incriminatórias*

em vídeo foram entregues ao departamento de polícia de Seattle, incluindo confissões detalhadas de seus crimes. ”

Eu me recosto na poltrona, cruzo as pernas e digo, indiferente: — Estão recebendo o que merecem. Não olho para o jornal de novo. E

não penso mais nisso. — O motivo pelo qual eu trouxe todos vocês aqui hoje — anuncia Victor, as mãos cruzadas à frente do corpo — é que tenho notícias importantes.

Ele tem a atenção de todos os presentes.

— Parece que Vonnegut juntou forças com a ordem de Sébastien Fournier, na França, e eles estão trabalhando juntos por alguma razão. — Ele ergue apenas o dedo indicador. — Acredito que todos vocês saibam muito bem qual é essa razão.

— Porque estão se cagando de medo — completa Niklas, sentado à esquerda de Victor, com um cigarro apagado pendurado nos lábios.

Dorian balança a cabeça loura em afirmação, sorrindo.

— Proponho que a gente acabe com isso de uma vez e passe o rodo em *todos* eles.

— Não dá para matar alguém sem encontrar a pessoa primeiro — lembra Izabel.

Vonnegut e Fournier têm se mostrado ariscos desde que Victor Faust desertou da Ordem.

— Isso não é bem verdade — digo. — Nós os estamos matando aos poucos, mas inexoravelmente. Matando os agentes que eram leais a eles e assumindo o controle dos que não eram.

— Sim, o sr. Gustavsson tem razão — diz James Woodard, e sorri do outro lado da mesa, com um pouco de admiração demais para o meu gosto.

Eu o ignoro.

— Sim, mas essa não é a notícia mais significativa que tenho para vocês — anuncia Victor, e todas as cabeças se viram na direção dele ao mesmo tempo.

Victor faz uma pausa. — Tenho razões para crer, e por enquanto não vou revelar minhas fontes, que os serviços estratégicos dos EUA de alguma forma sabem de nossas operações. Não só estamos sendo caçados pela Ordem, mas talvez também pelo FBI e pela CIA .

— Como assim “talvez”? — pergunta Izabel, à direita de Victor, com o olhar cheio de preocupação. — E o que eles sabem, exatamente?

Todos, inclusive eu, queremos as mesmas respostas, por isso ninguém interrompe.

— O que eles sabem também é algo que vou manter em segredo, por enquanto — responde Victor, com a voz calma, sem olhar para ninguém em particular. — Não me surpreende que eles saibam de algumas coisas. Operações como as nossas, que continuam crescendo, não podem ser totalmente secretas. Na verdade, isso é impossível. Mas *vou* dizer que eles sabem o suficiente para me levar a crer que deve haver um espião infiltrado entre nós.

Olho para Woodard. Woodard olha para mim, até que entende *por que* o estou encarando, então se encolhe na poltrona e opta por olhar para a mesa. Izabel olha para Niklas. Niklas olha para Dorian e devolve o olhar de Izabel da mesma forma acusadora. Dorian olha para mim. Com certeza há um clima de muita desconfiança nesta mesa.

Todos olhamos para Victor, mas só com interrogações no rosto.

— Alguém desta mesa é um traidor? — pergunta Izabel.

— Bom, com certeza não sou eu, caralho — declara Dorian.

Woodard levanta as mãos gorduchas. — T-também não sou eu. Niklas tira o cigarro dos lábios e relaxa na poltrona, jogando um braço por cima do encosto casual e calmamente.

— Olha, tirando o meu irmão — diz, com orgulho e confiança —, sou a última pessoa desta mesa que envolveria esse governo de merda em *qualquer coisa*. — Imagino Niklas cuspidando no chão para mostrar o tamanho de sua aversão pelo governo e pelos departamentos americanos de espionagem, mas ele não faz isso.

— *Você* é meu primeiro palpite — acusa Izabel, seus lindos traços se distorcendo em um sorriso irônico.

Niklas faz um gesto obsceno para ela. — Ah, quanta maturidade da sua parte — desdenha ela. Victor inspira, e todos os olhos se voltam novamente para ele. — Eu não disse que o infiltrado, se é que realmente existe, está sentado a esta mesa. E, na verdade, é bem possível que Vonnegut, em uma última tentativa de se livrar de nós, tenha fornecido as informações para a CIA e o FBI. Eu tenho minhas suspeitas, mas o dilema é: se eles *sabem* como e onde nos encontrar, por que não atacaram?

— Boa pergunta — digo, e depois acrescento: — Se eles sabem, há *quanto tempo* você acha que sabem?

— Não tenho certeza — admite Victor. — Mas quero que todos vocês fiquem de olho em qualquer coisa suspeita. O que, evidentemente, vocês já fazem.

Dorian e Niklas dão risada. — Isso é o meu dia a dia — declara Dorian.

Niklas assente, concordando. Victor muda de assunto. Um pouco cedo demais, na minha opinião: — O próximo item do dia é uma missão de cinquenta mil dólares em Miami. Vou indicar Evan Betts — ele olha para a esquerda — e Niklas.

Niklas não parece contente. — Você está me juntando com um novato? — De fato, ele parece bastante ofendido.

Izabel, por outro lado, é toda sorrisos.

— Betts pode ser novato — explica Victor —, mas é bom. Quero saber mais do trabalho dele, e eu só junto novatos com alguém desta mesa, em quem posso confiar.

Niklas parece aceitar melhor agora, mas o sorriso de Izabel se transforma em uma careta.

A reunião continua por mais vinte minutos, e, quando chega ao fim, todos saem, menos eu e Victor, que pediu que eu ficasse.

Estou fora da ativa — por ordens de Victor — desde o que aconteceu há dois meses. Esperava uma sentença mais severa do que a “dispensa por problemas pessoais” que sinto ter recebido, mas Victor não viu o fato de eu manter Cassia em segredo como traição. Isso é só mais uma prova de que ele não é um líder tirânico, e sim um homem de consciência, embora com certeza se esforce para esconder isso.

Mas a dispensa para lidar sozinho com o que restou de minha vida não teve o efeito que qualquer um da “távola redonda” esperava. Não chorei, não aceitei a situação nem tive qualquer revelação. Não tirei qualquer fardo dos ombros, não fiquei relaxando sob o sol nem refleti sobre a vida me obrigando a ser mais positivo e seguir em frente.

Não, não fiz nada disso. Em vez disso, fiquei diante de um espelho.

Nu. Ainda ensanguentado depois de torturar e matar um homem que liderava uma famigerada gangue em Detroit, fiquei diante daquele espelho enquanto a água do chuveiro esquentava e eu via a carcaça do antigo Fredrik me olhando no reflexo, com novas entranhas. Novas trevas. Novos demônios. Novas lembranças. Tudo novo. E, sim, segui em frente, mas não na direção da luz.

Aquele vislumbre finito de luz que experimentei com Cassia era uma ilusão.

— Preciso ser sincero com você — diz Victor, atrás de mim. — Não estou convencido de que você tenha voltado... ao normal.

Balanço a cabeça sutilmente em concordância, as mãos unidas atrás do corpo.

— E você está certo.

Victor anda lentamente ao redor da mesa, deixando seu lugar, também com as mãos às costas, como as minhas.

— Se você fosse qualquer outra pessoa — continua ele —, eu não correria este risco, mas tudo o que vou pedir é que se afaste das operações ao primeiro sinal de que alguma ação sua possa nos prejudicar. Posso confiar que você vai fazer isso?

Balanço a cabeça em concordância outra vez.

— Você tem a minha palavra. Victor olha para a parede, depois de volta para mim, como se tivesse usado aquele breve momento para decidir o que diria a seguir.

— Tenho confiança em você, Fredrik, mas estaria me iludindo se acreditasse que você não está na fronteira entre a sanidade e a autodestruição. Já vi essa sua expressão antes... aliás, já a vi no espelho, uma vez.

Como são irônicas as coisas que vemos nesses perversos e zombeteiros pedaços de vidro.

— Eu perguntaria como é que logo você foi parar nessa fronteira — digo —, mas sei que não vai me contar.

Victor dá um sorriso fraco. — E você está certo — diz, no mesmo tom neutro com que eu disse isso momentos atrás. — Apesar de aceitar a situação toda — explica Victor, deixando de sorrir —, preciso deixar uma coisa muito clara.

Não falo nada, apenas ouço. Essa é a parte em que Victor sai do papel de líder compreensivo e se torna o líder ameaçador.

— Izabel — eu sabia que ele ia começar pelo nome dela — enfiou na cabeça que vai — ele agita uma das mãos, como se estivesse esperando que o termo correto se materialize em sua língua — *auxiliar* você a encontrar pessoas para torturar, mas você e eu sabemos que isso é inaceitável. Correto?

— Sim, você está correto — digo, assentindo. — Não preciso da ajuda dela e nem quero. Já fiz isso sozinho e posso fazer de novo. Se ela tentar me ajudar, vou dizer a ela que você vai ser o primeiro a saber.

— Eu agradeço.

Fico em silêncio, querendo fazer uma pergunta pessoal, mas sem saber se deveria sondá-lo.

Decido fazê-lo assim mesmo. — Você se incomoda por eu e ela sermos tão íntimos?

— Não — responde Victor, com sinceridade. — Não do jeito que você talvez esteja pensando. Confio em Izabel a sós com você, e com qualquer homem, se é a isso que se refere.

— De certa forma, é isso, sim. Mas na verdade eu quis dizer em todos os sentidos. Ela escondeu coisas de você para me ajudar.

— Você é família para ela — declara ele. — Izabel nunca teve uma família de verdade. Fico feliz por você existir na vida dela. Pode oferecer coisas que talvez eu nunca consiga dar.

Balanço a cabeça uma vez, rejeitando o que ele disse com todo o respeito.

— Não mais.

Ele não parece surpreso. — Você sabe que ela vai sofrer muito, se você a evitar. Faço que sim.

— Melhor evitar agora do que ser o motivo de sua morte, mais tarde. — Em parte, isso é um conselho também para Victor, mas talvez eu nunca vá saber se ele entendeu a mensagem oculta.

Victor deixa por isso mesmo e indica porta alta de madeira maciça atrás de mim com um gesto.

— É bom ter você de volta. — Obrigado.

Izabel me para no corredor de paredes brancas e assoalho lustroso. Victor segue na direção oposta, nos deixando a sós.

Ela espera que ele vire no fim do corredor, antes de me olhar e dizer: — Eu sei que ele provavelmente ameaçou você por minha causa, mas olha, Fredrik...

— Ele não precisou me ameaçar — interrompo. — Falei que, se você tentasse me ajudar, contaria para ele na hora. E falei sério. — Mantenho o olhar firme nela.

— Mas você está... Fredrik, estou com medo por você. Só quero ajudar.

— E você *pode* ajudar, saindo do meu caminho e não se metendo na minha vida.

Um clarão de mágoa e confusão passa por seu rosto.

— Por que você está fazendo isso? Desvio de Izabel e sigo pelo corredor.

— Fredrik. Pare. Por favor. Finalmente paro, mas só para deixar que ela desabafe, que diga tudo o que pensa agora, porque vai ser a única chance que vou dar.

Fico parado, de costas para ela. — Não vou permitir que você se destrua — diz ela, disfarçando a raiva e não disfarçando tanto a determinação. — Estou cagando para a cara que você faz. Pode me mandar para a puta que pariu, não estou nem aí. Mas não vou deixar você se isolar. De nós. De mim. De si mesmo.

Eu me viro para encará-la com as mãos à frente do corpo, os pulsos encostados em meu belo terno preto.

— Infelizmente, você chegou um pouco tarde para isso — digo, me virando e me afastando, e deixo o som dos meus passos como rastro.

CAPÍTULO TRINTA

Fredrik

Baltimore, Maryland

Puxo para trás o longo e moreno rabo de cavalo da mulher e meto meu pau nela, minha pélvis se chocando com força contra sua bunda, as mãos dela agarrando o lençol da cama de hotel em um espasmo de prazer e desespero.

— Puta que pariu! — exclama ela, com um lado do rosto encostado no colchão. A mulher morde o lábio inferior quando meto com mais força, meu pau inchando dentro dela.

Ela geme, abrindo os lábios, incapaz de fechá-los.

— Meu Deus, por favor... não para! Não para, caralho!

Ela está quase chorando. Posso sentir sua tensão e expectativa apertando meu pau, como se quisesse evitar que eu o tire antes de seu momento explosivo. Meto com mais força e me curvo sobre seu corpo, enfiando os dedos em sua boca aberta, fazendo um gancho em sua bochecha. Quando puxo o rabo de cavalo com a outra mão, seu pescoço se curva, rígido e desconfortável — se eu puxar com mais força, posso quebrar sua espinha. Faço investidas violentas, satisfazendo todos os meus demônios, mas não a mim mesmo. Ainda não. Ela começa a gemer, forçando a bunda contra mim para poder me fazer ir mais fundo.

Uma lágrima escorre por seu rosto e molha o lençol.

Paro e saio dela quando sinto que vai gozar e me levanto da cama, o pau latejando dolorosamente. Eu o seguro e o massajeio lentamente para retardar o orgasmo.

A mulher, ainda com a bunda para cima, levanta o rosto do colchão e me olha como se eu tivesse acabado de esmurrar sua mãe.

Arranco o preservativo e o jogo no cesto de lixo perto do criado-mudo.

— Por que você...?

— Venha cá — ordeno, com um gesto de cabeça, me sentando na cadeira da mesinha ao lado da janela.

Com um leve ar de protesto no rosto, ela se levanta da cama e me obedece. Nua de pé diante de mim com aquele corpo perfeito, bunda redonda e quadris curvilíneos, quero muito meter nela mais um pouco, mas isso vai ter que esperar.

— Fique de joelhos.

Ela obedece e, já presumindo o que quero que faça, segura meu pau sem que eu ordene — estarecida por um momento com o tamanho, suponho —, antes de aproximá-lo da boca.

— Eu falei para você fazer isso? — pergunto, encarando-a com os olhos semicerrados e uma expressão neutra.

Ela balança a cabeça, me admirando com olhos verdes, meu pau ainda em sua mão.

Eu a faço esperar alguns longos segundos enquanto a olho, ajoelhada no meio das minhas pernas, examinando o modo como seu rabo de cavalo desce pelo meio das costas nuas, a bunda em formato de coração. Sem roupa, ela é como a imaginei quando a vi no restaurante e pensei em comê-la.

Ela não solta meu pau nem por um instante. Ela o quer, não importa onde. Gosta de segurá-lo. E isso não me incomoda nem um pouco.

— Agora bota na boca — mando. — Devagar — acrescento, antes que seus lábios comecem a deslizar pela glândula.

Meu pau enche sua boca, esticando os lábios em volta, também como imaginei. Jogo a cabeça para trás e gemo um pouco quando ela me enfia no fundo da garganta.

Levo as mãos à nuca e cruzo os dedos, encarando-a entre minhas pernas abertas. Acho brochante quando ela interrompe e se desculpa por me arranhar com os dentes — não porque me arranhou, mas porque pediu desculpas. Não digo nada e deixo que volte ao trabalho.

Mas ela pede desculpas de novo. Eu a interrompo no meio da frase, segurando sua cabeça com minhas mãos enormes, forçando meu pau no fundo de sua garganta.

— Não tem problema se me arranhar, meu anjo. Eu *gosto da dor*.

Ela engasga um pouco enquanto me devora por inteiro, mas não para nem protesta quando continuo a forçar sua cabeça. Odeio esses sons dela engasgando, mas eles me excitam mesmo assim. Seu desconforto, sua dor, as lágrimas ardendo em seus olhos.

Eu sou um canalha doentio. Finalmente, meu pau explode em sua boca, e jogo a cabeça para trás por cima do encosto da cadeira, segurando seu cabelo com força e prendendo-a no lugar para que ela engula tudo.

E ela engole. Como uma boa menina. Descansamos um pouco. Eu não me levanto da cadeira. Só olho a parede, sem pensar em ninguém além dela, embora não lembre seu nome. Kate. Kira. Kali. Tomara que ela não pergunte.

Ela sai do banheiro, desfilando ao se aproximar de mim. Tímida. Atrevida, puta, inocente, dominadora, submissa, uma vagabunda, um doce — ela vai ser qualquer coisa que eu mandar que seja.

E é exatamente por isso que não gosto muito dela.

Até botava certa fé nela, antes de trazê-la para cá.

Tentativa e erro, Fredrik. Tentativa e erro, caralho.

— Que tal você me deixar sentar no seu pau? — pergunta a garota cujo nome certamente começa com K, com um sorriso nos olhos.

Que tal você sentar em meu pau sem pedir permissão?

— Sim — digo —, quero que você se sente no meu pau. — Em seguida, pego outro preservativo da mesa ao lado, abro a embalagem e o ponho na mão dela.

— Coloca isso em mim antes — ordeno.

Mais uma vez, ela faz exatamente o que mando, e — admito — faz bem, deslizando-o em mim com precisão cuidadosa, fazendo questão de dar uma apalpadinha nas minhas bolas depois de terminar, antes de soltar e ficar de pé entre minhas pernas abertas.

Pondo as mãos em meus ombros para se equilibrar, ela sobe em meu colo e monta em mim, na cadeira. Fecho os olhos devagar quando sinto os lábios de sua boceta, quentes, úmidos e inchados, se esfregando em meu pau.

Trepamos por algum tempo. Quando me canso de ficar sentado na cadeira, eu a ponho de quatro na cama e a como um pouco mais. E, quando me canso disso, eu a como contra a parede. E, quando me canso de ficar de pé, me deito de costas na cama e deixo que ela me cavalgue mais um pouco,

antes de finalmente entregar os pontos e mandar que ela se sente na minha cara.

Algumas horas depois, estou saindo do chuveiro quando ela me diz, da cama: — Pronto para outra rodada? — Um sorriso sugestivo está exposto em seu lindo rosto.

Mal olho para ela enquanto visto a cueca, depois de pegá-la do chão.

Consulto meu Rolex.

— Sinto muito, mas tenho que ir a um lugar.

Ela faz bico.

— Ah, vai, eu faço valer a pena. Prometo. — Ela bate no colchão com a palma da mão.

Visto a calça social, a abotoo e afivelo o cinto.

— Você já fez valer a pena — digo, em tom neutro. — Mas preciso mesmo ir.

Enquanto abotoo a camisa cinza e enfio a barra na calça, ela se levanta da cama e percorre, nua, a curta distância pelo quarto. Ela para na minha frente e põe as mãos em meu peito, mas me viro de lado e fecho os últimos botões.

Noto que seus ombros sobem e descem com um suspiro profundo, decepcionado.

— Bom, se importa de me dar seu telefone? — pergunta ela. — Quero ver você de novo.

Enfio os braços no paletó e visto o casaco comprido de inverno.

— Desculpa, mas isso não vai acontecer.

— Como assim? Por que não? Não olho para ela enquanto ando até a porta.

— O sexo foi ótimo — digo, me virando para olhá-la e esperando deixar sua dignidade intacta, pelo menos. Minha intenção não era fazê-la se sentir usada. — Mas a gente não vai se ver de novo.

Ela só me olha com a boca aberta e o cenho franzido.

E eu saio do quarto.

~~~

Só voltei para Baltimore por um motivo, e com certeza não foi por causa do sexo. Dirijo para o outro lado da cidade e estaciono perto de uma caçamba de lixo na lateral de uma loja de conveniência. Ao sair, travo as portas com o controle remoto. O cheiro de gasolina de um carro que está sendo abastecido enche o ar. Ando lentamente até a porta dupla de vidro do



estabelecimento e empurro um dos lados, acionando um sino eletrônico que alerta o balconista que um cliente entrou na loja — mas o balconista não ergue os olhos do que está fazendo atrás do balcão. Entro no ambiente quente e fedendo a fritura, panos de chão sujos e água sanitária. Um garoto de cabelo louro arrepiado sai do banheiro, cuja porta fica ao lado da geladeira de bebidas, e passa correndo por mim, empurrando a porta alta de vidro com todo o peso de seus braços magrinhos. Uma lufada de ar frio invade o interior. Por um momento observo o garoto através da porta, correndo para o carro parado ao lado da bomba, abrindo a porta de trás e entrando. Segundos depois, o carro vai embora. Volto a me concentrar em

Dante Furlong, que está trabalhando atrás do balcão.

Avanço sem pressa na direção dele passando os olhos casualmente pelos vários salgados e doces com preços exagerados de posto de gasolina, fatias de bolo embaladas individualmente e latinhas de molho de feijão para *nachos* à mostra nas prateleiras externas. Tudo está alinhado em perfeita ordem. O chão foi limpo recentemente. Dante tem trabalhado duro — e em algo que não seja vender heroína e ganhar boquetes de viciados.

Finalmente, ele ergue os olhos. Parece surpreso.

O sorriso que mal surgiu em seus olhos some quando ele me vê. Ele inspira de repente, gemendo, e cai para trás sobre as prateleiras cheias de remédios — envelopes de Tylenol, Advil e cápsulas para gripe e resfriado. As mercadorias despencam dos suportes, se espalhando pelo chão.

— É você! — Ele aponta para mim com o dedo trêmulo. — Olha, cara, eu não... não fiz mais nada depois daquela noite! Juro!

Posso ver que ele está usando dentadura na arcada superior.

Ainda cambaleando contra a prateleira, como se pudesse atravessar a parede atrás de si, ele derruba mais produtos antes de finalmente se dar conta de que não tem para onde ir.

Seu corpo todo — até bem-vestido, com uma camisa branca e uma calça jeans limpa — treme de um jeito febril. Seus olhos azuis parecem estar do tamanho dos meus punhos, e as rugas ao redor deles e nos cantos se aprofundam. Seu cabelo preto encaracolado foi lavado e não parece seboso sob o brilho das lâmpadas fluorescentes do teto. Ele mudou bastante desde que o torturei, dois meses atrás.

Termino o caminho até o balcão e fico diante dele, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Os olhos de Dante vão e vêm do meu rosto às minhas mãos, provavelmente preocupados com o que posso estar escondendo nelas,

por baixo do casaco. Seringas para injetar nele? Alicates para arrancar o que resta de seus dentes? Um punhal para cortar sua língua, talvez? Uma pistola para acabar com sua vida miserável?

Nenhuma das alternativas. — Olha, não contei nada a ninguém — gagueja ele, erguendo a mão, a palma virada para mim. — Não falei porra nenhuma. Não *fiz porra nenhuma*. — *Ele* passa os olhos pela loja. — Arrumei um emprego de verdade, aqui. O salário é uma merda, mas é trabalho honesto. — Então sua voz aumenta e fica esganiçada devido à minha falta de reação: — Eu não fiz *nada* !

— Eu sei — digo, por fim. — Estou de olho em você desde que o soltei, naquela noite.

Olhando para uma caixa de chicletes com brindes no balcão, embrulhados um a um em embalagens transparentes individuais, aponto e pergunto: — Posso?

— Claro, claro, pode — diz ele, depressa, indicando os chicletes com as duas mãos. — É por conta da casa, cara. Aliás, pode pegar o que quiser na porra da loja. — Ele sorri, apavorado.

Pego um chiclete da caixa e abro a embalagem, enfiando o conteúdo na boca.

— Vejo que você está com dentes novos — digo, e começo a mastigar.

Ele assente depressa. — E-estou. Eu, hã, bem, tem um dentista bem legal do outro lado da cidade, que ajuda viciados que estão tentando largar as drogas. Na verdade, não perdi os dentes por causa de metanfetamina, nem nada assim — eu sorrio e continuo mastigando —, mas ele me ajudou. Fez uma dentadura bem baratinha e me deixou pagar em prestações. Daqui a uns meses vou terminar de pagar.

Volto a enfiar as mãos nos bolsos. — Você gostaria de ter implantes permanentes? — pergunto. Dante franze o cenho, confuso. — Não entendo o que você quer dizer. — Ele está extremamente nervoso. Acho que sinto cheiro de mijo. Faço uma careta.

— Este chiclete tem gosto de merda — comento.

Ele concorda depressa com a cabeça, inseguro e ainda com medo de cada ação e palavra minhas.

— Pois é, mas a molecada gosta... — Bom, Dante — digo, voltando para o assunto mais importante —, tenho uma proposta de emprego para você. Isto é, se estiver interessado em ouvir.

Silêncio.

Ele não sabe que resposta quer dar, mas tem certeza de que sabe que resposta quero ouvir.

Ele opta pelo meio-termo. — Hã, acho que não entendi. Levando a embalagem aos lábios, cuspo o chiclete nela e o jogo no cesto de lixo no chão, ao lado do balcão.

— Andei pensando um pouco — começo, ainda do mesmo jeito casual de quando entrei —, e acredito que você é a pessoa certa para a função. Vai poder pagar essa dentadura com uma parte do seu primeiro pagamento e comprar implantes em um mês. Claro que você vai passar por alguns testes, exames médicos, entre outras coisas. E, como em qualquer trabalho honesto, vai ter que fazer exame de urina de vez em quando, mas acho que você é a pessoa certa. O que me diz?

— Hã, bem — ele coça a cabeça —, qual é o trabalho, exatamente? Tipo, hã, acho que vou querer saber o que eu tenho que fazer... bem, isto é, se para você tudo bem, antes de concordar?

Sim, esse cheiro definitivamente é de mijó.

Tiro do bolso um cheque com o nome dele e o deixo no balcão, deslizando-o sob seus olhos.

Ele vê o cheque, nervoso, tendo dificuldade para olhar só o que está no balcão, e eu estou perto o suficiente para agarrá-lo, caso baixe a guarda.

— Puta merda... — Sua voz some e ele finalmente deixa de prestar tanta atenção em mim quando os cinco algarismos perto de seu nome entram em seu campo de visão.

Ele pega o cheque como se quisesse certificar de que é real, depois olha para mim com aqueles olhos azuis sob os cabelos pretos cacheados.

— Você pode ganhar isso todo mês — digo. — Contanto que desempenhe seu trabalho para minha satisfação e aprovação completas e contanto que continue limpo e não faça nenhuma merda.

Seus olhos finalmente estão sorrindo de novo, como haviam começado a sorrir quando entrei na loja e ele ainda não havia percebido quem eu era. Agora, seu rosto todo sorri. Gananciosamente. Como um pirata com o pé sobre um baú cheio de ouro. O trabalho poderia ser *me* chupar uma vez por semana e ele provavelmente aceitaria, por essa quantia.

— Sou o cara certo — diz ele. Sorrio fracamente e tiro a carteira do outro bolso, abrindo-a e pegando uma nota de vinte. Eu a jogo no balcão.

— Vou parar o carro perto da bomba. Põe vinte contos.

Ele assente e pega o dinheiro. — Peraí, hã — diz ele, quando me afasto. Paro e me viro. — Como eu...? — Eu entro em contato — digo, abrindo a porta de vidro. Dante Furlong se torna, assim, meu assistente pessoal. Ele conhece um monte de traficantes e viciados irrecuperáveis, além de prostitutas ou piranhas de beira de estrada que já mataram homens; caminhoneiros e maridos procurando algo “diferente”. Dante conhece praticamente todo mundo nos círculos criminosos não só de Maryland, mas da maioria dos estados próximos. Ele conhece o jargão. Conhece os becos e as pocilgas e sabe onde encontrar todas as pessoas que um dia irão parar em minha cadeira.

Às vezes, quando penso em Seraphina — porque penso nela, sim, bem como em Cassia —, me pergunto por que não procurei alguém como Dante há muito tempo. Com ele não há envolvimento emocional ou risco de me apaixonar, nenhum risco de desilusão amorosa. Posso olhar Dante nos olhos e matá-lo sem pensar duas vezes, se precisar, sem sentir remorso ou sofrer por isso. E, quando quero trepar, posso procurar as Kates, Kiras, Kalis e Gwens. Sem envolvimento emocional. Sem olhar para trás. Apenas ir em frente. Até a próxima mulher que eu possa subjugar.

E, a cada dia da minha vida, luto contra a dor que tortura meu coração negro, a dor que sei que jamais sumirá. A dor de estar sozinho e sem ela. Sem ninguém. Meus interrogatórios para a nova Ordem de Victor ficam mais brutais a cada missão. Minha tolerância com as vítimas diminui. Minha capacidade de oferecer misericórdia praticamente não existe. E, durante as torturas particulares daqueles que Dante me trará, serei mais sádico e deixarei um número cada vez menor sobreviver.

Parte de mim — mas só uma pequena parte — teme que um dia eu chegue ao ponto de matar cada um deles. Porque, quanto mais eu mato, quanto mais mergulho na dor dos outros, mais fácil é bloquear os gritos em minha cabeça e as imagens dos dois rostos da mulher que amei.

Meu lindo cisne. Minha salvadora, minha perdição.

# CENA BÔNUS

*1º de janeiro de 1979*

*Estocolmo, Suécia*

Segurando a barriga redonda com mãos trêmulas, a mulher alta e morena apoiou as costas na porta de vidro da loja de conveniência e a empurrou para abrir. Seus tênis sujos rangeram no chão de ladrilhos quando ela forçou a entrada, quase derrubando a prateleira de pão. A dor queimava seu corpo abaixo da cintura, fazendo-a parar a busca desesperada pelos banheiros nos fundos da loja. Ela se curvou e cerrou os dentes para suportar a dor, com uma das mãos agora segurando a parede ao lado para manter o equilíbrio. Foi só quando a agonia diminuiu que ela conseguiu fazer as pernas se movimentarem de novo.

Adiante, ela fez outra parada no fim da parede.

Não havia banheiro.

Uma respiração profunda, ofegante e desesperada a acalmou por um instante, sufocando momentaneamente o pânico. Ela fechou os olhos negros e apoiou a nuca na parede atrás de si. Seu longo casaco azul-marinho escondia as roupas imundas e a calça encharcada de líquido amniótico, mas não ajudava a disfarçar a barriga saliente que ela achava que fosse aguentar por mais um mês, antes de chegar àquele momento.

Seu momento mais sombrio. Outra contração atravessou seu corpo, como um fogo ardente consumindo suas entranhas. Seus quadris e costas se contraíram, curvando-a para frente e quase a fazendo cair no chão. Ela gritou de agonia, com os dentes cerrados, o rosto suado, sujo e molhado de lágrimas retorcido em uma expressão horripilante.

— Moça — falou o atendente, em sueco, de trás do balcão —, você está bem? Quer que eu chame uma ambulância?

Com dificuldade, a mulher cambaleou com as pernas trêmulas até a frente da loja, as mãos segurando a barriga, como se temesse que o bebê fosse explodir de dentro dela a qualquer momento, deixando-a sangrar até a morte no chão.

— *Var är toaletten?! —* gritou ela, entredentes, apoiando-se no balcão.  
— *Var är toaletten?! —*

O balconista apontou com relutância para os fundos da loja, os olhos arregalados e cheios de preocupação.

— *Utanför — explicou o homem.* A mulher saiu correndo da loja e deu a volta no prédio, se segurando nos tijolos para se equilibrar. Ela sentia a cabeça do bebê forçando a passagem pelo canal vaginal, fazendo suas pernas se arquearem e tornando seus passos dolorosos, desajeitados e precários.

— Ahh! — gritou ela, xingando em seguida.

Abrindo a porta do banheiro, ela se esforçou para entrar no espaço mal iluminado, ocupado apenas por duas privadas e uma pia com uma lâmpada fluorescente bruxuleante acima. Escolhendo o compartimento maior, a mulher se jogou contra a porta vaivém, empurrando-a com um ruidoso *bang!* quando bateu na parede de metal do cubículo. Ela se jogou dentro do compartimento e se sentou no chão imundo, baixando a calça até os joelhos.

Fez força. E gritou. E fez força de novo. E gritou de novo. Sentiu tontura, mas a dor era impiedosa e não permitia que ela desmaiasse. Jogava a cabeça para trás, batendo a nuca na porta do compartimento, atrás de si. *Bam! Bam!* Queria desmaiar, para não sentir mais a dor. Entretanto, no momento mais sombrio de alguém, o destino nunca atende tais pedidos.

Ela fez força de novo, gritou, gemeu e xingou Deus e o homem que achava que a havia amaldiçoado com essa gravidez, ao esvaziar seu sêmen dentro dela, nove meses antes. Mas o bebê estava vindo antes da hora. Talvez estivesse amaldiçoando o homem errado. Não sabia e nem se importava mais. Suas mãos seguravam a parte externa das coxas, as pontas dos dedos cravadas na carne trêmula e suada. A pressão entre suas pernas era tão intensa, tão desgastante, que ela achou que poderia morrer só com a dor. Torceu por isso.

Mais um empurrão, e a pressão desapareceu em um momento de alívio geral que conseguiu fazê-la rir de alegria.

Tudo estava em silêncio, a mulher com as costas desajeitadamente apoiadas na porta, os joelhos dobrados, as pernas bem abertas diante de si.

Tentou recuperar o fôlego. Não queria olhar para o bebê que sabia que jazia em uma poça de fluidos entre suas pernas. O bebê não estava chorando.

*Não olhe para ele, Elin. Não olhe para ele!*

Relutante, ela olhou mesmo assim, afastando a cabeça só um pouco do metal. O bebê estava ficando azul, o cordão umbilical esticado de sua barriginha até a placenta, ainda dentro da mulher.

Com a mão imunda, ela enxugou as lágrimas do rosto.

*Deixe-o morrer, Elin. Você não pode ter uma criança. Deixe-o aí.*

Ela balançou a cabeça, lutando contra voz em sua mente que sempre conseguia o que queria.

Sempre. De uma maneira ou de outra. Instintivamente, estendeu as mãos para o bebê, pegando o menino escorregadio nos braços trêmulos, e começou a esfregar seu peito e limpar sua garganta com o dedo. Não sabia por quê, nem de que isso adiantaria, mas fez mesmo assim. Não o queria. Sabia que não poderia ficar com ele. Mas não queria ser uma assassina. Apesar de tudo que era — uma prostituta, uma viciada, um desperdício de ar —, ela se *recusava a ser uma assassina*.

Respirou na boquinha do bebê, e um gritinho finalmente saiu dos pulmões dele, um berro fraco e aflitivo que encheu seus ouvidos de alívio e de agonia. Segurando sobre os seios inchados a criança que gritava, mas sem deixá-la mamar, pegou o papel higiênico e espalhou o rolo no chão sujo. Deitou o bebê sobre o papel e remexeu no casaco, procurando o canivete que sempre carregava consigo, para se proteger. Cortou o cordão umbilical e expeliu a placenta.

Ele não parava de chorar. Seus pequenos punhos faziam movimentos mecânicos sobre o peito. Seu rosto redondo, recobertos por uma cabeleira preta e por uma espécie de película fina e branca como algodão, ficou vermelho e roxo com o choro incessante.

*Não dê de mamar para ele. Deixe-o aí, Elin.*

Finalmente, a voz no fundo de sua mente venceu a guerra contra a consciência. Como sempre vencia. Como sempre venceria.

Ela deixou o menino no chão do banheiro, ao lado de uma privada fedorenta, sem olhar para trás.

Muitos minutos depois, o balconista entrou no banheiro com as autoridades e encontrou o bebê deitado em um monte de papel higiênico e, ao seu lado, a única parte da mãe que esteve com ele desde a concepção.

Depois que a criança foi atendida no hospital e a notícia do “bebê que nasceu e foi abandonado em um banheiro público” perdeu força no noticiário, ele foi enviado para um orfanato, onde ganhou o nome do balconista que o encontrou: Fredrik Mikael, recebendo mais tarde o sobrenome “Gustavsson” da mulher traiçoeira que administrava o orfanato e que as crianças chamavam de “Mamãe”.

Uma criança não nasceu naquele dia. Uma criança *morreu* naquele dia. Sua inocência. O que ela *poderia* ter sido. *Quem* ela poderia ter sido. Seu nascimento foi o início de uma vida muito longa e cruel.

Não, uma criança não nasceu naquele dia, e sim um *assassino* .





## ARQUIVO PESSOAL

JESSICA ANN REDMERSKI é autora best-seller do *New York Times*, *USA Today* e *Wall Street Journal* . Começou a carreira de escritora autopublicada em 2012 e com o sucesso de *Entre o agora e o nunca* logo assinou contrato com uma grande editora. Hoje seus livros já estão traduzidos em vinte idiomas. Jessica mora em North Little Rock, no Arkansas, com três filhos, dois gatos e um cãozinho maltês. Ela adora filmes, séries e livros provocadores e é muito fã de *The Walking Dead* . Seus desejos incluem bater papo com John Noble, Bryan Cranston e Michael C. Hall, superar sua longa lista de medos bobos, encontrar uma camisa de que realmente goste e viajar pelo mundo com uma mochila nas costas e um parceiro no crime.

Copyright © 2014 by J. A. Redmerski Todos os direitos reservados, incluindo a reprodução total ou parcial em qualquer forma.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009 .*

*Título original* The Swan and the Jackal

*Capa*

Marianne Lépine sobre layout original de Michelle Monique  
Photography *Imagem de capa*

Mayer George/Shutterstock

*Preparação*

Rayssa Galvão

*Revisão*

Emanuella Gonçalves

Sheila Louzada

Rachel Rimas

ISBN 978-85-438-0561-0

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ  
S.A.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ Telefone: ( 21 ) 2199-7824

Fax: ( 21 ) 2199-7825

[www.objetiva.com.br](http://www.objetiva.com.br)